

**NOTAS ESTADÍSTICAS.**

# NOTAS ESTATISTICAS

SOBRE

## A PRODUÇÃO AGRICOLA

E

### CARESTIA DOS GENEROS ALIMENTICIOS

NO IMPERIO DO BRAZIL

POR

*Sebastião Ferreira Soares.*



**RIO DE JANEIRO**

**TYP. IMP. E CONST. DE J. VILLENEUVE E COMP.**

Rua do Ouvidor n. 65.

—  
1860.

A. 338. 10212  
1860

BIBLIOTECA DE REFERENÇA FEDERAL

Est volume está registrado

com o número 4761

de ano de 1946

Ao Illm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr. - Dr.  
 Francisco da Serra Carneiro, offerece

O autor,

## AO LEITOR.

Não constitue este escripto uma obra scientifica, nem mesmo uma narração historica completa de nossa producção industrial, é apenas o transumpto da *Memoria Historico-Statistica* que estou lendo no Instituto Historico e Geographico do Brazil, na qual trato destas questões com muito maior desenvolvimento.

Não é, pois, uma prelecção sobre economia politica e administrativa, nem tão pouco uma estatistica systematica da producção do Brazil o que agora dou ao prelo, porém simples notas sobre os principaes generos de nossa lavoura e commercio de exportação, e algumas breves considerações sobre a carestia das especies alimentares na presente época, que fiz publicar em uma serie de artigos no *Jornal do Commercio* desta cõrte, com o fim de combater a idéa infundadamente propalada de que—o paiz não continúa a progredir em sua industria agricola—asseverando-se

que a prosperidade desapareceu com a cessação do trafico da escravatura africana, unico elemento que alguns considerão capaz de fazer o nosso engrandecimento industrial e commercial.

Eu me contristo quando ouço avançar semelhante proposição, não só porque amo de coração a minha patria, como porque tenho cuidadosamente estudado a marcha da nossa producção, e o resultado de minhas observações é que—o Brazil prospera na sua marcha industrial, mesmo ao depois que cessou esse nefando e barbaro commercio de importação de escravos africanos.

Infelizmente a idéa de que os braços africanos são os unicos capazes de fazer prosperar a nossa lavoura é esposada por grande parte dos nossos lavradores, e até mesmo por alguns estadistas, se bem que em mui diminuto numero. Tributo o maior respeito e acatamento a essas elevadas illustrações que assim pensão, mas não posso com ellas concordar sobre este ponto economico, bem como sobre alguns outros. Sei que além de pouco commum, este meu modo de exprimir, é talvez inconveniente para quem como eu não póde oppôr a eminentes estadistas um nome conhecido e prestigioso; com tudo estas considerações não me tolhem a franqueza de expressar meus raciocinos, visto que entendo não offender a ninguem declarando as minhas opiniões individuaes sobre uma questão geral, e de tão importante interesse para o Brazil.

Se se tratasse sómente do dia de hoje, eu concordaria, em parte, que a escravatura africana era um bem poderoso auxiliar para os trabalhos rudes de nossa agricultura, mas as minhas vistas não se fixão só no presente; eu desde já prevejo as suas malélicas consequencias no futuro, e por isso não posso admitir a idéa da utilidade do trafico; e antes penso que foi o melhor e mais importante passo que temos dado para o engrandecimento futuro do paiz, depois da

nossa independencia, o fazer cessar o trafico da escravatura africana.

Não serei eu que conteste que algumas difficuldades nos podem sobrevir em quanto estivermos attidos unicamente á emigração dos colonos europêos, mas de taes difficuldades não se segue que fosse um mal a cessão do trafico, e que só da continuação desse barbaro e nefando commercio podia provir o apogêo de nossa prosperidade, porque tal pensar fôra o mesmo que admitir, que procedesse bem aquelle que para saciar o seu desordenado appetite da gula se expuzesse aos melificos effeitos da intemperança.

Se todos são concordes em que ha falta de braços no paiz para os serviços da lavoura, porque se consente tanta gente desoccupada e entregue ao ocio e ao deboche nas nossas populosas cidades, e mesmo nos pequenos povoados e fazendas? Porque não se trata de formar nucleos coloniaes em que se empreguem no trabalho, e sejam aproveitados tantos individuos ociosos? Não se evitaria assim praticando que apparecesse o pauperismo e a miseria, em um paiz como o nosso, onde o trabalho superabunda, e é bem retribuido? Não revelará este deleixo, que nós, nação de hontem, já nos achamos eivados de todos os hediondos vicios das velhas sociedades, sem que possuamos as suas melhores qualidades?!..... Tudo isto serve para revelar — que existe grande vicio organico no nosso regimen interno.

Os nossos antepassados seguião um proverbio, que hoje tem sido desprezado por nós, em referencia sómente á distribuição das terras e colonias; esse proverbio dizia assim: « Primeiro aos nossos, depois aos vossos. »

Desde que se pôz em execução a lei das terras, só se fazem doação destas aos colonos estrangeiros, ao mesmo passo que não se deixa ao nacional nem mesmo na posse pacifica das que desfrutava pelo direito

natural de *primo occupantis*, e é opprimido por muitas á fazer a apresentação de seus títulos, e a regista-los. Onde se vio isto? Só no nosso paiz; e uma tal jurisprudencia só podia ser dictada por inspiração satanica; porém é lei do paiz, cumpre respeitá-la até que seja revogada.

Em todos os tempos os homens forão aptos para o trabalho porque esta foi uma das penas impostas ao nosso primeiro pai pelo seu creador, por ter transgredido os seus mandatos; logo essa questão das raças é uma verdadeira chimera com que se embalão os que fechão os olhos á evidencia dos factos, e tapão os ouvidos á voz da razão, que constantemente lhes brada: — O homem é sempre homem em toda a parte do mundo, não ha raça privilegiada.

Torno a repetir que a extincção do trafico é no meu entender o passo mais feliz e acertado que dêmos depois de nossa independencia politica, e podemos desde já felicitar a nossos filhos por terem de gozar das vantagens de uma melhor época, que aquella que vamos atravessando. Não sou egoista, e muito menos sei expressar o que não sinto, portanto digo que, ainda mesmo que nos custe algumas privações a extincção do trafico, devemos soffrê-las resignados, em attenção ao serviço real que fazemos á posteridade, legando a nossos filhos uma patria digna delles — uma monarchia constitucional hereditaria — sem nodoa do barbarismo anti-christão, que de alguma fórma nos fazia desmerecer no conceito dos povos civilizados, além de que era um cancro que nos dilacerava as entranhas lentamente.

O Brazil, este musculoso e forte gigante dos tropicos, teve a felicidade de realizar a sua emancipação politica constituindo-se em monarchia constitucional, e com esta fórma de governo ha de atravessar os seculos futuros tocando o apogêo da prosperidade e da gloria; porquanto, contra os embates das

paixões desordenadas temos a sagrada egide de um monarcha sabio e virtuoso, qual é o Senhor Dom Pedro II, que, como nós Brasileiro, e tanto como nós amando a prosperidade desta bella parte da America, legará á sua augusta dynastia uma côroa brilhante de tradições, e á historia um nome immortal.

Muito longe me levaião as considerações que se me suggerem quando lanço as vistas para o futuro do grande imperio americano, mas neste é proprio deste escripto, nem eu quero que minhas palavras sejam tomadas em sentido opposto ao que dicta a minha consciencia.

Dei a este opusculo o titulo de *Notas Estatisticas*, porque penso ser o que melhor lhe cabe, ainda que estou bem convencido que o nome nem sempre exprime a idéa que se pretende representar, bem que isto nenhuma applicação tenha ao meu insignificante escripto.

Não procurei um patrono para apadrinhar esta publicação, porque entendo que só trabalhos completos e bem elaborados merecem as honras de uma dedicatoria, e o meu não está neste caso; terei portanto de carregar com as imperfeições das minhas *Notas Estatisticas*, assim como carreguei com o insano trabalho de compulsa-las, e de calcular essas complicadas demonstrações numericas, sem mais outro fim que prestar um serviço ao meu paiz.

Se nenhum valor tiver este escripto na actualidade, tempo virá em que elle seja consultado com vantagem por quem quizer tratar da producção e commercio de nossa terra. Demais, estou convencido de que nenhum livro é tão máo que não tenha alguma cousa aproveitavel, e este meu opusculo não será, por infelicidade minha, a excepção da regra geral; pelo menos tem a vantagem de ser um inquerito que não custou um só real do thesouro nacional.

Julguei de meu dever dar estas breves explicações



áquelles que lendo estas *Notas Estatísticas* não me conhecerem, porque em referencia aos que me honrão com a sua amizade nada lhes tinha que explicar; elles bem sabem que nunca nutri pretensões de litterato, e que sou o primeiro a reconhecer què nada valho na republica das letras.

Rio de Janeiro, 25 de Maio de 1860.

O AUTOR.

# NOTAS ESTATISTICAS

SOBRE

## A PRODUÇÃO AGRICOLA

E

### CARESTIA DOS GENEROS ALIMENTICIOS

NO BRAZIL



#### I

#### INTRODUÇÃO.

Agora que já não se ouve reboar o écho dos partidos, que a todo o transe querião vencer, arrojando a imprensa para o lodaçal dos doestos e recriminações, desvirtuando e apartando-a da elevada missão de civilisar moralisando o povo, me parece ser occasião opportuna de chamar a attenção dos homens considerados do paiz para a nossa principal fonte de riqueza a — Agricultura. 6

A grande questão da actualidade, e para a qual devem convergir as vistas de todos que se interessão pela prosperidade do Brazil, é o melhoramento que reclama a cultura do nosso uberrimo solo, não só com referencia á grande como á pequena lavoura, e principalmente desta que tem sido abandonada em algumas provincias do Imperio.

A imprensa tem-se occupado por diversas vezes em descrever alguns dos melhoramentos de que carece a fabricação do assucar, e o preparo do despolpamento e lavagem do café; mas isto não basta, visto que do que mais se precisa é de combater preconceitos inveterados nos nossos agricultores, que são em pura perda de seus interesses, e do desenvolvimento e progresso industrial do paiz.

Longos artigos têm sido publicados sobre as necessidades do lavoura, nos quaes, entre verdades incontestaveis, tem-se avançado muitos paradoxos.

Pouco ou quasi nada se conhece da producção do Brazil, afóra do que se publica nas peças officiaes, que são pouco lidas; nada de positivo se sabe sobre as quantidades das colheitas e safras dos lavradores. A estatistica, permitta-se-me dizê-lo, é quasi que desconhecida entre nós; parece que se tem horror aos numeros. Não desconheço que a compulsão de dados é trabalho enfadonho, e que ainda mais aborrecivel é o comparar e calcular sobre quantidades numericas; sendo sem duvida essa a razão por que os nossos escriptores e publicistas em geral mais se occupão da poesia ideal que do positivismo dos numeros.

A falta de escriptos com referencia á producção do paiz tem feito com que muitos homens illustrados fação uma falsa idéa do nosso progresso, e que tomem os effeitos pelas causas.

Ainda está presente na memoria de todos as calorosas

discussões havidas nesta còrte pela imprensa, e na tribuna parlamentar sobre as questões bancarias; nessas discussões os lidadores desenvolvêrão não vulgar habilidade, e mesmo mostrarão profundidade de conhecimentos theoricos em sustentação de suas idéas e opiniões, ao mesmo passo que nada disserão e demonstrarão em referencia á applicação pratica de seus principios no paiz; circumscrevêrão-se sómente a citar exemplos dos paizes cujos escriptos estudarão, deslembrando-se que a economia politica, se bem que se funde em principios exactos, é comtudo uma sciencia que tem mais de pratica que de especulativa.

Assim procedendo tão habéis lidadores, não o fizerão por ignorancia, mas por carencia de dados estatísticos; porquanto, como disse, a estatística entre nós ainda não é cultivada, e tida naquella consideração e apreço que se lhe presta nas nações mais cultas do mundo.

Emquanto se não convencerem os nossos economistas de que sem uma estatística (ao menos approximada da verdade) nada se pôde avançar com certeza sobre o progresso ou decrescimento productivo e industrial do paiz, tudo quanto se fizer será ás apalpadellas, e nenhuma medida poderá ser tomada com caracter permanente; todas serão meras tentativas experiências, as mais das vezes precarias.

A estatística apresenta os factos que devem servir de base e estudo para os calculos economicos e administrativos. J. B. Say, denomina a estatisca de — Physiologia da Sociedade —; se falta pois esta bussula, perde-se o norte, e não se pôde attingir ao ponto que se visou.

A civilização de um povo não se mete sómente pelas suas publicações de litteratura, porém muito principalmente pelos conhecimentos exactos que se tem de suas localidades, produções, industrias e população; e estes

objectos pertencem á estatística. A falta que temos destes conhecimentos, e mesmo a pouca attenção que se presta aos que existem, tem feito com que, não só no paiz como fóra d'elle, todos os dias se estejam a dizer mil disparates sobre o progresso ou decrescimento de nossa producção e industrias; penso pois que não é pequeno serviço escrever sobre uma materia tão arida, afim de despertar com a verdade a attenção daquelles que são incumbidos de velar pela nossa prosperidade.

Da falta de uma regular estatística da producção agricola do paiz tem provindo avançarem-se milhares de absurdos, taes como o dizer-se que — a agricultura definha por falta de braços —, e ainda mais o dar-se como causa principal a cessação do trafico dos Africanos em 1851, e a mortandade que fez o cholera em 1855 na população escrava. Idéas tão erroneas propaladas inconsideradamente creão preconceitos que devem ser combatidos em beneficio da moral e da dignidade nacional.

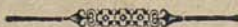
Já houve quem pela imprensa se abalançasse a sustentar a necessidade que tinha o Brazil de recommear o nefando e barbaro commercio da escravatura africana!.. Respeito as intenções alheias, e mesmo quero suppôr que de muito boa fé forão escriptos os artigos a que me refiro; porém lamento que baja no meu paiz quem se attreva a sustentar que só com escravos se póde fazer prosperar a agricultura, e com ella o commercio interno e externo do Brazil!! Tal pensar tem tanto de erroneo quanto de excentrico de tudo que é razoavel. Os factos occasionados pela escravidão, de que somos todos os dias testemunhas oculares, são a melhor e mais cabal resposta a tal modo de raciocinar.

Tenho convieção de que muitos individuos reformarão

suas opiniões sobre o estado da produção agricola do paiz, quando esclarecidos pela verdade dos factos que passãõ desaparecidos; e neste presupposto vou escrever algumas considerações, nas quaes pretendo demonstrar até á evidencia que a — produção agricola do paiz não está decadente, e antes, pelo contrario, marcha nas vias do progresso, mesmo depois da cessação do trafico dos Africanos; bem como demonstrarei que a carestia dos generos alimenticios não procede de falta de braços que se possão empregar na lavoura, e tão sòmente de causas que, sendo removidas, podem trazer a abundancia e barateza dos generos necessarios á alimentação dos nossos conterraneos.

Sei que uma questão desta ordem é muito ponderosa, além de ser muito complexa, pelo que não póde ser bem tratada sem muita reflexão e estudo, por isso que sómente darei o transumpto da minha Memoria Historico-Statistica, que estou lendo no Instituto Historico e Geographico do Brazil.

Resumirei as questões o mais que me fôr possivel para me não tornar fastidioso com o desenvolvimento dos calculos numericos, em que repousão minhas demonstrações.



## II

### DO CAFÉ.

Não me proponho a escrever a historia da agricultura e commercio do Brazil, porque faltão-me os elementos necessarios, e ainda que os tivesse, tempo não me restava para executar um trabalho tão ponderoso; pretendo tão sómente reunir alguns dados estatisticos, que existem dispersos, sobre a producção do paiz, afim de poder fundamentar as considerações que vou fazer com relação á nossa industria agricola e carestia dos generos alimenticios.

Não nutro a vaidosa presumpção de produzir idéas novas, nem tão pouco aspiro alcançar a reputação de economista, esboçando estas toscas linhas, porque sou o primeiro a reconhecer minhas exiguas habilitações, bem como a difficuldade com que manejo a penna. Os escriptos desta ordem são aridos de si mesmos, e por essa causa poucos leitores encontrarão; não é possivel deleitar o es-

pirito com o mecanismo dos numeros, cuja logica é mais convincente que aprazivel.

As questões economicas não podem ser tratadas ao correr da penna, porque ainda as menos complexas dependem em suas demonstrações das leis do calculo. Nada é mais facil que enunciar uma proposição sobre o progresso ou decrescimento da nossa industria agricola, porém bastante difficullosa se torna a sua sustentação, porque pouco ou quasi nada se sabe de positivo a tal respeito, visto não possuirmos senão mui poucos dados estatísticos, base unica para se poder calcular com certeza a marcha industrial do paiz.

A imprensa periodica tem-se occupado por diversas vezes, e nestes ultimos tempos mais que nunca, desta importantissima e vital questão da actualidade: — *Quaes as causas claras ou latentes que actuão no Brazil para a alza dos preços de todos os generos alimenticios.* —

Diversas considerações têm sido feitas com mais ou menos fundamento para explicar um facto de tanta gravidade, porém quasi que todas visando estes unicos pontos — *diminuição de producção e augmento de consumo.* —

Em geral se tem dito, e continúa a dizer-se, que a producção decresce por falta de braços que se empreguem na lavoura, e pretende-se, como disse na introdução deste opusculo, achar a origem dessa falta principalmente na cessação do trafico de Africanos em 1851, e na devastação que fez o cholera na população escrava em 1855.

Sem que negue em absoluto estas causas, que em verdade de alguma fórma podião concorrer para a diminuição da producção se ella existisse em todas as especies, farei comtudo uma demonstração, provando que nem existe diminuição de producção, nem falta de braços que se possam



empregar na lavoura; porquanto, segundo o que tenho observado, a produção agrícola dos principaes generos do commercio de exportação vai marchando em constante progresso; e a das especies alimenticias não tem diminuido em todas as provincias, e nem mesmo em algumas em que o cholera foi mais devastador, como, por exemplo, na do Rio-Grande do Sul, que é hoje em dia a que maior quantidade de milho e feijão remette para o grande mercado desta côrte; e ainda mais, porque naquellas provincias em que se sente a diminuição dos generos alimenticios não provém ella de falta de braços que se possam empregar nessa lavoura, mas de terem sido elles desviados para a grande cultura dos generos mais procurados pelo nosso commercio de exportação.

Os braços que até certa época se empregavão promissuamente na cultura dos generos exportaveis, e nos de mais commum alimentação têm sido nos ultimos tempos occupados exclusivamente na grande lavoura, desprezando-se a pequena agricultura por menos luerativa, como seja a do feijão, milho, mandioca, etc.

Desde que o café produzido no Brazil começou a encontrar maior numero de consumidores nos mercados europeos, e por essa causa a ser mais procurado nos do paiz, o seu preço, seguindo a lei da demanda, se elevou por fórma tal, que induzio os productores a fazer a sua cultura em muito maior escala; e como o luero proveniente das colheitas era animador, os grandes lavradores de café só de cultivá-lo se occuparão, abandonando em grande parte até a cultura dos generos necessarios para alimentação dos seus trabalhadores, e, sem calcularem com as previsões do futuro, avidos fixarão suas vistas nos vantajosos lucros que obtinão no presente; e nem ao menos reflectirão que,

10

deixando de produzir aquellas especies, se tornavão sómente consumidores e concurrentes do mesmo mercado, para onde até então mandavão o excedente do seu consumo, do que infallivelmente teria de resultar a subida dos preços dos generos que deixavão de produzir, os quaes se irião elevando n'uma tal razão que a final tenderião a absorver os lucros provenientes da unica lavoura preferida. O exemplo dos grandes fazendeiros foi irreflectidamente seguido pelos outros agricultores, que, sem o saberem, conjurárão em grande parte a crise por que atravessa o paiz, filha da imprevisão e de errados calculos.

A prova do que acabo de dizer se deduz da estatistica da exportação nacional, da qual se observa que todos os principaes generos que servem de alimentação do commercio externo vão em constante progresso; tomarei por exemplo a exportação do café, e compararei entre si duas épocas, uma anterior e outra posterior á cessação do trafico dos Africanos, e o resultado numerico firmará os meus raciocinios.

**COMPARAÇÃO DOS TERMOS MÉDIOS DO CAFÉ EXPORTADO NOS QUINQUENNIOS DE 1839—44 E 1852—57 POR QUANTIDADES E VALORES OFFICIAES.**

Termo médio do	1839—44	5,693,037 @	3\$227	18,371:430\$000
quinquennio de	1852—57	9,997,868 @	4\$400	43,990:620\$000
Augmento de producção. . .		4,304,831 @	1\$173	25,619:190\$000

Com esta demonstração estatistica se prova que na época em que a introdução da escravatura africana foi tolerada no paiz, a producção do café era menor na razão de 73,65 %; bem como que o valor da arroba deste genero valia menos 56,54 %; e finalmente, que depois de cessado

cópletamente o trafico dos Africanos, o valor do café exportado se elevou na razão de 159,46 %.

Em vista desta demonstração, e sabendo-se que não têm sido introduzidos novos systemas de cultura depois que o immoral commercio de carne humana cessou, porquanto a nossa agricultura em quasi todo o Brazil é feita com o machado e o fogo, e a pesada enxada, parece-me que não se póde em boa razão dizer que a agricultura decresce, e que ha falta de braços; pois que com menos braços não se poderia obter maior produção, sendo sempre o methodo de cultura o mesmo de —ferro e fogo.—

Sempre que se tomar por ponto de partida nos estudos economicos o melhoramento do estado da sociedade; quero dizer: o augmento dos recursos e gozos de todos os individuos, não se poderá marchar certo ao fim que se visa senão com a estatística na mão; e se isto fizessem os que têm escripto sobre a questão de que me occupo, de certo que não terião emittido tantas proposições contradictorias que se observão em suas publicações.

### III

## DO CAFÉ.

(CONTINUAÇÃO.)

A questão de que me occupo é toda fundada em algarismos, e por essa razão, por mais que me esforce para desviar de meus escriptos a aridez, não o posso consegair, e a todo o instante sou forçado a repetir as idéas já enunciadas, e isto porque sendo ellas ligadas por uma successão de factos, que de pontos diversos se dirigem ao mesmo fim, tem necessariamente de encontrar-se nos seus terminos, que são provar com dados estatisticos irrecusaveis — que não temos falta de braços que se possão empregar na agricultura, e que a producção do paiz marcha nas vias de um constante e continuo progresso.

No capitulo antecedente demonstrei que a producção do café no espaço decorrido de 1839 a 1844, comparada com a do de 1832 a 1837, tinha tido um augmento na sua exportação de 4,504,851 arrobas, o qual equivalia ao progresso

de 75,65 %, ou a um accrescimo na razão média annual de 5,8 % ; agora para mais firmar esta demonstração vou continuar a desenvolver os dados estatisticos officiaes sobre que me baseio, e assim ficará provada até á evidencia — que a producção do café segue n'um constante progresso, mesmo depois de cessado o immoral trafico de carne humana — que além de nos aviltar na opinião dos povos civilisados, nos empestava com o exemplo dos seus asquerosos e depravados habitos.

Sem que pretenda tirar conclusões á *posteriori*, respondendo ás erroneas opiniões que grassão e se encarnão nas idéas da população, e ainda mesmo das pessoas illustradas, de que a carestia dos generos alimenticios procede de falta de braços para cultivar o nosso fertilissimo solo, direi que esse phenomeno que se observa nas populosas cidades do Imperio é anormal e transitorio, não tendo por principal causa a cessação do trafico dos Africanos, mas outras que hei de apontar no seguimento destes livro, bem como já indiquei uma dellas — a imprevisão dos nossos grandes agricultores — que em procura de interesses immediatos desprezárão a cultura dos generos mais necessarios á vida, e que fazião a fartura de nossos conterraneos.

Em geral, quando se trata da alça que tem lido todos os generos alimenticios, logo a uma só voz se ouve bradar : isso procede do augmento de consumidores e diminuição dos productores!... Ora, a ser exacta esta proposição, devião diminuir todas as especies de productos na mesma razão, e eu estou provando o contrario disso ; porquanto demonstro que os generos mais procurados para o nosso commercio de exportação seguem n'um progresso constante na sua producção.

Tambem não é exacto, absolutamente fallando, que o

augmento dos consumidores se tenha elevado em uma tal quantidade, que a producção do paiz não chegue para o seu consumo, visto que, observando-se os salarios, se reconhece que, comquanto estes se tenham elevado, não tem sido esse augmento tal que damne a producção; e segundo os principios economicos, o preço dos salarios é o barometro regulador do trabalho industrial, pois elle e a materia prima lhes determinão o valor.

Ainda mais: se nas populosas cidades se observa grande massa de gente pobre, essa mesma gente acha trabalho em que se empregue, do qual lhe resulta o ganho necessario para a sua alimentação. Se, pois, a massa dos consumidores tivesse augmentado tanto, como erradamente se suppõe, ella não acharia trabalho nos povoados, e teria de retirar-se para os campos a empregar-se na producção agricola; porquanto o Brazil, paiz novo, não está no mesmo caso em que se acha a velha Europa, onde não existe um palmo de terra desoccupado, se póde ser cultivado.

E' bem verdade que nas principaes cidades do Imperio, e especialmente aqui na cõrte, já se vai operando a transição do trabalho escravo pelo trabalho livre, porque os transportes e outros misteres do trafico e labutação da capital são feitos em grande parte por braços livres, sendo essa a razão por que se vê hoje em dia menor numero de escravos obstruindo as ruas; mas o que indica isto senão um primeiro passo dado para a nossa manumissão do trabalho escravo? Só depois que nos povoados superabundem os braços livres, começará a agricultura a ter gente livre para seus rudes trabalhos. A escravidão ha de acabar primeiro nos povoados.

A população escrava, ainda que actualmente é muito melhor tratada nas suas doenças, e mesmo melhor alimen-

tada, contudo não progride tanto como a população livre; se se recorrer ás listas dos obituarios parochiaes, se verificará que a mortalidade dos escravos é muito maior que a dos livres; sendo que os nascimentos livres são em uma razão muito superior ao dos escravos. A escravidão é contraria á natureza humana; a intelligencia não póde ser escravizada, e nem circumscripta pela força bruta; e quando assim fosse, o espirito, reagindo sobre o physico humano, lentamente o iria desfinhando, e a final tocaria ao seu termo por uma morte precoce.

Deixando porém estas considerações, que ainda que connexas com a questão de que me occupo só accidentemente me cahirão dos bicos da penna, voltarei desde já para o ponto que faz o objecto do presente capitulo, que é provar o grande augmento que tem tido a producção do café.

Para completar o meu raciocinio começado no capitulo antecedente, tomarei uma serie de exportações do café, as quaes começam no exercicio de 1840 — 1841, e terminão no de 1857 — 1858, e dividindo-as em seis periodos triennaes, procederêi a minuciosas comparações estatisticas entre os termos médios desses seis triennios, dos quaes quatro são anteriores, e dous posteriores á cessação do trafico de Africanos, e com os resultados destas comparações provarei até á evidencia a proposição enunciada de que a — producção do café marcha nas vias de um constante progresso — sendo este sómente interrompido em um ou outro anno, quando as irregularidades das estações para isso concorrem, e das quaes não póde eximir-se nenhuma especie de cultura.

Antes de produzir os dados estatisticos em que me baseio, devo declarar a razão por que preferi a divisão por triennios, e não segui a comparação annual de um com outro

exercício. Primeiramente observarei que a comparação annual não pôde bem precisar o accrescimento ou diminuição de uma colheita, visto que qualquer phenomeno metheorologico que sobrevenha pôde aniquilar uma produção que promettia ser abundantissima; e secundariamente por que o espaço triennial que adoptei para ter um termo médio da produção realizada, além de ser mais positivo para meus calculos, me fornecia dous periodos depois da extincção do tráfico africano, os quaes podem ser comparados com os quatro triennios relativos ao tempo em que era permittida a introdução da escravatura.

Assim explicada a razão da divisão por triennios, vou produzir a serie numerica das exportações effectuadas nos exercicios de 1840—1841 a 1857—1858, que comprehendem as quantidades com os valores officiaes em que somarão em cada exercicio; feito o que, breves observações adduzirei, por quanto ao leitor deixo o arbitrio de estabelecer as hypotheses que, além daquellas se lhe suggerirem, e isto porque sobre dados estatisticos se podem estabelecer muitas combinações que, ainda que partindo das mesmas bases, seguem direcções oppostas, mas sempre tendendo a encontrar-se nos seus fins.

Em minha opinião sem a estatistica, a economia politica deixaria de ser sciencia, porque aquella é quem aponta os factos sobre que esta funda os seus postulados; do que concluo, que em um estado em que não hajão dados estatisticos coordenados methodicamente, todas as suas leis fiscaes serão mal executadas, visto que não podem ter sido decretadas senão por meras supposições, e consequentemente serão leis esperienciaves.

Infelizmente no Brazil a estatistica existe em grande atraso, porquanto nem mesmo um senso regular temos da nossa



população; e a estatística da produção sómente se pôde deduzir da que se organisa no thesouro nacional sob a denominação de Mappas do Commercio de importação e exportação, da qual me tenho servido para as minhas demonstrações: isto posto posto vou entrar nas questões numericas.

**DEMONSTRAÇÃO DO CAFÉ EXPORTADO NOS EXERCÍCIOS DE 1840 A 1841 E 1857 A 1858, COMPREHENDENDO UMA ÉPOCA ANTERIOR E OUTRA POSTERIOR Á CESSAÇÃO DO TRAFICO DE AFRICANOS: A SABER:**

*Época anterior á cessação do trafico.*

1840—1841 a 1851—1852.

Exercicios.	Quantidades.	Valor exportado.
1840—1841 . . . . .	5,059,223 @	17,804:000\$
1841—1842 . . . . .	5,565,325 @	18,396:000\$
1842—1843 . . . . .	5,897,555 @	17,091:000\$
Termo médio. . . . .	<u>5,507,367 @</u>	<u>17,730:300\$</u>
1843—1844 . . . . .	6,294,282 @	17,986:000\$
1844—1845 . . . . .	6,229,277 @	17,508:000\$
1845—1846 . . . . .	7,034,582 @	21,307:000\$
Termo médio. . . . .	<u>6,519,380 @</u>	<u>18,933:600\$</u>
1846—1847 . . . . .	9,747,730 @	21,971:000\$
1847—1848 . . . . .	9,558,141 @	25,159:000\$
1848—1849 . . . . .	8,600,032 @	21,513:000\$
Termo médio. . . . .	<u>9,301,967 @</u>	<u>22,881:000\$</u>
1849—1850 . . . . .	5,935,770 @	22,838:000\$
1850—1851 . . . . .	10,148,263 @	32,604:000\$
1851—1852 . . . . .	9,544,858 @	32,954:000\$
Termo médio. . . . .	<u>8,542,965 @</u>	<u>29,465:300\$</u>

ÉPOCA POSTERIOR À CESSAÇÃO DO TRAFICO.

1852 a 1853 e 1857 a 1858.

Exercicios.	Quantidades.	Valor exportado.
1852—1853 . . . . .	9,923,933 @	33,897:000\$
1853—1854 . . . . .	8,698,036 @	35,444:000\$
1854—1855 . . . . .	13,027,524 @	48,491:000\$
Termo médio. . . . .	10,549,847 @	39,277:300\$
1855—1856 . . . . .	11,651,806 @	48,013:000\$
1856—1857 . . . . .	13,026,299 @	54,107:000\$
1857—1858 . . . . .	9,719,054 @	43,502:000\$
Termo médio . . . . .	11,465,719 @	48,540:600\$

Desta demonstração se reconhece, á simples vista, que a producção do café tem tido um augmento constante, quer na época em que era permittido o trafico, quer na em que elle se achava completamente extincto, e comparando-se os termos médios dos quatro triennios relativos á primeira destas duas épocas, obtem-se os resultados que numericamente passo a demonstrar, porque a logica dos numeros não admittre outras observações mais que as das equações, que a firmão em suas demonstrações.

COMPARAÇÃO DOS TERMOS MÉDIOS DOS QUATRO TRIENNIOS QUE COMPREHendem A ÉPOCA EM QUE ERA PERMITTIDO O TRAFICO.

*Termo médio.*

Exercicios.	Quantidades.
1841 a 1843. . . . .	5,507,367 @
1844 a 1846. . . . .	6,519,380 @
1847 a 1849. . . . .	9,301,967 @
1850 a 1852. . . . .	8,544,858 @

*Comparação.*

O 2º mais que o 1º . . .	1,012,013 @
O 3º mais que o 1º . . .	3,794,600 @
O 4º mais que o 1º . . .	3,037,491 @
O 4º menos que o 3º . . .	757,109 @

A comparação que acabo de fazer demonstra que houve um constante progresso na produção do café nos doze annos acima designados, tendo-se sómente realizado uma diminuição de 757,109 arrobas no ultimo triennio, a qual não prova decadencia de cultura, pois que procede da pessima colheita realizada em 1849, por isso que no exercicio de 1849 a 1850 a exportação do café foi sómente de 5,955,770 arrobas, como se vê da tabella; elevando-se, porém, no exercicio seguinte, 1850 a 1851, á somma de 10,148,268 arrobas, que foi a maxima exportação dos doze annos que comparo.

Fica portanto provado que o progresso da produção do café, antes da extincção do trafico africano, se realizava na média razão annual de 4,8 %.

Passando agora a calcular o progresso do café relativo ás colheitas e exportações da segunda época, isto é, depois de ter sido completamente extinto o commercio immoral da escravatura, se observa maior augmento de produção que na época anterior, como vou demonstrar :

	Exercicios.	Quantidades.
Termo médio do	{ 1853 a 1855. . . . .	10,549,847 @
triennio de		{ 1856 a 1858. . . . .
Augmento de produção . . . . .		<hr/> 915,872 @,

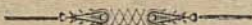
o qual equivale a um progresso na razão de 9,61 %.

Finalmente, comparando-se as exportações médias dos ultimos periodos das duas épocas de que estou tratando, chego á conclusão seguinte:

	Epocas.	Quantidades.
Termo médio de	{ 1849—50 a 1851—52	8,542,965 @
		{ 1855—56 a 1857—58
Augmento de produção . . . . .		<hr/> 2,922,754 @,

a qual representa o progresso da produção do café de 34,22 %, ou um accrescimento de colheita na razão annual de 3,7 %.

Tenho assim provado até á evidencia que a minha proposição em relação á produção é exacta, e conseguintemente que não existe falta de braços no paiz para se empregar na sua lavoura.



## IV

### DO ASSUCAR.

Nos artigos antecedentes demonstrei com dados estatísticos irrecusaveis que a producção do café marchava em um constante e continuo progresso, mesmo depois da cessação do trafico dos Africanos; e conclui dizendo que ainda se não sentia no paiz falta de braços que se pudessem empregar nos trabalhos da lavoura, como erradamente se apregôa.

Fiz algumas considerações tendentes a provar que a carestia dos generos alimenticios não era a consequencia necessaria da terminação do immoral commercio de importação da escravatura, como por calculo, ou por irreflexão se pretende inculcar na opinião publica; parquanto, para ser verdadeira tal proposição, fôra necessario e indispensavel demonstrar que todas as especies de nossa producção ião em decadencia, o que não é possivel, porque a

estatística official apresenta progresso na produção dos generos que alimentão o commercio externo do paiz.

Vou, pois, continuar no meu proposito, demonstrando neste, e nos seguintes capitulos, que a produção dos principaes generos de nossa exportação continúa na sua progressão crescente e constante; e porque já tratei do augmento da cultura e produção do café, me occuparei agora da planta da canna e fabricação do assucar, por ser o segundo producto que mais avulta na nossa exportação; permittase-me, porém, que antes de entrar nas demonstrações estatisticas faça algumas breves considerações connexas com a questão de que estou tratando — augmento da produção dos generos exportaveis, e carestia das especies alimenticias.

Muitas causas reunidas têm concorrido para a carestia dos generos alimenticios, as quaes estão exercendo uma destruidora pressão sobre a população brazileira, especialmente nas cidades populosas; mas essas causas podem ser removidas, e então desaparecerá o flagello que nos afflige, que penso ser anormal e transitorio, como já o disse, e hei de demonstrar no decurso deste meu opusculo, se bem que pouco tempo me reste para um trabalho tão accurado e enfadonho.

Não ha quem ignore, por menos versado que seja nos estudos economicos, que o preço de qualquer objecto produzido pelo trabalho está sujeito, e é sempre regulado pela lei da demanda e offerta; pois bem, a demanda segue a razão directa do consumo, assim como a offerta a da produção. Se, pois, a demanda não é sufficientemente satisfeita pela offerta, o preço dos objectos procurados sobe infallivelmente no mercado na razão inversa da sua raridade: exemplificarei esta these para torna-la mais compre-

hensível aos que não estão familiarisados com a terminologia da sciencia economica.

Se uma dada porção de individuos consumir annualmente 10 barricas de farinha, e produzir 20 barricas, o preço da farinha será menor 50 % que se a producção e o consumo fossem iguaes; se, porém, o consumo fôr de 20 barricas, e a producção sómente de 10, o preço da farinha será maior 50 % do que ella teria se a producção e o consumo se balanceassem; visto que na primeira hypothese o excedente do consumo seria vendido em beneficio dos productores; e na segunda, o deficit seria preenchido por compra que serião forçados a fazer os consumidores da farinha que lhes faltasse, ou de outro qualquer genero que a substituísse. A applicação deste principio é tão exacta quando posta em acção com referencia a uma familia, como quando actuando sobre uma nação.

Os homens em geral não se occupão senão do presente, e pouco são os que lanção suas vistas para um futuro mais ou menos remoto. Se a grande porção de individuos de que se compõe a sociedade fosse mais previdente, seria mais economica, e a miseria não affligiria em tão elevada escala a especie humana; porquanto, cada individuo trataria de formar uma reserva de seus ganhós para acudir ás eventualidades futuras, assim permunindo-se de alguma fórma contra as vicissitudes da sorte.

Da imprevidencia humana nasce em grande parte a carestia dos generos alimenticios, porque os lueros immediatos que apresentam os productos de maior procura para o commercio de exportação desafiarão a sua cultura exclusiva, e o abandono das especies mais necessarias para o sustento do povo. Não é porém esta a causa unica; outras existem que, além de odiosas, são reprovadas por immo-

raes; e taes não partem dos agricultores. Hei de tratar dellas convenientemente mais para diante.

Na provincia do Rio de Janeiro, e nas que com ella confinão, até em grande parte a cultura da canna e fabrico do assucar foi abandonado pela plantação dos cafezeiros, allegando-se o frivolo pretexto de que o café era de menos trabalhoso cultivo, sendo a sua colheita mais aproveitavel e rendosa que a da canna de assucar; porém ainda nisto ha grande erro de raciocinio e de calculo; porquanto, a razão allegada é futil e chimerica, visto que esta transição de cultura se operou para supprir a maior procura do café, a cujo cultivo forão exclusivamente applicadas todas as forças productivas dos agricultores.

O lavrador intelligente e industrioso faz todos os esforços possiveis para ensaiar diversas especies de cultura em suas terras, e assim poder expôr promiscuamente á venda no mercado varios productos de sua industria, não só porque disto lhe resulta maior gloria e proveito, como porque quanto maior fôr a diversidade de suas plantações, tanto menor serão os riscos de uma má colheita; mas o lavrador brasileiro entende que deve sómente cultivar uma unica especie, e até leva o seu exclusivismo ao ponto de abandonar a cultura dos generos necessarios á alimentação de sua propria familia! É bem singular, e mesmo para admirar-se tal excentricidade de raciocinar. Um povo que assim procede é muito impropriamente appellidado de agricultor.

Entendo que uma tal inversão não pôde ser operada a arbitrio, porque os interesses geraes do todo não devem e nem podem estar á mercè da vontade de uma só classe da sociedade, ainda que muito considerada e importante seja. A lição pratica, que uma tão rapida transição produziu na economia domestica tem feito ultimamente com que al-



guns fazendeiros se proponhão a recontinuar no cultivo das especies alimenticias para o consumo de suas familias e trabalhadores.

A cessação do trafico dos Africanos pôz inactivos muitos capitaes que se empregavão nesse nefando commercio, e assim se conservárão até que principiou a apparecer a influencia das empresas por associações; e como nós ainda não estavamos preparados para essa nova fórma de commerciar, muitas combinações baqueárão por falta de base, e mesmo de direcção, e com ellas algumas fortunas ficarão compromettidas, principalmente quando nos abordou a immoralidade do jogo das acções bancarias; os espertos, porém, locupletárão-se á custa dos inexperientes: foi uma lição, se bem que dolorosa, para os que perdêrão nesse jogo immoral.

A ambição não tem limites quando agitada pelo movel de um ganho certo, e d'ahi não havendo acções em que jogar, porque o governo previdentemente soube cortar o vôo dos muitos especuladores que se apresentárão em campo, novas combinações se fizerão, sempre com o fito de obter lucros fabulosos; e um novo cavallo de Troya foi fabricado, de cujo assalto está sendo preza a cidade do Rio de Janeiro, e as outras por onde se acha ramificado o monstruoso monopolio, o qual é sem duvida o principal cancro que está corroendo e dilacerando o misero povo. Deixarei, porém, para occasião opportuna o tratar desse terrivel flagello; visto que para o seu desenvolvimento muito tem concorrido a *inercia*.

Entrarei agora na questão dos numeros, para provar que, mesmo a despeito do abandono que em muitas fazendas da provincia do Rio de Janeiro e S. Paulo se fez da plantação da canna e fabricação do assucar, tem este producto

de nossa industria marchado em constante progresso, mesmo depois da cessação do trafico da escravidão. Alguns importantes melhoramentos se tem nos ultimos tempos introduzido na fabricação do assucar, porquanto varias machinas de moderna invenção têm sido compradas pelos ricos cultivadores de canna, e das quaes sem duvida terão de resultar, além de maior lucro para os seus proprietarios, muitos melhoramentos para esta industria agricola.

Para provar que o assucar tem marchado nas vias do progresso depois que cessou o trafico dos Africanos, tomarei duas épocas, uma anterior, e outra posterior áquelle immoral e reprovado commercio; e comparando entre si os termos médios das exportações nellas affectuadas, demonstrarei a verdade de minha proposição.

DEMONSTRAÇÃO DO ASSUCAR EXPORTADO NOS QUINQUENNIOS DE 1839 A 1844 E 1852 A 1857, COMPARADOS ENTRE SI PELOS TERMOS MÉDIOS DESTAS DUAS ÉPOCAS, POR QUANTIDADES E VALORES OFFICIAES.

*Termo médio.*

Épocas.	Quantidade.	Preço médio.	Valor exportado.
1839—1844	5,603,929 @	1\$842	10,313:480\$
1852—1857	7,765,534 @	2\$588	20,099:740\$
Augmento de producção	2,161,605 @	\$746	9,786:260\$

O qual é igual a um accrescimo na razão de 58,6 % em relação á quantidade produzida; de 40,5 %, com referencia ao augmento do preço por arroba; e, finalmente, de 96,8 % sobre o valor total exportado.

Ora, em vista de um tão grande augmento de producção, como se poderá avançar que a agricultura definhava por falta de braços? !... Não é possível, porque os dados estatisticos officiaes demonstrão até á evidencia o contrario. A logica dos numeros é evidente de si mesma.

# V

## DO ASSUCAR.

(CONTINUAÇÃO.)

Comprometti-me a demonstrar per partes o progresso da producção do assucar, cujo augmento apresentei comparando entre si duas épocas distinctas, uma anterior e outra posterior á cessação do nefando commercio de importação dos escravos africanos; vou cumprir minha promessa, produzindo os dados estatisticos officiaes da nossa exportação; antes, porém, farei algumas considerações em ordem a provar as proposições que avancei sobre o abandono que fizerão alguns lavradores da cultura da canna e fabricação do assucar na provincia do Rio de Janeiro, e nas que com ella confinão; e isto porque pretendo, e tenho por habito não avançar uma unica propôsição da qual não deduza as provas, e muito principalmente agora que estou sustentando uma these contraria á opinião de alguns dos nossos estadistas.

Em economia politica tenho por costume estudar os mestres em seus escriptos, mas não jurar nas suas palavras, antes de sujeita-las a uma accurada analyse comparada com as minhas proprias observações sobre os phenomenos que observo no nosso paiz; e rarissimas vezes deixo de reconhecer que na sciencia economica ha mais de relativo que de principios absolutos; porquanto, para que se obtenhão certos e determinados effeitos, é indispensavel que concorão os mesmos phenomenos observados pelos escriptores dessas bellas theorias. Não se infira do que acabo de expender que eu negue regras e preceitos invariaveis na sciencia economica; mas esses principios são muito poucos.

No Brazil, paiz novo, onde a sciencia agronomica está pouco vulgarisada, ou, melhor me espessando, onde só se tem estudado a agronomia por distracção e não para applicar, não póde ser mesurada a sua cultura e producção pelos mesmos calculos que se empregão na Inglaterra, França, Belgica, etc.: os calculos devem se fundar nas observações colhidas em cada localidade, e fóra disto tudo é fallivel.

Na Európa as terras são preparadas e adubadas depois de escolhidas para as plantações a que se destinão; porém, entre nós, toda a terra é propria para a planta que nella se quer lançar; a unica differença está em escolher-se os altos, encostas ou baixadas; porque quanto ao amanho e preparo do terreno, é sempre o mesmo; consistindo estes em fazer derubadas a machado, destruindo as arvores cortadas pelo meio do fogo: neste ponto a nossa agricultura ainda se acha no mesmo atrazo que se achava quando se começárão a fazer as primeiras plantações no paiz.

Muitos dos nossos fazendeiros possuem uma educação superior, e tendo viajado pela Europa virão os processos seguidos nos paizes que percorrerão; mas não fazem appli-

cação nas suas terras desses processos porque entendem que são dispendiosos, e observão que com menor trabalho obtêm optimos resultados do nosso uberrimo solo. Desprezão os principios da sciencia, e continuão na rotineira verea da destruição das matas seculares!...

Se não aberrarmos deste absurdo systema, se systema se pôde chamar—devastar a ferro e fogo— muito breve nem mesmo haverá a madeira necessaria para a construcção das casas, e outros misteres indispensaveis em um estabelecimento rural. Ora, as arvores são indispensaveis ao paiz, sejam ellas encaradas sob que ponto de vista forem, e desaparecidas as matas, as chuvas se tornão mais raras, e consequentemente as fontes seccão, ou pelo menos diminuem; além de que as terras tornando-se arenosas nas estações de calma, fazem elevar mais a temperatura, occasionando molestias destruidoras.

Ninguem ignora que as camadas terrenas estão como que ligadas entre si pelas raizes das arvores, arbustos e hervas, e que sendo estas destruidas pelo machado e consumidas pelo fogo, com facilidade se desprendem as camadas superiores, e são carregadas pelas alluviões pluviaes, do que resulta a esterilidade do solo, além da obstrucção dos alveos dos rios e entupimento de suas barras.

Um distincto philosopho observador, e abalisado mathematico, o Exm. Sr. conselheiro C. Baptista de Oliveira, provou em um bem elaborado escripto, como sóem ser todas as obras de sua bem aparada penna, que a bella bahia de Nitherohy, e principalmente a sua franca barra, ião diminuindo de fundo; e sem duvida as causas que acabo de demonstrar devem ter concorrido em maxima parte para o apparecimento do phenomeno observado pelo distincto geometra.

21

Em vista de factos tão ponderosos, não será permittido áquelle que se occupa em escrever sobre a producção agricola reclamar a attenção dos homens considerados do paiz para um tão vandalico proposito de destruição, e pelo qual, se não nossas pessoas, a nossa memoria será reponsavel á geração futura? Penso que me assiste o direito de reclamar despertando a attenção dos homens eminentes do paiz, bem como a dos lavradores illustrados, sobre tão importante assumpto.

Não pretendo ostendar erudição que não possuo, quando assim me exprimo; mas tendo tomado o pesado encargo de escrever sobre a producção do paiz, sou forçado a fazer as considerações que julgo indispensaveis para provar a minha these; e penso que hei de chegar ás minhas conclusões, se não semeando em meus escriptos bellos tropos e flores de rethorica, ao menos provando minhas proposições na phrase singela da verdade.

É geralmente sabido que a provincia de S. Paulo era uma das do Imperio que mais assucar produzia, e que o porto da cidade de Santos foi sempre procurado em maior parte pelas embarcações que se destinavão a carregar este producto de nossa industria agricola; mas nestes ultimos tempos, se a fabricaçã do assucar não tem diminuido naquella provincia, tem-se pelo menos conservado estacionaria; e pelo que terá isto acontecido? deixarão as terras de produzir a canna? terá dado alguma molestia nesta planta? Não, nada disto tem acontecido; as terras são uberrimas, e as mais apropriadas para esta especie de cultura.

A plantação da canna e fabricaçã do assucar foi abandonada por muitos lavradores para empregarem todas as suas forças na cultura do café, a exemplo do que vião praticar

por diversos agricultores da provincia do Rio de Janeiro. Vou demonstrar a verdade desta proposição com os dados estatísticos officiaes que me fornece o relatorio—do presidente daquella provincia do anno de 1857.

Diz o presidente da provincia em seu relatorio — que na comarca de Guaratinguetá foi quasi que total o abandono da cultura da canna e da fabricação do assucar, ao mesmo passo que a plantação dos cafezaes prospera admiravelmente; porquanto, tendo sido a colheita do café em 1850 de 150,000 arrobas, em 1856 ella se elevou á somma de 1,250,000 arrobas, contando-se naquelle anno nesta comarca 127 fazendas de cultivar café.

No municipio de Villa-Bella, que d'antes era um dos mais abundantes em engenhos de fabricar assucar, actualmente só se contão 10 pequenos estabelecimentos para este fim.

No municipio de Campinas, só de 1854 para cá, se têm desmontado 44 engenhos de fabricar assucar, para serem applicados os braços nelles empregados em cultivar as lavouras de café; porém ainda assim, observa o relator destes factos, que a producção do assucar sómente tinha diminuido 3,5 por cento; com o que se prova evidentemente que a terra naquellas localidades, além de uberrima, é a mais apropriada para a cultura da canna de assucar, que tão inconsideradamente foi abandonada pela plantação do café. Ha factos que não se podem explicar satisfactoriamente, e este é um delles.

Felizmente este abandono da plantação da canna e fabricação do assucar na provincia de S. Paulo, pela exclusiva cultura do café, parece querer cessar para serem ensaiadas ambas as especies. Lembra-me ter lido ha pouco tempo n'um dos jornaes desta còrte, que uma machina das de nova especie para a fabricação do assucar tinha sido introduzida

e montada nesta provincia por um abastado fazendeiro della natural: sinto não ter guardado esse jornal para dar uma breve descripção dessa machina, bem como para citar o nome desse distincto Brasileiro que assim se dedica pela prosperidade e melhoramento industrial do paiz.

Os poucos factos relativos á provincia de S. Paulo, que acabei de narrar, me parece que provão a proposição que emitti — de que grande numero de fazendeiros tinham abandonado a cultura da canna e fabrico do assucar pela plantação dos cafezaes.

Não me é possivel precisar o numero de fazendeiros da provincia do Rio de Janeiro que, como na de S. Paulo, abandonarão a plantação da canna pela do café, porque a este respeito nenhum dado estatistico possuo; mas é um facto tão geralmente sabido, que me parece não poderá ser contestado.

Feitas estas breves considerações, vou entrar na questão numerica, para completar o meu raciocinio com referencia ao augmento da producção do assucar no nosso paiz, e para isso apresentarei a tabella que abaixo se segue, na qual comprehendo as exportações effectuadas nos exercicios de 1840—1841 a 1857—1858, cujo espaço dividi em duas épocas, uma anterior e outra posterior á cessação do immo-ral trafico dos Africanos, afim de poder provar que a cessação desse commercio até ao presente não tem influido para a diminuição da producção do paiz.



**DEMONSTRAÇÃO DA EXPORTAÇÃO DO ASSUCAR ANTES E DEPOIS DA  
CESSAÇÃO DO TRAFICO DOS AFRICANOS, COMPREHENDENDO OS  
EXERCICIOS DE 1840—1841 A 1857—1858, POR QUANTIDADES E  
VALORES OFFICIAES.**

*Antes da cessação do trafico.*

EXPORTAÇÃO.

Exercicios.	Quantidade. @	Valor official da exportação.
1840—1841 . . . . .	6,698,392	11,892:000\$000
1841—1842 . . . . .	4,817,578	8,373:000\$000
1842—1843 . . . . .	5,209,721	9,998:000\$000
1843—1844 . . . . .	5,682,981	10,313:000\$000
1844—1845 . . . . .	7,476,287	14,325:000\$000
1845—1846 . . . . .	7,110,804	15,860:000\$000
Média . . . . .	6,165,960	11,793:500\$000
1846—1847 . . . . .	7,098,843	14,782:000\$000
1847—1848 . . . . .	7,768,309	14,121:000\$000
1848—1849 . . . . .	8,305,659	15,879:000\$000
1849—1850 . . . . .	7,933,586	15,026:000\$000
1850—1851 . . . . .	8,907,852	15,779:000\$000
1851—1852 . . . . .	7,490,099	13,488:000\$000
Média . . . . .	7,910,726	14,845:800\$000

*Depois da extincção do trafico.*

1852—1853 . . . . .	10,681,344	18,232:000\$000
1853—1854 . . . . .	8,258,378	16,356:000\$000
1854—1855 . . . . .	8,193,137	16,679:000\$000
1855—1856 . . . . .	7,448,582	18,910:000\$000
1856—1857 . . . . .	7,670,430	25,845:000\$000
1857—1858 . . . . .	7,257,758	22,705:000\$000
Média . . . . .	8,251,604	19,787:800\$000

¶ Dos tres sexennios comprehendidos nesta demonstração, os dous primeiros são anteriores e o ultimo posterior á cessação do trafico ; e procedendo-se á comparação entre os termos médios destes periodos, se reconhece que a producção do assucar, mesmo a despeito da inversão que se tem feito, em algumas das provincias do sul do Imperio, da sua cultura para a do café, marcha em um constante progresso, como numericamente se demonstra pela seguinte comparação :

COMPARAÇÃO SEXENNIAL.

	Epocas.	Quantidade.	Valor exportado.
Termo médio de	{ 1840—41 a 1845—46	6,165,960 @	11,793:500\$
	{ 1846—47 a 1851—52	7,950,726 @	14,845:800\$
	{ 1852—53 a 1857—58	8,251,604 @	19,787:800\$

Comparando-se o 2º sexennio com o 1º, se verifica que houve um augmento de producção de 1,784,766 arrobas, o qual é igual a um accrescimo annual na razão de 5,76 % ; e procedendo-se á comparação do 3º com o 2º sexennio, se reconhece um augmento de 500,878 arrobas, que é igual ao progresso de 5,64 % no sexennio, ou de 50,146 arrobas por anno.

Quanto porém em referencia ao valor exportado, verifica-se um augmento do termo médio do 3º sexennio comparado com o do 1º, na razão de 67,8 %, ou um progresso constante annual na razão de 6,15 %.

Supponho ter provado até á evidencia que o assucar, segundo producto da nossa exportação, assim como o café, marcha nas vias de um constante e continuo progresso, mesmo depois que cessou o trafico dos Africanos.

## VI

### DO ALGODÃO.

Tendo até agora tratado do augmento da produção do café e do assucar, por serem estes os dous principaes generos de nossa lavoura que maior valor representão no commercio de exportação, provei, com os numeros extrahidos das estatisticas officiaes, qual o seu progresso annual, antes e depois da cessação do trafico dos Africanos, ficando assim demonstrado que estas duas especies da nossa produção agricola seguem ainda em sua progressão crescente, não se resentindo de falta de braços para sua cultura e manipulação; cumpre pois que me occupe de outro não menos importante producto de nossa lavoura, qual é o algodão, que tambem muito avulta no commercio externo do Brazil.

O algodão produz abundantemente, e sem grande cuidado, em todas as provincias do Imperio em que o cultivão, mas só nas que estão situadas ao norte da Bahia se planta

esta especie como ramo de commercio, porquanto nas outras nem mesmo se cultiva o necessario para o consumo interno.

Só da existencia de tres fabricas de tecidos de algodão tenho conhecimento, duas na provincia da Bahia e uma na do Rio de Janeiro: naquella provincia uma é estabelecida dentro da capital, e outra na cidade de Valença, sendo esta muito bem montada, e trabalhando em grande escala; e a do Rio de Janeiro é situada no municipio de Magé, e tambem trabalha regularmente; comtudo os productos destas tres fabricas, ainda que bem obrados, não chegam talvez para o consumo de uma centesima parte de nossa população.

Na provincia de Minas-Geraes ha muitos annos que se fabricão diversos tecidos de algodão, e alguns de superior qualidade para vestuario, de que muito uso fazem os naturaes daquella provincia; mas esses productos fabris não chegam para um quinto do seu consumo interno. Tambem na provincia do Rio-Grande do Sul, no districto de Mustardas, se fabricão bellos tecidos de algodão, como sejam toalhas e colchas artisticamente executadas; comtudo são muito toscos os teares empregados nesse trabalho, e mesmo em pequena quantidade.

As provincias de Pernambuco, Parahyba, Alagoas, Maranhão e Pará, são as principaes na cultura do algodão como genero de commercio, e que, por assim me exprimir, servem para determinar o progresso ou decrescimento deste ramo de cultura no paiz.

Anteriormente, ao anno de 1800, era o algodão de Pernambuco o mais estimado nas fabricas de Inglaterra, não só pela sua qualidade, finura e fortaleza de seus fios, como principalmente pelo lustre e brilho que possuia; estes pre-

dicados lhe davão muito merecimento, e um valor superior a todos os algodões importados na Europa; e como quanto fossem taes qualidades dignas do maior apreço, concorrêrão indirectamente para o descredito deste nosso producto; porque a avidez do ganho fez com que só se attendesse á quantidade na produção, desprezando-se a principal condição da qualidade; e o resultado final foi cahir em descredito este importante producto de nossa lavoura, perdendo no seu valor, e deixando de ser procurado de preferencia nos mercados de seu consumo.

A maior parte dos productores e exportadores, observando a aceitação que tinha na Europa o algodão de Pernambuco, começárão por misturar as suas diversas qualidades com a superior, assim falsificando a especie mais estimada; e mesmo até de envolta com as varias qualidades, misturavão algodão damnificado, pensando que com as grandes remessas recolherião lucros fabulosos; mas não reflectião que, assim procedendo, ião desconheitar um producto tão bem reputado; e o que sobretudo admira é que os mesmos a quem mais cumpria sustentar o credito do algodão, fossem os que procedião de fórma a desacreditar a sua especie, e por consequencia este ramo de commercio....

No *Correio Braziliense*, periodico escripto em Londres sob a direcção de um distincto Rio-Grandense, foi lucida e magistralmente combatido esse crasso erro; bem como aconselhava os meios que se devião empregar para limpar e preparar o algodão, afim de o tornar a rehabilitar na estima de que gozava anteriormente á sua fraudulenta falsificação pelos exportadores; infelizmente os esforços empregados por aquelle distincto e patriótico escriptor forão —a voz clamando no deserto—; nenhum dos meios por

elle indicados foi aceito e posto em pratica, e o algodão de Pernambuco não pôde mais readquirir a reputação de que tinha gozado nos mercados europeos. Como está, muitas outras industrias do nosso paiz têm sido depreciadas, e até mesmo sacrificadas pela ignorancia e avareza dos especuladores, que circumscrevem seus calculos de ganho só ao presente; assim foi depreciado o nosso anil, a cochonilha, etc....

Se porém o algodão produzido no Brazil não goza actualmente de primazia sobre o dos Estados-Unidos da America e outras procedencias, é comtudo estimado como um dos melhores que concorrem aos mercados europeos; e o seu valor venal paga superabundantemente ao productor, bem como ao negociante que o exporta.

Mais algumas considerações poderia fazer sobre a produção do algodão, antes de entrar no desenvolvimento das demonstrações numericas da estatistica, para provar o augmento que tem tido a sua cultura; mas sou forçado a restringir minhas idéas a este respeito para esclarecer algumas proposições que emitti no capitulo anterior, visto que não desejo que minhas enunciações sejam tomadas em absoluto, pelo que sempre as faço acompanhar dos factos probatorios.

Disse no capitulo antecedente — que em economia politica tenho por costume estudar os mestres nos seus escriptos, porém não jurar nas suas palavras, sem que primeiramente sujeite seus principios á analyse comparada com os factos observados no paiz. — Pois bem: vou dar as razões que tenho para assim proceder.

Diversas medidas economicas têm sido postas em pratica no paiz nestes ultimos tempos, sem que dellas se tenha collido um resultado satisfactorio; entre outras ahí estão

pára o provar as instituições bancarias. Muito se tem dito e feito, porém o que se tem observado quanto a melhora-mento?! A certeza de que em cada paiz ha especialida-des locais inherentes ás suas industrias e commercio, que não podem ser desprezadas quando se quizer dar-lhes maior desenvolvimento por intermedio do credito.

Ainda em Setembro de 1858, querendo o governo impe-rial minorar os males que flagellão o povo, originados pela carestia dos generos alimenticios, fez baixar um de-creto reduzindo os direitos de consumo de alguns artigos desta especie; mas nenhum resultado se tem obtido de tal medida. Entre outros generos favorecidos acha-se a farinha de trigo, da qual de 50 foram reduzidos a 5 % os direitos de sua importação, porém nem assim ella baixou de preço no mercado, nem o pão augmentou em tamanho!...

Quem ha que ignore que os direitos e despezas são com-putados pelos negociantes nos preços das vendas de suas mercadorias, e consequentemente que quanto menores forem as taxas e despezas, tanto menos devem eustar as mer-cadorias a ellas sujeitas? Mas porque, baixando-se os di-reitos de consumo da farinha de trigo, do bacalhão e da carne-secca do Rio da Prata, estes objectos não têm acom-panhado aquella lei economica?! Quanto a mim, isto pro-cede, além de outras causas, das razões que passo a expôr em brevissimas palavras.

Os tributos têm um limite que não póde ser ultrapassado impunemente, sem grande prejuizo do commercio e dos con-sumidores; consequentemente os direitos excessivos, dan-nando a producção e o commercio, diminuem o consumo dos objectos excessivamente tributados; mas neste caso não se achava a farinha, o bacalhão e o *xarque* do Rio da Prata: por-tanto quem lucrôu com a redução dos direitos de importa-

ção destes artigos forão os productores e importadores, e não os consumidores do paiz. No meu entender é esta uma das causas que concorre para a conservação da alta de preços destes tres artigos, e as outras que com esta se juntão são latentes, porém constantes, e se achão symbolisadas pelo novo cavallo de Troya de que já fallei, e do qual pretendo tratar depois de ter demonstrado o accrescimo da producção dos principaes generos de nossa exportação.

Assim cumprido o dever que me impuz de produzir as razões em que se fundão as minhas proposições, vou entrar na questão dos algarismos, afim de provar por fórma incontestavel que a cultura e colheita do algodão marchão até ao presente nas vias de um constante e continuo progresso, mesmo depois que cessou o immoral trafico da escravatura africana.

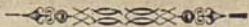
Para ser coherente com o systema que adoptei neste escrito, sómente apresentarei neste capitulo o resultado da comparação da média exportação do quinquennio de 1839 a 1844 com a do quinquennio de 1852 a 1857, sendo aquella época anterior e esta posterior á cessação do trafico, reservando-me para no seguinte desenvolver esta demonstração por annos, bem como tratar de outros pontos que por brevidade omitto.

**DEMONSTRAÇÃO DO ALGODÃO EXPORTADO NOS QUINQUENNIOS DE 1839 — 1844 E 1852 — 1857, COMPARADOS ENTRE SI PELOS SEUS TERMOS MÉDIOS EM QUANTIDADES E VALORES OFFICIAES.**

	Épocas.	Quantidades.	Preço médio.	Valor exportado.
Termo médio do } quinquennio de }	1839—1844	705,768 @	5\$162	3,646:040\$
	1852—1857	958,182 @	5\$760	5,518:850\$
Augmento de producção. . . .		<u>252,414 @</u>	<u>\$598</u>	<u>1,872:810\$</u>



Prova-se desta demonstração que houve um augmento de producção na razão de 55,8 %, e que o preço do algodão se elevou por arroba na razão de 11,5 % ; havendo um acrescimo de valor no total exportado na razão de 51,56 %.



## VII

### DO ALGODÃO.

(CONTINUAÇÃO.)

Para completar a minha demonstração sobre o augmento da producção do algodão, de que acabei de tratar, e bem assim para melhor desenvolver as proposições que emitti no capitulo findo, vou fazer mais algumas breves considerações, nas quaes não me alongarei para não fastidiar aquelles que tiverem tido a bondade de acompanhar-me nesta demonstração sobre uma tão arida questão, que, comquanto a julgue interessante para o paiz, não desconheço ser fastidiosa, porque nada contém de amenidades.

Tenho constantemente profligado o barbaro systema de destruir a ferro e fogo as matas seculares para abrir-se espaço ás lavouras, e não cessarei de bradar que um tal processo nos conduz em rapido marchar para um abysmo de males insondaveis, dos quaes esboçarei os mais visiveis em  
toso e singelo quadro,

A frondosa vegetação que se descobre por todo o nosso vasto paiz é a mais evidente prova da força nutriente do solo brasileiro ; mas, lançadas por terra essas arvores colossaes, e applicando-se-lhes o fogo para destrui-las, carbonisa-se a crusta superior da terra, e os saes fertilisantes contidos nas camadas superiores do humus se alterão e o esterilisão ; e comquanto as cinzas resultantes das arvores queimadas e o seu carvão supprão de alguma fôrma os saes decompostos, estes residuos não se concentião no humus, e ficão na superficie da terra, desapparecendo com as alluviões pluviaes ; e em ultimo resultado apparece a esterilidade do solo, porque não é revolvido pelo arado ; de sorte que as partes nutrientes e fertilisantes da vegetação ficão inactivas e concentradas nas camadas inferiores do solo.

A's terras assim esterilisadas pela acção do fogo chamão os nossos lavradores — terras cansadas — como se por ventura a terra se cansasse de espargir os seus inesgotaveis fructos áquelles que perseverantes lhe rasgão o seio, e a regão com o suor do trabalho methodico e systematico. A terra jámais cansa : é esta uma verdade demonstrada pela sciencia, e que não admite a menor contestação.

A Inglaterra, a França, a Allemanha e outras partes da velha Europa produzem hoje muito mais, e melhor do que produzião as suas terras nos tempos primitivos dos Bretões, Gallos, Germanos, etc. Se a terra cansasse, a Asia e a Europa serião hoje desertas, e não sustentarião tantos milhões de habitantes. Comtuto, é bem verdade que hoje nós fazemos no Brazil o mesmo que praticavão aquelles povos na sua infancia e antes de receberem a civilisação dos seculos, mas nem por isso deixamos de ser censuraveis, porque o seu exemplo e a sciencia temos para nos conduzir no caminho da verdade.

Um não menor mal resulta para o paiz da destruição das matas, qual é a raridade das chuvas e a diminuição do fundo dos rios com a obstrucção de suas barras, bem como a extincção dos mananciaes das aguas potaveis, como disse no capitulo antecedente; e porque desejo aprensentar os factos probatorios de minhas proposições, citarei alguns dos muitos de que tenho noticia.

Lançando-se um rapido olhar para os contornos da bahia de Nitherohy, se verá que a maior parte dos rios que nella desaguão vão-se obstruindo a olhos vistos: sirva para provar esta verdade o rio Macacú, Guapymirim e o Iguassú, que já tiverão muito maior profundidade nos seus leitos e nas suas barras, estando estas quasi que completamente obstruidas por bancos de arêa, que de certo não forão alli depositar-se impellidas pelas correntes do mar, mas indisputavelmente forão trazidas pelas alluviões pluviaes dessas roças feitas pelo ferro e fogo, e depois abandonadas, cujas terras desligadas do solo pelo apodrecimento das raizes, facilmente rolárão com o turbilhão das aguas.

No rio Parahiba do Sul, nas proximidades de sua foz, tem-se formado diversas ilhas, que ainda ha 20 annos erão simples coròas de arêas agglomeradas nesses lugares pelas caudelosas correntes nas épocas das chuvas; e algumas dessas ilhas tal crescimento têm tido nestes ultimos tempos, que já forão requeridas por aforamento pelos fazendeiros possuidores das margens do rio, entre as quaes ellas medeião. Estes factos são dignos de serem estudados em sua origem e effeitos.

Em referencia á diminuição das chuvas, é facto observado na provincia do Rio de Janeiro que de vinte e cinco annos a esta parte as chuvas têm-se tornado mais raras em todas as estações do anno; bem como que as fontes de agua cor-

rente são actualmente menos abundantes, mesmo aquellas que abastecem os chafarizes da côrte; e se bem que eu não possua nenhuma observação hygrometricas e pluviometricas daquelles tempos para comparar com as do presente, devo aceitar a opinião dos homens praticos da provincia; bem como, mesmo sem ter observações thermometricas comparadas, sou propenso a crer que a temperatura nestes ultimos tempos tem tido maior elevação; e penso que a causa primordial destes phenomenos meteorologicos é a destruição das matas seculares com o fim de abrir espaço para as roças, que dentro em pouco tempo são abandonadas por estereis.

Os meus amigos os Srs. Drs. Capanema e Oliveira, lentes da escola central de mathematicas, calcularão em 1854 a quantidade de agua contida em um rio da serra da Estrella, que serve para fazer mover as machinas da fabrica da polvora, e nelle acharão a sufficiente para aquelle fim. Em 1858 o Sr. Dr. Oliveira achando-se dirigindo aquelle estabelecimento nacional, reconheceu, por nova observação, que a agua do rio tinha diminuido de mais de um terço; e isto porque tinham destruido as matas que bordavão suas margens, para nesses lugares fazerem plantações de capim; eis um facto que prova a minha asserção.

Citarei mais a observação de um distincto official de nossa marinha de guerra, que se tem dedicado ás observações meteorologicas com muito aproveitamento: narrou-me este amigo, por occasião de tratarmos deste assumpto, que na Ilha-Grande elle tinha as provas palpaveis da verdade de minha proposição; porquanto, alli havia observado que fontes abundantes de aguas correntes, ainda ha bem poucos annos, hoje, ou estão completamente extinctas, ou sómente manando tenues fios de agua; e afirma que isto se observa

em mais de uma fonte na enseada de Abrão; acontecendo este phenomeno depois que aquella ilha vai sendo despida do seu frondoso arvoredor, pelo braço armado de—ferro e fogo—que são os inimigos implacaveis das florestas do Brazil.

Tendo assim dado, senão cabalmente, ao menos o mais breve que me foi possível, a razão de minhas opiniões emitidas no decurso deste escripto, vou continuar na demonstração do progresso e cultura do algodão no paiz, afim de que tambem sobre este genero fique demonstrado até á evidencia o seu progresso, mesmo depois de extincto o trafico dos Africanos. Para chegar ás minhas conclusões ainda me basearei nos dados que apresentam as estatisticas officiaes.

No capitulo anterior demonstrei por meio da comparação estabelecida entre os termos médios das exportações dos quinquennios de 1839 a 1844 e 1852 a 1857, que a cultura e producção do algodão tinha tido um augmento na razão de 35,8 %, bem como que o seu valor total exportado se tinha elevado no ultimo periodo na razão de 51,56 %; agora para firmar estas conclusões vou comparar as exportações do algodão relativas aos exercicios de 1840—1841 até 1857—1858, cujo espaço de tempo comprehende dezoito annos.

Esta nova demonstração comprehende duas épocas distinctas, uma anterior e outra posterior á cessação do trafico da escravatura; mas unindo-as em uma só, a subdivido em tres periodos sexennas, sendo dous relativos á primeira, e o ultimo á segunda divisão, afim de poder estabelecer as minhas comparações, bem como o augmento e progresso da cultura do algodão, antes e ao depois de cessado o trafico da escravatura,

Assim estabelecidas as bases do meu calculo, vou produzir

os dados estatísticos sem fazer mais reflexões, porque a logica dos numeros é mais convincente que a eloquencia dos Ciceros antigos e modernos.

**DEMONSTRAÇÃO DO ALGODÃO EXPORTADO NOS TRES SEXENNIOS DE-CORRIDOS DE 1840—1841 A 1857—1858, SENDO OS DOUS PRIMEIROS ANTERIORES E O ULTIMO POSTERIOR À CESSAÇÃO DO TRÁFICO DA ESCRAVATURA.**

*Época anterior á cessação do trafico.*

1840—1841 A 1851—1852.

Exercicios.	Quantidade de <i>cc.</i>	Valor exportado.
1840—1841. . . . .	691,872	3,920:000\$000
1841—1842. . . . .	639,580	3 224:000\$000
1842—1843. . . . .	685,149	3,452:000\$000
1843—1844. . . . .	814,255	3,650:000\$000
1844—1845. . . . .	826,445	3,277:000\$000
1845—1846. . . . .	645,346	2,912:000\$000
Média . . . . .	<u>717,107</u>	<u>3,405:800\$000</u>
1846—1847. . . . .	608,890	3,152:000\$000
1847—1848. . . . .	639,288	3,588:000\$000
1848—1849. . . . .	854,829	3,490:000\$000
1849—1850. . . . .	1,109,313	5,679:000\$000
1850—1851. . . . .	883,440	5,696:000\$ 00
1851—1852. . . . .	898,249	4,288:000\$000
Média . . . . .	<u>832,334</u>	<u>4,315:500\$000</u>

*Depois de extincto o trafico.*

1852—1853. . . . .	997,908	5,094:000\$000
1853—1854. . . . .	892,273	4,902:000\$000
1854—1855. . . . .	877,177	4,686:000\$000
1855—1856. . . . .	1,024,801	5,635:000\$000
1856—1857. . . . .	1,088,025	6,990:000\$000
1857—1858. . . . .	1,008,680	6,623:000\$000
Média . . . . .	<u>981,477</u>	<u>5,656:000\$000</u>

Procedendo-se á comparação das exportações médias dos tres sexennios acima descriptos, se obtem os vantajosos resultados de um constante progresso da cultura e colheita do algodão, como passo a demonstrar numericamente, assim completando o meu raciocinio.

COMPARAÇÃO DOS TERMOS MÉDIOS SEXENNAES COMPARADOS ENTRE SI, PARA DEMONSTRAR O PROGRESSO DO ALGODÃO.

*Termos médios.*

Do 1º sexennio . . . . .	717,107 @
Do 2º dito . . . . .	832,334 »
Do 3º dito . . . . .	981,477 »

*Comparação em arrobas e por centos.*

O 2º mais que o 1º . . . . .	115,227 @	ou 16,07 %
O 3º mais que o 2º . . . . .	149,143 »	ou 17,96 »
O 3º mais que o 1º . . . . .	266,370 »	ou 34,03 »

E procedendo-se á comparação dos valores totaes das exportações médias sexennaes, se observa que o 2º sexennio exportou maior valor que o 1º na razão de 21,15 por cento; e o 3º sexennio mais que o segundo na razão de 31,15 por cento; e consequentemente o 3º sexennio realizou mais que o 1º um valor de exportação na razão de 52,5 por cento.

Desta fórma me parece que tenho demonstrado a certeza do meu primeiro calculo, bem como provado até á evidencia que a cultura e producção do algodão segue nas vias de um constante e não interrompido progresso.



## VIII

### DO FUMO.

Tenho até agora tratado da produção do café, assucar e algodão, e me parece ter satisfactoriamente provado que estes tres principaes productos de nossa industria agricola marchão nas vias de um constante progresso, sem que a sua cultura se tenha resentido de falta de braços, como se pretende propalar por entre a nossa população, dando-se como causa a cessação do trafico dos Africanos.

Ninguem que conheça o nosso systema de lavoura poderá negar que o café e o assucar são os dous generos de cultura do paiz que dependem do emprego de maior numero de braços, não só para as plantações e capinas, como principalmente para as colheitas e preparos indispensaveis do café, e fabricação do assucar. Se, pois, eu tenho demonstrado concludentemente que estes dous productos de nossa agricultura ainda hoje, que são decorridos mais de oito annos depois

da extincção do trafico, continuão na sua marcha progressiva crescente, é claro que não ha falta de braços no paiz que se possam occupar na lavoura.

Tambem já pela mesma fórma demonstrei que o algodão, terceiro producto da nossa lavoura, acompanhava o progresso do café e assucar, de sorte que bem poderia dar por demonstrada a minha these — *que a producção do paiz marcha em progresso, mesmo depois da extincção do trafico da escravatura africana* — mas como penso que em questões desta ordem quanto mais forem as provas produzidas, tanto melhor se reconhecem e aprecião os factos existentes, cujas causas claras ou latentes os poem em acção, vou por isso ainda demonstrar o crescimento que tem tido mais alguns outros productos do paiz, que em maior escala concorrem para alimentar o nosso commercio de exportação, para só ao depois de reunidos todos esses elementos estatisticos poder entrar na apreciação das causas que têm dado origem á carestia dos generos alimenticios, que se observa exercendo uma destruidora pressão sobre a população brazileira.

Não cessarei de repetir que, por maiores esforços que faça para desviar a reproducção de idéas deste meu arido trabalho, não o posso conseguir, porque por tal forma ellas se achão ligadas entre si, que sem o querer se repetem a todo o momento, assim tornando algum tanto monotonos meus argumentos; consola-me porém a lembrança de que estou escrevendo, não com o fim de mostrar erudição, mas tão sómente com o de apresentar reunidos os factos estatisticos existentes, que têm passado desapercibidos até agora por se acharem dispersos em varios documentos officiaes pouco lidos no paiz.

O fumo ou tabaco é um dos mais importantes generos de nossa lavoura, e desde muito tempo assim foi considerado

pela antiga metropole e pelos nossos estadistas, tanto que, feita a independencia em 1822, escolherão para figurar no emblema das armas imperiaes do Brazil um ramo de fumo e outro de café, dest'arte symbolisando as duas principaes fontes da riqueza agricola do Estado.

Observando-se a ordem por valores em que são descriptos os productos nacionaes que mais concorrem para a alimentação do nosso commercio externo, se verificará que o fumo occupa o quarto lugar na escala dos mappas estatisticos das exportações do Imperio; porquanto representa actualmente um valor médio annual de 5,000:000\$000, comprehendendo-se nesta somma não só o fumo em folhas e em corda, como o preparado em tabaco de pó, charutos e cigarros. Devo, porém, observar que anteriormente ao exercicio de 1851—1852, isto é, no tempo em que era tolerado o trafico da escravatura africana, o valor do fumo exportado nunca se elevou acima de 1,850:000\$000, havendo por consequencia augmentado o seu valor nos ultimos annos na razão de 57 %, ou 1,150:000\$000 por anno, termo médio.

A maior parte das provincias do Imperio produzem o fumo, ou antes esta herva vegeta perfeitamente em todas as localidades do Brazil em que a querem cultivar. As provincias, porém, que plantão o fumo como genero de commercio são poucas, sendo que aquellas que o exportão em grande escala são a da Bahia, Rio de Janeiro e S. Paulo; cumprindo attender-se que a maxima parte do fumo exportado pelo Rio de Janeiro é produzido na provincia de Minas-Geraes, e quasi que exclusivamente preparado em corda, sendo o melhor em qualidade que se conhece, principalmente o que é fabricado em Baependy.

O fumo brasileiro é excellenté, e em cousa alguma cede

na qualidade ao superior fumo da Virginia e Maryland, mas não pôde ainda competir com o fumo daquellas procedencias nos mercados em que com o dellas concorre por não ser tão bem preparado ; comtudo, essa differença seria facil fazer deapparecer se os nossos lavradores quizessem prestar mais um pouco de attenção e cuidado, não só na sua colheita, como na secca das folhas e seu acondicionamento em fardos ou mangotes.

Para que o fumo cõserve todas as suas apreciaveis qualidades, se requer que seja colhido no estado de perfeita maturidade, e que as suas folhas sejam estendidas a seccar de fórma que não fiquem agglomeradas umas sobre as outras, visto que seccadas em montes, além de mais se confrangirem, as do centro ficão verdoengas, e depois de enfardadas damnificão as outras, communicando-lhes um gosto acre e cheiro desagradavel, bem como uma cõr denegrida, assim perdendo muito as suas propriedades narcoticas, e mesmo em macieza e flexibilidade, as quaes são qualidades essenciaes e muito apreciaveis na fabricação dos charutos.

Colhido o fumo no estado de perfeita maturidade e seccadas convenientemente, as suas folhas se tornão de uma cõr alourada, aromaticas e macias, e com facilidade se prestão a serem enroladas. Procedão os plantadores do fumo aos indispensaveis cuidados na colheita e preparo desta planta, que ainda mesmo fabricando menor quantidade de fumo obterão muito maiores vantagens, visto que o valor deste nosso producto subirá na razão directa do seu melhor preparo, que é só do que carece para ser o melhor do mundo.

O fumo preparado em corda, na provincia de Minas-Geraes, é, na opinião dos apreciadores, o melhor que se conhece para fazer cigarros, e mesmo para torrar e fazer o

tabaco de pó; e quer nesta ou naquella fórma tem uma grande extracção no mercado, e principalmente para as republicas da America do Sul.

Muito poucas, ou quasi nenhuma noticia posso dar sobre a introducção da cultura do fumo no Brazil; sómente de Antonil, no seu tratado da *Cultura e opulencia do Brazil*, se colhe que o fumo começou a ser cultivado no paiz na provincia da Bahia em principio do seculo XVI, e que já em 1711, época em que elle escrevia a sua obra, se exportavão daquella provincia para Portugal annualmente 220,000 arrobas de fumo, ou 27,500 rólos, na valor de 544:650,5000, sendo 200,000 arrobas da cultura propria da Bahia, e 20,000 arrobas das Alagóas.

Tendo assim esboçado estes ligeiros traços sobre a cultura do fumo no Brazil, vou tratar do augmento da sua producção, servindo-me para demonstra-la dos dados que me fornece a estatistica official, e comparando entre si duas épocas, uma anterior e outra posterior á cessação do trafico dos Africanos.

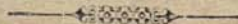
Para ser coherente com o systema que adoptei neste opusculo, sómente tratarei neste capitulo de demonstrar o progresso da exportação do fumo, realizado no espaço decorrido de 1859 a 1857, tomando para esse fim os termos médios de duas épocas quinquennaes, sendo a primeira a que compõe os exercicios de 1839 a 1844, e a segunda os de 1852 a 1857, e comparando as exportações médias entre si, terminarei o presente capitulo, reservando-me para no seguinte fazer mais algumas considerações sobre este objecto.

**TERMO MÉDIO DO FUMO EXPORTADO NO QUINQUENNIO DE 1839 A 1844, COMPARADO COM O TERMO MÉDIO DO QUINQUENNIO DE 1852 A 1857, POR SUAS QUANTIDADES E VALORES OFFICIAES.**

Épocas.	Quantidade de @.	Preço médio.	Valor exportado.
De 1839 a 1844 . . .	301,247	2\$493	751:010\$000
De 1852 a 1857 . . .	570,568	3\$790	2,162:200\$000
Maior producção . . .	269,321	1\$297	1,411:190\$000

Desta comparação reconhece-se que no ultimo quinquennio a producção do fumo exportado, em folhas e em corda, foi muito superior á do primeiro periodo quinquennial, sendo esse augmento realizado, quanto á quantidade exportada, na razão de 89,47 por cento; em referencia ao preço da arroba, elevou-se este na razão de 52 por cento; verificando-se um excesso em réis, no total valor exportado na razão de 157,9 por cento.

Ora, um resultado destes me parece que, de fórma alguma que fór encarado, não póde indicar diminuição de producção; e porque o augmento de producção demonstrado pertence á época em que se achava extinto o trafico dos Africanos, devo concluir que ainda até ao presente a nossa lavoura não se resente da falta dos braços que nos erão trazidos das costas d' Africa.



## IX

### DO FUMO.

(CONTINUAÇÃO.)

Tendo tratado da producção do fumo, demonstrei que este producto de nossa agricultura tambem marchava nas vias do progresso, acompanhando assim o augmento que tem tido nestes ultimos annos a cultura do café, da canna do assucar e do algodão; e porque sómente me occupei da comparação das exportações médias de duas épocas que distão entre si doze annos, bem como nessa comparação só comprehendí o fumo em folhas e em corda, sem nada dizer com relação ao rapé e charutos, que muito avultão em valor, vou agora demonstrar que o progresso que apresentei foi constante nos annos decorridos de 1840 a 1858, só experimentando algumas passageiras alterações n'aquelles em que mal corrêrão as estações, bem como tratarei de mais outros productos fabricados do fumo.

Com a comparação dos termos médios das exportações

effectuadas nos quinquennios de 1859 a 1845, e de 1852 a 1838 provei que o fumo em folhas e em corda apresentava um progresso médio annual na razão de 7,45 %, e direi que esse augmento presentaria maior porcentagem, se me fosse possível colligir as remessas feitas das provincias productoras para as consumidoras naquelles quinquennios; porquanto, tenho plena convicção de que o consumo deste genero tem muito augmentado no paiz nos ultimos tempos.

O augmento do consumo interno do fumo é incontestavel, e este procede não só do accrescimento da nossa população, como da maior generalisação que vai tendo o uso do tabaco e de fumar; é hoje em dia bem rara a pessoa que não faça uso do fumo. As fabricas de rapé e tabaco, e principalmente as de charutos, têm-se multiplicado muito nestes ultimos annos; ainda em 1850 não excedião de 100 as fabricas de charutos, e segundo a estatistica commercial de 1858 — 1859 ellas se elevavão naquelle exercicio á 505, tendo assim triplicado no curto espaço de nove annos; e como observo que a exportação de seus productos não tem acompanhado na mesma razão aquelle augmento de fabricas, concluo que o consumo interno deste genero é actualmente muito superior ao que se fazia em 1850.

Os charutos mais apreciados pelos fumadores são os fabricados na Havana, comtudo os bons charutos da Bahia se confundem com os daquella procedencia, e talvez mesmo lhes fossem superiores se com a colheita e preparo das folhas do nosso fumo se despendesse mais algum trabalho, do qual muito melhor resultado obteria o produtor no preço das rendas que effectuasse.

Ainda importamos fumo da Virginia e de Maryland, porém em pequenas porções, e esse mesmo deixariamos de



importar se, como disse no capitulo anterior, se colhesse o nosso fumo no estado de perfeita maturidade, e na secca de suas folhas se tivesse mais cuidado, bem como no seu acondicionamento; porque o fumo brasileiro possui todas as qualidades apreciaveis que contém os mais superiores fumos conhecidos, e o fabricado em corda na provincia de Minas-Geraes não tem outro que o exceda em qualidade.

A maior quantidade de fumo em folha que exportamos é pela provincia da Bahia, o qual goza de muita estima nas praças da Europa, para onde é navegado; mas infelizmente já os consumidores se queixão, e com razão, das fraudes que se vão introduzindo nas remessas deste importante producto; e contra taes fraudes por mais de uma vez tem representado os nossos consules na Europa.

Não ha muitos annos que forão apprehendidos na cidade da Bahia cincoenta e tantos fardos de fumo em folhas que se pretendião despachar para a Europa, os quaes sendo examinados pelos empregados fiscaes, verificarão conterem-se nesses fardos, além de muito fumo deteriorado e em migalhas, materias estranhas, como piaçava, etc.!!! Admira que alguns exportadores assim procedão, e concorram para o descredito dos proprios generos em que negocião!...

Parece que um máo fado nos persegue: muitas industrias do paiz têm sido sacrificadas pela avareza e má fé, e desaparecêrão d'entre os productos de nossa exportação pelo descredito em que cahirão. Assim se extinguiu o importante commercio da coxonilha e do anil, porque chegava a fraude ao ponto de misturar com a coxonilha a farinha de mandioca!

O conselheiro Camara assevera que a planta do anil é agreste no paiz, mas actualmente ninguem mais trata de preparar um producto tão importante para a tinturaria, e

que n'outros tempos figurava em não pequena escala entre os generos de nossa exportação.

O governo imperial, sempre solícito em proteger as indústrias e o commercio nacional, tem tomado as convenientes providencias em ordem, senão a extinguir de todo a fraude que se tem dado nas remessas de fumo em folhas, ao menos fazendo com que ella diminua consideravelmente; e isto de alguma fórma tem contribuido para que o credito deste importante producto de nossa lavoura se vá restabelecendo. É comtudo bem censuravel que se precise da intervenção do governo para obstar aquillo que o mesmo credito do productor e exportador mais que ninguem devião evitar.

Existem actualmente no Brazil nove fabricas de rapé e seis de tabaco de pó, que trabalham em grande escala. O rapé fabricado na cidade da Bahia e nesta còrte gozão de boa reputação entre os apreciadores, mas ainda não chega a igualar ao rapé denominado — Princesa de Lisboa —, se bem que ha quem sustente que o rapé da Bahia, quando viajado, é igual, e mesmo superior, ao de Lisboa.

A exportação annual do rapé nacional regula por 15,000 libras, representando um valor de 15:000\$, comquanto a porção fabricada seja superior a 500,000 libras, que são quasi todas consumidas no paiz.

Os charutos e alguns poucos cigarros, exportados desde 1840—1841 até 1857—1858, são os que constão da demonstração que se segue :

1840—1841 . . . . .	2:632\$550
1841—1842 . . . . .	3:519\$380
1842—1843 . . . . .	1:870\$930
1843—1844 . . . . .	2:301\$870
1844—1845 . . . . .	2:388\$240
1845—1846 . . . . .	3:287\$000
	<hr/>
Média . . . . .	2:666\$650
	<hr/>

1846—1847 . . . . .	2:090\$170
1847—1848 . . . . .	3:453\$600
1848—1849 . . . . .	4:425\$690
1849—1850 . . . . .	6:127\$480
1850—1851 . . . . .	5:701\$700
1851—1852 . . . . .	5:605\$000
Média . . . . .	<hr/> 4:567\$270 <hr/>
1852—1853 . . . . .	3:439\$890
1853—1854 . . . . .	3:614\$330
1854—1855 . . . . .	5:658\$500
1855—1856 . . . . .	5:703\$140
1856—1857 . . . . .	6:830\$190
1857—1858 . . . . .	6:314\$820
Média . . . . .	<hr/> 5:261\$910 <hr/>

Desta demonstração resulta conhecer-se que esta industria vai em constante augmento no paiz, visto que, comparando-se o termo médio do 2º com o do 1º sexennio, se reconhece uma maior exportação de 1,900,620 charutos, e da comparação do termo médio do 3º com o do 2º sexennio, que houve um accrescimo de 694,640 charutos; havendo quasi que duplicado no terceiro periodo: assim como observa-se que o valor médio do 1º sexennio foi de 17:200\$, do 2º de 29:600\$, e do 3º de 54:400\$; consequentemente duplicando em valor no ultimo sexennio.

É bem digno de attender-se a transmutação que se tem operado nesta côrte nos trabalhos das fabricas de charutos, das quaes ainda não ha muitos annos erão todos os operarios escravos, sendo actualmente em sua maxima parte livres. As diversas fabricas de charutos existentes nesta côrte empregão para cima de 2,000 meninos e moços açorianos, e muito poucos escravos; póde-se dizer que esta industria já não depende dos braços escravos, porque na sua quasi totalidade é exercida por gente livre.

Assim como as fabricas de charutos operárãouma

rapida transição sem se sentir, porque as outras industrias não se irão tambem insensivelmente libertando do trabalho escravo sem grande abalo social? O tempo ha de resolver esta importante questão, a qual os incredulos não julgão realizavel sem um cataclysmo social.

Feitas estas breves considerações sobre diversos productos do fumo do paiz, passarei á demonstração das exportações annuaes effectuadas nos exercicios de 1840—1841 até 1857—1858, afim de poder provar o calculo que apresentei no meu anterior artigo.

A demonstração que vou apresentar comprehende 18 exercicios, divididos em tres periodos sexennaes, dos quaes os dous primeiros são anteriores, e o ultimo posterior á cessação do nefando trafico da escravatura africana, afim de bem se poder apreciar o progresso da produçção em uma e outra época.

**DEMONSTRAÇÃO DO FUMO EM FOLHAS E CORDA EXPORTADO NOS EXERCICIOS DE 1840—1841 ATÉ 1857—1858, DIVIDIDOS EM PERIODOS SEXENNAES, E COMPARADOS PELOS TERMOS MÉDIOS DAS QUANTIDADES E VALORES OFFICIAES.**

	Exercicios.	Quantidade de @.	Valor exportado.
<i>Antes da extincção do trafico.</i>	1840—1841 . . . .	218,887	653:000\$000
	1841—1842 . . . .	342,310	907:000\$000
	1842—1843 . . . .	314,604	774:000\$000
	1843—1844 . . . .	292,844	772:000\$000
	1844—1845 . . . .	390,491	996:000\$000
	1845—1846 . . . .	290,339	968:000\$000
	Média . . . . .	308,245	843:000\$000
	1846—1847 . . . .	330,709	939:000\$000
	1847—1848 . . . .	323,841	747:000\$000
	1848—1849 . . . .	236,290	893:000\$000
	1849—1850 . . . .	346,522	1,051:000\$000
	1850—1851 . . . .	490,508	1,703:000\$000
	1851—1852 . . . .	566,113	1,794:000\$000
	Média . . . . .	397,337	1,187:800\$000

	Exercicios.	Quantidade de @	Valor exportado.
Depois da extincção do trafico.	1852—1853 . . . . .	412,825	1,169:000\$000
	1853—1854 . . . . .	630,151	2,101:000\$000
	1854—1855 . . . . .	681,230	2,028:000\$000
	1855—1856 . . . . .	526,366	2,075:000\$000
	1856—1857 . . . . .	602,268	3,438:000\$000
	1857—1858 . . . . .	302,278	2,372:000\$000
	Média . . . . .	525,858	2,197:000\$000

Desta demonstração se deduz que o augmento da produção do fumo foi constante e maior no ultimo sexennio, isto é, depois da extincção do trafico.

Comparando os termos médios das exportações dos tres sexennios se obtem o resultado seguinte :

	Épocas.	Quantidade de @.
Termo médio }	1840—1841 a 1845—1846. . . . .	308,245
	1846—1847 a 1851—1852. . . . .	392,337
	1852—1853 a 1857—1858. . . . .	525,858

*Comparações e augmento por cento.*

O 2º mais que o 1º . . . . .	84,692 @	ou 27,3
O 3º mais que o 2º . . . . .	133,521 »	ou 31,23
O 3º mais que o 1º . . . . .	217,613 »	ou 61,53

E com referencia aos valores exportados se observa que no 2º sexennio houve um maior valor que no 1º de 544:500\$, ou de 41 %; e no 3º mais que no 2º 1,009.200 ou 85,52 %; e consequentemente que no 3º sexennio, comparado com o 1º, houve um acrescimo de valor na exportação na razão de 126,52 %.

Concluindo direi que este producto, bem como os outros que já demonstrei, ainda até agora não se resentem da falta de braços pela cessação do trafico dos Africanos.

# X

## DA GOMMA ELASTICA.

Continuando nas minhas demonstrações sobre o augmenta da exportação dos principaes productos nacionaes, que alimentão o nosso commercio externo, hoje me occuparei com a gomma-elastica, a qual, segundo a ordem dos valores descriptos nas estatisticas officiaes, occupa o quinto lugar.

Até ao anno de 1840 era a gomma-elastica um producto que pouco avultava no nosso commercio externo, e o seu valor médio annual, conforme os mappas de exportação, regulava por 200:000\$. Só de 1850 em diante começou o commercio da gomma-elastica a tomar maior desenvolvimento, e tem attingido a taes proporções, que actualmente se calcula a sua média exportação annual de 2,000:000\$ para cima.

A provincia do Pará, que a par de muitas outras riquezas naturaes produz a gomma-elastica, não encontra competi-

dores no mercado do mundo á este seu producto. A arvore de que se extrahê a gomma-elastica é agreste e muito abundante no Pará, e tambem existe no Maranhão, mäs em muito diminuta porção, comparativamente á das matas daquella provincia, que é a que realiza a quasi totalidade desta especie da exportação do paiz.

A gomma-elastica só de per si constitue actualmente uma fonte de riqueza para o commercio do Pará, além de muitas outras especies de productos naturaes em que esta provincia mais abunda que nenhuma outra do Imperio.

A extracção da gomma-elastica é simples, e de nenhum trabalho depende, porquanto reduz-se a picar a arvore que a produz, conhecida geralmente com a denominação de —Siringueira—, e a ajuntar o leite que ella distilla, do qual se preparão logo os sapatos, ou se vende esse succo assim mesmo, como materia prima; e em geral as pessoas empregadas nesta industria são os indigenas.

A maior parte dos estrangeiros que têm viajado o nosso paiz e o têm descripto, permitta-se-me dizê-lo, não têm sido muito fieis em suas narrações, e isto assim succede ou por mal informados, ou porque encarão todos os objectos sob um ponto de vista europêo, não tendo em attenção a nossa infancia na carreira industrial, e mesmo o estado de pura e simples natureza em que ainda agora se conservão os aborigenes do Brazil.

Em geral os europêos, e mesmo alguns nacionaes que têm percorrido a Europa, pintão o caracter dos aborigenes brazileiros como homens nimiamente indolentes e inactivos; este erro deve ser combatido por quem, despido de preconceitos, encara as cousas como ellas são em si, e não como deverião ser no entender desses senhores amantes dos gozos e confortaveis sociaes.

Os homens trabalham na proporção de suas necessidades; isto é, esforçam-se por fruir os gozos e commodos da vida que vêm outros desfrutar; este estímulo é que geralmente imprime um movimento constante á sociedade, creando novas industrias e desenvolvendo as artes, bem como aperfeiçoando e polindo as sciencias.

As necessidades dos homens estão, pois, na razão directa dos seus desejos, e as mais das vezes na inversa de suas possibilidades, e disso nasce o afan com que o homem trabalha e se esforça por adquirir os meios de poder locupletar-se.

O homem no estado de pura natureza, ou mesmo no começo da civilização, como, por exemplo, o tapuio do Pará, tem desejos muito limitados, e com pouco se contenta: sem grande trabalho, e mesmo direi sem afadigar-se, o tapuio repleta todas as suas vontades, que em ultima analyse se reduzem a possuir uma tosea cabana na margem de um rio, em a qual arme a sua rede, e nella se estenda a par da companhia de sua solidão, sem pensar nos males de hoje e desgostos de amanhã.

A pesca lhe fica á porta; a caça vem pousar-lhe sobre a arvore que serve de tecto á sua cabana, e estas dadivas da Suprema Divindade o fazem suppôr-se rei do universo: assim, sem necessissidades vive o tapuio com toda a sua familia, porque seus desejos são moderados e a par de suas possibilidades. Para que, pois, afadigar-se rasgando o seio da terra, e regando-a com o seu suor para juntar cabedaes de que não carece? Os gozos são relativos, e o caboclo goza de paz e socego no centro da abundancia: repleta suas aspirações.

Quando o tapuio deseja vestir novas roupas, e mesmo offertar algum mimo á sua cara metade, elle deixa a cabana, e colhe uma porção de salsa ou baunilha, ou fere a



Sirigueira ; e juntando a gomma-elastica, a leva á cidade para vender ; o que feito, compra o que pretende, e volta outra vez para o seio amigo de sua familia, onde desfruta os gozos puros de uma vida placida, á qual jámais pôde attingir o homem da civilisação e do progresso.

Se fosse verdade a existencia da idade de ouro, ella não poderia ser mais feliz que a vida meia selvatica de que desfruta o caboclo do Pará.

O caboclo brasileiro é sobrio , perseverante e generoso em extremo, bem como é um inimigo não desprezivel : para vingar um ultrage á sua dignidade de homem, elle affronta com coragem e valor inaudito milhares de privações, atravessando matas inhospitas e rios caudalosos até encontrar seu inimigo, com o qual se bate com ferocidade, e succumbe ou faz succumbir seu adversario aos golpes de sua clava.

Um character nobre e generoso, como o que com verdadeiros traços acabo de descrever, não pôde em boa razão ser classificado de nimiamente indolente ; e antes revela o homem que é capaz de receber a mais depurada civilisação, comtanto que esta lhe vá sendo transmittida com methodo e gradativamente, e não pela força bruta obrigando-o a passar de uma vida pura e innocente para um estado cheio de mil condições, que lhe é inteiramente estranho.

Leis especiaes devião ser decretadas para a civilisação dos indigenas, tendo por base a religião, e nomeando-se directores que soubessem respeitar nos cabolos a sua qualidade de homens. Quantos cidadãos uteis teria então o paiz providos dessa raça errante e infeliz, que, amedrontada dos barbarismos praticados pelos primeiros europêos, ainda hoje nos considera como seus mais crueis perseguidores !

Estas breves considerações que acabo de fazer sobre os aborigenes, e especialmente sobre os tapuios do Pará, não

são ociosas para o proposito de que me occupo, porque tratando eu da produção daquella provincia, devo dar pelo menos uma abreviada idéa do character dos homens que se occupão nas suas industrias, e principalmente da extracção da gomma elastica, que em maior parte é executada pelos indigenas; porquanto, se gente adestrada no trabalho fosse a incumbida deste serviço, muito maior porção poderia ser exposta á venda no mercado; sendo porém homens que só trabalhão quando indispensavel lhes é supprir alguma necessidade, o seu serviço é pouco, e nada avulta; visto que, como disse, não tratão de accumular riquezas como o homem social civilisado, porque, como este, não tem as necessidades creadas pela moderna sociedade.

Por mais que me tenha esforçado em procurar dados estatisticos sobre a produção do Pará, nada tenho podido colligir, além dos que me fornecem as estatisticas officiaes do commercio geral do Brazil, e os relatorios da presidencia daquella provincia, em vista do que não é possivel demonstrar-se numericamente o progresso do commercio dos productos da gomma elastica senão de 1859 para cá.

Recorrendo os Annaes Historicos de Berredo, e o Ensaio Corographico de Baena, nada encontro sobre exportações do Pará; sómente no ultimo vejo muitas descrições de productos naturaes e mineraes, sem precisar quantidades e valores de permutações; é porém para admirar-se em Berredo, porque, quando escrevia, tinha sob suas vistas os valiosos documentos da companhia do commercio do Grão-Pará e Maranhão, mas nada disse sobre o traffico de que se occupava aquella importante associação.

Os nossos antepassados tinhão em nenhuma conta a estatistica, e de alguma fórma isso lhes é desculpavel porque então ainda não era conhecida como sciencia a economia

política ; mas que ainda assim continuemos no presente, e inqualificavel !

Feitas estas breves considerações, que têm por fim principal estabelecer bases para as deducções que tenho de fazer, bem como para de alguma fórma destruir a aridez dos numeros sobre que laboro, vou entrar no ponto principal de meu proposito, que é demonstrar que os principaes generos que servem para alimentar o nosso commercio de exportação marchão n'um constante progresso, mesmo depois que foi terminado o immoral commercio da escravatura africana.

Para guardar coherencia de systema, ainda neste capitulo sómente tratarei da comparação das exportações médias de duas épocas, sendo uma anterior e outra posterior á cessação do trafico, baseando-me nos dados collidos das estatisticas officiaes ; reservando-me para no seguinte capitulo desenvolver o meu calculo.

DEMONSTRAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DA GOMMA ELASTICA EM BRUTO E EM OBRA EFFECTUADA NOS QUINQUENNIOS DE 1839 A 1844 E 1852 A 1857, COMPARADAS PELOS TERMOS MÉDIOS DESTAS DUAS ÉPOCAS, POR QUANTIDADES E VALORES OFFICIAES.

	Épocas.	Quantidade.	Preço médio.	Valor exportado.
Termo médio de	1839—1844	26,776 @	7\$435	198:520\$000
	1852—1857	143,781 »	16\$272	2,336:780\$000
Augmento de producção. . . .		<u>117,005 »</u>	<u>8\$837</u>	<u>2,138,260\$000</u>

Desta demonstração se conclue que no ultimo periodo, em que já não existia o trafico dos escravos africanos, houve um augmento consideravel de producção, e mesmo na subida de valor da gomma elastica, o que se realizou nas seguintes relações. Quanto á quantidade exportada, o aug-

mento se effectuou na razão de 458,2 %; quanto ao preço da arroba, na de 119,8 %; e finalmente quanto ao valor total da exportação, na relação de 100 para 1097,9; o que equivale a dizer-se que o valor exportado no espaço de doze annos se elevou a quasi onze vezes, ou na proporção de 1:10,79.

Parece que uma demonstração desta ordem não é muito facil de ser contestada, e nem admite a idéa geral de falta de braços no paiz.

## XI

### DA GOMMA ELASTICA.

(CONTINUAÇÃO.)

O grande augmento que tem tido a produção e exportação da gomma-elastica do Pará, nestes ultimos annos, demonstra o seu prodigioso progresso na razão média annual de 33,7 %; mas para melhor se poder apreciar o augmento deste producto, e afim de ficar provado até á evidencia — que a produção do paiz marcha nas vias do pgresso, mesmo depois da cessação do trafico da escravatura africana — vou desenvolver os calculos que produzi no capitulo anterior

Tratando da produção da gomma-elastica, estabeleci a comparação entre si das médias exportações de duas épocas distantes uma da outra doze annos; e porque póde ser attribuido o progresso demonstrado á marcha que tem tido o paiz nesse longo periodo, produzirei uma demonstração das exportações annuaes successivas, da qual se reconhece

que o progresso que apresentei, comquanto se realizasse n'uma escala gradativa ascendente, comtudo o maior desenvolvimento deste producto se realizou depois da extincção do trafico.

Fiz diversas considerações em ordem a provar que muito maior fôra o progresso demonstrado da extracção da gomma-elastica, se esse serviço fosse feito com mais affinco e dedicação; porquanto, sendo esta industria em quasi sua totalidade exercida pelos aborigenes, estes não se afadigão muito nos seus trabalhos, visto que não têm ambição alguma de accumular riquezas, cujo uso desconhecem; e não por indolentes, como geralmente têm sido propalado por viajantes que ligeiramente têm descripto os habitos e costumes dos aborigenes do Brazil.

Sendo o Pará uma das provincias do Imperio em que ha menor numero de escravos, quasi todos os trabalhos da lavoura, e colheita dos productos naturaes em que mais que nenhuma outra abunda, são desempenhados pelos caboclos; e como estes só trabalham quando sentem falta de algum objecto que lhes não póde ser supprido senão pela industria do homem civilisado, o seu serviço não é constante, porém continuamente interrompido; do que resulta que no Pará, a industria e o commercio poderião ser exercidos em muito maior escala, a não estarem sujeitos a estas contingencias.

A maior parte dos productos do Pará ainda hoje são preparados pela mesma fórma por que o erão ha um seculo; as artes industriaes são em geral desconhecidas nos centros daquella vasta e rica provincia.

A navegação por vapor, que ha pouco mais de cinco annos começou a sulcar os gigantes fluviaes tributarios do Grão-Pará, tem levado uma nova vida áquellas fertillissimas regiões; o commercio e a industria tendo a seu dispôr tão

poderoso agente, tem feito duplicar as rendas publicas nesse curto espaço de tempo. O vapor e a telegraphia electrica quando reunidos no Brazil, hão de fazer os mesmos prodigios que se observão com admiração nos Estados-Unidos da America.

Nos *Ensaios Chorographicos* de Baena, tratando da população do Pará, diz elle que, segundo um recenseamento feito em 1852, se calculavão os seus habitantes em 149,854 ; os quaes dividio em duas classes, brancos e caboclos, e escravos, a saber :

Livres	{	Branco e mestiços . . . . .	87,126	
		Caboclos. . . . .	32,751	
			119,877	almas.
Escravos			29,977	»
		Somma . . . . .	149,854	habitantes.

Resulta deste recenseamento que os livres estavão para os escravos na razão de 4 : 1, e que os caboclos constituão mais de  $\frac{1}{3}$  da população livre do Pará.

Segundo a geographia de Souza Brazil, a população do Pará em 1857 se elevava a 500,000 habitantes, sendo 268,000 livres e 52,000 escravos, sendo portanto a relação dos livres para os escravos de 8 : 1.

Infelizmente todos os elementos estatisticos sobre população do Brazil não repousão em bases exactas, e são fundados em meros calculos estimativos, pelo que não se pôde com certeza tirar as consequencias necessarias de taes principios.

Não se pôde, porém, negar que a população escrava tende a decrescer no Brazil, e principalmente nas provincias ao Norte de Pernambuco ; porquanto, além de diversas causas que actuão sobre a escravidão, desde que cessou o immoral

trafico da escravatura em 1851, as provincias do Sul principiãõ a fornecer-se nas do Norte dos escravos de que careciãõ para a sua grande lavoura, sendo que este commercio era animado pelo excessivo preço por que se pagavãõ os cativos; do que resultou essa forçada emigração dos escravos do Norte para o Sul do Imperio; mas mesmo assim a exportação dos principaes productos daquellas provincias continúa na sua marcha de progresso, como incontestavelmente o demonstrãõ os mappas de exportação da estatistica official.

Sendo como é feito todo o principal trabalho da provincia do Pará pelos indigenas, segue-se que é esta uma das que menos deve ter-se resentido da cessação do trafico dos africanos; bem como as outras, que, como aquella, poucos braços escravos empregãõ nos seus trabalhos industriaes; como, por exemplo, o Ceará e Rio-Grande do Norte, onde a maior parte de suas industrias é exercida por gente livre.

Feitas estas breves considerações, vou entrar nas demonstrações numericas, afim de provar as minhas anteriores proposições.

Ainda baseando-me nos dados que me fornecem as estatisticas officiaes, produzirei uma serie de exportações da gomma-elastica, partindo do exercicio de 1840—1841, e terminando no de 1857—1858. Dividirei este espaço de dezoito annos em tres periodos sexennaes, dos quaes os dous primeiros são anteriores, e o ultimo posterior á cessação da importação dos escravos africanos, assim procedendo com o fim de demonstrar que, depois da terminação daquelle immoral commercio, a producção da gomma-elastica tem tido muito maior desenvolvimento, como se evidencia dos numeros que vou produzir.

Antes de entrar nas apreciações estatisticas, permita-se-me que repita o que por mais de uma vez tenho dito: —



A cessação do trafico da escravatura ainda até ao presente não tem influido sobre a producção dos generos mais importantes da exportação nacional, e nem tão pouco pôde ser judiciosamente apresentada como causa principal da carestia dos generos alimenticios; porquanto, este flagello provém de outras fontes que brevemente terei de sondar, visto que só de mais tres productos do paiz tenho de occupar-me, antes de entrar no desenvolvimento das proposições que tenho emittido neste modesto escripto, que, se bem não trate de cousas novas, contém verdades de subido valor para quem quer estudar a marcha da producção nacional.

**DEMONSTRAÇÃO DA EXPORTAÇÃO DA GOMMA-ELASTICA EM BRUTO E EM OBRA NOS EXERCICIOS DE 1840 — 1841, 1857 — 1858, DIVIDIDOS EM TRES SEXENNIOS, SENDO DOUS ANTERIORES E UM POSTERIOR À CESSAÇÃO DO TRAFICO, POR QUANTIDADES E VALORES OFFICIAES.**

*Antes da cessação do trafico.*

	Exercicios.	Quantidade de $\text{c}^{\text{w}}$ .	Valores.
1º sexennio de	1840—1841 . . . . .	25,344	195:200\$000
	1841—1842 . . . . .	35,986	296:200\$000
	1842—1843 . . . . .	19,805	104:300\$000
	1843—1844 . . . . .	24,320	136:700\$000
	1844—1845 . . . . .	24,988	149:600\$000
	1845—1846 . . . . .	26,833	153:700\$000
	Média . . . . .	<hr/> 26,212 <hr/>	<hr/> 173:060\$000 <hr/>
2º sexennio de	1846—1847 . . . . .	35,469	178:000\$000
	1847—1848 . . . . .	48,701	220:900\$000
	1848—1849 . . . . .	51,547	257:400\$000
	1849—1850 . . . . .	59,878	375:000\$000
	1850—1851 . . . . .	94,978	1,046:600\$000
	1851—1852 . . . . .	107,007	861:600\$000
	Média . . . . .	<hr/> 66,266 <hr/>	<hr/> 489:910\$000 <hr/>

*Depois da cessação do trafico.*

3º sexennio de	{	1852—1853 . . . . .	109,619	1,407:800\$000
		1853—1854 . . . . .	157,420	3,571:300\$000
		1854—1855 . . . . .	195,285	2,830:500\$000
		1855—1856 . . . . .	144,677	2,278:100\$000
		1856—1857 . . . . .	111,908	1,596:200\$000
		1857—1858 . . . . .	109,344	1,243:300\$000
		Média . . . . .	<u>138,042</u>	<u>2,154:530\$000</u>

Procedendo-se á comparação entre os termos médios das exportações sexennaes, obtem-se os resultados que passo a demonstrar.

COMPARAÇÃO DAS MÉDIAS EXPORTAÇÕES SEXENNAES POR SUAS QUANTIDADES E VALORES OFFICIAES.

*Pelas quantidades.*

O 2º mais que o 1º . . . . .	40,054	@
O 3º mais que o 2º . . . . .	71,776	»
O 3º mais que o 1º . . . . .	111,830	»

*Por valores officiaes.*

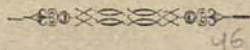
O 2º mais que o 1º . . . . .	316:850\$000
O 3º mais que o 2º . . . . .	1,664:620\$000
O 3º mais que o 1º . . . . .	<u>1,981:470\$000</u>

Resulta destas comparações conhecer-se que não só houve um grande augmento de producção, como grande accrescimento de valores exportados, os quaes se effectuarão nas seguintes razões :

O 2º sexennio produzio mais que o 1º, em relação á quantidade, na razão de 454 % ; e em relação aos valores, na de 180,5 %.

O 5º sexennio mais que o 2º, quanto á quantidade, na razão de 108,7 %; e quanto a valores, na de 540,4 %.

E, finalmente, que o 5º teve um excesso de producção e de valores sobre o 1º sexennio nas relações seguintes: quanto á quantidade, na razão de 450,1 %; e quanto a valores, na de 1,203,1 %! o que traduzido em vulgar quer dizer que a producção augmentou 4 vezes e  $\frac{1}{3}$ , e o valor 11 vezes  $\frac{1}{2}$ .



## XII

### DA HERVA MATE.

Agora vou occupar-me do fabrico e exportação da herva mate, cuja industria é especial das provincias do Paraná e Rio-Grande do Sul, e com a qual fazem ellas um importantissimo commercio de exportação para os Estados do Rio da Prata e outras Republicas do Sul da America.

Ainda em 1859 a herva mate figurava nos quadros das exportações dos productos nacionaes com o valor annual de 250:000\$, e actualmente esta industria tem tomado tal desenvolvimento que a sua exportação média se computa em 1,450:000\$ por anno, havendo quasi sextuplicado no espaço de vinte annos, e se tornado o principal ramo do commercio de exportação da provincia do Paraná.

A arvore de cujas folhas se fabrica o mate é silvestre, e nenhum trabalho com ella despendem os que se occupão desta industria; sendo aborigene do sul do Imperio, vegeta

espontaneamente nas matas do Paraná e Rio-Grande; contudo já houve muito maior quantidade desta arvore em outros tempos, e sensivelmente se vai reconhecendo a sua diminuição, e de todo terá de desaparecer se em tempo não tratar-se do seu plantio, e mesmo da conservação das que existem nas selvas.

É difficil de acreditar-se, porém é uma verdade incontestavel, que uma arvore que offerece espontaneamente os seus productos para uma industria tão importante, como seja a da fabricação do mate, tenha sido e continue a ser destruida por aquelles mesmos que della tirão os meios de sua subsistencia, e talvez os capitaes que accumulão; isto porque em geral não se olha senão para o dia de hoje, e porque o porvir é de Deos.

O processo empregado na fabricação do mate é o mais simples possivel, porquanto se reduz a em certa época do anno decotar a arvore de seus mais tenues e viçosos ramos, e depois deposita-los em giráos, por baixo dos quaes fazem acender um fogo lento, de fórma que o calor vá gradativamente torrando as folhas e as pequenas asteas sem queimá-las: concluido este primeiro processo da torrefacção, são lançados esses galhos em toscos pilões onde se reduzem a pó, feito o que trata-se do ensacamento; e nisto consiste toda a preparação deste producto.

Na provincia do Paraná tambem se prepara uma outra especie de mate sómente das folhas da arvore, a qual depois de torrada não se reduz a pó: este mate assim preparado se destina a ser tomado de infusão como o chá commum; mas esta qualidade especial não tem aceitação entre os apreciadores dos Estados do Sul da America, que são os principaes consumidores deste producto, e o tomão em pequenas cabacinhas, por meio de uma bomba apropriada,

É pois bem simples o preparo e fabrico do mate, e de certo póde ser muito melhorado, do que resultaria maior valor para esta industria; porquanto, é evidente que o systema empregado na sua torrefacção não é o mais coveniente, visto que a fumaça proveniente das materias que alimentão o fogo collocado por baixos girãos communica ao mate um gosto e cheiro desagradavel, que só com o decurso do tempo vem a perder, e isto se evitaria submettendo a torrefacção da herva a outro processo mais melhorado; como, por exemplo, usando de fornos apropriados, ou mesmo de cylindros com as necessarias dimensões, porém á semelhança dos que se empregão para torrar o café.

Disse que se se não tomar em tempo as necessarias providencias, a arvore do mate terá de desaparecer, e isto porque observo que em algumas localidades da provincia do Rio-Grande do Sul, onde abundava esta arvore, hoje é ella muito rara; occasionando essa decadencia a fórma pouco methodica por que procedem os fabricantes na decotação dos galhos para o preparo deste producto; porquando, em vez de procurarem não destruir a arvore, o contrario fazem despindo-a de todas as suas folhas, e cortando ou esgaçando os galhos finos e grossos indistinctamente, de sorte que vai ella perdendo annualmente a sua força vegetativa, terminando a final por seccar e morrer.

Consta-me que na provincia do Paraná o mesmo succede em referencia á maneira por que se procede á decotação do mate, pelo que tambem nesta provincia vai aquella arvore diminuindo; e emquando é tempo convém tomar providencias em ordem não só a prohibir a sua total destruição, como mesmo a determinar a sua cultura, visto que se assim não proceder-se essa principal industria definhará, e com ella a fonte mais importante do commercio de exportação daquella provincia,

48

Os padres da companhia de Jesus, que bem sabião calcular e acautelar os seus interesses, reconhecendo o grande valor commercial da herva mate, fizeram nas sua missões do Uruguay grandes plantações desta arvore, e della fabricavão avultadas porções de mate, do qual fazião um importante commercio, fornecendo os Estados da Prata, então provincias hespanholas.

Ainda existe em não pequena parte esses hervaes, dos quaes se prepara o melhor mate que produz a provincia do Rio-Grande do Sul, e que é conhecido no mercado pelo nome de herva missioneira.

Alguns fazendeiros industriosos daquella provincia, a exemplo do que em outras épocas fizeram os jesuitas, tem mandado cultivar o mate em suas fazendas; e disso sem duvida ha de resultar-lhes um bom interesse. A cultura desta arvore não depende de muito cuidado, porque é aborigene do sul do Brazil, e por essa razão se propaga com facilidade; e do que segue-se que sem grande trabalho se podem formar vastos hervaes.

Tem-se observado que o mate cultivado desenvolve maior vegetação, e torna-se uma arvore muito mais frondosa do que a selvatica, bem como se melhora na sua especie; consequentemente fornece um lucro superabundante ao trabalho empregado.

Duas são as especies de mate, uma que se chama herva mansa, e outra herva caúna; a primeira é mais apreciada, e tem por isso muito maior procura ao mercado; e a segunda pouco apreço lhe dão por causa do seu excessivo amargo: esta mesma especie sendo cultivada perde em grande parte um sabor acre que tem, e se torna supportavel ao paladar, portanto, ainda por mais esta razão será de conveniencia a sua cultura.

Aos legisladores provinciaes é que mais cumpre velar sobre industrias de suas provincias, formulando leis adequadas ás necessidades e interesses de seus comprovincianos, e mesmos as camaras municipaes, por meio de posturas, deverão vedar a destruição de taes arvores, e recommendar a sua cultura, pois, melhor que ninguem, devem conhecer as conveniencias de seus municipales.

Nos Estados do Prata e nas outras republicas do sul da Amamerica o mate é o chá quotidiano, e mesmo direi de todo o momento, porquanto não existe um só habitante daquellas regiões, por mais pobre que seja, que não faça um continuado uso do mate; é como uma especie de vicio o tomar-se mate com assucar, e mesmo sem elle; chamão a esta ultima fórma de usa-lo *mate simarron*.

O consumo deste producto é immenso, porque é hoje uma necessidade para os habitantes daquelles Estados, como é para nós o chá e o café, e felizmente nós não temos competidores nos seus mercados além do Paraguay; portanto, cumpre não desprezar uma industria tão importante e lucrativa, qual é a da fabricação do mate.

Tendo assim dado uma abreviada noticia da fabricação deste producto nacional, passarei a tratar do seu commercio de exportação, antes e depois da cessação do trafico dos Africanos, afim de poder provar que, mesmo a despeito da maneira por que tem sido tratada a arvore do mate, esta industria marcha nas vias do progresso, tendo muito augmentado a sua exportação nestes ultimos annos.

Recorrendo-se ás estatisticas officiaes, se reconhecerá que a exportação do mate no quinquennio decorrido do 1859 a 1844 foi muito menor que a relizada no quinquennio de 1852 a 1857; e porque sobre estas duas épocas se tem baseado todas as minhas comparações estatisticas, por cohe-



rencia de principio ainda dellas me servirei para em seguida desenvolver por exercicios successivos a exportação deste importante ramo do nosso commercio de exportação, e desta fórma poder melhor provar a minha these, a qual é que —até o presente o paiz não se resente de falta de braços que se possão occupar da industria agricola: eis a prova.

**DEMONSTRAÇÃO DA HERVÁ MATE EXPORTADA NO QUINQUENNIO DE 1839 A 1844 E NO DE 1852 A 1857, COMPARADAS POR SEUS TERMOS MÉDIOS EM QUANTIDADES E VALORES OFFICIAES.**

	Épocas.	Quantidades.	Preço médio.	Valor exportado.
Termo médio	{ 1839—1844	168,891	a 1\$682	284:078\$000
	{ 1852—1857	299,379	a 4\$460	1,335:634\$000
Augmento . . . . .		<u>130,488</u>	a <u>2\$778</u>	<u>1,051:606\$000</u>

Resulta desta demonstração conhecer-se, que o fabrico e exportação deste producto da industria nacional teve um progresso admiravel no espaço de tempo demonstrado; porquanto, augmentou em relação quantidade á exportada na razão de 77,7 por cento; quanto ao preço da arroba, experimentou uma alça na razão 165,1 por cento; e finalmente, em referencia ao valor exportado se elevou na razão de 370,2 por cento.

Em vista de um tão lisongeiro progresso, como propalar-se na opinião publica que tudo definha no Brazil por falta de braços, e que a cessação do trafico dos Africanos foi uma calamidade para o paiz ? !...

Não se attribua porém a que este crescimento de produção é devido á distancia das duas épocas que acabei de comparar, porque a observação da marcha successiva das exportações por exercicios vem mais firmar a minha these de que

— a produção de todos os generos que alimentão o nosso commercio de exportação tem muito augmentado depois da cessação do commercio da escravutura.

Como tenho por costume não avançar um só proposição sem produzir as provas numericas, ali se seguem ellas :

**DEMONSTRAÇÃO DA HERVA MATE EXPORTADA NOS EXERCÍCIOS DE 1840—1841 ATÉ 1857—1858, DIVIDIDA EM TRES PERIODOS SEXENNAES, DOS QUAES OS DOUS PRIMEIROS ANTERIORES E O ULTIMO POSTERIOR À CESSAÇÃO DO TRAFICO, COMPARADOS POR SEUS TERMOS MÉDIOS EM QUANTIDADES E VALORES OFFICIAES.**

	Exercícios.	Quantidade de c.	Valor exportado.
<i>Antes da cessação do trafico.</i>	1840—1841 . . . . .	181,365	289:500\$000
	1841—1842 . . . . .	161,475	272:700\$000
	1842—1843 . . . . .	168,651	313:900\$000
	1843—1844 . . . . .	161,404	317:600\$000
	1844—1845 . . . . .	202,022	381:400\$000
	1845—1846 . . . . .	173,853	362:300\$000
	Média . . . . .	174,795	322:900\$000
	1846—1847 . . . . .	204,009	379:600\$000
	1847—1848 . . . . .	311,238	590:200\$000
	1848—1849 . . . . .	381,251	719:400\$000
	1849—1850 . . . . .	380,808	651:100\$000
1850—1851 . . . . .	347,069	570:700\$000	
1851—1852 . . . . .	497,929	890:900\$000	
Média . . . . .	353,722	633:650\$000	
<i>Depois da extincção do trafico.</i>	1852—1853 . . . . .	322,582	554:300\$000
	1853—1854 . . . . .	472,683	851:900\$000
	1854—1855 . . . . .	406,682	857:200\$000
	1855—1856 . . . . .	465,421	1,785:500\$000
	1856—1857 . . . . .	517,728	2,637:700\$000
	1857—1858 . . . . .	404,271	2,071:100\$000
Média . . . . .	431,561	1,458:780\$000	

Procedendo-se á comparação das exportações médias dos tres sexennios se chega á seguinte conclusão :

	Quantidades.		Valor em rs.
O 2º mais que o 1º. .	178,927	@ e em valor mais	310:750\$
O 3º mais que o 2º. .	77,839	» e em valor mais	825:130\$
O 3º mais que o 1º. .	<u>256,766</u>	» e em valor mais	<u>1,135:880\$</u>

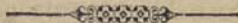
Consequentemente o progresso da producção e exportação da herva mate se realizou nas seguintes razões :

Do 2º sobre o 1º sexennio, quanto á quantidade, na razão de 102,8 % ; e em referencia ao valor, na de 96,2 %.

Do 3º sobre o 2º sexennio, quanto á quantidade, na razão de 22,5 % ; e em referencia ao valor, na de 150,2 %.

E, finalmente, do 3º sobre o 1º sexennio, quanto á quantidade, na razão de 124,85 % ; e em referencia ao valor, na de 226,4 %.

Tenho pois concludentemente demonstrado que a herva mate tambem segue na sua marcha constante de progresso, assim acompanhando os outros productos nacionaes de que tenho tratado.



## XIII

### DA AGUARDENTE.

Já em outros capitulos demonstrei o augmento que têm tido seis dos principaes productos da industria nacional que alimentão o nōsso commercio de exportação, seguindo nessas demonstrações a ordem dos seus valores; e como ainda me resta demonstrar o progresso de mais dous outros productos do paiz, vou neste capitulo occupar-me da fabricação e commercio da caxaça ou aguardente de canna.

Não desconheço que sendo este um dos productos cuja materia prima é a canna, devia delle ter tratado conjuntamente, ou em seguida do assucar; mas como neste meu escripto não tenho attendido ás especies, e tão sómente á ordem dos valores com que figurão nos quadros estatisticos da exportação nacional, é agora este o lugar competente para tratar da aguardente de canna, visto ser o seti-

mo producto do commercio de exportação do paiz, em relação ao algarismo que representa.

A aguardente de canna é um dos productos da industria nacional que está sobrecarregado de mais onerosos impostos, os quaes lhe tem sido lançados pelas assembléas provinciaes; porquanto, os impostos sobre a caxaça constituem uma das verbas da receita das provincias, e só no municipio da côrte são arrecadados para a renda geral.

As elevadas taxas lançadas nas provincias, e mesmo no municipio neutro, sobre a aguardente de canna, têm por fim diminuir a sua fabricação, e augmentar a do assucar; e bem assim vedar indirectamente o seu extraordinario consumo interno; porquanto, não ha quem ignore o abuso que fazem os eseravos africanos desta bebida alcoolica, a qual lhes estraga a saude e apressa a morte, em pura perda dos capitaes nelles empregados.

E', pois, bem visivel que qualquer dos fins almejados pelos legisladores encerrão principios de utilidade geral para o paiz; mas, força é confessar, não têm produzido os effeitos desejados, e isto pelas causas que resumidamente passo a enumerar.

No nosso paiz, todo o plantador de canna entende que deve ser fabricante de assucar, aguardente ou rapadura; e quando pôde dispôr das necessarias forças para montar um engenho de assucar, torna-se fabricante desta especie, e só manda fazer a caxaça secundariamente, e para aproveitar o caldo da canna que não pôde ser convertido em assucar. Se porém o cultivador de canna não possui os capitaes e os braços necessarios para estabelecer um engenho de assucar, elle se provê de alambique, e exclusivamente se occupa da fabricação da caxaça. Finalmente, quando nem mesmo para compra de alambiques chiegão

as forças do pequeno cultor de canna, mune-se este de tachos ou caldeiras, e exclusivamente se emprega em fabricar rapaduras e melaço.

Deste mal pensado systema de todos quererem ser agricultores e fabricantes, procede a existencia de tão grande numero de pequenos engenhos de assucar, e de muito maior quantidade de engenhocas de fazer caxaça e rapaduras; sendo sem duvida esta a causa principal da improfficiencia dos effeitos previstos pelos legisladores.

Quando o lavrador brasileiro chegar a convencer-se de que o seu principal mister deve ser produzir a materia prima para fornecer ao fabricante os elementos de que elle carece, abandonará essa rotineira e absurda pratica de querer ser, sem as necessarias possibilidades, lavrador e fabricante; o que só pôde comportar aquelle que dispõe de abundantes capitaes.

Actualmente os lavradores de canna que dispoem de poucas forças só plantão a que podem desmanchar nas suas engenhocas; se porém elles, reconsiderando melhor seus interesses, se resolverem a ser exclusivamente plantadores, poderão estender mais as suas lavouras, e dellas recolher maiores lucros e vantagens; ou vendendo a canna cortada, ou na terra aos fabricantes, ou então fazendo-a fabricar por sua conta, ou de parceria.

As novas machinas turbinas e centrifugas produzem em muito menor tempo maior quantidade de assucar, e de superior qualidade ao fabricado nos engenhos do antigo systema, nos quaes, além de mil imperfeições e desperdicios, é preciso seguir-se esse complicado systema de que trata Antonil na sua obra da — Cultura e opulencia do Brazil, — que todo tem por base a força bruta, e nenhuma applicação mecnica.

52

Para que as industrias se melhorem é indispensavel que se separem, e sejam exercidas cada qual de per si; visto que a continuada observação do executor de uma especie de trabalho vai-lhe apontando os meios de corrigir as imperfeições de que se resente: se pois queremos melhorar os productos da industria nacional, devemos trabalhar em ordem, e no sentido a convencer o lavrador brasileiro de que deve sómente occupar-se de plantar e colher os productos de sua lavoura, ficando ao cargo do fabricante o manufactura-los.

O estabelecimento das novas machinas depende do emprego de avultados capitaes, pelo que poucos fazendeiros estão no caso de os despender, ficando-lhes as sommas indispensaveis para adquirir os necessarios trabalhadores que tem de empregar nas suas lavouras; sendo portanto mais esta uma valiosa razão para que o lavrador e o fabricante sejam pessoas distinctas, formando cada qual a sua especialidade.

Nos mais adiançados paizes da Europa a divisão do trabalho e das industrias se acha estabelecida ha muitos annos, e só depois de ser adoptado tal systema é que começãrão a apparecer os melhoramentos e o progresso que se observa entre aquelles povos.

Um senhor de engenho terá todo seu tempo occupado sómente cuidando na conservação e melhoramento de suas machinas, bem como no estudo e aperfeiçoamento dos seus productos; outro tanto acontecerá ao lavrador intelligente e industrioso, que não poderá desperdiçar uma só hora dos seus estudos e observações agronomicas.

Estudar os effeitos mecanicos dos seus estabelecimentos, e ver com olhos observadores quaes os melhoramentos de que carecem, é uma occupação que demanda bastante

perseverança, e exclue qualquer distracção para outro ramo de estudo.

Reconhecer as terras e a marcha das estações, e escolher as melhores sementes, bem como os methodos de cultura mais convinhaveis a cada terreno, é trabalho mais que sufficiente para occupar o homem scientifico e laborioso.

Se no começo de nossos estabelecimentos ruræes tivesse havido mais algum cuidado, ou antes, se ao menos fosse attendida uma parte da sciencia, as matas não serião destruidas pelo ferro e fogo, e as chuvas continuarião nos seus periodos regulares: ainda agora as fontes manarião a abundancia de agua para rega e fertilisação das lavouras, e as estações não terião soffrido a sensivel alteração que se observa.

De tudo quanto acabo de referir concluo que a producção da aguardente de canna provém em maior parte desses insignificantes engenhos ou engenhocas, os quaes são estabelecidos pelos pequenos agricultores, que entendem para si que quem planta canna deve fabrica-la.

Não é sem um fim que apresento estas considerações, visto que dellas me vou servir para demonstrar minha these—que a grande lavoura dos generos exportaveis absorveu as forças productoras da pequena lavoura em algumas provincias do Imperio—, o que se verá dos dados estatisticos que vou produzir.

Conform os mappas officiaes, se reconhece que a aguardente de canna tem acompanhado o progresso geral de todos os outros productos nacionaes que alimentão o nosso commercio de exportação; mas estudando-se esse progresso por provincias, se verifica que naquellas em que o café forma a principal base de sua industria agricola, tem diminuido a producção da caxaca; ao mesmo passo que muito tem



augmentado n'outras em que o café não é o primeiro producto agrícola, o que prova absorpção dos braços empregados nesta pequena industria, para se irem dedicar á grande lavoura do café.

Considerarei primeiramente a exportação da aguardente de canna em geral, para depois fazer breves considerações em ordem a demonstrar a proposição acima enunciada: para ser coherente com o plano que adoptei, vou comparar a exportação média de uma época anterior á cessação do trafico dos Africanos com a média exportação de outra época, em que se achava extinto esse barbaro commercio de carne humana; dest'arte provando que a cessação do commercio da escravatura ainda até ao presente não tem influido, como se pretende, para a diminuição da producção agrícola do Brazil.

COMPARAÇÃO DA EXPORTAÇÃO MÉDIA DA AGUARDENTE DE CANNA EFFECTUADA NO QUINQUENNIO DE 1839—1844 COM A REALIZADA NO QUINQUENNIO DE 1852—1857, POR QUANTIDADES E VALORES OFFICIAES.

Epocas. Termo médio.	Quantidades.	Preço médio.	Valor exportado.
De 1839—1844 . . . . .	2,079,517 med.	\$234	486:607\$000
De 1852—1857 . . . . .	2,224,350 »	\$420	943:887\$000
	144,833 »	\$186	457:280\$000

Desta comparação se reconhece que no ultimo quinquennio houve um augmento de exportação, e consequentemente de producção, o qual se realizou, em referência á quantidade, na razão de 6,9 %; quanto ao preço da canna ou medida, na de 79,4 %; e, finalmente, em relação ao valor exportado, o augmento foi effectuado na razão de 94,09 %.

Deixando, porém, de considerar a exportação no seu todo, e passando a observa-la com relação ás principaes

provincias que exportão a aguardente de canna, se verá que a do Rio de Janeiro tem diminuído a sua produção a quasi um terço, ao mesmo passo que a de Pernambuco tem-a augmentado na razão inversa daquella diminuição; isto é tem quasi que triplicado, como passo a demonstrar com dados estatísticos officiaes.

RIO DE JANEIRO.

*Exportação da aguardente*

Em 1849—1850. . . . .	687,513	medidas.
» 1853—1854. . . . .	295,953	»
	<hr/>	
Diminuição e . . . . .	391,560	»

PERNAMBUCO.

*Exportação da aguardente.*

Em 1849—1850. . . . .	345,381	medidas.
» 1853—1854. . . . .	966,573	»
	<hr/>	
Augmento. . . . .	621,192	»

Deduzo destas comparações: que a produção da aguardente de canna na provincia do Rio de Janeiro diminuiu na razão de 56,9 %; ao mesmo passo que augmentou na de Pernambuco na de 181 %.

Para não alongar mais este capitulo não demonstrarei numericamente que estes mesmos factos se observão em relação ás provincias de Santa-Catharina e de S. Paulo, havendo naquella augmentado e nesta diminuído a produção da aguardente de canna.

E porque, tanto na provincia do Rio de Janeiro como na de S. Paulo, a cultura do café fórma actualmente a base principal de sua riqueza agricola, prova-se a minha propo-

sição de que — a lavoura do café tem absorvido em maior parte os braços que d'antes se applicavão em outras especies de agricultura—.

Passarei por conclusão a demonstrar o progresso que tem tido o fabrico da aguardente de canna nos exercicios decorridos desde 1840—1841 a 1857—1858, os quaes dividirei em tres periodos sexennaes, sendo os dous primeiros anteriores, e o ultimo posterior á terminação do trafico da escravatura africana.

DEMONSTRAÇÃO DA EXPORTAÇÃO DA AGUARDENTE DE CANNA RELATIVA AOS EXERCICIOS DE 1840—1841 A 1857—1858, POR QUINTIDADES E VALORES OFFICIAES.

	Exercicios.	Quantidade de medidas.	Valor exportado.
<i>Antes da extinção do trafico.</i>	1840—1841 . . . .	1,850,430	442:000\$000
	1841—1842 . . . .	3,725,857	463:000\$000
	1842—1843 . . . .	1,410,303	351:500\$000
	1843—1844 . . . .	1,968,421	541:800\$000
	1844—1845 . . . .	3,066,069	615:700\$000
	1845—1846 . . . .	3,136,120	626:900\$000
	Média . . . . .	2,526,200	507:650\$000
	1846—1847 . . . .	2,056,942	416:700\$000
	1847—1848 . . . .	2,307,782	666:000\$000
	1848—1849 . . . .	2,981,421	955:800\$000
	1849—1850 . . . .	2,932,609	604:300\$000
	1851—1851 . . . .	2,378,641	388:600\$000
	1851—1852 . . . .	2,362,848	467:100\$000
Média . . . . .	2,5 3,373	588:080\$000	
<i>Depois de extinto o trafico.</i>	1852—1853 . . . .	2,512,338	598:600\$000
	1853—1854 . . . .	3,106,765	922:400\$000
	1854—1855 . . . .	3,689,614	1,300:600\$000
	1855—1856 . . . .	2,489,451	874:600\$000
	1856—1857 . . . .	2,092,532	1,023:100\$000
	1857—1858 . . . .	2,375,311	1,318:300\$000
Média . . . . .	2,709:501	1,006:260\$000	

Da comparação das exportações médias destes tres periodos se reconhece que a fabricação da aguardente de canna marcha nas vias do progresso, acompanhando os outros productos que alimentão o nosso commercio de exportação.

Devo porém observar que muito maior seria o augmento deste producto da canna de assucar se ella não tivesse muito diminuido na sua cultura em algumas provincias do Imperio, que a abandonárão pela plantação dos cafezeiros; porém ainda assim, da comparação dos termos médios dos tres sexennios acima demonstrados, se verifica em ultimo resultado que houve um augmento de producção na razão de 8,24 por cento; e que o seu valor se elevou no total exportado na razão de 71,12 %.



## XIV

### DO CACÁO.

Tendo-me até agora occupado com a demonstração do augmento que têm tido em sua producção os sete artigos que mais avullão no commercio nacional de exportação, vou terminar esta parte do meu insano trabalho, tratando da cultura e exportação do cacáo, oitavo producto de nossa industria agricola, segundo a ordem que lhe assignão os algarismos dos mappas do commercio nacional com os paizes estrangeiros; feito o que, farei uma comparação em geral de todos os valores exportados com os importados, afim de poder entrar na analyse das causas que têm actuado para a alza dos preços de todos os generos alimenticios no Brazil.

Não desconheço quanto é difficil a questão que vou enunciar; mas, já que a ella dei começo, hei de leva-la ao seu fim, para conseguir o qual estou fazendo um pesadissimo sacrificio do tempo que me não sobrava, e que emprego em re-

colher e compulsar dados, estudar as questões, calcular e escrever nas poucas horas que me restavão para repousar das fadigas dos meus continuos trabalhos diarios.

Fazendo estas breves considerações, não tenho por fim encarecer e encomiar este exiguo escripto, mas de alguma fórma pedir desculpa para as innumeradas faltas de que deve elle estar cheio: só quem se occupa destas questões poderá bem avaliar as difficuldades com que tenho lutado para apresentar o pouco que tenho collegido, o que mesmo assim, me parece ser de grande interesse para o paiz; visto que a estatistica nunca é minuciosa de mais; sempre as suas demonstrações servem para esclarecer alguma questão.

O commercio de cacáo é hoje em dia um dos ramos importantes da nossa exportação, pois que se eleva a um valor médio annual de 908:000\$; tendo, no exercicio de 1857—1858, montado á grande somma de 1,656:000\$000.

A maior parte, isto é, quatro quintas partes do cacáo que exportamos, é produzido na provincia do Pará, onde se colhe dos cacoeiros silvestres e dos cultivados; e a outra quinta parte procede da provincia da Bahia, que cultiva o cacoeiro desde 1780 nas suas comarcas de Valença, Camamu e Ilhéos, das quaes actualmente exporta, termo médio, por anno 50,000 arrobas, representando um valor de 108:000\$000.

Na provincia do Rio de Janeiro, e mesmo em algumas outras do Imperio, se cultiva o cacoeiro, porém em tão diminuta escala que nenhum vulto faz na massa geral deste producto.

Tão vantajosamente considerava a cultura do cacáo o conselheiro Ferreira da Camara, que já em 1789, em uma memoria que escreveu para a Academia Real das Sciencias de Lisboa, aconselhava a sua cultura, e dizia que a plantação

dos cacoeiros devia na Bahia ser preferida á da canna do assucar, não só porque era mais lucrativa, como por ser menos dispendiosa ; e estabelecendo uma comparação entre a cultura e producto de uma e outra especie, demonstrou que a despeza e producção do cacáo estava para a da canna na razão de 20 para 1 ; isto é, que os lucros do assucar, em ultimo resultado, estavam para os lucros do cacáo assim como 1 para 20,

Este bem elaborado escripto de um homem que gozava de tão grande reputação fez com que a cultura do cacáo tomasse maior desenvolvimento na provincia da Bahia, e que hoje se ache em bom pé de andamento, que muito maior seria se não fosse a preferencia que nos ultimos tempos tem tido a cultura do café naquella provincia.

Na provincia do Pará a arvore que produz o cacáo é silvestre, e abunda em quasi todas as margens dos seus gigantes rios, e com especialidade junto da villa de Borba ; comtudo não são raros os individuos que se têm entregado ao cultivo do cacoeiro ; sendo porém para lamentar-se que essa cultura não se tenha methodisado no Pará, porquanto ainda hoje se pratica na cultura, colheita e manipulação do cacáo pela mesma fórmula por que se procedia ha um seculo, como mais para o diante demonstrarei.

Segundo o *Compendio das Éras*, escripto por Baena, se reconhe que antigamente o cacáo colhido e exportado muito avultava ; e, conforme refere o mesmo Baena, esse producto de certa época em diante experimentou sensivel diminuição.

Facil me parece de explicar essa diminuição de producção do cacáo, porquanto de Berredo se colhe que os jesuitas em suas missões do Pará tinham arregimentado grande quantidade de aborígenes, aos quaes empregavão na cultura e co-

lheita dos productos agricolas e naturaes dô paiz, e que depois da extincção daquelles padres forão dispersos os seus aldeamentos ou missões, indo-se pelo correr dos tempos fundindo na população civilisada da provincia.

Sem duvida que os aborigenes, entregues a si, não empregarião os mesmos esforços que quando doutrinados e compellidos pelos jesuitas; além de que com o augmento das povoações, e maior numero de povoadores, o cacoeiro silvestre foi-se tornando menos abundante, porque o systema de ferro e fogo era empregado para abrir espaço nas matas seculares ás novas plantações das especies leguminosas. Sem duvida que estas são as causas primordiales da diminuição da colheita do cacáo.

Do citado *Compendio das Éras* se vê que nos annos de 1780 a 1789 se computou a exportação do cacáo do Pará para a Europa em 619,259 arrobas, e nos annos de 1790 a 1800 em 810,538 arrobas; o que dá para a primeira época uma média exportação annual de 61,925 arrobas, e para a segunda de 75,667 arrobas; quantidades estas muito avultadas para aquelles tempos em que o commercio do Brazil se achava encadeado pela metropole, que não admittia concurrentes estrangeiros.

O cacáo do Pará em cousa alguma é inferior ao melhor cacáo produzido no Haity, Cuba, Mexico, etc.; porém ainda até bem pouco tempo tinha nos mercados da Europa um valor muito inferior ao produzido naquelles Estados, e isto sem duvida devido á fórma pouco conveniente, e mesmo direi prejudicial, por que este producto era tratado, e ainda é em maior parte nas suas colheitas e despoltamento; do que procedia apodrecer em muito pouco tempo, e por essa causa tornar difficil a sua conducção nas longas viagens; parece finalmente que os cultivadores desta fonte



de riqueza nacional vão tratando de melhora-la, se bem que com muita lentidão.

Para que se possa fazer uma approximada idéa da cultura e processos empregados na colheita e despulpamento do cacáo, farei resumidamente uma descripção desses trabalhos.

Os cultivadores do cacoeiro fazem suas derrubadas ás margens dos rios, e, depois de lançarem o fogo ás arvores cortadas, tratão da plantação das sementes do cacáo, a qual se reduz a fazer pequenas covas e lançar nellas a semente; porém como a intensidade do sol na provincia do Pará de alguma fórma aniquila a nova vegetação, para isto prevenirem, plantão bananaes nos lugares em que semeárão o cacáo, assim conseguindo abrigar a arvore, emquanto fragil, dos raios solares e da rigidez dos tufões; e dentro de tres annos está o cacaoal crescido e dando abundantes frutos.

Procede-se á colheita quando se reconhece que a fruta está madura; porém a maneira de effectua-la é muito inconveniente e prejudicial, não só para a arvore que produz o fruto, como para os interesses do lavrador, como vou demonstrar.

Chegado o tempo da colheita, o agricultor reúne sua familia, convida seus vizinhos, e embarção em canoas e se dirigem para o cacaoal, munidos de compridas varas com uma forquilha na ponta, as quaes servem para prender o pedunculo da fruta, que torcem e puxão, assim abalando a arvore e esgaçando não raras vezes os seus ramos. A fruta vem cahir ao chão, machucando a sua parte polposa, que encerra grande copia de materia sacarina.

Depois de terem posto no chão grande quantidade de frutas, as carregão a granel em uma canoá, e as conduzem

para o lugar da fazenda, onde são descarregadas em montes no terreiro, ou quando muito em mal construidos alpendres, e n'outro dia voltão a continuar na colheita; de sorte que o cacáo colhido se conserva tres e mais dias amontoado, e com o excessivo calor fermenta a parte polposa em que se acha apinhada a amendoa, a qual por isso soffre tambem deterioração na sua parte oleosa.

Concluida a colheita, trata-se do despolpamento, que se reduz a dar um talho na fruta para abri-la; feito o que, extrahe-se a amendoa do cacáo e se põe a seccar no chão, ou em tendaes. Eis a que actualmente se reduz a cultura, colheita e preparo do cacáo do Pará.

Muitos melhoramentos se podem fazer neste ramo de nossa industria agricola em beneficio de seu producto, e com recohecidas vantagens do lavrador que della se occupa, dos quaes não tratarei, como era conveniente, e só apontarei de passagem alguns melhoramentos mais urgentes.

Primeiramente a plantação devia ser feita, não nas margens e bordas dos rios, porém, pelo menos, com braças dellas alongada; porque assim não serão tão facilmente destruidos os cacaoes pelos esbroamentos que causão as enchentes nas margens daquelles rios, e até ficarião mais abrigados os cacoeiros dos ventos e dos sóes pelas frondosas arvores que bordão as margens dos rios do Pará.

Conviria tambem, em vez de varas com forquilhas para a colheita, adaptar á ponta dessas varas um ferro curvo cortante, e um pequeno balaio que recebesse a fruta depois de deslocada do pedunculo, para não cahir no chão, machucando a massa polposa que contém.

Seria muito vantajoso para a amendoa que, logo no mesmo dia da colheita, se procedesse ao seu despolpamento, porque assim não soffreria a fermentação que

altera as suas qualidades oleosas ; além de que podia ser aproveitada a parte polposa do cacáo para a fabricaçaõ de assucar, ou pelo menos de superior aguardente, visto que nessa polpa se contém grande quantidade de materia sacarina ; tanto que, sem se lhe juntar assucar, fazem nas fazendas, em occasião das colheitas, um doce saboroso, só pelo meio do cozimento daquella polpa.

Estes são em resumo os principaes e mais instantes melhoramentos que reclama esta industria, que tanto concorre para o nosso commercio de exportação, e que ainda mesmo agora é tratada como era no começo de sua cultura pelos jesuitas.

Tendo assim dado esta abreviada noticia sobre o cacáo, passarei a tratar da sua exportação, para o que tenho de remontar-me ao quinquennio decorrido de 1859 a 1844, e tomando a sua exportação média a compararei com a do quinquennio de 1832 a 1837, assim circumscrevendo este producto aos limites em que fixei as minhas comparações estatisticas, com referencia aos outros de que tenho tratado nos anteriores capitulos, afim de provar que a nossa produção não tem diminuido até ao presente, como se pretende, dando-se como causa a cessação do trafico da escravatura africana.

Das comparações que vou fazer se reconhecerá que o cacáo, como o café, assucar, algodão, etc., marchão nas vias do progresso, mesmo depois da extincção do trafico ; deixarei porém de mais dizer a respeito, porque os numeros melhor convencerão do que os meus argumentos escriptos ao correr da penna.

53

**COMPARAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES MÉDIAS DO CACÁO, REALIZADAS NOS QUINQUENNIOS DE 1839—1844 E 1852—1857, POR SUAS QUANTIDADES E VALORES OFFICIAES.**

Épocas.	Quantidade de @.	Preço médio.	Valor exportado.
Exportação média de			
1839—1844 . . . . .	170,820	2\$415	412:531\$000
1852—1857 . . . . .	153,349	4\$947	758:472\$000
Differença . . . . .	17,471	2\$532	345:941\$000

Desta comparação se reconhece que a quantidade do cacáo exportado no ultimo quinquennio foi menor na razão de 10,2 %, tendo porém se elevado no preço da arroba na razão de 105,2 %, e conseguintemente no valor exportado na de 64,5 %.

A diminuição que se observa na quantidade exportada não prova decrescimento successivo da producção do cacáo, porém temporaria, porquanto nos exercicios de 1854 a 1856 a colheita foi menor que a metade da do exercicio de 1855 a 1854, como se póde verificar da demonstração da exportação por exercicios que adiante se segue.

Se porém compararmos os dous ultimos exercicios com os em que houve menor colheita, ficará provado que a sua producção foi quasi que dupla, o que importa o mesmo que dizer-se que este producto tornou a entrar na marcha regular do seu progresso, como passo a fazer visivel com a demonstração das exportações successivas effectuadas nos exercicios decorridos de 1840—1841 a 1857—1858. Eis essa demonstração :

**DEMONSTRAÇÃO DO CACÁO EXPORTADO NOS EXERCÍCIOS DE 1840—1841 ATÉ 1857—1858, DIVIDIDOS EM TRES PERIODOS SEXENNAES, DOS QUAES OS DOUS PRIMEIROS ANTERIORES E O ÚLTIMO POSTERIOR À CESSAÇÃO DO TRAFICO DOS AFRICANOS, COMPARADOS PELOS TERMOS MÉDIOS DAS EXPORTAÇÕES DESTAS ÉPOCAS, PELAS QUANTIDADES E VALORES OFFICIAES.**

Exercícios.	Quantidade de @.	Valor exportado.
1840—1841 . . . . .	139,249	385:000\$000
1841—1842 . . . . .	182,282	467:000\$000
1842—1843 . . . . .	151,526	370:000\$000
1843—1844 . . . . .	189,749	432:000\$000
1844—1845 . . . . .	132,755	351:000\$000
1845—1846 . . . . .	199,816	541:000\$000
Média . . . . .	165,896	424:300\$000
1846—1847 . . . . .	205,749	541:000\$000
1847—1848 . . . . .	161,015	469:000\$000
1848—1849 . . . . .	251,682	577:000\$000
1849—1850 . . . . .	282,260	657:000\$000
1850—1851 . . . . .	262,670	581:000\$000
1851—1852 . . . . .	291,361	554:000\$000
Média . . . . .	242:456	563:000\$000
1852—1853 . . . . .	229,986	492:000\$000
1853—1854 . . . . .	316,251	687:000\$000
1854—1855 . . . . .	147,901	419:000\$000
1855—1856 . . . . .	164,283	618:000\$000
1856—1857 . . . . .	240,448	1,476:000\$000
1857—1858 . . . . .	246,409	1,656:000\$000
Média . . . . .	224,213	908:000\$000

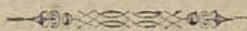
Destá demonstração se deduz que a exportação do cacáo no ultimo sexennio teve uma diminuição de 7,5 %, a qual, como já disse, não prova decrescimento de producção, visto que procede das pessimas colheitas realizadas nos exercicios de 1854 a 1856, que fazem parte do ultimo sexennio ; mas, observando-se a exportação dos exercicios de 1856 a 1857 e de 1857 a 1858, que se achão incluidas na demonstração, bem como a do exercicio de 1858 a 1859, que lhes

ajunto, se terá um augmento de produção, como passo a demonstrar :

Termo médio das exportações de	
1846—1847 a 1851—1852 . . . . .	242,456 @
1856—1857 a 1858—1859 . . . . .	256,076 »
	<hr/>
Augmento . . . . .	13,620 »
	<hr/>

o qual é igual a um progresso na razão de 5,6 %.

Deixo de produzir outras muitas considerações para não alongar mais este capitulo, reservando-me para entrar em outras apreciações quando tratar da reunião de todos os productos demonstrados.



## XV

### RESUMO DO PROGRESSO DOS OITO PRODUCTOS COMPARADOS.

Tendo demonstrado com dados extrahidos da estatistica official que os principaes generos de produçãõ nacional têm consideravelmente augmentado nas quantidades exportadas, cumpre-me agora, resumindo essas demonstrações, tirar as conclusões da these sobre que me propuz escrever ; porquanto é evidente que a exportação não teria augmentado se não houvesse maior produçãõ ; e consequentemente tendo augmentado a produçãõ, segue-se que não existe até ao presente falta de braços no paiz para se occuparem da agricultura, como se tem querido incutir no espirito publico, com o fim de fazer persuadir aos incautos que a cessação do trafico dos Africanos foi um mal para o paiz.

Para fazer mais visiveis estas minhas demonstrações, e mesmo porque entendo que a questão de que me occupo não deve ser tratada sem que bem se precisem os factos existentes, afim de se poderem deduzir as verdadeiras causas que

as produzirão, vou no presente capitulo reunir em um só grupo o progresso que demonstrei na producção das oito especies de que tenho tratado.

Quando me propuz a escrever não ignorava as difficuldades com que tinha de laborar, mas fiz o firme proposito de vencê-las redobrando de trabalho, e me persuado que hei de chegar ao termo de meus estudos estatistico-economicos, sempre provando por fórma incontestavel minhas proposições, assim completando as unicas aspirações que nutro, as quaes cifrão-se em prestar o fraco contingente deste meu insano trabalho aos homens considerados do paiz, afim de que delle fação o uso que entenderem.

Propoendo-me a provar que a producção agricola não definha no paiz, e que a cessação do trafico dos Africanos em 1851 não foi a causa primordial da alça dos preços dos generos alimenticios, busquei para termos de minhas comparações as exportações médias de duas épocas quinquennaes, sendo a primeira a dos exercicios de 1839 a 1844, e a segunda a dos de 1852 a 1857, por ser aquella anterior, e esta posterior á cessação do trafico dos Africanos em quasi igual numero de annos.

Estabelecidas as bases, e procedendo a minuciosas indagações e comparações estatisticas, demonstrei, baseado em dados officiaes, que no ultimo quinquennio a producção dos generos de maior procura para o commercio de exportação tem tido um consideravel augmento na sua cultura e colheita; e consequentemente tenho provado que até ao presente não existe falta de braços no paiz para se occuparem na sua industria agricola; porquanto é claro que com menor numero de braços, e com o mesmo systema de cultura, não se poderia obter o grande augmento de producção que tenho demonstrado.



Parece-me pois que, quanto a esta parte de minha these, se acha sustentada e provada em fórma a convencer, ainda mesmo áquelles que, desprezando os factos, se lanção nas regiões das idealidades; e como consequencia necessaria, devo concluir que a carestia dos generos alimenticios não tem a sua principal origem na falta de braços que se possão occupar da sua lavoura, porém em causas latentes e anormaes, que podem e devem ser quanto antes removidas em beneficio de nossos conterraneos.

Entrarei pois na questão, resumindo as demonstrações já desenvolvidas nos capitulos anteriores, afim de que melhor se possão apreciar minhas deducções economicas.

**DEMONSTRAÇÃO DO AUGMENTO QUE TÊM TIDO OS OITO PRINCIPAES PRODUCTOS DO PAIZ NO SEU COMMERCIO DE EXPORTAÇÃO, O QUAL RESULTA DA COMPARAÇÃO ENTRE AS MÉDIAS EXPORTAÇÕES DOS QUINQUENNIOS DE 1839 A 1844 E 1852 A 1857, POR QUANTIDADES E VALORES OFFICIAES.**

	<i>Quantidades.</i>	<i>Valor exportado.</i>	<i>Razões por cento do augmento.</i>	
			<i>Das quantidades.</i>	<i>Dos valores.</i>
Café . . . . .	4,304,831 @	25,619:190\$	75,65	139,46
Assucar . . . . .	2,161,605 »	9,786:260\$	38,6	96,8
Algodão . . . . .	252,414 »	1,872:810\$	35,8	51,36
Fumo . . . . .	269,321 »	1,411:190\$	89,47	187,9
Gomma elastic.	117,006 »	2,138:260\$	438,2	1079,9
Herva-mate . .	130,588 »	1,051:600\$	77,7	370,2
Aguardente . .	145,233 m.	457:280\$	6,9	94,09
Cacáo . . . . .	—	265:940\$	—	64,5
<b>Somma . . .</b>	<b>—</b>	<b>42,602:530\$</b>	<b>762,32</b>	<b>2084,21</b>

Desta demonstração se reconhece á simples vista o lisongeiro progresso que têm tido nos ultimos annos os principaes artigos da produção nacional, alguns dos quaes, como a gomma-elastica, se elevou acima do decuplo da sua produção média, no quinquennio de 1859 a 1844, tendo o café, o fumo e a herva mate realizado valores além do duplo e triplo com que figuravão nos mappas da estatistica official, anteriormente á extincção do trafico dos Africanos.

Tendo de determinar o progresso annual que se observa nos mappas de exportação, sou obrigado a envolver-me em calculos bem difficis, visto que tenho de differenciar os valores, e integrar as diversas razões do progresso que tenho demonstrado; e porque desejo escrever de fórma a ser entendido de todos que lerem este meu trabalho, sómente apresentarei os resultados de meus calculos.

Os mappas estatisticos da exportação geral do Imperio comprehendem 170 productos diversos; e delles excluidos os metaes amoedados, se terá a média exportação do quinquennio de 1859 a 1844, sommando na quantia de . . . . . 40,525:420\$000  
e a do quinquennio de 1852 a 1857 em 89,851:080\$000  
e conseguintemente o augmento de . . 49,527:660\$000

o qual é igual a um progresso na razão de 121,8 % no tempo demonstrado.

Sendo o augmento apresentado na demonstração que acabei de produzir, aparentemente, muito superior ao que representa a comparação dos valores, devo explicar essa apparente discordancia, o que consigo demonstrando a relação em que concorrerão para o todo das exportações os oito productos de que estou tratando, a qual foi a seguinte nas duas épocas:

	Em 1839—44.	Em 1852—57.
Café . . . . .	45,36 %	48,98 %
Assucar . . . . .	25,46 »	22,38 »
Algodão . . . . .	8,99 »	6,14 »
Fumo . . . . .	1,85 »	2,42 »
Gomma-elastica . . . . .	0,49 »	2,6 »
Herva-mate . . . . .	0,7 »	1,48 »
Aguardente . . . . .	1,2 »	1,05 »
Cacão . . . . .	1,01 »	0,84 »
	<hr/>	<hr/>
Somma . . . . .	85,06 »	85,89 »
	<hr/>	<hr/>

Demonstrando as sommas proporcionaes quasi uma igualdade de razão nas duas épocas quinquennaes de 1839 a 1844 e 1852 a 1857, não se infira disso uma contradicção das minhas demonstrações de progresso; porquanto, esta mesma igualdade serve para provar o augmento de producção nos oito artigos de que estou tratando, visto que acompanhãrão o augmento dos valores exportados; isto é, sendo no 1º periodo baseado o calculo proporcional sobre 40,525:420\$, no 2º foi effectuado sobre a somma de 89,851:080\$, que é maior que aquella na razão de 121,8 %: isto traduzido em linguagem vulgar quer dizer — que, tomada a mesma base para estabelecer a proporcionalidade, as razões relativas ao 1º periodo serião menores que a metade das do 2º.—Postos estes principios, passo á demonstração final deste complicadissimo calculo.

Differenciando os valores dos oito productos de que estou tratando da somma total das exportações, e integrando as razões proporcionaes, já produzidas, se obterão os seguintes resultados, que provão em todas as suas partes as minhas demonstrações:

**RAZÕES DA PROGRESSÃO.**

	Das quantidades.		Dos valores.
Café . . . . .	4,45	%	8,2
Assucar . . . . .	2,27	»	5,7
Algodão . . . . .	2,1	»	3,02
Fumo . . . . .	5,26	»	11,0
Gomma-elastica . . . . .	22,85	»	62,85
Herva-mate . . . . .	4,57	»	21,7
Aguardente . . . . .	0,4	»	5,53
Cacão . . . . .	0,6	»	3,8
	<hr/>		<hr/>
Somma . . . . .	42,50	»	121,80
	<hr/>		<hr/>

Conclue-se finalmente desta nova demonstração que o augmento de producção dos oito artigos de que estou tratando se effectuou na razão média de 42,5 %, o que coincide com a somma das diversas razões acima descriptas, porquanto representão o progresso realizado em 17 annos: logo o crescimento annual será =  $\frac{762,32}{17}$  ou 42,5 %, bem como em relação aos valores, cujas sommas dos augmentos representão 17,1 do valor total; e conseguintemente a somma de todas as razões divididas por aquella quantidade representa o pogramo obtido no tempo que se trata, como passo a provar:  $\frac{2084,21}{17,1} = 121,8$  %, que é igual á razão apresentada, da qual deduzo o progresso médio annual de 7,16 %.

Tenho, me parece, demonstrado até á evidencia que a producção dos generos mais procurados para o commercio de exportação marcha nas vias do progresso, e de nenhuma fórma tem sido interrompida até ao presente pela extincção do trafico dos Africanos, como, sem bem se estudarem os factos, tem-se dito alto e bom som, não só pela imprensa periodica como mesmo na tribuna parlamentar em ambas as camaras.

Não se pense porém que só nos artigos de mais commum exportação tem havido augmento de producção, pois seria pensar erradamente, como passo a demonstrar, afim de que não se busque esta tangente, allegando-se contra minhas demonstrações que só crescêrão estes generos, e decresceu a producção de todas as outras especies.

Comparando-se as exportações médias dos quinquennios de 1839 a 1844 e 1852 a 1857, excluindo-se os metaes amoedados, se reconhecerá qual o augmento que têm tido não só os oito artigos de que tratei especialmente, como dos outros que completão os quadros do nosso commercio exterior, como passo a demonstrar:

Exportação média de 1839 a 1844. . . . . 40,523:420\$000  
Idem idem de 1852 a 1857. . . . . 89,851:080\$000

Augmento . . . . . 49,327:660\$000  
Os oito productos crescêrão em valor . . . . . 42,602:530\$000

Os outros artigos tiverão o augmento de . . . . . 6,725:130\$000  
o qual, calculado sobre a base comparativa, representa um accrescimo de producção na razão de 16,6 % no espaço decorrido entre as duas épocas.

Para não enfasiar o leitor deixo de produzir mais outras muitas considerações connexas com a questão de que me occupo; e terminando este capitulo devo declarar que tenho provado a primeira parte da minha these, — que a carestia dos generos alimenticios não procede de falta de braços que se possam empregar na sua agricultura, porém de outras causas latentes e anormaes que existem no paiz.

## XVI

### CARESTIA DOS GENEROS ALIMENTICIOS.

Depois de ter sustentado e provado com a estatística official que a produção dos generos nacionaes que formão a principal fonte do nosso commercio de exportação tem marchado nas vias do seu constante progresso, mesmo depois de extinto o trafico dos Africanos, cumpre-me entrar na demonstração e sustentação da segunda parte da minha these — que a carestia dos generos alimenticios não procede da falta de braços que se possam empregar nessa especie de cultura.

No capitulo anterior ficou demonstrado que os oito productos nacionaes de que tratei concorrião para a somma total das exportações na razão de 85,89 %, bem como que o termo médio das quantidades comparadas apresentava um augmento annual de diversas razões, que sommadas perfazem um progresso de 42,5 %.

Quem pois razoavelmente poderá sustentar que a produção do paiz decreesce e definha por falta de braços que possam cultivar a terra? como, faltando os braços, e sendo até agora applicado o mesmo systema de cultura, se pôde obter maior produção? serão por ventura falsos, e por isso inacreditaveis, os dados da estatistica official em que se basẽo os meus calculos? onde existem os dados verdadeiros, e mesmo quaesquer outros, além daquelles de que me servi nas minhas comparações?! Não me consta a existencia de outra estatistica de produção além da que publica o thesouro nacional, e os relatorios das presidencias das provincias, e foi nessas fontes que estudei o progresso agricola do paiz; e para negar-se as minhas proposições será preciso provar primeiramente que os dados officiaes são falsos, e isso quasi que considero um impossivel, humanamente fallando.

Sei que se ha de censurar a fórmula positiva por que me hei enunciado nestas demonstrações; mas, quando esses que me censurarem se convencerem que não sou pretencioso, que não penso ter descoberto a pedra philosophal, e que tão sómente exprimo a minha intima convicção, me farão a devida justiça. Quando encetei este trabalho no Instituto Historico e Geographico do Brazil, quasi que me achei em unidade; e a não serem as animadoras palavras d'Aquelle que não se dedigna de cultivar as letras achando-se tão altamente collocado, de certo que teria suspendido o meu ingrato e insano trabalho, e ficaria comigo as minhas convicções; duvidaria da minha razão, porque sei apreciar as superiores intelligencias que tem assente no Instituto Historico e Geographico do Brazil; a continuação porém do meu trabalho tem feito com que muitos de meus illustrados collegas hoje me

acompanhem nas minhas convicções. Deixarei porém esta digressão, que só por incidente aqui veio inscrever-se.

Ha quem pretenda explicar o augmento da producção do café allegando que as maiores colheitas que actualmente se estão fazendo são a consequencia das grandes plantações effectuadas antes da extincção do trafico, sem se lembrarem que já são decorridos mais de oito annos que findou aquelle immoral commercio, e que se os cafezaes então plantados hoje estão produzindo com tanta abundancia, os que forão anteriormente cultivados têm envelhecido e definhado, e por consequencia tornado-se improductivos; e se não se continuassem a fazer novas plantações, a producção do café teria diminuido, ou pelo menos achar-se-hia estacionaria. Parece-me, pois, que esta fórma de explicar a falta de braços não satisfaz a questão, e muito menos destróe as minhas demonstrações; porquanto, o café apresenta um augmento de producção depois da extincção do trafico na razão de 75,65 %.

Suppondo, porém não admittindo, que sejam procedentes as allegações que acabei de expor com referencia ao café, como explicar-se o augmento da producção do assucar na razão de 58,6 %, visto que a cultura da canna não póde deixar de ser feita annualmente? Como responder-se a esta objecção?!....

Não ha no paiz quem ignore que grande parte dos cultivadores da canna de assucar, nas provincias do Rio de Janeiro e S. Paulo, abandonárão a sua lavoura pela plantação do cafezeiro, allegando ser esta cultura menos trabalhosa e mais lucrativa que aquella; comtudo o assucar prospera em Pernambuco e outras provincias em que o café não supplantou a lavoura da canna.

Para que bem se possa apreciar a grande quantidade



de cultivadores de canna que a abandonarão pelo café, apresentarei os dados officiaes que me fornece o relatório da presidencia de S. Paulo do anno de 1859, porém resumidamente, visto já se acharem desenvolvidos no capitulo 5º deste opusculo.

Na comarca de Villa-Bella e na de Guaratinguetá, bem como no municipio de Campinas, foi quasi que completamente abandonada a cultura da canna de assucar, e os engenhos desta industria reduzidos a menos de metade, para serem exclusivamente applicados os braços que se occupavão na cultura da canna à dos cafezaes; mas ainda assim o assucar só diminuiu 3,5 %, ao mesmo passo que a colheita do café decuplicou de então para cá.

Como esses factos, muitos outros incontestaveis poderia produzir, pois que dados me fornece a estatistica official a que me refiro; mas deixo de apresenta-los para não alongar de mais este capitulo.

Qual porém foi a causa que induzio a maior parte dos nossos agricultores a só quererem exclusivamente cultivar o café, e até mesmo abandonar a lavoura dos generos alimenticios com que sustentavão suas familias e trabalhadores?! ... Disto vou occupar-me expondo as razões que tenho ouvido, mesmo de alguns desses fazendeiros agricultores de café, e assim ficará resolvida esta questão.

Tendo o café começado a experimentar maior procura no nosso mercado do anno de 1852 em diante, o seu preço, seguindo a lei da demanda, se elevou sobre os preços anteriores, e isto despertou a avidez do lucro; e mesmo porque, segundo as regras economicas, a demanda encoraja e anima a producção, visto que não se produz pelo trabalho aquillo de que não se carece. Para se fazer face á procura do café, todos ou a maior parte dos lavradores tratarão da sua

cultura em escala superior, afim de que a offerta satisfizesse as necessidades da procura.

Em geral os principaes productores de café, visando lucros certos e immediatos na venda deste genero, começaram desde logo por applicar todas as suas forças na cultura exclusiva dos cafezeiros, e até abandonárão a dos generos alimentares, milho, farinha e feijão, com que sustentavão seus famulos! Fizerão este falso raciocinio: — com os lucros realizados nas vendas do café compraremos o sustento para nossas familias e trabalhadores, e ainda assim o ganho será maior porque a farinha, milho e feijão pouco custão, e não vale a pena distrahir os braços do serviço importante para emprega-los com menor vantagem.

A' primeira vista parece ser este raciocinio bem feito, e economicamente concebido; mas, sujeitando-o á analyse, se reconhece a sua falsidade e a mais completa aberração das regras economicas, porquanto elle se refere ao presente e não calcula com as desvantagens futuras.

Para que este raciocinio fosse bem feito fôra preciso e indispensavel que os generos que se deixavão de produzir fossem importados por modicos preços do estrangeiro, e que a sua maior procura não alterasse sensivelmente os custos anteriores; mas isto se não dá, porque a farinha, milho e feijão que consumiamos erão produzidos no paiz; e destes mesmo generos exportava-se o excedente do consumo: logo, deixando os principaes cultivadores de café de produzi-los, augmentava-se a massa dos consumidores, ao mesmo passo que se diminuia a dos productores; além de que tornavão-se consumidores do mesmo mercado para o qual até então mandavão o excedente de suas sobras annuaes.

O resultado de tão erroneo raciocinio devia infallivelmen-

te trazer a alça do preço dos generos alimenticios, e portanto isto succedeu: penso, pois, ser esta uma das causas que actúa para continuação deste flagello, e não a falta de braços que se possão occupar na cultura de taes especies; outras porém existem que com esta concorrem.

Que não existe até ao presente falta de braços para a cultura que se faz no paiz, se pôde provar com dados estatisticos, se bem que muito imperfeitos por incompletos, porém mesmo assim servem para esclarecer este ponto de minha these, como vou demonstrar.

Conforme uma estatistica de Liverpool, a importação dos escravos africanos no Brazil desde 1840 até 1851 foi a seguinte:

<i>Annos.</i>	<i>Escravos.</i>	<i>Annos.</i>	<i>Escravos.</i>
1840. . . . .	30,000	1846. . . . .	50,324
1841. . . . .	16,000	1847. . . . .	56,172
1842. . . . .	17,435	1848. . . . .	60,000
1843. . . . .	19,095	1849. . . . .	54,000
1844. . . . .	22,849	1850. . . . .	23,000
1845. . . . .	19,453	1851. . . . .	3,287

Desta estatistica se deduz que o termo médio dos escravos importados da Costa d'África nos onze annos decorridos de 1840 a 1850, visto que o de 1851 foi o da extincção do trafico, eleva á somma de 55,482 por anno. Calculando-se que destes 55,482 ficavão nas cidades e povoados sómente  $\frac{1}{3}$  (que muito mais devião ficar), teremos para a lavoura 22,160 escravos; é preciso, porém, observar que pelo menos uma terça parte destes era ceifada por molestias e pelas fugas, pelo que, no fim de tres annos (tempo necessario para industria-los), sendo muito felizes os lavradores, podião contar com 14,774 escravos para a lavoura. Não exagero este calculo, porque sou informado que o fazendeiro que com-

prava 100 captivos, calculava tirar no fim de tres annos 25 escravos para o seu serviço.

Distribuindo estes 14,774 captivos por todo o Brazil, quero suppôr que ás provincias do Rio de Janeiro, Minas, S. Paulo e Rio Grande do Sul coubessem 7,587 annualmente ; isto posto, vou demonstrar que a provincia do Rio de Janeiro não tem tido diminuição no numero de sua escravatura empregada na lavoura, mesmo depois da extincção do trafico e mortalidade causada pelo cholera-morbus.

Segundo os registros da policia desta côrte, consta que os escravos importados na cidade do Rio de Janeiro, vindos das provincias do norte para negocio, são os que passo a demonstrar.

Annos.	Escravos.	Annos.	Escravos.
1852. . . . .	4,409	1856. . . . .	5,006
1853. . . . .	2,909	1857. . . . .	4,211
1854. . . . .	4,418	1858. . . . .	1,993
1855. . . . .	3,532	1859. . . . .	963

Esta estatística, que não contém verdadeiramente todos os escravos vindos do norte, visto que não comprehende os que vierão com seus senhores a titulo de mudança e outros destinos, apresenta comtudo a importação média annual de 3,450 escravos; e se sobre esta somma juntar-se mais 50 %, que não é excessivo, para os que forão importados sem expressa declaração de venda, ter-se-ha 5,195 escravos importados annualmente das provincias do norte; e se ainda a estes se juntarem pelo menos 305 escravos vindos todos os annos de Minas e Rio-Grande do Sul, a somma dos escravos importados annualmente na cidade do Rio de Janeiro se elevará a 5,500, a qual sem duvida não é inferior aos que á esta provincia devião caber dos 7,587 vindos annualmente da Costa d' Africa para as provincias do

sul do Imperio, antes da extirpação do trafico; accrescendo mais que estes 5,500 escravos desde logo começam a trabalhar no serviço da lavoura, porque em maior parte são crioulos intelligentes e robustos.

A colonisação, que desde 1854 para cá tem tomado maiores proporções, póde ser estimada em 10,000 almas por anno; e se destes colonos tomarmos 1/20 para agricultura da provincia do Rio de Janeiro, teremos elevados a 6,000 os trabalhadores annuaes que vão reforçar as forças productivas da lavoura desta provincia. Ainda mais: lance-se uma vista d'olhos para as ruas desta capital, e compare-se a sua população escrava com a que havia anterior ao trafico empregada nos varios serviços de sua labutação, e veja-se o quanto hoje em dia é menor. A maior parte desses escravos tem sido comprados para os serviços da lavoura do café, e mesmo do assucar.

Em algumas provincias do Imperio ainda se não sente em toda sua intensidade a carestia dos generos alimenticios que se observa na côrte, Bahia e Pernambuco; em geral os terribes effeitos deste flagello por ora só tem-se tornado sensiveis nas provincias maritimas de maior commercio.

Em Minas e Matto-Grosso, se tem subido o preço dos comestiveis, não procede isso de diminuição da producção agricola, mas de causas anormaes e transitorias; com relação a Minas, é a consequencia resultante da irregularidade das estações nestes ultimos annos, e mesmo do desvio de não poucos braços dos trabalhos da lavoura; no Matto-Grosso, porém, a carestia dos generos alimenticios procede do augmento de individuos que para aquella provincia têm affluído, com o fim de commerciar depois que ficou franca a navegação do Paraná.

Nas provincias ao sul de S. Paulo e ao norte de Pernam-

bueno a alça nos preços dos comestiveis tem sido pouco ponderosa, e tem a sua principal origem nas grandes exportações que fazem para as suas irmãs, que, sem bem calcularem com as consequencias futuras, abandonarão em maior parte a cultura dos generos alimenticios, para só e exclusivamente se occuparem da grande lavoura que faz a principal fonte do commercio de exportação.

Naquellas proviñcias em que os lavradores se não fascinarão com os lueros immediatos que apresentam os generos de exportação, e continuarão a plantar estes e os alimentares, a carestia não tem-se feito sentir como nas em que a avidéz do luero perturbou a marcha seguida pelos agricultores antes de serem eivados por essa malefica febre.

Já disse que a cultura exclusiva do café nas provincias do Rio de Janeiro e S. Paulo, bem como nas extremas da de Minas limitrophes com estas, tinha absorvido grande porção dos braços que se empregavão d'antes na pequena lavoura, e mais direi que as vias ferreas em construcção tem chamado para seus trabalhos não pequeno numero de homens livres e escravos, que d'antes sómente se occupavão da agricultura, sendo causa desta mutação de serviços os elevados jornaes de 2\$000 e 2\$500 diarios que lhes offerecem aquellas empresas, os quaes são mais vantajosos que os diminutos valores que recebem das vendas de suas pequenas colheitas.

Infelizmente não disponho de dados estatisticos para poder precisar o numero de trabalhadores empregados nas construcções das vias ferreas e facturas de outras longas estradas de rodagem; mas, conforme as informações que tenho podido obter, supponho que não me apartarei muito da verdade estimando em 5,000 individuos os trabalhadores empregados nas vias ferreas de D. Pedro II e Cantagallo, na provincia do Rio de Janeiro; na do Joazeiro, na Bahia;

na da Agua-Preta, em Pernambuco; e na estrada União e Industria, na de Minas e Rio de Janeiro. Não ponho em duvida um só instante os vantajosos resultados que no futuro se tem de tirar destas vias de communicação, mas actualmente entendo que os braços empregados nas suas construcções, sendo em maxima parte retirados dos trabalhos da lavoura, tem muito concorrido para a alça de preços dos generos alimenticios; porquanto, toda essa gente deixou de produzir para se tornar consumidora do mesmo mercado para onde enviavão os seus productos agricolas.

Nas provincias em que ainda não existem em estado de execução grandes emprezas, que demandão avultado numero de braços, a producção da pequena lavoura se não tem augmentado, não tem diminuido; e se nellas observa-se a elevação dos preços das especies alimentares, é isso a consequencia necessaria, resultante da maior procura que as outras vão fazer aos seus mercados para supprirem a deficiencia que occasionarão, descuidando-se de cultivar a mandioca, milho, feijão, etc., para só e exclusivamente se occuparem da lavoura do café, assucar e outros generos mais procurados para o commercio de exportação.

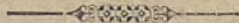
Provincias ha em que a producção dos generos alimenticios tem tido um admiravel progresso nestes ultimos annos, e entre outras citarei as de Santa-Catharina e Rio-Grande do Sul, as quaes são hoje em dia os principaes celeiros do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, porquanto dellas recebem a maior parte da farinha, milho e feijão que consomem, bem como a carne secca.

Só da provincia de Santa-Catharina vêm annualmente para esta còrte de 80 a 100 carregamentos de farinha, feijão e milho; e da do Rio-Grande do Sul entrão ainda em maior quantidade carregamentos destas especies, além de mi-

lhares de arrobas de carne secca, que é um dos principaes alimentos, não só da população da côrte, como das provincias do norte do Imperio.

Não possuindo dados estatísticos sobre a producção agricola da provincia de Santa-Catharina, porque nos relatorios de suas presidencias disso se não tem tratado, deixo de determinar o seu real progresso, e passarei a occupar-me da producção de algumas das principaes provincias do Imperio, afim de melhor provar a these que sustento, de que a—producção agricola no Brazil segue nas vias de um constante progresso, mesmo depois que cessou o trafico da escravatura africana. —

Eu não tinha intenção de nesta publicação tratar da producção das provincias individualmente, porque reservava isso para quando fosse impressa a — Memoria Historico-Estatistica—que estou lendo no Instituto Historico e Geographico do Brazil, mas desejando desde já firmar bem as minhas proposições, vou produzir um extracto do que escrevi sobre as provincias do Imperio em referencia a seu desenvolvimento e progresso industrial; porém só tratarei de algumas do sul e norte, começando pela do Rio-Grande do Sul no capitulo que se segue.





## XVII

### BREVE DESCRIÇÃO DA PROVINCIA DO RIO-GRANDE DO SUL.

Fórma esta importante provincia a extrema sul do Imperio, e acha-se situada entre  $29^{\circ} 17'$  e  $55^{\circ} 45' 55''$  de latitude austral, observados na costa do oceano na barra do rio Mambituba, ao norte; e na barra do rio Chuy, ao sul; e entre  $49^{\circ} 55'$  e  $57^{\circ} 50' 5''$  de longitude do meridiano de Greenwich, a partir da barra do mesmo Mambituba até encontrar a margem esquerda do Uruguay, na sua curva mais occidental, que existe entre os rios Ibicuihy e Quarahy. Interiormente a sua latitude começa em  $27^{\circ} 50' 40''$  no rio Pelotas de cima da serra, que a divide da de Santa-Catharina.

Confronta-se a Éste, com o oceano; ao Norte, com o rio Mambituba e Pelotas, e por este abaixo até a sua foz no Uruguay; a Oeste, com o mesmo Uruguay até a barra do Quarahy; e ao Sul, com a Republica Oriental pelos

pontos determinados e demarcados pelos respectivos commissarios de limites na fôrma do tratado de 12 de Outubro de 1851.

A maior extensão da provincia em linha recta na direcção Éste á Oeste é de 128 leguas; na Norte a Sul de 120 leguas; na Nordeste á Sudueste  $85\frac{1}{2}$  leguas; e na Noroeste á Sueste 105 leguas; e o perimetro calculado sobre estas bases apresenta uma área de 8,204 leguas quadradas: as suas fronteiras com as Republicas confinantes medem 260 leguas.

A barra do Rio-Grande do Sul acha-se na latitude Sul de  $52^{\circ} 6' 30''$ , e longitude Oeste de Gw.  $52^{\circ} 2' 50''$ , sendo muito perigosa a sua entrada pelos muitos parceiros da costa, e principalmente pelo banco que a asoberba; de sorte que para transpô-la é indispensavel seguir os signaes da atalaia e da catraia que se colloca sobre o banco para indicar o canal aos navios que demandão a barra. Existem alli actualmente vapores de reboque e os necessarios recursos para os casos de perigo em que se achem os navegantes. O fundo da barra, e mesmo a direcção do canal é muito variavel, mas sempre offerece entrada aos navios que não demandão mais de 15 palmos de calado, e em occasião de mares pouco impolados.

As costas da provincia são muito baixas e cobertas de dunas em toda sua extensão, e só tendo mui rara e definhada vegetação por entre os comoros das aréas, que são de uma alvura deslumbrante, e muito finas. Não só pelo abaixado das costas, como pela falta de arvoredos, sómente se póde avistar a terra quando muito proximo se está della; e ainda depois de vista a costa só se distingue a barra pelas casas agrupadas da nascente povoação que alli existe proxima á Torre dos signaes, e a do Farol, a qual é

toda de ferro, sendo um dos melhores das costas do Brazil: deve a provincia este importante melhoramento ao seu distincto filho o Exm. Sr. conselheiro de estado Candido Baptista de Oliveira, que foi quem o mandou fazer em Inglaterra, quando ministro da marinha.

A facha que fórma as costas do Rio-Grande fica entre o mar e as duas grandes lagôas dos Patos e Mirim, e, como acima disse, é toda arenosa; não assim as terras centraes que demorão ao occidente de ambas as lagôas, como passo a descrever.

As terras situadas á direita da lagôa dos Patos ou Viamão são accidentadas logo desde as margens da mesma lagôa, e vão-se sempre elevando até encontrarem a cordilheira geral do Brazil, ou serra do mar, a qual atravessa a provincia dividindo-a em duas fachas quasi iguaes; quebrando-se e bifurcando-se em dous ramaes, um na direcção do Uruguay, cujo ségmento é pela Cruz-Alta, estendendo-se ás vezes em pequenos ramaes partidos, e pouco elevados, em direcções divergentes: o outro segue na direcção da cidade de Pelotas, apartando-se pouco das margens da lagôa dos Patos, o qual tambem se quebra e bifurca-se em varias direcções, sendo o principal o que segue até á villa de Piratiny, que passa pouco distante de Pelotas com o nome de serra dos Tapes, e depois toma o nome de serra de Cangussú, e das asperezas no municipio de Piratiny: nenhuma porém das serras da provincia é muito elevada, sómente a que a divide de Santa-Catharina em todo o curso do rio Pelotas de cima da serra, é alterosa.

As terras porém que demorão á esquerda da lagôa Mirim são docemente onduladas, e insensivelmente se elevão no centro da provincia para depois baixarem para o Uruguay. Bellas collinas e amplissimas varzeas existem para o

sul da provincia, e nellas se descobre uma frondosa vegetação, e uberrimos pastos, em que retoção milhares de gados de diversas especies. Os matos não formão naquellas localidades serrados bosques, porém grupos dispersos, que se figurão ilhas no centro da terra.

Quem percorre a provincia do Rio-Grande do Sul, a cada instante fica sorprendido pelas bellezas que aos olhos se lhe apresentam a cada passo que marcha !... Aqui descobre campinas sem fim, e observa os fantasticos effeitos da — mirage — figurando-se-lhe ver lagos ondulantes em redor de si !.... acolá vê os hiates navegando pelo meio dos campos sem que descubra os rios que as quilhas sulcão !... mais adiante avista mansos ribeiros e tenues regatos de limpidas aguas, que em tortuosas voltas bordadas de luxuriante vegetação fogem a reunir-se aos caudaes rios que alimentão !... Por toda a parte que seus olhos se dirijão descobre, o quanto a vista alcança, quantidade immensa de gados bovino, cavalhar, muar e lanigero que pastão ou descansão, e no meio delles os veados e os cervos em quantidade, bem como os bandos de avestruzes e seriemas, que, como os animaes domesticos, não fogem dos viandantes !...

Qual será pois o homem que, em vista de tanta magnificencia e profusão, se não curve humilhado de respeito e gratidão perante Deos Creador do Universo ? !... Qual mesmo com o coração repassado de tristeza e amargura não sentirá expandir-se sua alma em presença de um tão sublime quadro, que retrata em viventes vultos o Paraiso terreal em que foi creado o nosso primeiro pai ? !... Deos Omnisciente, minha alma te sente, mas minha razão limitada não te pôde definir em tua immensidade.

Fôra por demais audacia de minha parte fazer a descripção geologica da provincia do Rio-Grande do Sul, porque

além de me faltarem os conhecimentos especiaes deste vasto ramo das scienciaes naturaes, quando por diversas vezes percorri aquella provincia jámais a observei sobre este ponto de vista senão mui passageiramente; pelo que vou reproduzir nesta parte o que escreveu o sabio naturalista Frederico Sellow, que nada deixa a desejar. Diz elle :

« A natureza e formação do solo varião conforme as situações : a cordilheira geral do Brazil que reparte esta provincia em duas fachas quasi iguaes, e lá onde principia a mergulhar-se no Uruguay, é encontrada por outra semelhante serra escavada, que, partindo das vizinhanças do Salto grande deste rio, separa de um lado aguas para o Daiman e rio Negro, e de outro para o Arapehy e Quarahy : estas serras e todo o territorio ao N. e O. dellas, isto é, quasi todo o districto de Entre-Rios, de Missões, de S. Martinho, da Cruz-Alta, da Vaccaria, cima da serra, constão inteiramente de terreno basallico.

« Na parte meridional da provincia, subdividida em oriental e occidental pelas serras do Herval e dos Tapes, e pelo Albardão, que acompanha a margem occidental da lagôa Mirim, são primitivas estas montanhas; e são de alluvião as planicies ao nascente das grandes lagôas, e não parecem ter outra base que o mesmo granito, e grés ou cré de que aquellas são compostas; porém a parte occidental é de estructura mais variada. Ao poente das frondosas serras do Herval se encontra o territorio elevado, transversalmente cortado pelo rio Camaquam, composto de granito, de schisto primitivo, alternado com mica-schisto, e coberto de grés-carvoeiro, entre Santa Barbara, Eneruzilhada e Caçapava; e depois de granito e grés, sustentando schisto primitivo com gabro, schisto-scholorotico e talcoso, serpentina e calcareo granuloso, no grupo dos montes de Caçapava e S. Gabriel.

Os lugares mais baixos desta subdivisão, o valle do Guayba, o territorio banhado pelo Vaccacahy e pelo Santa Maria, são cobertos de uma formação composta de argila schistosa, calcareo e grés; e toda a fralda meridional das serras basalticas é occupada por um grés de formação terciaria, frequentemente interrompida, ora coberta ora não de basalto.

« Tão consideravel desenvolvimento de basalto, e a existencia de porphyros de transição, são phenomenos geognosticos, os mais interessantes, que offerece esta provincia, não constando até agora que em alguma outra parte do vastissimo Brazil se haja descoberto basalto ou porphyro, a ponto de duvidarem celebres geognostas da existencia destas rochas a leste dos Andes. »

A' vista do que acabo de transcrever, me parece que fica demonstrado á plena luz que a provincia do Rio-Grande do Sul tem os terrenos mais appropriados que se podião desejar para a agricultura de qualquer especie, e principalmente da dos frumenticios, em que ainda em épocas não muito remotas tanto abundou: além de que, sendo as terras em maior parte despidas das grossas e colossaes raizes, com facilidade se podem applicar os instrumentos aratorios, que tanto auxilião ao agricultor.

O naturalista estudioso tem muito que observar naquella bella e rica provincia, não só em referencia á geologia e mineralogia, como em relação á botanica e á zoologia. A geologia lhe apresentará as terras na sua formação primitiva ou gradual, que se achão impregnadas de cal e materias saliferentes, e muitas variadas especies de argilas simples e colorantes, das quaes se póde fazer uso na tinturaria, bem como o excellente kaolim de que se fabrica a fina porcellana na China; o gesso, e o schisto argiloso, que serve para cobrir casas: entre as rochas de todas as qualidades, desde o granito até

a apreciavel pedra lioz, bem como o basalto e porphyro; e entre os calcareos desde o marmore preto, e os de ondulantes côres, até o fino e branco marmore estatuario; e entre as pedras finas, as variadas cornelinas e os topazios, e os crystaes de rocha de diversas côres. A mineralogia lhe fornecera abundantes minas de ouro betado e granulado, e não menos ricas de prata, de cobrê, de chumbo e de ferro, de superiores qualidade. A botanica muitas plantas apreciaveis na medicina, como a ipecacuanha, a salsa-parrilha, o turbith e a macella; e na tinturaria, como o anil, a ruivinha e outras; e entre as arvores dos bosques proprias para construcção, o forte sobragy, o rijo ipé, e o angico; e para marcenaria, os sanguineos cedro e cangirana, e a parda e ondeada guajuvira. E finalmente, a zoologia lhe fará observar entre os quadrupedes a anta, o cervo galheiro, e o feroz cerdum montez; e entre os passaros a grande variedade das garças e dos galinaceos silvestres; e entre os plumeos cantores os diversos sabiás, pintasilgos e canarios, e o encantador cardeal de pôpa colorada.

Fôra um nunca acabar o fazer a descripção succinta de todas asriquezas naturaes em que abunda a provincia do Rio-Grande do Sul, das quaes aqui sómente apresento mui ligeiros traços, porque tenho de me occupar da sua descripção hydrographica, que não é menos importante.

A parte hydrographica da provincia do Rio-Grande do Sul pôde ser determinada por duas grandes bacias naturaes, subdivididas em tres partes distinctas, visto ser o systema das serras daquelle continente tal que o divide em duas fachas quasi iguaes, mandando as aguas dos seus rios, umas para o oriente, e outras para o occidente da serra geral. Dividindo pois em duas bacias naturaes a provincia, será a primeira considerada o Uruguay, que recebe todas as aguas dos diversos rios que nascem ao occidente da serra geral, e para

elle correm; e a segunda será considerada as lagôas dos Patos e Mirim, para as quaes correm todos os rios que têm origem ao nascente da mesma serra geral; porém para maior clareza subdividirei esta bacia em duas, representadas pela lagôa Mirim e pela lagôa dos Patos.

A bacia do Uruguay é formada por este magestoso rio, que tem as suas principaes nascentes na cordilheira da serra geral do Brazil, sendo a sua mais caudal origem o rio Pelotas, de cima da serra, que limita a provincia do Rio-Grande da de Santa Catharina: além desta origem tem muitas outras nascentes na provincia do Paraná, e da reunião de todas essas aguas com as que recebe dos seus diversos confluentes na provincia se torna um dos principaes gigantes fluviaes do sul do Imperio, no territorio do qual tem um curso de mais de 200 leguas até á barra do Quarahy; e passando além, vai correndo por entre as republicas de Corrientes, Entre-Rios e Oriental, na qual, transpondo o Salto-Grande, se lança no Rio da Prata, tendo percorrido um espaço maior de 550 leguas, e sendo navegavel por mais de 200.

A bacia da lagôa Mirim é formada pelas aguas dos diversos rios que para ella correm, e tem uma extensão de 41 leguas, a contar da barra do rio S. Miguel até á boca do Sangradouro de S. Gonçalo; e a sua maxima largura é de quasi oito leguas, a partir da barra do rio da Canôa até á foz do Jaguarão, tendo uma profundidade média de 9 e 10 braças no canal; pelo que esta lagôa póde ser navegada em toda a sua extensão, mesmo por navios do maior calado; assim pudessem elles transpôr a barra de S. Gonçalo e o Sangradouro, que se achão obstruidos; aquella por bancos de arêa, e este pela accumulacão de lodo e arêas: nem mesmo acho muito difficil essas desobstrucções, assim como não serião muito dispendiosas.



A bacia da lagôa dos Patos é formada pelas aguas que a ella se dirigem pela boca do Gualhyba, e pelos outros rios seus tributarios : tem esta lagôa de extensão, a contar da Itapoam até ao pharol do estreito de Cangussú, 56 leguas e 14 na sua maior largura do sacco de Christovão Pereira ao sacco da Ponta-Negra : é semeada de diversos baixios, porém no seu canal tem um fundo regular de  $4 \frac{1}{2}$  a 8 braças, e na proximidade de Itapoam tem 20, e mesmo mais braças de profundidade : o canal de Cangussú porém tem muito pouco fundo, e de verão não admite passagem a barcos de maior calado de 15 palmos ; podia ser muito melhorado este canal dando-se-lhe outra direcção que fosse procurar o cana-lete junto da ilha do mesmo Cangussú.

Feita esta brevissima descripção das bacias naturaes da provincia do Rio-Grande, passarei a tratar dos mais importantes rios que nella desaguão.

Tratei do Uruguay como uma das bacias da provincia, e agora vou considera-lo simplesmente como rio, por ser o principal em extensão e largura que tem o continente do Rio-Grande. Já disse que elle tem um curso de mais de 200 leguas em territorio brasileiro, e agora direi que destas mais de 100 são navegadas, mas nas estações do verão, com algumas difficuldades pelas diversas cachoeiras que o atravessão, das quaes são as mais correntosas e baixas as do Butuhy, Ibicuby e Sant'Anna, além de outros baixos de menor importancia ; porém com algum trabalho poderião ser profundados todos esses obstaculos, e sem duvida o serão no futuro. A largura deste rio é muito variavel, pois tem alguns lugares em que vai a um maximo de perto de 4 milhas, como na cancha de Santa Maria, e n'outros se estreita até 200 braças, como em frente da freguezia de S. Patricio de Itaquy : seu fundo tambem é muito irregular, e lugares tem, como nas

cachoeiras apontadas, em que no verão sômente medem 5 palmos, e em outros ha poços de grandes profundidades, como são os da barra do Ibicuhy e o do passo de Itaquy, os quaes têm mais de 50 braças de fundo; comtudo a sua sonda mais regular é de 5, 6 e 8 braças; acontecêdo sempre ter mais do duplo acima das cachoeiras.

Não tratarei dos diversos confluentes do Uruguay pelo seu lado direito por não pertencerem ao Brazil, senão da parte ainda pouco navegada para cima, e só me occuparei dos rios que nelle desaguão pela sua margem oriental.

As principaes nascentes do Uruguay são o rio Pelotas, que divide o Rio-Grande de Santa Catharina em cima da serra, e o Uruguaypuitan e diversos outros galhos de menor importancia, que têm origem na cordilheira geral do Brazil entre Rio-Grande, Santa Catharina e Paraná: no seguimento do seu curso recebe o Uruguay as aguas de innumeros rios, sendo destes os mais consideraveis o Ijuhiguassú e Ijuhymirim, o Piratiny e o Camaquam, que têm suas nascentes na serra geral de Missões; e todos estes rios têm extensos cursos, porém ainda são pouco navegados: a estes segue-se o Butuhy, que é navegavel por pequena extensão.

Ao Butuhy segue-se o caudaloso e amplo Ibicuhy, que tem um curso de mais de 70 leguas, e tem suas nascentes na serra geral de Sant'Anna: este importante rio, durante o seu curso, bifurca-se em diversos ramaes com direcções oppostas; uns na direcção N., e outros na direcção S.; o seu principal galho do N. já tem sido navegado até ao rincão de S. Pedro, e o foi por uma escuna de 80 toneladas em 1848.

Um dos seus principaes galhos, o Santa Maria, passa no municipio da cidade de S. Gabriel, da qual corre distante 8 leguas; e outro, o Ibirapuitan, passa junto da cidade de Alegrete, que é uma das mais importantes da provincia, não

só pela riqueza do seu municipio, como mesmo pelo seu commercio; este municipio é todo povoado de vastas estancias de criação, e conta uma população superior a 11,000 habitantes, dos quaes 4,000 pertencem á cidade, que é bem arruada e tem elegantes edificios.

Muitos outros rios, de menor importancia que os apontados, se lanção na bacia do Uruguay, sendo o ultimo o Quarahy, que limita por este lado o Brazil da Republica Oriental, e tem a sua foz na latitude S. de  $50^{\circ} 11' 12''$ , e longitude Oeste de Gw.  $57^{\circ} 55' 51''$ . Este rio tem suas nascentes nas cahidas da cordilheira de Sant'Anna do Livramento: é pouco caudal para a navegação.

Nas margens do Uruguay existem diversas povoações das Republicas de Entre-Rios, Corrientes, e Oriental; sendo as destas e da primeira abaixo da barra do Quarahy; e acima deste rio só as pertencentes a Corrientes, que todas são na margem esquerda e fronteiras ás nossas; e taes são a Restauracion, Japejú, Santa Cruz, Formigueiro, e Pueblo de los Libres; mas todas ellas são compostas de simples palhoças.

As povoações brasileiras mais importantes são a cidade de S. Francisco de Borja, meia legua distante da margem, mas tem no passo de S. Borja uma importante freguezia, que em breves annos deverá estar unida á cidade: a villa de S. Borja está situada na latitude S. de  $28^{\circ} 40' 47''$ , e long. O. de Gw.  $55^{\circ} 56'$ ; e tem uma população na cidade e freguezia de mais de 4,000 habitantes. A villa de Itaquy, que está situada no rincão da Cruz, junto ao passo do Uruguay que lhe deu nome. A cidade Uruguayana, de que é a mais populosa das tres, e terá 5,000 habitantes, está situada na latitude S. de  $28^{\circ} 44' 56''$ , e long. de O. Gw.  $57^{\circ} 5' 24''$ . Todas estas povoações são muito importantes,

não só pelo seu commercio de importação como de exportação.

Os rios principaes que se lanção na bacia da lagôa Mirim são, a contar pelo sul, o S. Miguel, que nasce nas vargens paludosas a Éste dos serros deste nome, e faz barra na extrema occidental da lagôa Mirim na latit. S. de  $55^{\circ} 56' 20''$ , e long. O. de Gw. de  $55^{\circ} 27' 58''$ . É navegavel até pouco acima de sua foz. Seguem-se o S. Luiz, Sebollaty, Limar e Taquary, que têm suas nascentes e curso no Estado Oriental, e sómente barra na lagôa; por isso delles não tratarei.

O Jaguarão, que forma parte de nossa divisa com a Republica Oriental, o qual tem a sua principal origem junto das serras de Asseguá, depois de percorrer com diversos nomes dados aos seus galhos mais de 50 leguas, vem fazer barra na lagôa Mirimna lat. S. de  $52^{\circ} 54'$  e long. O. de Gw.  $55^{\circ} 19' 46''$ , limitando o Rio-Grande do Estado Oriental. Na margem esquerda deste rio, e cinco leguas acima de sua foz, existe a cidade do Jaguarão, muito importante pelo seu commercio com o centro da provincia e com o Estado Oriental; a qual tem uma população superior a 4,000 habitantes: está situada na latit. S. de  $52^{\circ} 24'$  e long. O. de Gw.  $52^{\circ} 21' 40''$ .

Os rios do Juncal, Bretanhas, Chasqueiro e Arroio Grande são os que se lanção na lagôa Mirim pelo seu lado occidental; e pelo oriental os de Curreal de Arroios, Canôa, Proveedores, del-Rei e Palma; qualquer delles admitte entrada a hiates nas suas barras, porém são navegados por mui pequena extensão

No Sangradouro de S. Gonçalo, que é o canal que communica a lagôa Mirim com a barra do Rio-Grande do Sul, desaguão pelo lado do sul o Piratiny, que, nascendo na

serra das Asperezas, continuação da dos Tapes, depois de fazer um curso de mais de 50 leguas faz barra no canal de S. Gonçalo: este rio é muito cheio de baixos, e por isso é sómente navegado na extensão de poucas leguas. Proximo ás cabeceiras deste rio, e sobre uma chapada, acha-se situada a importante villa de Piratiny, a qual, não só pela amenidade do seu clima como pela riqueza de seu municipio, que abunda em fazendas de eriar e de agricultura, tem um nome historico, visto ser antigamente o municipio que melhor e maior quantidade de trigo exportava; e finalmente se tornou celebre na revolução de 1855 pelo valor e denodo de seus filhos, e porque era capital e residencia do governo dissidente por muitos annos: o seu municipio tem uma população superior a 9,000 habitantes, e é cabeça da comarca.

Tambem desaguão no canal de S. Gonçalo os rios Pavão, Fragata, Santa Barbara e Pelotas, que são todos de pequeno curso, porém ambos navegaveis, e sómente por maior extensão o Pelotas. Entre o de Santa Barbara e o Pelotas acha-se situada a importante cidade do mesmo nome na lat. S. de 51° 46' 55", e long. O. de Gw. 52° 49'. Tem esta cidade um importante commercio com o centro da provincia e com Jaguarão por via de mar; a sua população é superior a 7,000 habitantes; a cidade não conta mais de 40 annos de edificação; os seus edificios são elegantes e espaçosos, quasi todos de sotéa: a sua grandeza e importancia lhe vêm da riqueza das xarqueadas do arroio de Pelotas, que são as principaes da provincia, e que maior quantidade de carne secca fabricão e exportão. Na margem direita do rio Santa Barbara, sobre o qual se apoia a cidade, se construiu em 1854 o primeiro vapor que sulcou as agnãs do Rio-Grande do Sul, e que tão impor-

tante figura fez no começo da revolução sob o commando do almirante Greenfell.

Dos rios que se lanção na bacia da lagõa dos Patos os principaes sãõ o Jacuhy e seus confluentes e affluentes no amplo Guahyba, que se lança na lagõa pela barra da Itapoam, a qual está situada na latitude S. de 50° 22' 24", e long. O. de Gw. 51° 2' 48" : tratarei sómente dos mais importantes.

A principal origem do Jacuhy nasce das serras de Batury no municipio da cidade de S. Gabriel, e nas do mato castelhano no municipio da Cruz-Alta, e d'alli dirigindo-se pelo centro da provincia, descrevendo longas curvas, e recebendo as aguas dos seus diversos confluentes, como sejião o Vaccacahy, o Cambahy, o Santa Barbara, o Butucaráliy, o Rio Pardo, o Taquary, e o dos Sinos, vem soberbo de aguas caudaes affluir com o Cahy e Gravatahy no magestoso Guahyba em frente da cidade de Porto-Alegre, capital da provincia, a qual está edificada sobre uma formosa collina que se debruça enternando-se pelas aguas do Guahyba que avassalla: esta formosa cidade, que na ordem de sua grandeza é a quarta do Brazil, porém em belleza talvez a primeira, está situada na latitude S. de 50° 2' e long. O. de Gw. 51° 11' 48". Os seus primeiros fundamentos começaram em 1745, e forão os casaes açorianos para alli remettidos que principiãrão a povoa-la; hoje porém éa mais importante de toda a provincia em qualquer sentido; porquanto, é a séde e da presidenciae da reunião da assembléa provincial; é a mais populosa, pois só intra-muros tem mais de 20,000 habitantes, e contava, em 1856, 5,051 casas particulares, 7 templos, e 18 edificios publicos; devendo hoje ter pelo menos 5,200 edificios particulares, porque nestes ultimos annos tem muito crescido o seu commercio e industria agricola, que forma a maior riqueza do seu municipio.

Tornando porém á descripção hydrographica, deuo dizer que o rio Jacuhy é navegado por uma extensão não inferior a 80 leguas até á cidade de S. Gabriel, que é o ultimo ponto em que actualmente chegam embarcações de remos e a vapor: a cidade de S. Gabriel está situada na latitude S. de  $50^{\circ} 21' 5''$  e longitude O. de Gw.  $54^{\circ} 28' 27''$ , e tem grande commercio com toda a campanha da provincia; conta uma população de 5,500 a 4,000 almas. Por barcos de vela é navegado o Jacuhy até 42 leguas, que tantas são as que se contão de Porto-Alegre á villa da Cachoeira, a qual é um interposto muito commercial entre a cidade capital e as outras do centro e extremos da provincia.

A cidade do Rio-Pardo, que está situada na margem do Jacuhy a 50 leguas da capital, e sob a foz do rio que lhe deu nome, é actualmente de pouca importancia commercial, mas não está longe o tempo de reganhar a sua antiga posição pelas colonias que se têm fundado no seu municipio: a sua posição astronomica é na latitude S. de  $29^{\circ} 59'$ , e longitude O. de Gw.  $52^{\circ} 16' 2''$ .

A villa do Triumpho e a freguezia de S. Jeronymo vêm deslizar-se pelo seu centro o soberbo Jacuhy, porquanto a 1<sup>a</sup> é situada na sua margem esquerda e a 2<sup>a</sup> na margem direita, mesmo fronteiras uma da outra. O municipio do Triumpho tambem tem importantes xarqueadas, e dista da capital sómente 12 leguas e pouco de Santo Amaro.

Dos confluentes do Jacuhy os mais importantes são o Taquary, em cuja margem esquerda está situada a pequena villa do mesmo nome, que tem muita importancia commercial pela suas boas madeiras de construcção, e pela abundancia dos generos alimenticios que exporta para a capital; e o dos Sinos, nas margens do qual existem muitas colonias florescentes, de que hei de tratar mais adiante.

Dos rios que com Jacuhy affluem no Guahyba, o do Cahy e Gravatahy são os principaes; porquanto, além do cabedal de suas aguas que admittem navegação por grande extensão, principalmente o dos Sinos, existe na margem deste a colonia, hoje villa de S. Leopoldo, cujo municipio contém uma população de mais de 18,000 almas.

São os que acabei de descrever os principaes rios que pela barra do Guahyba se lanção na bacia da lagòa dos Patos; portanto passo agora a tratar dos que, nascendo na serra dos Tapes, se lanção na mesma lagòa por suas proprias barras.

O principal rio, depois do Guahyba, que faz barra na lagòa dos Patos, é o Camaquan, o qual tendo as suas nascentes entre Bagé e Caçapava, depois de descrever innumeradas curvas recebendo as aguas dos seus confluentes, soberbo se lança por tres barras na lagòa dos Patos na latitude S. de  $51^{\circ} 16' 10''$ , e longitude O. de Gw.  $51^{\circ} 8'$ , tendo feito um curso maior de 50 leguas: este rio porém não é navegado senão em muito diminuta extensão, porque, além de ser muito caudaloso, tem diversas cachoeiras e bancos de arêa que obstão a sua navegação.

Logo acima da barra do meio, que é a principal, existe uma ilha onde ha uma pequena povoação, na qual se constroem excellentes e veleiros liates: nesse mesmo lugar no tempo da revolução forão apprehendidos todos os lanchões commandados por Garibaldi, que hoje tão grandes prodigios tem feito na Italia. O districto de Camaquam é abundante de arvores de herva-mate, e exporta grande porção desta mercadoria.

Os outros rios que desaguão na lagòa dos Patos são o de S. Lourenço e o da Feitoria, porém de muito pequeno curso e importancia para a navegação.

A bacia da lagòa dos Patos junta as suas aguas com as da



bacia da lagôa Mirim no largo de Pelotas, e ambas reunidas formão essa espaçosa bahia de 12 leguas de comprido sobre 5 de largo, que se lança no oceano com o nome de Rio-Grande do Sul, tendo na sua margem esquerda a villa de S. José do Norte, e na direita a cidade de S. Pedro do Rio-Grande.

A cidade de S. Pedro está situada na latitude S. de  $51^{\circ} 2' 5''$ , e longitude O. de Gw.  $52^{\circ} 5' 20''$ : ella e a villa de S. José do Norte, que lhe fica fronteira na margem opposta, são os dous principaes ancoradouros da provincia para as embarcações estrangeiras e nacionaes de longo curso; porquanto, ainda que á cidade de Porto Alegre cheguem navios estrangeiros de longo curso, poucos são os que até lá navegam para evitar o baixio de Cangussú no Estreito. E' a cidade de S. Pedro o principal emporio do commercio exterior da provincia, e por isso a sua praça mais commercial; acha-se porém mal situada e sobre um terreno muito baixo e todo arenoso pelo lado do sul, e apaúlado pelo do norte: só o genio perseverante e infatigavel dos seus habitantes tem conseguido melhorar aquella cidade, conquistando como os Hollandezes o seu terreno ao mar: A principal alfandega da provincia é alli estabelecida, e rende annualmente, termo médio, 1,500:000\$, mais do duplo do rendimento da de Porto-Alegre e Uruguayana: tem muitos bons edificios, e os principaes com torres, a que chamão mirantes, dos quaes os negociantes se servem para observar a entrada e sahida de seus navios, visto ficar-lhes a barra distante legua e meia, se tanto, em linha recta. A população da cidade de S. Pedro calcula-se em 7,000 habitantes, entre os quaes alguns de colossal fortuna. O canal da Barca e o porto desta cidade precisão muito de ser escavados, porque já se tem observado em grande parte as escavações feitas em 1855. 78

A villa de S. José do Norte é uma das mais antigas povoações da provincia , porém pouco tem prosperado , não só pelas immensas arêas de que se acha circumdada, como porque é sómente um deposito e não uma praça commercial; terá, se tanto, 5,000 habitantes.

Para que se possa fazer uma idéa exacta da navegação de longo curso, de cabotagem e interna da provincia do Rio-Grande, vou produzir um mappa que organizei sobre os dados officiaes relativos ao exercicio de 1858 a 1859, e com elle terminarei este capitulo, para no seguinte tratar da agricultura.

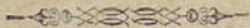
MAPPA DEMONSTRATIVO DA NAVEGAÇÃO DE LONGO CURSO, DE CABOTAGEM E INTERNA DA PROVINCIA DO RIO-GRANDE DO SUL, ORGANISADO SOBRE OS DADOS OFFICIAES RELATIVOS AO EXERCICIO DE 1858—1859.

PROCEDENCIAS	ENTRADAS		SAHIDAS				
	Navios	Tonelagem	Navios	Tonelagem			
De longo curso . .	559	42,910	336	42,850			
De cabotagem . . .	220	37,857	199	23,553			
	779	80,767	535	66,403			
<b>NAVEGAÇÃO INTERNA</b>							
	Vapores	Hiates	Lanchões	Botes	Cahiques	Canóas	Somma
Dos diversos rios da provincia . . . .	16	256	218	84	2	270	846

Nestas embarcações de longo curso se comprehendem diversas nacionalidades, porém as que mais avultão são americanas, inglezas, francezas e hamburguezas: as de cabotagem são em maior parte do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco.

Nas embarcações da navegação interna estão comprehendidas, no numero dos vapores, dous de guerra e o reboeador da barra: todas estas embarcações, afóra os vapores de guerra, são tripoladas por 1,659 pessoas, sendo as canoas quasi que exclusivamente empregadas na pesca dos rios, que são muito abundantes de peixe.

Terminando o presente capitulo, devo observar que envolvi na descripção hydrographica estas especialidades estatisticas porque este trabalho não é mais que um resumo de outro em que mais methodicamente trato de todas as questões, que agora resumidamente apresento.



## XVIII

### RIO-GRANDE DO SUL.

(CONTINUAÇÃO.)

Além das cidades e villas de que tratei no capitulo antecedente, tem a provincia muitas outras importantes, as quaes vou resumidamente descrever, e são :

A cidade de Bagé, que está situada na fralda da cordilheira geral de Sant'Anna, perto das vertentes do Rio Negro, que desagua no Uruguay; a sua posição astronomica é na lat. S. de 51° 20' 60"; e long. O. de Gw. 54° 6' 52". E' esta uma das povoações da provincia que mais commercio tem para os campos do Estado Oriental, por se achar muito proxima da linha divisoria; o seu municipio tem uma população de 12,400 habitantes, dos quaes uma quarta parte residem na cidade, sendo os outros residentes em suas ricas fazendas de criação de gado bovino e cavallar.

A cidade de Caçapava, que foi edificada sobre uma elevada chapada em cima de um dos ramos da serra geral, quasi no

centro da provincia; está situada na lat. S. de 50° 28' 15" e long. O. de Gw. 54° 58' 20". É uma das mais pittorescas povoações da campanha do Rio-Grande, porque de sua posição se dominão todos os contornos, sendo sómente accessivel a vehiculos de rodagem pelo lado do oriente; porquanto, por todos os outros é contornada por despenhadeiros que vão terminar em apraziveis valles, pelo meio dos quaes correm rios caudaes como o Irapuá e o Santa Barbara, que não são navegaveis senão pouco além de sua fóz no Jacuhy. O municipio de Caçapava conta uma população superior a 10,000 almas, e sómente um terço habita na cidade. Os serros que circumdão Caçapava, e mesmo o em que existe a cidade, são abundantes de minas de ouro; bem como nas nascentes de Santa Barbara e Irapuá se encontrão jazidas immensas de lenhito, e por todas aquellas serras o marmore de diversas qualidades.

A villa da Encruzilhada, situada sobre a parte occidental da serra do Herval, e a este de Caçapava, é uma povoação de pouca importancia commercial, mas celebre pela fertilidade de seus terrenos, nos quaes até ao presente se ceifa grande porção de trigo de superior qualidade; além de que em seu municipio se aclimatárão todos os bellos fructos da Europa meridional, produzindo a excellente pêra e as mais bellas maçãs que existem na provincia: foi a Encruzilhada por muitos annos a residencia do fallecido D. Feliciano Prates, primeiro bispo do Rio-Grande do Sul, que era o seu vigario, e principal lavrador de trigo daquelle municipio.

A villa de Santo Antonio da Patrulha, situada ao nordeste da cidade de Porto-Alegre, e na fralda da serra geral, é uma das mais antigas povoações da provincia, e dista da capital 12 leguas: não tem importancia commercial porque só commercia com os habitantes de cima da serra; sendo criadores

de gado os seus municipes, tambem se empregão na agricultura. Por este lado da provincia existem outras povoações de pequena importancia, taes como a villa da Vaccaria, de S. Francisco de Paula de cima da serra, e Torres; e mais proximas de Porto-Alegre a freguezia de Viamão, que foi a séde antiga do governo do Rio-Grande, antes de ser transferido para o Porto dos Casaes; a de Belém, e a da Aldêa de Nossa Senhora dos Anjos, na margem do Gravatahy. Todas estas povoações são outros tantos centros da producção agricola da comarca de Porto-Alegre, que prima sobre o resto da provincia pela sua industria rural.

A villa da Cruz-Alta de cima da serra, que está situada sobre a cordilheira geral que se dirige para o Uruguay e sobre o galho mais austral do rio Jacuhy, na lat. S. de 28° 45' e long. O. de Gw. 53° 56', é muito importante pela sua agricultura e pela quantidade de herba mate que se fabrica no seu municipio, que exporta para as republicas do Prata pelo Uruguay: tem uma população o seu departamento de mais de 50,000 habitantes, em maior parte oriundos da provincia de S. Paulo. Deste municipio foi desmembrado o da villa de Passo Fundo, que tambem é muito importante.

Ao nordeste da Cruz-Alta, e na encosta da mesma serra geral, demora a villa de Santa Maria da Boca do Monte, a qual dista da da Cachoeira pouco mais de 20 leguas, ao sueste da qual está situada; tem algum commercio com a Cachoeira e com as decadentes povoações das Missões Jesuiticas de S. Angelo, S. Miguel, S. Lourenço e S. João, que lhe ficão além da serra para as bandas do Uruguay.

Para o sul da provincia existe a villa de Cangussú, situada sobre a serra do seu mesmo nome, e a 6 leguas de distancia de Piratiny ao rumo de nordeste desta cidade; é fertil em productos agricolas, e na criação dos gados; seu

município tem uma população superior a 8,000 almas. Entre Cangussú e a cidade de Pelotas existem duas pequenas povoações, que são a do Serrito e a do Serro da Buena, cujos habitantes vivem de seus trabalhos agricolas e da criação dos gados.

Na facha formada pelo mar e as lagôas dos Patos e Merim, além da cidade de S. Pedro, e da villa de S. José do Norte, de que tratei no capitulo anterior, existem ao norte da barra do Rio-Grande a freguezia de Mostardas e a do Estreito, ambas de nulla importancia commercial, mas habitadas por gente muito industriosa; nos seus departamentos se tecem muitos objectos de lã e de algodão, dignos de apreço, taes como colchas, toalhas de mesa, ponches, etc.; além de que os melhores rebanhos de gado lanigero são os deste lado da provincia. E' proverbial a hospitalidade e franqueza dos habitantes da freguezia de Mostardas, bem como a sua coragem nos combates: ao sul da barra, nas terras do Albardão, existem as freguezias do Povo-Novo (uma das mais antigas da provincia) a de Taym, na margem da lagôa Mirim, e a de Santa Victoria de Palmar, no Chuhy.

Finalmente existe sobre a linha divisoria da provincia com o estado oriental a villa de Sant'Anna do Livramento, a qual está situada na lat. S. de 50° 33' 15", e long. O. de Gw. e 55° 27' 32" sobre a Cordilheira geral a que dá nome; é muito importante pelo seu commercio com a republica confinante, e tem o seu município uma população superior a 11,000 habitantes, quasi todos dedicados á criação de gados.

Algumas localidades que deixo de mencionar, taes como as freguezias do Herval, Arroio-Grande e outras o faço por abreviar este trabalho que já de mais se tem alongado.

Depois da minuciosa descripção que acabei de fazer cumpria-me deserever o caracter e habitos dos Rio-Grandenses, bem como apresentar um esboço da historia da provincia, mas existindo a este respeito escriptos de pennas muito conhecidas na republica das letras, fôra por demais arrojo de minha parte o intentar semelhante tarefa, pelo que vou textualmente transcrever o que a respeito dos Rio-Grandenses disse o meu fallecido amigo o conselheiro Antonio Manoel Corrêa da Camara nos seus Ensaíos-estatísticos, sem lhe alterar uma só virgula :

« Sobrio, activo, generoso e bravo; amigo sincero, e inimigo não desprezível; firme como um rochedo, e de invencível constancia na maior adversidade; entusiasta da gloria, e para consegui-la anhelando os combates, e correndo após o perigo com avidéz insaciavel; mas preferindo as mais rudes fadigas de vivissimas operações militares á estacção inactiva dos cantonamentos, e á que resulta das nossas guarnições de paz; menos disposto ao serviço de infante que ao de cavalleiro, sem deixar de desempenhar qualquer delles quando lhe é destinado; dispersando-se algumas vezes, e retirando-se mais por incapacidade do chefe do que por falta de animo n'um campo de batalha; sensível em extremo ao beneficio, e perdoando poucas vezes um ultraje; inclinado ao bello sexo, cuja sociedade cultiva com urbanidade e delicadeza não vulgares, e que se fazem notaveis até nas classes menos educadas; soffrendo o frio, a fome, a sede, e a calma intensa com resignação e paciencia admiraveis; geralmente talentoso e aptos para cultivar as sciencias, em que muito teria aproveitado se demais tempo as leis e as instrucções que as fomentão, e mais felizes circumstancias tivessem concorrido para ajuda-los; bom pai, excellente marido e filho respeitoso, o cidadão Rio-Gran-



dense foi talhado de molde para exercer as virtudes civicas e guerreiras, que o fazem recommendavel; e será indubitavelmente tão bom agricultor e fabricante como tem sido solícito criador de gado. Tudo deve esperar-se finalmente de um povo, que atravessando a cega mal conduzida guerra civil do seu paiz, que a todo o momento provocado pelo exemplo contagioso de tantas outras provincias, que constantemente arremessadas para o chareo immundo da brutalidade, immoralidade, impudor e desenvoltura da asquerosa imprensa brazileira (*aliquanta exceptione concessa*), nem assim foi possível degrada-lo e corrompê-lo, conservando-se intacto seu genio cavalheiro, seus brios, modestia, dignidade e honra. »

O homem que escreveu esta bella pagina sobre o caracter, costumes e habitos dos Rio-Grandenses, sempre foi taxado por extremamente severo em seus juizos, pelo que me parece que com plena convicção e conhecimento escreveu o que acabei de transcrever.

Sobre a historia da provincia existem os annaes do fallecido distincto litterato visconde de S. Leopoldo, que nada deixão a desejar quanto á apreciação dos diversos factos occorridos, pelo que só de leve, e como de passagem direi que a provincia que fórma o braço direito do gigante Imperio americano foi descoberta nos annos de 1680 ou 1681 pelos infatigaveis Paulistas, que em busca de terras auríferas chegarão até os campos da Vaccaria em cima da serra, e depois se dirigirão até o lugar onde existe a freguezia de Viamão.

Em 1737 vierão de Portugal os primeiros colonos para povoar a provincia do Rio-Grande do Sul, os quaes erão casaes de habitantes das Ilhas dos Açores, que assim que chegarão á provincia fizeram as suas habitações no lugar em

que actualmente existe a cidade de S. Pedro. Em virtude da ordem regia de 11 de Fevereiro de 1758 passou o continente do Rio-Grande a fazer parte da capitania de Santa-Catharina.

Em 1745 veio de Portugal, procedente dos Açores, a segunda expedição de colonos, e nesse mesmo anno foi a povoação de S. Pedro elevada á cathegoria de villa; desde o começo da fundação daquella povoação tiverão os colonos de permunir-se contra as escursões dos indigenas Minuanos, Tapes e Bugres; e mais tarde, em 1765, contra os Hespanhóes que á força de armas se apossarão da villa, e conduzirão a maior parte de seus habitantes para os campos Cisplatinos, e della estiverão de posse até 1766, época em que forão expulsos pelas forças de terra e mar ao mando do general João Henrique Bohom.

O 1º commandante que teve o continente do Rio-Grande foi o brigadeiro José da Silva Paes, que entrou a barra e tomou posse em 19 de Fevereiro de 1757; quando porém foi tomada a villa de S. Pedro pelos Hespanhóes, era o commandante da capitania de Santa-Catharina e do continente do Rio-Grande o coronel Ignacio Eloy de Madureira. O 1º governador do Rio-Grande no acto de sua elevação a capitania foi este mesmo Madureira, que foi promovido a brigadeiro nessa época por patente regia de 9 de Setembro de 1760, tendo havido antes delle ser nomeado mais cinco commandantes. O 4º e 6º governador foi o coronel José Marcellino de Figueiredo, nome supposto de que usava com licença do governo, porquanto o seu verdadeiro nome era Manoel Jorge Gomes de Sepulveda; a sua 1ª nomeação foi em data de 9 de Março de 1769, e a 2ª em 5 de Abril de 1775.

O coronel Sepulveda foi um dos governadores do Rio-

Grande do Sul que mais se interessou pelo adiantamento daquelle capitania ; elle foi quem fez transferir a capital de Viamão para o Porto dos Cazaes, a que deu o nome de Porto-Alegre, isto no anno de 1775 ; tratou de industrializar os indigenas aldeando-os, até creando um recolhimento para as indigenas na aldèa de Nossa Senhora dos Anjos. Creou diversas povoações, e deu uma fórma regular á milicia da capitania ; ao seu genio creador se devem a prosperidade da cidade capital da provincia, a da freguezia de Santo-Amaro, de Mostardas, de Sant'Anna do Rio dos Sinos, e da Conceição da Serra ; bem como organisou o regimento dos dragões, que tantos prodigios fez nas guerras contra os Castelhanos, e do qual sahirão muitos distinctos generaes, como forão os marechaes João de Deos Mena Barreto, Sebastião Barreto, e Abreu ; além de outros de não menor valor e pericia militar.

Foi substituido o coronel Sepulveda pelo brigadeiro Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara em 14 de Abril de 1780, e continuou os melhoramentos começados por seu antecessor ; seguiu-se a este em 8 de Janeiro de 1801 o brigadeiro Franciseo João Rocio, e depois Paulo José da Silva Gama, em 50 de Janeiro de 1805, e com este findarão os governadores.

O 1º capitão-general foi D. Diogo de Souza, depois conde do Rio-Pardo, que tomou posse em 27 de Novembro de 1807, em virtude de ter sido elevado o Rio-Grande ao titulo de capitania geral por carta regia de 19 de Setembro daquelle anno ; e o 4º e ultimo capitão-general foi o brigadeiro João Carlos de Saldanha Oliveira e Daun em 2 de Agosto de 1821, ao qual se seguiu o governo provisório installado em 22 de Fevereiro de 1822.

O 1º presidente da provincia, depois da independencia do

Brazil, foi o desembargador José Feliciano Fernandes Pinheiro, depois visconde de S. Leopoldo, nomeado por carta imperial de 25 de Novembro de 1825; a este seguirão-se muitos outros presidentes em diversas datas, que longo fôra enumera-los.

Desde que se estabelecêrão os Portuguezes na provincia do Rio-Grande, que começárão a disputar-lhes o territorio os Hespanhóes, e houve continuamente guerras, durante as quaes os Rio-Grandenses obrárão prodigios de valor; pouco era o tempo de repouso, sendo a ultima guerra a de 1825, na qual se deu a memoravel batalha de Itusayngo em 20 de Fevereiro de 1827, em que soffremos um terrivel revez, devido não á cobardia de nossos soldados, mas ás disposições do general, de cuja batalha se originou a paz de 1828 com a republica Cisplatina, que tomou a denominação de Estado Oriental do Uruguay.

Em 1835, no dia 20 de Setembro, rebentou a revolução fraticida que por mais de 9 annos devastou os campos do Rio-Grande do Sul, sendo naquella época presidente da provincia o desembargador Antonio Rodrigues Fernandes Braga, e quando se fez a paz o tenente-general marquez de Caxias. Ainda estão muito recentes os acontecimentos daquelle ensanguentado drama para delle se tratar; por isso que só direi que os Rio-Grandenses, quer de um quer de outro lado contendor, praticárão actos de coragem e valor nunca vistos; e feita que foi a paz todos se abraçárão como irmãos que erão, e não houve uma so vingança! facto este que serve para provar tudo quanto a seu respeito disse o meu amigo de saudosa memoria o conselheiro Corréa da Camara no trexo que de sua obra transcrevi.

Nada é mais difficil no Brazil que determinar a população exacta de uma qualquer localidade, quanto mais de

uma provincia ; e isto porque de ha muitos annos que não se faz um recenseamento em regra, e mesmo não sei que jámais se houvesse feito no nosso paiz um senso regular da sua população ; do que segue-se que tudo quanto até o presente se tem dito a respeito é suppositivo, e por isso sujeito a graves erros ; vou porém fazer o mesmo que acabo de censurar estimando a população Rio-Grandense, fundando-me em probabilidades, se bem que firmando-me nos principios estabelecidos pelos melhores estatisticos ; sem que comtudo aceite como infallivel os coeficientes de Sir Williams Petti, e as taboas de Euler, e as ultimamente publicadas por Garnier, mesmo porque só poderão taes coeficientes servir para os paizes sobre que forão calculados.

Franklin disse que a população dos Estados-Unidos Norte-Americanos duplicava em 20 annos ; e o Dr. Price que ella dobrava em 15 annos nos campos, e em 25 nas cidades, sem comprehender o augmento da emigração. Ora, os Estados-Unidos, nem em clima, nem em salubridade tem alguma melhoria ao Rio-Grande do Sul, e antes lhe são muito inferiores ; consequentemente não será fóra do razoavel suppôr-se que a população daquella provincia duplique em 20 annos, em referencia aos livres, e em 50 em relação aos escravos, como deduzo das taboas dos seus nascimentos e decessos, as quaes em referencia a alguns municipios me apresentão os seguintes resultados.

<i>Nascimentos.</i>		<i>Fallecimentos.</i>
Livres . . 1 em 38 habitantes.		Livres . . 1 em 117 habitantes.
Escravos. 1 em 33     »		Escravos. 1 em 48     »

Calculando pois segundo estas bases, e partindo do recenseamento feito em 1801 por ordem do governador Fran-

eiscc João Rocio , que apresentou uma população de 80,656 habitantes, sendo livres 56,554 e escravos 24,502 ; e mesmo firmando-me sobre o que executou o conselheiro Corrêa da Camara em 1847, se bem que não de toda a provincia , cuja população estimou em 550,000 habitantes , sendo 500,000 livres e 50,000 escravos , não posso aceitar o quadro estatístico da população que vem junto ao relatório da presidencia relativo a 1859 ; porquanto, alli se dá a população de 282,547 habitantes, sendo livres 271,667, e escravos 70,880, por achar aquella diminuta , e esta exagerada. Sei por experiencia propria , quando coadjuvei na repartição de estatística ao meu amigo de saudosa memoria o conselheiro Camara, que a maior parte dos habitantes do campo não se dão ao arrolamento , bem como que muitos livres de côr se arrolão como escravos para se eximirem ao serviço da guarda nacional ; e sem duvida essa é a causa principal de apresentarem os numeros uma população livre tão diminuta, e a escrava tão exagerada.

Por todas estas razões que acabo de apresentar supponho que me não apartarei muito da verdade estimando a população da provincia do Rio-Grande do Sul em 500,000 almas ; tomando para os habitantes livres a somma de 440,000 , e para os escravos a de 60,000 ; e sendo exacto este meu calculo, virá a ter a provincia 7 habitantes livres para 1 escravo.

Fitas estas breves considerações passarei a tratar da producção da provincia em referencia ás suas principaes industrias, e isso fará o objecto do seguinte capitulo.

## XIX

### RIO-GRANDE DO SUL.

(CONCLUSÃO.)

O clima desta provincia é muito ameno, e talvez o melhor do Brazil, porque no verão não ha alli os excessivos calores do norte do Imperio, e nem no inverno ha frios e gelos que obrigem o homem a ficar retido em casa ; a temperatura nos mezes de maior calor , que são Dezembro , Janeiro e Fevereiro, varia entre 75° e 80° Fahrenheit, chegando mui rarissimas vezes, e isto só em proximidade de tormentas, a 90°, e mesmo mais ; de inverno a temperatura varia entre 40° e 28° ; isto nos mezes de Maio, Junho e Julho, e por excepção de regra ás vezes chega a 24°. Estas observações thermometricas referem-se á cidade do Porto-Alegre, porque em cima das serras, e mesmo na campanha, o frio é muito mais intenso, e chega em algumas occasiões a 18° de Fahrenheit.

Regularmente as chuvas começam em Agosto, e chovem até fins de Setembro, mas não diariamente, nem causão

grandes inundações, bem como nem nos tempos da maior calma se sentem seccas destruidoras : as estações são regulares.

O clima e a uberdade das terras fazem com que o Rio-Grandense tire grandes lucros da lavoura quando a ella se dedica, bem como se enriqueça cuidando nos gados, pois as pastagens abundão, e os gados produzem sem grandes cuidados.

Os primeiros povoadores do Rio-Grande do Sul forão em quasi sua totalidade oriundos das Ilhas dos Açores, e desde que se estabelecêrão nos campos do continente tratarão de cultivar o trigo como principal ramo de suas lavouras, e muitos poucos forão os que se entregárão á criação dos gados, ainda que os achárão em innumera quantidade, tanto os da raça bovina como da cavallar, mas no estado bravio ; sendo forçados a dar-lhes cassa para os destruir e poder domesticar os que reservavão para criação. Tal era a abundancia do gado vaccum e cavallar, que se matavão milhares só para aproveitar os couros, ficando a carne sobre o campo para os abutres. Até 1820 uma vacca ou boi erão vendidos por um peso forte, que então valia 720 rs.

A fertilidade das terras era tal que, sem auxilio de estrumes, cada alqueire de trigo semeado produzia, nas regulares colheitas, na razão de 80 por 1 ; e quando se dizia colheita superior era effectuada ella na de 100 e mais por 1, e assim continou a ser por muitos annos ; de sorte que a provincia do Rio-Grande foi denominada o seleiro do Brazil ; aconteceu, porém, que apparecesse a peste nos trigos, a qual se denominava — ferrugem — e as colheitas diminuirão a menos de metade das anteriores, o que fez com que os lavradores abandonassem aquella importante cultura, e se dedicassem á criação dos gados como principal industria da provincia.



Anteriormente ao apparecimento da ferrugem, que teve começo em 1811, regulava a exportação do trigo em cada anno por 460,000 alqueires, isto a contar de 1805 até 1810, porquanto antes desta época era maior a exportação deste cereal; mas de 1811 a 1820 a exportação dos trigos do Rio-Grande ficou reduzida a 180 e 200 mil alqueires por anno. Não se pense, porém, que a sua cultura fosse completamente abandonada por ter deixado o trigo de produzir, porque elle sempre produzia quando era semeado, mas não na quantidade em que se colhia nas épocas anteriores ao apparecimento da peste; e regulavão as colheitas então na razão de 33 e 40 alqueires por 1; o que achárão não valer a pena de plantar-se, visto estarem habituados os lavradores a recolher na razão de 100 por 1. Só se plantava o necessario para o proprio consumo, e alguns até isso mesmo deixárão de fazer.

A producção de 40 alqueires por 1 foi taxada de miseravel! em quantas partes do mundo se apresenta uma tão abundante producção? Na Russia as colheitas superiores não excedem, nem mesmo igualão, ás que no Rio-Grande se taxárão de miseraveis; e nos Estados-Unidos a producção do trigo é estimada na razão de 20 alqueires por 1; mas não foi por isso abandonada a sua cultura.

A diminuição dos gados do Ceará, e de outras provincias do norte do Imperio, ainda que indirectamente, concorreu para o abandono da cultura do trigo no Rio-Grande do Sul, e para se dedicarem á criação dos gados com mais cuidado, visto que, como disse, os campos estavam cobertos de animaes vaceum e cavallares bravios.

Assim que foi sendo abandonada a cultura do trigo forão os fazendeiros tratando de domesticar os gados bravios que abundavão nas suas estancias, para vendê-los aos xarquea-

dores; e desde então começou a industria e fabricação da carne secca para negocio.

A primeira xarqueada de que tenho tradicção foi fundada no anno de 1794, no lugar ainda hoje denominada — Xarqueada Velha—e depois desta seguiu-se a do Sacco de Pelotas e outras no rio deste nome, e mesmo algumas na margem esquerda do Jacuhy; comtudo ainda em 1820 só 10 xarqueadas se contavão no Rio-Grande do Sul; foi tão rapido porém o desenvolvimento que teve esta industria, depois que se extinguiu a cultura e exportação do trigo, que em 1855 era a carne secca e os mais productos do gado vaccum a principal, e quasi exclusiva industria da provincia; por quanto de 1821 a 1855 regulava a sua exportação annual por 600,000 arrobas de carne secca, 585,000 couros em cabello, 55,000 arrobas de sebo em pães e 50,000 arrobas de gorduras, sem contar com outras especies, como cabello, uphas, aspas, etc., o que tudo se elevava a um valor de 4,000:000\$000 por anno; cumpre, porém, advertir que nos ultimos annos destas épocas a exportação era superior ao duplo da demonstrada.

Depois de feita a paz de 1828 com a republica Oriental do Uruguay a provincia do Rio-Grande, que muito havia soffrido em suas industrias durante aquella guerra, começou a prosperar por fórma tal que o seu adiatamento era conhecido a olhos vistos, e em 1855 tocava quasi que á meta da prosperidade; porquanto, as fazendas regorgitavão de gados, e as xarqueadas fabricavão e exportavão para as provincias do norte do Imperio toda carne secca que consumião, bem como para paizes estrangeiros os couros vaccuns e cavallares em grandes quantidades; mas o genio do mal dirigio-se para aquella bella parte do Brazil, farto de produzir estragos em outras provincias do norte, e no dia 20 de Setembro

de 1855 embocou a trombeta da discordia, a qual echoou em todos os angulos do continente do Rio-Grande! A luta fratricida foi travada, e por mais de nove annos talou as campinas e assolou os povoados! O resultado desse drama de sangue foi a transformação da opulencia em penuria, e mesmo em miseria....

Antes da revolução uma rez de eriar se vendia por 5\$000, e um boi de córte por 8\$000; terminada porém a luta, aquelle se chegou a vender por 15\$000, e este por 25\$000; e isto não só porque innumera quantidade de gado foi destruida pelos exercitos contendores (pois os beligerantes chegavão algumas vezes a matar uma rez só para amarrarem o cavallo nas aspas, ou para aproveitar-lhe sómente a lingua), como tambem porque a peste, que se desenvolveu no gado vaccum depois de terminada a luta, exterminou o pouco que tinha ficado; felizmente esses males já são passados, e a prosperidade existe na provincia do Rio-Grande do Sul.

A Providencia Divina nada dispõe sem um fim de utilidade, e ainda dos maiores males mandados por Deos á terra o homem colhe resultados uteis no futuro; tal aconteceu com a revolução de 20 de Setembro de 1855; porquanto, os Rio-Grandenses colhêrão pela lição da experiencia a certeza de que a paz, e só a estabilidade da monarchia constitucional no Brazil, podem fazer o seu engrandecimento. Bem cara lhes custou, porém, esta verdade, além da qual mais colhêrão a de que a unica industria da criação dos gados não podia firmar uma riqueza duradora, sem que fosse acompanhada da agricultura.

A tradição do passado, e mesmo o testemunho occular dos velhos, bradava aos Rio-Grandenses, que as terras do continente erão uberrimas, e que sendo cultivadas com dedicacão podião além da abundancia trazer a riqueza e prosperidade

da provincia ; essas tradições pois, e principalmente o exemplo dos colonos de S. Leopoldo, fizeram com que nestes ultimos annos a agricultura tenha tido uma nova animação ; porquanto até mesmo o trigo já começou a ser outra vez cultivado, havendo lavrador que colheu no anno de 1858 mais de 100 alqueires de trigo, além de bastante porção de milho, feijão, etc.

A grande quantidade dos generos alimenticios que são actualmente exportados para o Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco pela provincia do Rio-Grande do Sul não é sómente produzido nas colonias, porém em maior parte pelos lavradores nacionaes ; principalmente a farinha de mandioca.

Antes de apresentar os dados estatisticos sobre a producção da provincia do Rio-Grande do Sul, julgo conveniente dizer algumas palavras sobre as diversas colonias agricolas que alli existem, as quaes vão marchando n'um lisongeiro progresso, parecendo que o problema da colonisação já se acha resolvido naquella parte do Imperio.

Pouco tempo depois de feita a nossa independencia, o immortal fundador do Imperio, o Sr. D. Pedro I, mandou fundar na provincia do Rio-Grande do Sul uma colonia agricola com lavradores vindos da Allemanha, e o lugar escolhido foi o da extincta feitoria real do linho canhamo, cujas terras estão situadas á margem esquerda do rio Cahy, e a 7 leguas de distancia da cidade de Porto-Alegre. Para alli forão mandados os primeiros colonos vindos da Allemanha em 1824 em numero de poucas familias, dando-se por orago á colonia —S. Leopoldo— da qual tomou desde então o nome.

A colonia de S. Leopoldo é actualmente um dos mais importante municipio da comarca de Porto-Alegre e tem-se

della formado muitas outras colonias, que têm sido augmentadas com novos emigrantes que o governo geral e provincial tem mandado contratar na Europa, e mesmo com os mandados engajar por particulares, além dos que espontaneamente têm para alli seguido.

Conforme os dados officiaes que tenho em vista, a colonisação da provincia do Rio-Grade do Sul se tem effectuada nas relações seguintes.

<i>Antes da revolução</i>		<i>Durante o trafico da escravatura</i>		<i>Depois de extincto o trafico da escravatura</i>	
Annos	Numero de colonos	Annos	Numero de colonos	Annos	Numero de colonos
1824	176	1844	66	1852	597
1825	909	1845	87	1853	332
1826	828	1846	1,515	1854	382
1827	1,088	1847	691	1855	439
1828	99	1848	124	1856	429
1829	1,689	1849	95	1857	1,522
1830	117	1850	128	1858	1,928
		1851	289	1859	1,633
	4,856		2,995		7,262
		Somma	15,113		

Do mappa que acabei de produzir vê-se que de 1831 a 1845 não houve introdução de colonos na provincia, e que nos annos de 1844 e 1845 só alli entrãrão 155 colonos; isto procede do estado de revolução em que se achou a provincia até 1845, mas feita que foi a paz, logo no anno seguinte, 1846, subio a emigração colonial a 1,515 individuos; comtudo nos 8 annos decorridos de 1844 a 1851 a

introdução de colonos se realizou na razão de  $\frac{1}{3}$  da que se effectuou nos 8 seguintes annos de 1852 a 1859, quando se achava extinto o trafico dos Africanos; porquanto no primeiro periodo a colonisação sommou em 2,995, e no segundo em 7,262.

Deve mais observar-se que os dados officiaes, que tenho presentes, demonstrão que de Outubro de 1858 até Setembro de 1859 forão introduzidas 475 familias contendo 2,576 colonos, importados por conta do governo geral e provincial, por particulares e espontaneamente nas seguintes relações; a saber:

Por conta do governo geral . . . . .	475	colonos.
Idem do provincial . . . . .	376	»
Idem de particulares . . . . .	1,077	»
Emigrantes espontaneos . . . . .	708	»
	<hr/>	
Total . . . . .	2,576	»
	<hr/>	

Prova-se, pois, que a colonisação espontanea já começa a encaminhar-se para a provincia do Rio-Grande do Sul em não pequena escala, quando se compara com a contratada.

Agora vou fazer uma breve demonstração estatistica das diversas colonias que se têm estabelecido na provincia não só por conta do governo, como por arbitrio de particulares. Começarei pelas mais antigas.

#### COLONIA DE S. LEOPOLDO.

Foi fundada em 1824, e actualmente está elevada á categoria de villa, e conta mais outras colonias filiaes que della se têm desmembrado, porém que ainda pertencem ao seu municipio, o qual conta 2,660 fogos com uma

população colonial de 15,295 individuos ; a sua divisão é a seguinte :

Freguezias.	Fogos.	Habitantes.
S. Leopoldo. . . . .	644	3,673
Sant'Anna do Rio dos Sinos . . .	291	1,619
S. Miguel dos Dous Irmãos. . . .	1,210	7,026
S. José do Hortencio . . . . .	515	2,977
	<hr/>	<hr/>
	2,660	15,295
	<hr/>	<hr/>

Estabelecimentos.	Estabelecimentos.	Valores da exportação comparada.
Agrícolas. . . . . 2,229	Engenhos de farinha. 189	De 1843. . . . 311:320\$
Casas de negocio. 71	Fabricas de lombilhos 50	De 1848. . . . 822:830\$
Cortumes . . . . . 35	Ditas de charutos . . 13	Augmento. . . 511:510\$
Engenhos de canna 28	Ditas de cerveja . . . 5	
Ditos de serrar. . . 5	Ditas de azeite veget. 27	
Fabricas de colla. . 4	Ditas de louça . . . . 3	O qual é igual a um
Olarias. . . . . 12	Diversas officinas. . . 10	progresso de 32,8 % ao
		anno.

#### PETROPOLIS.

Esta colonia foi estabelecida entre os rios Cahy e Cadêa , distante de Porto-Alegre 15 leguas ; tem uma superficie de 1,114,000,000 braças quadradas , e a sua população é ainda mui diminuta e só conta 515 habitantes , mas o seu estabelecimento é de data mui recente, pois começou em 1857 ; acha-se dividida em 12 districtos com as seguintes denominações :

1º Olinda.	4º Christina.	7º Theresina.	10º Assembléa.
2º Imperial.	5º Sebastopol.	8º Ferrasina.	11º Presidente.
3º Isabel.	6º Leopoldina.	9º Sinimbú.	12º Theotonia.

A população de Petropolis se compõe de 224 Allemãs, 8 Belgas, 48 Hollandezas, 52 Francezas, e o restantê de nacionaes.

SANTA-CRUZ.

Foi fundada esta colonia em 1850, sobre uma área de 12 leguas quadradas nas proximidades da capital, e contém actualmente 2,725 habitantes, dos quaes 999 são lavradores; as suas nacionalidades se dividem em 664 Brasileiros, 2,040 Allemães, e 18 de outras nações: a exportação dos productos de Santa-Cruz avalia-se em 90:000,5000 annualmente.

SANTO ANGELO.

Esta colonia foi estabelecida em 1857 na margem do Jacuhy, sobre uma superficie de 46,222,000 braças quadradas; a sua população é de 594 habitantes, sendo destes 47 nacionaes, e outros de origem Germanica: estima-se a sua exportação annual em 7:000,5000.

SÃO PEDRO DE ALCANTARA.

Fundada entre as freguezias da Conceição do Arroio e S. Domingos da Torre na costa da serra geral, tem actualmente 444 habitantes, sobre uma área de uma e meia legua quadrada; são muito fertes as suas terras, e exporta annualmente de productos de sua industria o valor de 12:000,5000.

Tem 21 engenhos de cana, 40 de farinha, 5 cortumes, 5 casas de negocios, 4 officinas de sapateiro, e 4 de ferreiro.

SÃO PEDRO DAS TORRES.

Foi fundada em 1826 na extrema norte da provincia, e conta actualmente 461 habitantes, e estes colonos estão



confundidos com a população nacional ; possuem 51 engenhos de cana, 24 de farinha , 1 cortume , 2 ferrarias, 2 sapatarias, e 6 casas de commercio : a sua exportação annual orça por 15:000\$000.

SANTA MARIA DA BOCA DO MONTE.

Esta colonia foi fundada em 1856 na costa da serra geral além da cidade da Cachoeira, sobre uma área de 446,500 braças quadradas ; a sua população é quasi todo brazileira , pois tem 101 nacionaes e 41 estrangeiros ; a fertilidade das terras da colonia é admiravel ; porquanto em 1858 de 55 e meio alqueires de milho collêrão 2,556 alqueires ; e de 49 e  $\frac{1}{4}$  alqueires de feijão, collêrão 556 alqueires ; marcha muito prospera esta colonia.

MUNDO NOVO.

Colonia fundada em 1846 por Tristão José Monteiro, na sua fazenda do Mundo-Novo na costa da serra geral , e nas margens do rio dos Sinos, contém uma população de 1,005 habitantes , dos quaes 512 Brazileiros , e 493 oriundos da Allemanha : marcha em prosperidade esta colonia , pois o genio infatigavel do seu fundador fez tudo quanto é possivel para conseguir o bem estar dos seus colonos, os quaes vivem na abundancia.

Em 1858 exportou o Mundo-Novo para a capital da provincia os seguintes generos alimenticios :

Feijão. . . . .	6,600 alqueires.
Milho . . . . .	16,000    »
Fumo. . . . .	200 arrobas.

Existem na colonia diversos engenhos de canna, de serrar e de fazer farinha.

SANTA MARIA DA SOLEDADE.

Foi fundada esta colonia pela sociedade Montravel, Silveiro e Comp. em 1855, nas margens do rio Taquary, e já conta uma população de 1,520 habitantes, sendo 81 Brasileiros, 984 Allemães, 201 Hollandezes, 40 Suissos, 15 Belgas e 1 Francez: a exportação da Soledade em 1859 foi a seguinte:

Feijão . . . . .	1,900	alqueires.
Milho . . . . .	4,000	»
Batatas . . . . .	1,200	»
Trigo . . . . .	100	»
Centeio . . . . .	50	»
Fumo . . . . .	200	libras.

ESTRELLA.

Situada na fazenda da Estrella pelo seu proprietario, o coronel Victorino José Ribeiro, sobre uma área de 6,516,154 braças quadradas, a sua população é de 492 habitantes, dos quaes 172 nacionaes e 20 estrangeiros; a sua exportação em 1859 foi a que se segue:

Milho . . . . .	8,490	alqueires.
Feijão . . . . .	2,371	»
Batatas . . . . .	1,294	»
Favas . . . . .	296	»
Centeio . . . . .	324	»
Cevada . . . . .	113	»
Trigo . . . . .	353	»
Arroz . . . . .	32	»

CONVENTOS.

Fundada em 1855 na margem do Taquary, junto á foz do arroio Castellano, sobre uma área de 22,275,000 braças quadradas, pelos seus empzarios Baptista & Fialho, tem 258 habitantes, dos quaes 76 Brasileiros e 112 Allemães: é de um terreno muito fertil, como o provão as sementes lançadas á terra e colheita feita no anno de 1859.

Especies.	Sementes.	Colheitas.
Feijão . . . .	10 alqueires	1,600 alqueires
Milho . . . .	20 »	3,850 »
Batatas . . .	26 »	650 »
Trigo . . . .	6 »	200 »
Favas . . . .	6 »	180 »
Cevada . . .	6 »	60 »

MARIANTE.

Fundada á direita do rio Taquary, no districto de Santo Amaro, sobre uma área de 1,400,000 braças quadradas, tem uma população de 57 habitantes, sendo 9 Brasileiros e 48 Allemães: vivem na abastança, porém ignoro qual a sua exportação.

S. LOURENÇO.

Esta colonia foi estabelecida na margem do rio de S. Lourenço do municipio de Pelotas; pertence a uma empreza particular dirigida por Jacob Reingnatz, tem uma área de 224,000 braças quadradas, e uma população de 206 habitantes, dos quaes são 58 Brasileiros e 172 Allemães: vive na

abastança e colheu no anno 1859 os seguintes generos alimenticios:

Cevada. . . . .	110 alqueires.	Batatas . . . . .	182 alqueires.
Centeio . . . . .	37 »	Milho . . . . .	946 »
Trigo. . . . .	59 »	Feijão . . . . .	234 »

PEDRO II.

Fundada no municipio da cidade de Pelotas em 1855, e conta uma população de 96 individuos, tendo já sido maior, porque parte dos colonos que alli se estabelecerão se dispersarão pela provincia, mas ainda assim os que existem vivem na abundancia, e do excedente de suas colheitas de 1859 vendêrão o seguinte :

Milho. . . . .	2,400 alqueires.
Feijão . . . . .	200 »
Manteiga. . . . .	97 arrobas.

Além das colonias que acabo de descrever, existem quatro aldeamentos de indigenas contendo 1,749 habitantes, os quaes tambem já recolhem de suas lavouras mais do que lhes é necessario para o seu sustento; esses aldeamentos são dirigidos por cidadãos encarregados pelo governo para esse fim; têm os aldeamentos de que trato as seguintes denominações e população :

Nonahy, municipio da Cruz-Alta. . . . .	570 habitantes.
S. Nicoláo, Missões . . . . .	215
S. Vicente . . . . .	746 »
S. Isabel, em cima da serra . . . . .	220 »

Somma em. . . . . 1,724 habitantes,  
dos quaes são do sexo masculino 907, e do feminino 842.

Feita assim esta breve descripção de cada uma colonia, vou apresentar em um só mappa o resumo das mesmas colonias, afim de que de uma vista d'olhos se possa abranger o todo de sua população e origens; antes porém de o fazer devo declarar que actualmente devem ter tido mais augmento de população as colonias mencionadas, visto que, como demonstrei, só de Outubro de 1858 a Setembro de 1859 entrãrão 2,576 colonos, e eu não possuo os dados estatisticos de então para cá.

MAPPA DAS COLONIAS ESTABELECIDAS NA PROVINCIA DO RIO-GRANDE DO SUL, COM DECLARAÇÃO DE SUAS DENOMINAÇÕES E ORIGEM DE SEUS POVOADORES.

DENOMINAÇÕES.	HABI- TANTES.	ORIGEM DOS COLONOS.
S. Leopoldo . . . . .	15,295	Allemlães, Suissos e Brasileiros.
Nova Petropolis . . . . .	512	Idem e Holandezes.
Santa Cruz . . . . .	2,723	Idem, Flameng., Portuguez e Braz.
Santo Angelo . . . . .	394	Idem e Brasileiros.
S. Pedro de Alcantara . . . . .	444	Allemlães e seus descendentes Braz.
S. Pedro das Torres . . . . .	461	Idem, idem.
S. Maria da Boca do Monte . . . . .	142	Brazileiros e Allemlães.
Mundo-Novo . . . . .	1,005	Idem, idem.
Santa Maria da Soledade . . . . .	1,504	Idem e de diversas nações.
Estrella . . . . .	192	Brazileiros e Allemlães.
Conventos . . . . .	188	Idem, idem.
Mariante . . . . .	57	Idem, idem.
S. Lourenço . . . . .	206	Idem, idem.
Pedro II. . . . .	137	Idem, idem.
Somma . . . . .	23,260	

Já demonstrei o progresso individual de cada uma destas colonias; mas, como tratando da de S. Leopoldo sómente apresentei o valor de sua exportação annual, sem determinar quaes os generos que perfazião aquella somma, vou demonstrar agora individualmente quaes os productos que exportou

para a cidade de Porto-Alegre no anno de 1858, porque assim melhormente se poderá apreciar a prosperidade agricola e industrial desta importante colonia, que muito maior fôra ainda se os seus colonos durante a revolução de 1855 não se tivessem envolvido nas questões politicas, e por essa causa pegado em armas por um e outro partido contendor, abandonando suas lavouras em grande parte.

DEMONSTRAÇÃO DOS PRODUCTOS EXPORTADOS PELA COLONIA E MUNICIPIO DE S. LEOPOLDO PARA A CIDADE DE PORTO-ALEGRE NO ANNO DE 1858, EXCEDENTES DO SEU CONSUMO INTERNO.

<i>Generos.</i>	<i>Unidades.</i>	<i>Quantidades.</i>	<i>Valores.</i>
Feijão . . . . .	Alqueires	50,000	160:000\$000
Milho . . . . .	»	50,000	125:000\$000
Farinha . . . . .	»	32,000	80:000\$000
Batatas. . . . .	»	34,834	52:200\$000
Caxaça. . . . .	Pipas	42	6:300\$000
Trigo. . . . .	Alqueires	750	2:300\$000
Gallinhas . . . . .	Uma	25,000	8:000\$000
Ovos. . . . .	Duzias	50,000	8:000\$000
Manteiga. . . . .	Arrobas	356	4:570\$000
Toucinho . . . . .	»	3,780	26:460\$000
Somma . . . . .			472:830\$000
<i>Productos manufacturados.</i>			
Couros cortidos e lombilhos para cavallo . . .			300:000\$000
Diversos objectos fabricados. . . . .			50:000\$000
Total . . . . .			822:830\$000

Parece-me que tenho demonstrado por fôrma conclusente, que o progresso industrial e agricola das colonias estabelecidas na provincia do Rio-Grande é muito lisongeiro ;

bem como que o desenvolvimento da industria rural alli, tem tomado muito maior desenvolvimento de 1852 para cá do que até então ; e como esta época coincide com a cessação do trafico da escravatura, devo suppôr que isso tambem muito tem concorrido para semelhante melhora-mento ; e para que não se attribua o progresso da provin-cia sómente á parte relativa ás suas colonias , passo a fazer uma demonstração estatística de todos os productos indus-triaes da provincia, e por elle se poderá reconhecer qual a sua importancia actual.

Anteriormente ao anno de 1852, e depois de desprezada a cultura do trigo , em razão da peste que lhe começou a dar em 1811 , a provincia do Rio-Grande do Sul reduzia todo o seu commercio de exportação aos productos do gado vaceum , que erão manufacturados nas xarqueadas , e a alguma herva-mate que remettia para as republicas do Rio da Prata ; mas, terminada a revolução de 1855, e tendo-se os Rio-Grandenses entregado promiscuamente á agricul-tura e á criação dos gados , principiárão a abundar os ge-neros de suas lavouras ; e como esse augmento de producção agricola apparecesse precisamente na época em que ella começou a diminuir em algumas provincias do norte, em que todas as suas forças applicadas na lavoura se tinham di-rigido para a cultura do café , o Rio-Grande começou a ex-portar o excedente de sua producção para supprir o deficit que naquellas se ia sentindo dos generos mais communs para alimentação do povo.

A producção dos generos alimenticios das especies legumi-nosas e farinaceas encontrando grande procura nos merca-dos daquella provincia, animárão os seus lavradores a fazer maiores plantações , para assim poder a offerta satisfazer a demanda ; visto que ninguem razoavelmente produz pelo

meio do trabalho aquillo que commercialmente não pôde ser permutado, porque isso importaria nada menos que um prejuizo total.

E' minha convicção que a provincia do Rio-Grande do Sul tem feito nestes ultimos annos um progresso muito mais rapido que o realizado nas outras suas irmãs do norte. A agricultura nesta provincia, comquanto ainda não seja estudada como sciencia, é comtudo praticada com muito mais methodo que em qualquer outra parte do Brazil; o arado, a grade e outros instrumentos agrarios de ha muito que são conhecidos e usados no Rio-Grande.

O que porém tem de firmar no futuro a prosperidade desta importante provincia é a cultura do trigo, que, como demonstrei, já começa a ser novamente intentada a sua cultura, com lisongeiros e felizes resultados, que sem duvida muito contribuirão para que maior numero de lavradores plantem esse indispensavel furmenticio para o sustento do homem civilisado, e as boas sementes demonstrarão que a terra se presta á cultura do trigo.

Postos estes principios, que explicão satisfactoriamente as causas que induzirão e animarão os lavradores do Rio-Grande a fazerem maiores plantações das especies alimenticias, sem que se destruisse a industria do pastoreio e da fabricação da carne secca, vou apresentar as demonstrações das exportações geraes de todos os productos da provincia, para que se possa reconhecer o real progresso em que ella marcha, sem que tenha sentido o menor abalo com a cessação do trafico dos Africanos: separarei os productos agricolas dos de outras industrias, afim de que se possa melhor apreciar cada um de per si.



MAPPA DA EXPORTAÇÃO DOS GENEROS ALIMENTICIOS NOS ANNOS DE 1852 A 1858, PELAS SUAS QUANTIDADES E VALORES.

GENEROS	UNIDADES	1852	1853	1854	1855	1856	1857	1858
Farinha. . . . .	Alqueires	62,616	4,762	1,000	12,610	8,349	12,012	13,427
Feijão . . . . .	>	6,321	59,462	34,770	38,718	45,700	68,140	112,313
Milho. . . . .	>	71,018	91,255	122,766	81,037	25,474	20,172	39,430
Valor annual. . . .	Réis	174:400§	266:500§	353:900§	335:100§	285:700§	487:900§	588:400§

MAPPA DA EXPORTAÇÃO DOS PRODUCTOS DO GADO VACCUM E CAVALLAR, E DA HERVA-MATE RELATIVA NOS ANNOS DE 1852 A 1858.

GENEROS	UNIDADES	1852	1853	1854	1855	1856	1857	1858
Couros em cabello .	Um	718,556	743,070	683,732	617,441	653,536	559,916	502,777
Carne secca . . . .	Arrobas	1,492,744	1,754,027	1,403,539	1,170,983	1,229,069	1,462,023	970,580
Graxa . . . . .	>	104,200	123,893	103,212	73,190	80,598	116,150	66,284
Sebo em rama . . .	>	83,589	86,419	71,733	57,800	61,541	98,827	57,239
Unhas . . . . .	>	968,990	47,830	10,537	3,319	665	4,111	2,227
Aspas . . . . .	>	1,017,596	1,133,203	912,469	706,648	762,604	946,775	773,341
Garras de couro . .	>	12,741	25,469	19,795	15,345	21,736	21,201	21,694
Linguas . . . . .	Uma	54,022	67,594	78,106	68,134	45,461	52,277	33,801
Cabello . . . . .	Arrobas	50,237	51,285	53,451	45,913	48,417	42,500	37,739
Couros cavallares. .	Um	31,169	41,527	30,395	27,003	18,527	19,218	7,584
Herva-mate . . . .	Arrobas	13,267	99,785	7,954	164,122	38,615	259,366	240,567
Valor annual. . . .	Réis	4,077:000§	10,368:000§	9,828:000§	10,440:000§	11,503:000§	14,396:000§	10,628:000§

Os mappas que acabei de apresentar provão satisfactoriamente que a provincia do Rio-Grande do Sul marcha nas vias de um lisongeiro progresso em todos os seus ramos industriaes, sendo mais rapido e maior esse desenvolvimento a contar do anno de 1852 em diante, época que coincide com a completa extincção do trafico dos Africanos.

De 1851 a 1845 não houve introdução de colonos na provincia, dando sem duvida causa a isso a revolução de 1855; porquanto, assim que terminou aquelle desgraçado drama principiou novamente a importação de colonos, não só por conta do governo e dos particulares, como mesmo espontaneamente.

O primeiro anno depois de cessada a revolução, 1846, a importação dos colonos se elevou a 1,515, e só de 1857 a 1859 subio o seu numero a 5,085; parece, pois, que o problema da colonisação está resolvido nesta provincia. E', porém, digno de attenção ver-se que as colonias estabelecidas no Rio-Grande não o são sómente com estrangeiros europêos, mas com estes e nacionaes, que tambem se têm contratado e fixado nas colonias; e tem-se observado que os Brazileiros em cousa alguma cedem no trabalho aos colonos das outras nacionalidades, tendo sobre elles a vantagem da sobriedade. Serve, pois, esta observação para provar o meu principio, de que não ha raças privilegiadas, porquanto todos os homens são aptos para todos os trabalhos a que se quizerem dedicar.

Tendo feito resumidamente a descripção da provincia do Rio-Grande do Sul, empre-me declarar que a maior parte dos dados sobre as colonias e suas producções os colhi do bem elaborado relatório apresentado á assembléa provincial em 1859 pelo Exm. Sr. conselheiro Joaquim Antão

Fernandes Leão, sendo essa peça official a mais bem elaborada que tenho lido, pela grande quantidade de dados estatísticos que em si contém ; cumprindo advertir que todos os relatorios escriptos pelos presidentes do Rio-Grande do Sul, desde a administração do Exm. Sr. Cansansão de Sinumbú , são dignos de todo o apreço pelo systema com que têm sido organizados : os relatorios de quasi todas as provincias do Imperio se resentem de falta de dados estatísticos , e os que mais se hão adiantado nestes ultimos annos têm sido as do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, e ultimamente o de Sergipe , cujo presidente, o Sr. Dr. Manoel da Cunha Galvão, escreveu um excellente relatorio de sua administração. Estas peças officiaes jámais perdêrão por minuciosas em dados estatísticos , porque a estatística é a bussola que deve indicar o norte da administração. Postas estas breves considerações vou concluir o presente capitulo produzindo uma ultima comparação estatística, em referencia á importancia fiscal desta provincia.

Até agora tenho considerado a provincia do Rio-Grande do Sul em relação ás suas industrias , agora porém vou encará-la sobre a sua importancia fiscal.

Os balanços geraes do Imperio dos exercicios de 1854—55 a 1858 — 59 apresentam a renda média desta provincia na importancia de 2,246:120\$, com a arrecadação e fiscalisação da qual se despense a somma de 512:707\$; sendo 236:067\$ de arrecadação, e 76:640\$ de fiscalisação ; vindo consequentemente a custar a despeza de arrecadação 10,51 % , e a de fiscalisação 5,41 %.

Se porém se considerar que a metade das mercadorias estrangeiras consumidas na provincia do Rio-Grande do Sul são importadas na alfandega da côrte, onde pagão os direitos de consumo para depois serem navegadas de cabotagem

para aquella provincia, bem como que grande parte de seus productos são exportados pela mesma alfandega da côrte, porque dalli são remettidos para este principal mercado do Imperio, se reconhecerá que a renda propria do Rio-Grande do Sul não é a somma que appresentão os balanços geraes do Imperio porém a de 4,200:000\$, e consequentemente que concorre ella para o cofre geral do Imperio na razão de 16,8 %, sendo por isso a 4ª provincia na ordem do seu rendimento.

O calculo das rendas geraes, proprias da provincia do Rio-Grande do Sul, se demonstra da seguinte fórma: a importancia média das mercadorias estrangeiras importadas directamente nos exercicios de 1855 — 54 a 1857 — 58 foi de 25,015:000\$; e as que no mesmo tempo se introduzirão pela navegação de cabotagem, procedente de outras provincias do Imperio sommárão em 21,055:000\$; e porque nas provincias importadoras se pagárão os direitos de consumo destes valores, veio a do Rio-Grande a demonstrar uma renda menor que a do seu real consumo de 1,954:000\$, a qual sommada com a demonstrada nos balanços geraes perfaz a de 4,200.000\$.

A renda provincial média é orçada em 900:000\$ annuaes, sendo a despeza de arrecadação e fiscalisação de 94:500\$; consequentemente esta despeza está na razão de 10,5 %.

A sua renda municipal orça por 250:000\$ por anno, sendo applicada aos melhoramentos materiaes dos municipios, e ao pagamento dos empregados das repectivas camaras.

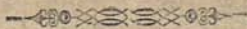
Segundo um calculo que organizei sobre a distribuição das rendas das diversas provincias do Imperio, reconheço que a do Rio-Grande do Sul é uma das que melhor

applicação faz dos seus rendimentos, porquanto os distribue nas seguintes razões :

Distribuição.	Razão por cento.
Corpo legislativo . . . . .	8,4
Arrecadação e fiscalisação . . . . .	10,5
Soccorros publicos . . . . .	10,5
Instrucção publica . . . . .	20,8
Colonisação. . . . .	12,5
Melhoramentos materiaes . . . . .	33,2
Outras despesas . . . . .	4,1
Somma . . . . .	100,0

Por demais me tenho alongado sobre a provincia do Rio Grande do Sul, portanto vou pôr termo a esta parte do meu trabalho, dizendo que senão esta uma das provincias que mais soffreu em seus melhoramentos desde que appareceu a revolução fratricida de 1855, a qual durou por mais de nove annos, e depois pela peste que desde 1845 até 1851 devastou os seus gados, e em fins de 1855 e principios de 1856 do cholera-morbus, comtudo o seu progresso é muito lisongeiro, e a sua agricultura, commercio, e mais industrias marcha n'um rapido progresso, não tendo até o presente se resentido em cousa alguma da extincção do trafico dos Africanos; o que serve para mais confirmar a minha these, que — a cessação desse immoral commercio foi o mais acertado passo que temos dado desde que se fez a independencia, e que ainda até agora nenhum decrescimento tem tido a nossa lavoura por semelhante causa.

Assim termino o presente capitulo, para ir occupar-me da provincia do Rio de Janeiro e municipio da côrte, tratando de produzir as provas de minhas proposições.



## XX

### PROVINCIA DO RIO DE JANEIRO.

A provincia do Rio de Janeiro, na qual comprehendendo o municipio da côrte, é sem duvida a mais importante das do Imperio do Brazil, sob qualquer ponto de vista em que fôr observada. Tendo um dos melhores, senão o primeiro porto do mundo, e uma posição geographica a mais conveniente para o commercio geral da Europa e da America, cuja franca barra está situada na lat. S. de 22° 50' 50" e long. O. 45° 4' 50" do meridiano de Greenwich; possuindo um clima ameno e salubre, parece que foi mesmo creada pela intelligencia divina para séde de uma poderosa monarchia, e para o emporio do commercio do universo. Não me cega o patriotismo quando exprimo estas convicções de minha alma.

Poucos, e talvez raros são os Brasileiros que atravessando a bahia de Nitherohy, a encarem e observem com o interesse

e admiração com que o fazem todos os estrangeiros que visitão a capital do Imperio ou entre nós residem. A natureza se ostenta em toda a sua magestosa grandeza, mesmo ás vistas mais indifferentes. As elevadas serras, e a profusa e secular vegetação que circundão a bella Guanabara, convidão-nos a entoar um hymno á Divindade, cuja magnificencia revelão.

A provincia do Rio de Janeiro é uma das mais populosas do Brazil, e estimão-se os seus habitantes em 1,500,000 almas, das quaes um terço pertence ao municipio da còrte.

A capital do Imperio sem duvida a mais importante cidade da America-Meridional, seja encarada sob que ponto de vista fôr; o seu commercio não encontra rival em todo o continente americano. Tendo uma população não inferior a 500,000 habitantes, possui os edificios e casas commerciaes que consão da estatistica que se segue, com o que se demonstra á plena luz que a capital e còrte do Imperio Americano já tem um desenvolvimento igual ás capitaes de primeira ordem dos Estados europeos.

O crescimento desta cidade tem sido admiravel nestes ultimos annos, pena é porém que nenhum plano systematico presidisse á sua edificação, pelo que as ruas da cidade velha são muito estreitas, e por isso incommodativas para os viandantes de pé, porque a quantidade de carros que cruzão em todos os sentidos, salpicão de lama aos transiuntes. Os vehiculos de conducção que existem na còrte, sem contar os dos particulares, elevão-se a mais de 5,000: é uma grande capital a cidade do Rio de Janeiro, como passo a demonstrar.

ESTATISTICA RESUMIDA DOS EDIFICIOS, CASAS DE COMMERCIO E INDUSTRIAS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, NO ANNO DE 1859.

DESIGNAÇÃO DOS EDIFICIOS.	TOTAL.	EDIFICIOS DE		CASAS DE COMMERCIO, FABRICAS, ETC.
		Sobrado.	Terreos.	
<i>Sujeitos á decima.</i>				
Particulares. . . . .	16,139	4,836	11,303	<i>Negocio de grosso trato; a saber:</i>
Sociedades. . . . .	30	15	15	De importação. . . . . 241
Corporações de mão morta . . . . .	874	403	471	De exportação. . . . . 192
				Companhias . . . . . 51
				484
<i>Isentos da decima.</i>				
	17,043	5,254	11,789	<i>Negocio por varejo; a saber:</i>
Dominio da corôa. . . . .	12	7	5	De fazendas. . . . . 241
Idem do estado. . . . .	107	36	71	De armazinhos . . . . . 230
Idem da municipalidade . . . . .	9	1	8	De ferragens . . . . . 82
Idem da misericordia. . . . .	301	164	137	Diversas especies . . . . . 868
Idem do collegio de Pedro II . . . . .	4	3	1	1,421
Paço episcopal . . . . .	1	1	—	Fabricas diversas. . . . . 462
Hospital dos lazarus. . . . .	1	1	—	Officinas diversas, etc. . . . . 3,395
	435	213	222	Tabernas . . . . . 1,290
				7,052
Templos sagrados . . . . .	55	—	—	Bancos e banqueiros. . . . . 10
Recapitulação. — Somma . . . . .	17,533	5,467	12,011	Somma . . . . . 7,062

Não só pelas diversas escolas scientificas e associações litteratas que existem na corte, como pelo continuado trabalho dos estrangeiros que a ella affluem, possui esta provincia uma illustração muito superior á das outras suas irmãs do norte e sul do Imperio. O caracter dos Fluminensez é nobre sem altivez.



A configuração do solo da provincia do Rio de Janeiro é todo montanhoso, se exceptuar-se o municipio de Campos e parte do que com elle confina pelo lado do sul na proximidade da costa ; possui porém o bellissimo valle do Parahyba, que é de uma fertilidade admiravel, bem como toda a terra dessas altas serras, das quaes a mais elevada é a da Estrella e o ramal da Gavea.

Dos diversos rios que correm nesta provincia sómente um póde ser considerado de primeira ordem, e este é o Parahyba, que, tendo suas nascentes nas provincias de S. Paulo e Minas, ao depois de as percorrer por muitas leguas atravessa toda a do Rio de Janeiro, e vai fazer barra no oceano no municipio de Campos, tendo de curso mais de 60 leguas. O Parahyba corre por entre as serras da Estrella e um dos ramaes da de Mantiqueira; a sua direcção é quasi parallelá á costa do mar, sendo porém navegavel em menos de um quarto de sua extensão por barcos regulares, e dahi para diante só é sulcado por pequenos barcos, canoas e balças. Os outros rios que correm na provincia são, a começar do norte e pelos que desaguão no oceano, o Itabapoana, que a divide da do Espirito-Santo ; o Macahé, o S. João e o Guandú, além de outros de menor importancia ; e dentro da bahia de Nitherohy desaguão os rios Macacú, Guapimirim, Magé, Inhomirim e Iguassú, e muitos outros menores.

Se porém a provincia do Rio de Janeiro não tem rios gigantes como os do Pará, em compensação possui as mais amplas bahias do mundo, como sejam a de Nitherohy, que tem perto de 26 leguas de circumferencia, com uma profundidade que varia entre 10 e 16 braças; a da Marambaia, a de Angra dos Reis e outras de menor extensão, porém profundas.

Possue diversos lagos ao norte e mesmo ao sul da bahia

de Niherohy: entre elles são os principaes a lagôa Feia, cujo perimetro mede mais de 20 leguas; a de Araruama, Carapebús, a de Rodrigo de Freitas e outras menores; sendo quasi todas muito abundantes de peixe.

Tanto nas costas do mar como nas bahias tem esta provincia muitas ilhas importantes, taes como a Ilha Grande, a Restinga da Marambaia, a que serve de extremo de Cabo-Frio, as Ilhas de Sant'Anna, e muitas outras de menor extensão, como as de Maricá, Rasa, etc., todas na costa e pouco distantes do continente; e dentro da bahia de Nitherohy, a do Governador, a da Caqueirada, a da Conceição, a de Mucangué e Paquetá, além de outras muitas de menor tamanho.

Os principaes portos desta provincia são, o da côrte do Imperio dentro da bahia de Nitherohy, no municipio neutro; os que existem nas diversas enseadas da bahia de Angra dos Reis, o de Itabapoana, Parahyba, Macahé, S. João, Guaratiba, Guandú, Itaguahy, Mangaratiba, e Paraty. O unico porto porém habilitado para a navegação de longo curso é o da bahia de Nitherohy, no municipio da côrte.

A divisão judiciaria desta provincia comprehende onze comarcas, que contêm as cidades e villas que vou descrever por suas localidades, entre as quaes algumas são importantes pontos commerciaes, mas em geral todas se podem considerar como centros industriaes e agricolas. Começarei pelas maritimas, ou que têm portos navegaveis com barra no oceano.

CIDADES E VILLAS DA PROVINCIA DO RIO DE JANEIRO COM PORTOS MARITIMOS.

<i>Categorias e denominações.</i>	<i>Situações.</i>
Capital de Nitherohy . . . . .	Ao oriente da bahia de Nitherohy.
Cidade de Campos . . . . .	A 6 leguas acima da foz do Parahyb.
Dita de S. João da Barra. . . . .	Na foz do mesmo Parahyba.
Dita de Macahé . . . . .	Na margem do rio do mesmo nome.
Dita de Santo Anton. de Sá. . . . .	Na margem do rio Macacú.
Dita de Cabo Frio. . . . .	Na foz da lagôa de Araruama.
Villa de Itaguahy . . . . .	Na margem do rio do mesmo nome.
Dita de Mangaratiba. . . . .	Na enseada de seu nome.
Cidade de Angra dos Reis. . . . .	Na costa da habia de seu nome.
Dita de Paraty. . . . .	Na costa de sua enseada.

CIDADES E VILLAS CENTRAES DA PROVINCIA DO RIO DE JANEIRO, ALGUMAS DAS QUAES COM PORTOS NAVEGAVEIS PELA BAHIA DE NITHEROHY.

<i>Categorias e denominações.</i>	<i>Situações.</i>
Cidade de Rezende. . . . .	Sobre um dos galhos do Parahyba.
Dita da Barra Mansa. . . . .	Nas margens do mesmo Parahyba.
Villa de Pirahy . . . . .	Idem do rio do mesmo nome.
Dita de S. João do Principe. . . . .	Idem do Pirahy.
Cidade de Vassouras. . . . .	Proximo do Parahyba.
Dita de Valença . . . . .	Entre os dous galhos principaes do Parahyba.
Villa de Iguassú . . . . .	Na margem do rio do mesmo nome.
Cidade da Parahyba do Sul. . . . .	Proximo da reunião dos tres galhos do Parahyba.
Dita de Magé. . . . .	Na margem do rio do seu nome.
Villa de Nova Friburgo . . . . .	Na chapada da serra a que dá nome.
Cidade de Cantagallo . . . . .	Na serra a que dá nome.
Villa de S. Fidelis . . . . .	Na margem do Parahyba.
Dita de Itaborahy . . . . .	Junto do pequeno rio de seu nome.
Cidade de Petropolis. . . . .	Na serra da Estrella. Residencia imperial no tempo de verão.
Villa da Estrella. . . . .	Na serra de seu nome.
Dita do Porto das Caixas. . . . .	Proxima de Itaborahy.
Dita do Rio Bonito. . . . .	Proxima do rio de seu nome.

Todas estas cidades e villas estão em relação entre si por meio de estradas, sendo as principaes a de Petropolis á Parahyba, a do Presidente, e a de Itaguahy, que são de ro-dagem.

Existem em andamento na provincia do Rio de Janeiro tres vias ferreas, que são a de Mauá, D. Pedro II e Cantagallo. A de Mauá está de ha muito concluida e foi a primeira estrada de ferro que teve o Brazil, e é devida ao genio empre-hendedor do distincto Rio-Grandense barão de Mauá; as ou-tras duas ainda estão em construcção os seus segmentos, mas já prestão não pequenos serviços aos productores, e aos viandantes que por ellas transitão.

Tem esta provincia dous canaes em construcção, que, quando concluidos, devem prestar-se em muito para o pro-gressô dos municipios que percorrem, e são elles o canal de Macahé a Campos e o canal do Nogueira.

Nenhuma das provincias do Imperio iguala em riqueza e industria á do Rio de Janeiro, que não só pela sua grande producção de café e assucar, como mesmo pelo seu commer-cio externo, ha de em todos os tempos prosperar; porquanto a franca bahia de Nitherohy, e a sua posição geographica no centro da America meridional tornão a capital do Imperio a primeira cidade dos estados ao sul do isthmo de Panamá.

Uma provincia tão rica e importante como a do Rio de Janeiro, e que tantos progressos tem feito nestes ultimos tempos, nada tem avançado em relação á colonisação, ficando neste ponto muito áquem da do Rio-Grande do Sul. Não se pense porém que o clima do Rio de Janeiro seja insalubre e fatal aos Europêos, porque pelo contrario é dos melhores climas do Brazil e do mundo: esta provincia tem tres climas distinctos,—nas proximidades do mar, no meio, e em cima das suas altas serras—; em qualquer destas localidades se ex-

perimentão temperaturas diversas, porém todas aprazíveis : os fazendeiros é que não têm querido contratar colonos.

As unicas colonias de que tenho noticia são as de que trata o relatorio da presidencia do Rio de Janeiro de 1858, e são as seguintes :

Colonias.	Habitantes.
Santa Rosa . . . . .	126 colonos.
Vallão dos Veados. . . . .	492 »
Corôas. . . . .	172 »
Independente . . . . .	281 »
Petropolis . . . . .	475 familias.

Sem duvida que um tão diminuto numero de colonos não está a par do progresso da principal provincia do Imperio ; mas, quando fôrem faltando os escravos das outras provincias, esta os tratará de importar, visto que ainda até agora acha escravos para comprar nas cidades populosas, e mesmo nas provincias do norte e sul do Imperio.

A principal e quasi exclusiva cultura da provincia do Rio de Janeiro é o café e a canna do assucar, mas nestes ultimos tempos mesmo esta segunda especie tem sido em parte abandonada pela cultura da primeira.

A quantidade do café produzido nesta provincia somma em mais de tres quartas partes de todo o café do Brazil, como mais para diante demonstrarei : todas as suas localidades são excellentes para a cultura do café, e ainda que se plante a canna do assucar em quasi todos os municipios, os que se podem apresentar como assucareiros são o de Campos, o da còrte, o de Rezende, o de Iguassú, e o de S. João da Barra, porque são os que têm maior numero de engenhos, e sempre cultivão a canna em maior escala, porquanto em todos os mais municipios predomina a cultura do café.

Postas estas brevissimas consideraçõs, vou entrar no assumpto principal deste meu escripto, que é demonstrar

com dados estatísticos que esta provincia marcha nas vias do progresso em sua industria agricola, mesmo depois da cessação do trafico.

São mui variados os productos desta provincia, e por isso só farei um resumo dos mais geraes no seu commercio de exportação, porque longo seria descrever todos os seus productos e industrias.

**DEMONSTRAÇÃO DOS PRODUCTOS NATURAES, AGRICOLAS E INDUSTRIAES DA PROVINCIA DO RIO DE JANEIRO, QUE ALIMENTÃO O SEU COMMERCIO DE EXPORTAÇÃO; A SABER:**

Aguardente de canna.	Ipecacuanha.
Algodão em rama e fio.	Joias.
Amendoim.	Lãas.
Arroz pilado.	Madeiras diversas.
Assucar.	Melaço.
Batatas.	Milho.
Cabello e crina.	Ouro em pó.
Cacão.	Objectos de ouro.
Café.	Pedras preciosas.
Chá.	Rapé.
Charutos e cigarros.	Sabão.
Couros vaccuns.	Sola.
Doces diversos.	Tamarindos.
Esteiras.	Tamancós.
Farinha de mandioca.	Tapioca.
Feijão.	Toucinho.
Fumo em rolo e rama.	E muitos outros objectos de outras
Gomma de polvilho.	provincias por esta exportados.

O valor da exportação desta provincia em 1853 a 1854 sommou em 57,711:000,5000.

O porto da capital do Imperio é o mais frequentado e commercial do Brazil, e mesmo dos da America Meridional; as suas aguas são sulcadas todos os annos por mais de 2,200 navios nacionaes e estrangeiros, que a elle se dirigem de todas as partes do mundo conduzindo variadas mercadorias, para serem negociadas pelos principaes productos desta provincia, naturaes e industriaes.

A estatística official do exercicio de 1857 a 1858 apresenta o resultado da navegação de longo curso e de grande cabotagem do Imperio, que demandou o porto do Rio de Janeiro, a qual vou produzir, sendo quasi que a mesma dos annos anteriores, e por isso deixarei de fazer sobre ella comparações estatisticas.

MOVIMENTO DA NAVEGAÇÃO DO PORTO DO RIO DE JANEIRO NO EXERCICIO DE 1857 a 1858.

	Navios.	Tonelagem.	Tripolação.
Navegação de longo curso. . .	1,121	513,103	14,524 homens.
Dita de grande cabotagem. . .	1,096	154,033	11,528 »
	<u>2,217</u>	<u>667,136</u>	<u>26,052</u> »

Nestes 1,121 navios estrangeiros se comprehendem de todas as nacionalidades, porém em maior parte inglezes, norte-americanos, francezes e hamburguezes. Nos 1,096 navios de grande cabotagem se comprehendem os que navegão entre a côrte e as diversas provincias do Imperio sob a bandeira nacional.

De tão grande navegação resulta que só o commercio da capital do Imperio e provincia do Rio de Janeiro produz um rendimento para o cofre geral do Estado maior de 20,000:000\$ annuaes, do qual deduzida a quota correspondente ao consumo das outras provincias, que ao mercado desta vêm fornecer-se do necessario, fica-lhe uma renda propria, proveniente de seu commercio e industrias, que se computa em 52,26 % para o todo da arrecadação geral do Imperio; e consequentemente concorre esta provincia quasi que com um terço da renda publica.

O principal producto agricola desta provincia é o café, que é de superior qualidade; e a este segue-se o assucar,

que é um dos de melhor qualidade do paiz ; portanto não será fóra de proposito dizer alguma cousa a respeito da cultura e origem destes dous generos, para assim melhor se poder avaliar o incremento que têm tido estas especies de nossa industria agricola.

A cultura do café na provincia do Rio de Janeiro data de 1770 , e se attribue a sua transplantação do Pará e Maranhão ao chanceller João Alberto Castello-Branco , que mandou vir as suas primeiras mudas e as fez plantar na cerca do convento dos frades barbadinhos, e na quinta de Hapman , situada além de Malaporecos, de cujos viveiros se extrahirão as plantas para serem cultivadas nas fazendas do interior da provincia, segundo refere o *Patriota*, periodico que se publicou nesta côrte.

Monsenhor Pizarro em suas memorias diz que o café foi uma das plantas cuja cultura foi prohibida no Brazil, sob pena de morte, por uma lei promulgada em Portugal no reinado de el-rei D. Manoel , a qual depois foi tolerada pelos reis seus successores. Não farei nenhuma observação sobre uma tal lei ; deixo ao bom juizo do leitor o julga-la.

Não é proprio deste meu trabalho discutir sobre a origem e procedencia da canna do assucar , não só porque a indagação deste facto nenhuma luz traria para o meu proposito, como mesmo porque esta questão já foi erudita e magistralmente desenvolvida pelo illustrado botanico Dr. Frei Allemão, em sua memoria impressa em 1858 ; portanto só direi que a nossa exportação de assucar em 1650 orçava de 150 a 162 milhões de libras por anno , e que no anno de 1756 se computou em 872 milhões de libras , soffrendo desta época em diante diversas alterações para mais e para menos ; porém ainda em 1760 era a exportação do assucar do Brazil computada em um terço das exportações



de todas as outras nações do mundo productoras deste artigo. Devo todas estas noticias ao relatorio da commissão revisora da tarifa das alfandegas do Imperio.

Segundo uma estatistica de Liverpool, a importação do café do Rio de Janeiro em 1812 na cidade de Londres foi sómente de 50 arrobas ; mas este nosso producto seguiu um tão rapido progresso na sua cultura , que Mac-Culloch no seu dictionario diz que a produção e exportação deste genero no Brazil seguia uma progressão tal que não achava exemplo semelhante em parte alguma do mundo , sendo esta quasi que em quantidade igual a todas as exportações do orbe.

Como não temos dados estatisticos officiaes por onde me possa guiar nas épocas anteriores a 1854, apresentarei aqui as notas commerciaes do Sr. Stokmeyer sobre a exportação do café do Rio de Janeiro desde o anno de 1826, e lhes addicionarei mais quatro annos anteriores (1817 a 1820) de que trata a estatistica de Londres , afim de poder demonstrar o espantoso progresso desta cultura na provincia do Rio de Janeiro.

TABELLA DA EXPORTAÇÃO DO CAFÉ DA PROVINCIA DO RIO DE JANEIRO DESDE 1817 A 1839.

Annos.	Quantidades de @	Annos.	Quantidades de @
1817 . . . . .	318,032	1831 . . . . .	2,241,245
1818 . . . . .	371,345	1832 . . . . .	2,394,50
1819 . . . . .	269,574	1833 . . . . .	2,808,460
1820 . . . . .	539,000	1834 . . . . .	2,803,795
1826 . . . . .	1,304,450	1835 . . . . .	3,237,190
1827 . . . . .	1,754,500	1836 . . . . .	3,579,465
1828 . . . . .	1,845,735	1837 . . . . .	3,285,025
1829 . . . . .	1,875,535	1838 . . . . .	3,833,480
1830 . . . . .	1,958,925	1839 . . . . .	4,446,620

Esta tabella, ainda não tendo o character official, merece

inteira fé, porque o seu autor, antigo e intelligente corretor desta praça, com olhos observadores acompanhou a marcha progressiva deste producto de nossa exportação; e mesmo porque na parte que ella comprehende as épocas de que existe estatística official, muito desta se approxima; por isso que continuarei a sua descripção com a da estatística official, e me servirei de ambas para fazer as indispensaveis comparações que comporta este trabalho, afim de sustentar e provar a these proposta — que a producção agricola não diminue no paiz, e antes marcha em constante progresso.

O café exportado pela provincia do Rio de Janeiro nos exercicios de 1840—1841 a 1849—1850, conforme a estatística official, é o que vou demonstrar por sua quantidade e valores officiaes:

Exercicios.	Quantidades de @	Preço médio.	Valor exportado.
1840—1841. . . . .	4,982,221	3\$519	17,544:647\$000
1841—1842. . . . .	5,482,731	3\$286	18,002:288\$000
1842—1843. . . . .	5,843,476	2\$902	16,929:581\$000
1843—1844. . . . .	6,206,841	2\$878	17,780:749\$000
1844—1845. . . . .	6,052,771	2\$811	17,087:477\$000
1845—1846. . . . .	6,720,221	3\$028	20,446:846\$000
1846—1847. . . . .	7,598,864	2\$761	21,028:910\$000
1847—1848. . . . .	9,201,355	2\$632	24,237:026\$000
1848—1849. . . . .	8,258,046	2\$502	20,735:398\$000
1849—1850. . . . .	5,706,833	3\$866	22,059:518\$000
Somma. . . . .	61,053,359		195,852:440\$000

O termo médio do café exportado neste decennio foi de 6,605,555, arrobas, e o seu preço médio por arroba regulou por 5\$018, bem como o médio valor da exportação annual por 19,585:244\$000.

Se entre as quantidades exportadas nas diversas épocas que acabei de descrever se estabelecer uma comparação, se

reconhecerá que o café produzido na provincia do Rio de Janeiro tem tido tal progresso, como não ha exemplo em paiz algum do orbe, e bem judiciosamente o disse Mac Culloch; porquanto dessas comparações se deduzem os seguintes resultados:

*Comparação quatriennial.*

Quatriennio de 1817 a 1820. . . . .	Termo médio da exportação,	374,712	arrobas.	
> de 1826 a 1829. . . . .	> > > >	1,695,055	>	
	Differença para mais. . . . .	<u>1,320,343</u>	>	

*Comparação decennial.*

Decennio de 1830 a 1839. . . . .	Termo medio da exportação,	3,058,895	>
> de 1840—41 a 1849—50, Idem idem. . . . .		6,605,335	>
	Differença para mais. . . . .	<u>3,546,440</u>	>

Da comparação quatriennial entre as duas primeiras épocas resulta que no decurso de nove annos o café produzido na provincia do Rio de Janeiro quasi que quadruplicou a sua cultura e colheita; porquanto a differença para mais do 2º sobre o 1º periodo foi de 352,9 por cento.

Da comparação decennial se observa que no espaço de onze annos, que medeão entre os termos médios dos dous decennios, a producção do café se elevou acima do duplo na 2ª época; porquanto realizou-se uma exportação maior na razão de 115,9 por cento.

Se das comparações que acabo de demonstrar passar para outras de épocas mais recentes, ainda deduzirei resultados vantajosos para a sustentação de meus raciocinios, visto que com os dados estatisticos provo o progresso da producção; o que vou demonstrar comparando a exportação do café rela-

tivamente ao exercicio de 1849 — 1850 com o de 1855 — 1854, por suas quantidades e valores officiaes.

*Demonstração.*

Exercicios.	Arrobas.	Preço médio.	Valor exportad
Exportação de 1849—1850. . . . .	5,706,833	38866	22,059:5188000
"    de 1853—1854. . . . .	8,063,033	48071	32,828:3288000
	<u>2,356,200</u>	<u>8205</u>	<u>10,768:8108000</u>
Accrescimo de produçãõ. . .			

Resulta desta comparação que houve um augmento de produçãõ na razão de 41,28 por cento no espaço de quatro annos, bem como que o preço do café se elevou no ultimo exercicio na razão de 5,5 por cento, e conseguintemente o valor da exportação foi maior no exercicio de 1855—1854 na razão de 48,81 por cento.

E, finalmente, para rematar estas comparações servindo-me dos dados estatisticos que fornece o relatorio da presidencia desta provincia no corrente anno de 1859, apresentarei uma ultima demonstração, com a qual concluirei a sustentação dos meus raciocinios sobre a produçãõ do café, em referencia á provincia do Rio de Janeiro. Vou comparar a exportação do café effectuada no exercicio de 1855—1854 com a que se realizou no de 1858—1859, que findou em Junho ultimo.

*Demonstração.*

Exercicios.	Arrobas.	Preço médio.	Valor exportado
Exportação de 1853—1854. . . . .	8,063,033	48071	32,828:3288000
"    de 1858—1859. . . . .	8,711,014	48541	39,558:7368000
	<u>647,981</u>	<u>8470</u>	<u>6,730:4088000</u>
Accrescimo de produçãõ. . .			

Ainda esta ultima demonstração prova um augmento de

produção no anno corrente, a despeito de todos os argumentos que, segundo os relatorios officiaes, contra nós se conspirão : e este augmento foi, quanto á quantidade, na razão de 8 %; em referencia ao preço, na de 14,54 %; e consequentemente no valor exportado, na razão de 20,2 %.

Não me fornecendo os dados estatísticos em que me baseio os precisos elementos para discriminar do café exportado pela barra do Rio de Janeiro o que é propriamente proveniente de sua lavoura, e o que pertence á cultura de outras provincias, vou soccorrer-me dos calculos feitos pela directoria da fazenda provincial, que tenho por exactos e são tambem officiaes; e assim melhor se poderá apreciar estas minhas demonstrações.

Em uma das tabellas que acompanha o relatorio da presidencia do Rio de Janeiro deste anno de 1859, se comprehende a serie das exportações do café exportado por esta provincia de 1852 a 1859, dividida em periodos semestraes, e em cada periodo se estima o café produzido nesta mesma provincia, e o que por ella é exportado, proveniente de outras localidades; e fazendo-se os necessarios calculos sobre as series semestraes, se chega á seguinte conclusão das exportações médias, por procedencias da cultura do café; a saber :

PROCEDENCIA DO CAFÉ EXPORTADO PELO RIO DE JANEIRO NOS ANOS DE 1852 A 1859.

Do Rio de Janeiro, na razão de . . . . .	78,62 %
De Minas-Geraes, idem . . . . .	7,8 »
De S. Paulo, idem . . . . .	11,1 »
Da Bahia, idem . . . . .	0,42 »
Do Espirito-Santo, idem . . . . .	2,06 »
	-----
Somma . . . . .	100,00

Conclue-se pois que, de todo o café exportado pela barra do Rio de Janeiro, esta provincia concorre com o de sua propria cultura na razão de 78,62, e as outras quatro provincias acima demonstradas, na de 21,58 %.

De todas estas demonstrações resultão os seguintes factos:

1.º A cultura do café teve o seu primeiro ensaio na provincia do Rio de Janeiro em 1770, e a sua primeira exportação para Londres foi de 50 arrobas, no anno de 1812.

2.º De 1817 a 1820 a exportação média do café se computou em 574,712 arrobas, elevando-se esta de 1826 a 1829 á somma annual de 1,695,055 arrobas; isto no espaço de 6 annos.

3.º De 1850 a 1859 regulou a média exportação annual por 5,058,895 arrobas de café, a qual nos exercicios de 1840—1841 a 1849—1850 sommou em 6,605,555 arrobas por anno.

4.º No exercicio de 1853—1854 a exportação do café foi de 8,065,055 arrobas, e no de 1858—1859 de 8,711,014 arrobas.

5.º E, finalmente, todos estes factos provão que até ao presente a cultura e colheita do café vai em constante progresso, e consequentemente deve-se concluir que ainda não se resente a lavoura do paiz de falta de braços, visto que não se augmentaria a producção com menor numero de trabalhadores, seguindo-se o mesmo systema de cultura que se segue.

Havendo demonstrado com dados estatisticos officiaes o progresso da cultura do café na provincia do Rio de Janeiro, não posso deixar de admirar-me de ler no relatório da presidencia desta mesma provincia, que tão valentes elementos me forneceu para as minhas demonstrações, o seguinte: « Que a agricultura definha por falta

de braços e pelo cansaço das terras submettidas aos trabalhos da cultura. » Respeito muito as opiniões alheias, porém devo dizer que, se o Sr. presidente do Rio de Janeiro não se funda em outros dados além dos apresentados no seu relatório de 1859, a sua conclusão devia ser — que a agricultura vai em progresso na provincia — ; pelo menos estas são as conclusões que posso deduzir numericamente de taes dados.

Tenho , me parece , escripto quanto basta para provar a verdade de minhas proposições em relação ao progresso da producção do café , por isso que vou tratar agora da cultura da canna e fabricação do assucar , por ser este o segundo producto que forma a principal riqueza da provincia do Rio de Janeiro.

Segundo o testemunho de diversos escriptores, a plantação da canna do assucar facilmente se aclimatou na provincia do Rio de Janeiro , e se propagou prodigiosamente , fornecendo superabundantes lucros aos seus cultivadores.

Vasconcellos em sua chronica diz que em 1664 o numero dos engenhos de fabricar assucar se computava em mais de 100.

Brito Freire assevera que em 1674 os engenhos de assucar erão 109 ; e Antonil declara que em 1711 o Rio de Janeiro contava 156 engenhos de fabricar assucar , dos quaes annualmente se exportavão 10,220 caixas com o peso de 557,600 arrobas, que erão estimadas na razão de 1\$760 por arroba , produzindo um valor de 650:705\$400.

Conforme Ayres do Casal, em 1801 existião 280 engenhos de fabricar assucar nesta provincia , sendo destes 98 montados em grande escala ; e conforme as memorias de Pizarro , em 1822 se contavão mais de 400 engenhos de assucar na provincia do Rio de Janeiro.

Do relatório do ministerio do imperio do anno de 1852 consta que naquelle anno existião na provincia do Rio de Janeiro 794 engenhos de fabricar assucar e caxaca, que erão situados nos lugares que passo a designar :

Municípios.	Engenhos.	Municípios.	Engenhos.
Da côrte . . . . .	58	De Niterohy . . . . .	25
De Cabo-Frio . . . . .	11	Da Parahyba do Sul . . . . .	5
De Campos . . . . .	431	De Paraty . . . . .	18
De Capivary . . . . .	10	De Pirahy . . . . .	10
De Iguassu . . . . .	32	De Rezende . . . . .	42
Do Porto das Caixas . . . . .	6	De Rio-Bonito . . . . .	18
De Itaborahy . . . . .	38	De Santo Antonio de Sá . . . . .	11
De Itaguahy . . . . .	10	De S. João da Barra . . . . .	24
De Macahé . . . . .	9	De Saquarema . . . . .	11
De Magé . . . . .	3	De Vassouras . . . . .	9
De Maricá . . . . .	13		

Segundo Antonil e as notas do Sr. Stockmeyer, a exportação da provincia do Rio de Janeiro, com referencia ao assucar, se effectuou nas quantidades que passo a demonstrar pelos annos respectivos.

Annos.	Arrobas.	Annos.	Arrobas.	Annos.	Arrobas.
1711 . . . . .	353,500	1831 . . . . .	1,100,200	1836 . . . . .	1,087,444
1827 . . . . .	1,173,000	1832 . . . . .	832,250	1837 . . . . .	894,138
1828 . . . . .	1,146,264	1833 . . . . .	856,694	1838 . . . . .	1,002,538
1829 . . . . .	1,200,764	1834 . . . . .	901,930	1839 . . . . .	996,284
1830 . . . . .	1,302,924	1835 . . . . .	1,149,990	1840 . . . . .	673,832

Estas quantidades representão a exportação total do assucar despachado e navegado para fóra do Imperio e para as outras provincias : alcanção as notas até o anno de 1850, porém de 1841 até aquelle anno se computão as quantidades exportadas em 600,000 arrobas, tendo nos annos de 1848 e 1849 baixado a 500,000, e no seguintes elevado-se á mesma somma de 600,000 arrobas, e por isso deixei de mencionar estes annos.



Conforme os mappas officiaes da mesa do consulado da côrte, se prova que o consumo interno do assucar tem consideravelmente augmentado ; porquanto , sendo actualmente muito maior a sua producção, a exportação para os paizes estrangeiros não tem acompanhado esse progresso , ao mesmo passo que para as outras provincias do Imperio tem sido maior a exportação : o mappa que vou produzir positivamente demonstra esta asserção.

EXPORTAÇÃO DO ASSUCAR DA PROVINCIA DO RIO DE JANEIRO PARA PAIZES ESTRANGEIROS E OUTRAS PROVINCIAS DO IMPERIO NOS EXERCICIOS DE 1846--1847 A 1851--1852.

EXERCICIOS.	DESTINOS.	QUANTIDADE DE @.	TOTAES DAS @.	EXPORTAÇÃO MÉDIA ANNUAL.
1846—1847	Para o estrangeiro . .	986,422	1,211,824	1,144,559
	Para as provincias . .	225,402		
1847—1848	Para o estrangeiro . .	793,220	972,619	
	Para as provincias . .	179,399		
1848—1849	Para o estrangeiro . .	766,763	1,017,809	
	Para as provincias . .	251,046		
1849—1850	Para o estrangeiro . .	793,478	1,182,403	
	Para as provincias . .	388,925		
1850—1851	Para o estrangeiro . .	788,416	1,055,538	
	Para as provincias . .	267,122		
1851—1852	Para o estrangeiro . .	906,342	1,427,160	
	Para as provincias . .	520,818		

A estatística official do thesouro nacional apresenta nos mesmos exercicios acima mencionados a exportação do assucar do Rio de Janeiro para portos estrangeiros nas quantidades que passo a demonstrar na tabella que se segue :

Exercícios.	Quantidades de @
1846—1847. . . . .	359,067
1847—1848. . . . .	383,026
1848—1849. . . . .	230,752
1849—1850. . . . .	448,527
1850—1851. . . . .	579,043
1851—1852. . . . .	625,205
	<hr/>
Somma . . . . .	2,625,620
Termo médio annual. . . . .	456,405
	<hr/>

Comparando-se as quantidades produzidas, que representam as acima demonstradas, mais o consumo interno das provincias productoras, com as exportações effectuadas para paizes estrangeiros, se reconhece que o consumo interno do paiz tem augmentado consideravelmente; porquanto, vê-se que a média exportação para as outras provincias foi de 688,154 arrobas, e a que se effectuou para portos estrangeiros foi de 456,405 arrobas; de sorte que havendo maior producção realizou-se uma menor exportação estrangeira. Passarei porém a outras comparações, com o fim de melhor esclarecer os meus raciocinios com referencia ao assucar.

Poderia ainda entrar na apreciação do augmento que têm tido os outros productos da provincia do Rio de Janeiro, porém isso me levaria além dos limites que tenho traçado para este opusculo; portanto me resumirei ao que fica dito sobre o café e o assucar, adduzindo mais a este ultimo artigo a producção relativa ao exercicio de 1853—1854, que foi algo superior á do de 1849—1850, como vou demonstrar.

	Quantid. de @	Valor exportado.
Exportação do assucar em 1849—1850. . . .	448,527	880.237\$000
>                    >    em 1853—1854. . . .	448,437	893.174\$000
	<hr/>	<hr/>
Diferença. . . . .	90	12.937\$000
	<hr/>	<hr/>

108

Disse que ia demonstrar que a producção do assucar tinha sido alguma cousa superior no ultimo dos exercicios acima comparados, e apresentei uma diminuição de 90 arrobadas no ultimo destes dous exercicios: isto parece implicar contradicção, mas não ha tal, visto que a differença refere-se ás quantidades exportadas, e não á producção, que foi tal que, além de ser actualmente muito maior o consumo interno do assucar, ainda assim exportou-se a grande quantidade que acima fica descripta.

Todos os mais productos, considerados em relação aos seus valores officiaes, apresentam um progresso lisongeiro e animador para a lavoura e industrias da provincia do Rio de Janeiro, o que se verifica comparando-se os valores das exportações dos productos nacionaes effectuados por esta provincia nos exercicios de 1849—1850 e 1855—1854, aquelle anterior e este posterior ao trafico dos Africanos. Eis essa comparação:

Valor dos generos nacionaes exportados em 1849—1850. . . . .	26,342:900\$000
em 1853—1854. . . . .	37,711:000\$000
Augmento de valores. . . . .	11,368:100\$000

O augmento que se deduz da comparação dos valores dos generos nacionaes exportados para portos estrangeiros nestas duas épocas está na razão de 45,1 por cento, o qual sendo verificado em um espaço de quatro annos apresenta um progresso médio annual de 10,775 por cento.

Muito maior seria porém o augmento aannual se me fosse possivel demonstrar o valor da exportação do exercicio de 1857—1858 e de 1858—1859, mas como destes exercicios ainda não existe impressa a estatistica official, só posso deduzir os meus raciocinios pelo progresso que apresenta o café, assucar, algodão e fumo nestes mesmos exercicios,

Me persuado que resumidamente tenho apresentado grande numero de dados estatísticos sobre a produção da provincia do Rio de Janeiro, com os quaes tenho esclarecido quanto me tem sido possível a questão de que me occupo; e penso haver demonstrado que não ha diminuição de produção nesta provincia, e consequentemente que ainda até á presente época não existe falta de braços que se possam empregar na sua lavoura; portanto, sobre os dados aqui reunidos poderão os economistas estudiosos fundamentar os seus raciocinios sobre a importante questão da carestia dos generos alimenticios na presente época.

Assim concluindo esta parte do meu trabalho com referencia á provincia do Rio de Janeiro, passarei nos capitulos seguintes a me occupar da produção de outras provincias do Imperio.

Só quem se dá ao estudo destas questões poderá avaliar as difficuldades com que tenho laborado e continuo a laborar para colher os elementos de que careço, visto que dos relatorios das presidencias raro é o que traga dados estatísticos, e principalmente sobre a produção agricola; base principal, segundo a minha exigua opinião, em que devem repousar as deliberações administrativas.

Só depois de estabelecida uma repartição que especialmente se occupe da estatistica do paiz, será preenchida esta sensível lacuna, de que se resente no Brazil a autoridade administrativa



**PROVINCIA DA BAHIA.**

Seguindo-se a ordem em que concorrem para o cofre geral as provincias , a da Bahia occupa o segundo lugar entre as suas irmãas ; o porto franco da cidade de S. Salvador, e a sua optima collocação geographica, na lat. S. de 12° 58' e long. O. de 58° 16' 50" do meridiano de Greenwich , a tornão um dos portos mais commerciaes do imperio.

A antiga metropole do Brazil ainda agora tem suas presumpções de côrte , e mesmo pretende rivalisar em civilisação com a capital do imperio : possui escolas de instrucção superior ; tem diversas associações litteratas ; e por intermedio da navegação por vapor acha-se em contacto com as principaes cidades da Europa , bem como goza do trato dos estrangeiros que alli aportão.

O clima da provincia da Bahia , se bem que de uma elevada temperatura , é ameno e salubre , e como que imprin-

me nos naturaes do paiz um genio indagador e subtil porém pouco persistente. A Bahia se ufana de contar no numero de seus filhos poetas e litteratos de nomeada, e mesmo alguns notaveis homens de estado.

Estima-se a população da provincia em mais de 1,250,000 de habitantes; e pelo seu amplo commercio de importação e exportação produz annualmente uma renda para o cofre geral maior de 5,500 contos de réis, vindo a contribuir conseguintemente para o total da receita publica do Imperio na razão de 13,55 por cento.

Esta provincia é uma das mais cortadas de rios, se bem que a configuração de seu solo seja geralmente montanhosa, principalmente nas partes em que se limita com a provincia de Minas-Geraes e Goyaz, porquanto no litoral o terreno, ainda que elevado, não apresenta grandes montanhas: no seu centro fórma vastas chapadas, assim como extensos valles nas margens dos grandes rios, os quaes, bem como as terras altas, são muito uberrimos. Possui matas abundantes de preciosas madeiras para construeção e para marcenaria, bem como diversas gommas muito estimaveis. Não só nos valles como nas chapadas ha abundantes pastos para alimentar as manadas de gados das fazendas de criação que ha na provincia.

Entre o grande numero de rios que correm na provincia são os mais notaveis o S. Francisco, que nasce na provincia de Minas, e depois de a percorrer por mais de 200 leguas entra na extrema central da Bahia, e por ella corre separando-a da de Pernambuco, Sergipe e Alagoas, onde sa lança no oceano. É neste rio que existe a magestosa cachoeira de Paulo Affonso, a qual foi visitada pelo Imperador na sua digressão ás provincias do norte do Imperio; o Vaza-barris, que nascendo no centro da Bahia atravessa toda a provincia

de Sergipe, para ir fazer barra no oceano; o Itapicurú, que faz mais de 150 leguas de curso, o qual tem suas nascentes na comarca de Jacobina; o Serige e o Paraguassú, que têm mais de 100 leguas de curso, e vêm ambos fazer barra na Bahia de Todos os Santos; o rio de Contas e o Pardo, que nascem na provincia de Minas, bem como o Jequitinhonha e Mucury, todos abundantes e caudalosos, sendo o ultimo a divisa desta provincia com a do Espirito-Santo.

Todos estes rios são navegaveis por barcos de vela e a vapor, uns em maior e outros em menor extensão; e comquanto já o commercio recolha grandes vantagens da navegação por vapor nestes rios, ainda resta muito a fazer para que estas grandes arterias do progresso preenchão os fins desejados.

A provincia da Bahia possui muitos portos no oceano, sendo entre elles os mais notaveis o da Bahia de Todos os Santos, o de Camamu, Ilhéos, Porto-Seguro, Caravellas e Mucury; o unico porém habilitado para a navegação de longo curso é o da capital, na Bahia de Todos os Santos.

A agricultura nesta provincia, como em quasi todas do Imperio, está ainda nos principios da infancia, e além da canna, do fumo, cacáo, algodão e café, pouco mais plantão: eis porque a fome se tem alli feito sentir algumas vezes.

A colonisação não tem sido encaminhada para esta provincia senão em mui diminuta escala, e isto porque a cultura das especies farinaceas e leguminosas são só cultivadas na quantidade indispensavel para o sustento da familia dos grandes fazendeiros.

O distincto e habil estadista o Sr. conselheiro Cansansão Sinimbú, quando presidio esta provincia em 1857, fundou uma colonia nas margens do Rio de Contas, em terreno fertilissimo, no lugar denominado Ponta do Ingahy, mandan-

do para alli os nacionaes pobres que não tinham terras proprias para plantar ; e do relatorio apresentado á assembléa provincial daquelle anno consta que já existião na colonia 64 familias contendo 271 pessoas. Oxalá que todos os presidentes das provincias do Império seguissem o exemplo do Sr. conselheiro Sinimbú, que só assim o pauperismo desappareceria d'entre nós !

Não me é possível, pois me falta o tempo, dar uma minuciosa descripção de todas as cidades, villas e povoados da provincia da Bahia, como desejava ; por isso só de passagem apresentarei uma abreviada demonstracção das principaes cidades e villas que servem de cabeça das vinte comarcas judicias em que se divide esta provincia, as quaes são as que se seguem :

<i>Categorias e denominações.</i>	<i>Denominações.</i>
Capital, S. Salvador. . .	Sobre a costa da Bahia de Todos os Santos.
Cidade da Cachoeira . .	Sobre as margens do rio Paraguassú, e a 18 leguas da capital ; é muito importante pelo seu commercio.
Dita de Santo Amaro. . .	Perto do rio Serigí, abaixo do Subahe, e a 12 leguas de distancia da capital ; é muito commercial.
Villa da Feira. . . . .	Perto da cidade da Cachoeira, nella se faz uma feira importante a que concorre muita gente.
Dita de Inhambupe. . .	Perto do rio de seu nome, e 24 leguas ao norte da capital.
Dita de Jacobina . . . .	Na margem esquerda do Itapicurú, e a 64 leguas da capital.
Dita de Itapicurú. . . .	Na dita dita do rio do mesmo nome.
Dita do Rio de Contas. .	No sertão sobre a margem do rio do mesmo nome.
Dita do Caiteté . . . . .	A uma legua distante do Itapicurú, e a 20 de Jacobina.
Dita de Nazareth . . . .	Na margem do rio Jaguaripe, a 6 leguas da barra falsa.
Dita de Monte-Santo . .	No centro da provincia, a 65 leguas NO. da capital.



<i>Categorias e denominações.</i>	<i>Situações.</i>
Villa da Barra. . . . .	Na confluencia do Rio-Grande com o S. Francisco.
Dita do Urubú . . . . .	Na margem do Rio-Grande, e a 28 leguas da barra.
Cidade de Valença . . . .	À margem direita do rio Una.
Villa de Porto-Seguro. . .	À borda da bahia do mesmo nome; foi o primeiro lugar em que pisarão os Europeos.
Cidade de Caravellas . . .	À borda da bahia de seu nome; é muito commercial.
Villa do Pilão-Arcado. . .	Na margem do rio do mesmo nome.
Dita de Oivença. . . . .	Em uma eminencia na costa do mar.
Dita de Camamú . . . . .	A 3 leguas do mar, acima da embocadura do rio Acarany.
Dita de Abrantes . . . . .	A 7 leguas da capital, sobre o rio Joanes.

Muitas outras cidades e villas importantes possui a provincia da Bahia, que para descrevê-la fôra preciso dispôr de maior tempo do que posso dispôr, e mesmo muito alongaria este meu resumido trabalho, pelo que reservo-me para quando imprimir outro trabalho de que este é simplesmente um extracto.

Possue essa provincia diversas estradas pelas quaes se communicão as cidades e villas entre si, bem como a via-ferrea do Joazeiro, cuja primeira secção já está em andamento; quando estes e outros melhoramentos se realizarem no paiz, a sua prosperidade será infallivel.

Os productos de que se alimenta o commercio de sua exportação são muito variados, e longo seria a enumeração de todos; portanto resumirei o mais que me fôr possivel a sua descripção, visto que sómente de alguns terei de tratar nas minhas comparações estatisticas; e não só por isso, como porque pelos que se demonstrão no mappa que se segue, se pôde fazer uma exacta idéa dos productos desta provincia.

DEMONSTRAÇÃO DOS PRODUCTOS NATURAES, AGRICOLAS E INDUSTRIAES DA PROVINCIA DA BAHIA, OS QUAES ALIMENTÃO O SEU COMMERCIO DE EXPORTAÇÃO: A SABER:

Aguardente de cana.	Fumo em rama e corda.
Algodão em rama, e fio.	Gomma de polvilho.
Arroz pilado.	Legumes diversos.
Assucar.	Madeiras diversas.
Azeite de mamona.	Melaço.
Barbatana.	Milho.
Baunilha.	Mobilias.
Cacáo.	Ouro em pó, e barras.
Café em grão, e moído.	Rapé.
Cera da terra.	Rêdes, e esteiras.
Charutos e cigarros.	Sabão.
Côcos, e coquilhos.	Sola.
Cola.	Tamancos.
Couros seccos e salgados.	Tapioca.
Cravo (girofle.)	Ticum em rama, e fio.
Diamantes.	Unhas, e chifres de boi.
Doces diversos.	Vassouras e estopa.
Farinha de mandioca.	E diversos outros productos e arte-
Flôres artificiaes.	factos, que por brevidade deixo
Frutas.	de enumerar.

A exportação dos productos da Bahia em 1855--1854 sommou em 10,431:000\$000.

A navegação não só de longo curso, como de grande cabotagem do Imperio, que demanda a capital da provincia da Bahia, é bem importante, como passo a demonstrar transcrevendo do relatorio do ministerio da fazenda do corrente anno de 1859 a noticia que dá da navegação relativa a este porto no exercicio de 1857—1858.

MOVIMENTO DA NAVEGAÇÃO DO PORTO DA BAHIA NO EXERCICIO DE 1857—1858.

	Navios.	Tonelagem.	Equipagem.
Navegação de longo curso . .	319	108,248	3,831 homens.
Dita de grande cabotagem . .	352	49,145	3,496 »
Somma. . . .	671	157,393	7,327 »

Nos 519 navios de longo curso se comprehendem embarcações de todas as nacionalidades com quem o Brazil entretem relações commerciaes; e os 552 de grande cabotagem são sómente navios nacionaes que navegam entre as diversas provincias do Imperio e a da Bahia. E' sem duvida bem commercial um porto que é annualmente demandado por 671 embarcações mercantis de todas as lotações.

Ainda que a provincia da Bahia produza e exporte variados generos de sua industria, sómente tratarei daquelles que mais avultão nos mappas de seu commercio externo, e que, para melhor me expressar, constituem a fonte principal de sua riqueza. Começarei, pois, as minhas comparações estatisticas sobre a producção do assucar, apresentando primeiramente algumas considerações, que sobre este mesmo producto fez Antonil, na sua — *Cultura e Opulencia do Brazil*—escripta em 1711, e a estas juntarei algumas outras observações relativas a este mesmo producto.

Segundo Antonil, a provincia da Bahia em 1711 sómente contava 146 engenhos de fabricar assucar, do producto dos quaes se exportavão annualmente para a cidade de Lisboa 14,500 caixas de assucar, com o peso de 507,500 arrobas no valor de 1,070.206\$400, vindo conseguintemente a valer cada arroba de assucar 2\$108.

Conforme o relatorio da commissão revisora das alfandegas do Imperio, a provincia da Bahia em 1852 contava mais de 800 engenhos grandes de fabricar assucar, além de muitas engenhocas de fazer cachaça, em muitas das quaes tambem se fazia assucar em pequenas porções.

Suppondo-se que o numero das engenhocas fosse de 400 (que, segundo me informão, era muito maior), teremos que no espaço de 141 annos decuplicarão os engenhos de fabricar assucar nesta importante provincia; havendo actual-

mente muito maior numero de industrias importantes, quando naquella época só e exclusivamente se occupavão os lavradores da cultura da canna e preparo do assucar; é portanto evidente que esta industria progredio; mas ainda quero demonstrar esta verdade por outra fórma, isto é, com dados estatisticos positivos e irrecusaveis.

**PRODUÇÃO DO ASSUCAR NA PROVINCIA DA BAHIA, CALCULADA PELA ESTATISTICA FINANCIAL QUE EXISTE NA DIRECTORIA GERAL DAS RENDAS PUBLICAS; A SABER:**

Annos.	Quantidade de @.	Annos.	Quantidade de @.
1807. . . . .	663,560	1817 . . . . .	1,010,080
1808. . . . .	597,770	1818 . . . . .	1,158,780
1809. . . . .	465,250	1819 . . . . .	1,493,700
1810. . . . .	657,720	1820 . . . . .	1,885,970
1811. . . . .	779,950	1821 . . . . .	1,375,560
1812. . . . .	627,430	1822 . . . . .	392,150
1813. . . . .	734,620	1823 . . . . .	2,006,450
1814. . . . .	787,510	1824 . . . . .	1,083,780
1815. . . . .	1,061,650	1825 . . . . .	1,388,750
1816. . . . .	875,790	1826 . . . . .	1,417,960
Somma . . . .	<u>7,251,250</u>		<u>13,2 3,180</u>

Exercicios.	Quantidade de @.	Exercicios.	Quantidade de @.
1827—1828 . .	1,166,960	1837—1838 . .	1,141,506
1828—1829 . .	1,152,153	1838—1839 . .	1,716,937
1829—1830 . .	1,322,255	1839—1840 . .	1,225,894
1830—1831 . .	1,445,742	1840—1841 . .	1,245,377
1831—1832 . .	1,245,259	1841—1842 . .	1,450,749
1832—1833 . .	1,272,740	1842—1843 . .	986,112
1833—1834 . .	1,066,883	1843—1844 . .	1,767,976
1834—1835 . .	1,411,487	1844—1845 . .	2,103,369
1835—1836 . .	1,418,538	1845—1846 . .	1,877,351
1836—1837 . .	1,272,504	1846—1847 . .	2,120,325
Somma . . . .	<u>12,774,521</u>	Somma . . . .	<u>15,635,596</u>

Desta demonstração resulta que o assucar produzido na provincia da Bahia nos annos decorridos desde 1807 a

1847 apresentação um augmento de cultura, o qual se prova comparando-se os termos médios dos quatro decennios acima descriptos ; porquanto o termo médio do decennio de 1807 a 1816 foi de 725,125 arrobas ; do decennio de 1817 a 1826, de 1,521,518 arrobas ; do decennio de 1827—1828 a 1836—1837, de 1,277,452 arrobas ; e do decennio de 1837—1838 a 1846—1847, foi de 1,565,559 arrobas.

*Comparações decennaes.*

O 1º com o 2º augmento. . .	82,2 %
O 1º com o 3º idem. . . . .	76,1 »
O 1º com o 4º idem. . . . .	115,6 »

Resulta desta comparação que no espaço de quarenta annos a produção do assucar se elevou acima do duplo na provincia da Bahia.

Esta produção acima demonstrada não representa o commercio real da exportação do assucar da provincia da Bahia, porém sim a sua cultura propria ; porquanto, o commercio do assucar desta provincia abrange parte da produção de Alagoas e Sergipe, como passo a demonstrar com a estatistica do thesouro nacional.

Appresentando os dados estatisticos acima tive por fim descrever um maior espaço de annos para poder comparar a produção sobre periodos decennaes, mas agora produzindo os dados extrahidos da estatistica official, demonstrarei que a exportação do assucar pela provincia da Bahia tem tido um muito maior progresso nestes ultimos annos, porque embora se envolva nessas exportações algum assucar produzido em Sergipe e Alagoas, isso em cousa alguma influe para as minhas deducções ; visto que as comparações são estabelecidas sobre dados em que se comprehendem todas essas procedencias.

Os mappas estatísticos do thesouro nacional, dos exercicios de 1847—1848 a 1849—1850, appresentão um progressivo augmento na exportação do assucar pela provincia da Bahia, quando comparada essa exportação com a de annos anteriores, e disto se prova um acrescimo de produccão. Nas quantidades que vou produzir se envolvem diversas procedencias; isto é, assucar propriamente fabricado na Bahia, e em Sergipe e Alagôas, pelo que discordão as quantidades das já apresentadas.

DEMONSTRAÇÃO DO ASSUCAR EXPORTADO PELA PROVINCIA DA BAHIA NOS TRIENNIOS DE 1840—1841 A 1842—1843, E DE 1847—1848 A 1849—1850, POR SUAS QUANTIDADES E VALORES OFFICIAES; A SABER:

*Triennio de 1840—1841 a 1842—1843.*

Exercicios.	Quantidade de @	Preço médio.	Valor exportado.
1840—1841 . . . . .	2,930,792	1\$615	4,733:743\$000
1841—1842 . . . . .	1,730,368	1\$853	3,206:427\$000
1842—1843 . . . . .	1,916,633	1\$865	3,574:587\$000
	<u>6,577,793</u>	<u>1\$777</u>	<u>11,514:757\$000</u>

*Observação.* — Dois quintos destas quantidades pertence á produccão de Sergipe e Alagôas.

*Triennio de 1847—1848 a 1849—1850.*

Exercicios.	Quantidade de @.	Preço médio.	Valor exportado.
1847—1848 . . . . .	3,403,649	1\$788	6,085:539\$000
1848—1849 . . . . .	3,346,856	1\$844	6,171:956\$000
1849—1850 . . . . .	3,751,888	1\$835	6,880:660\$000
	<u>10,502,393</u>	<u>1\$822</u>	<u>19,138:155\$000</u>

*Observação.* — Um terço destas quantidades pertence á produccão de Sergipe e Alagôas.

O termo médio da exportação do primeiro triennio foi,

quanto á quantidade em arrobas, de 2,192,597 ; o preço médio da arroba 1\$777 ; e o valor médio exportado 3,858:252\$000.

O termo médio da exportação do segundo triennio foi, quanto á quantidade em arrobas, de 3,500,797 ; o preço médio da arroba 1\$822 réis ; e o valor médio exportado de 6,379:685\$.

Se do termo médio do assucar exportado deduzir-se o que pertence ás provincias de Alagoas e Sergipe, na razão de 2/5 do total, ficará pertencendo á exportação média da produção da Bahia a somma de 1,515,559 arrobas no primeiro triennio.

Procedendo-se pela mesma fórma sobre a exportação média do segundo triennio, se verificará que a produção média da Bahia, deduzindo-se um terço, se reduz a 2,333,865 arrobas.

Da comparação dos termos médios dos dous triennios de 1840—1841 a 1842—1843 e 1847—1848 a 1849—1850, resulta o seguinte augmento :

*Sobre a exportação total.*

Termo médio da exportação de 1840—1841 a 1842—1843	2,192,597 @
» » » de 1847—1848 a 1849—1850	3,500,797 »
Augmento no 2º triennio. . . . .	<u>1,308,200 »</u>

*Sobre a produção da Bahia.*

Termo médio da exportação de 1840—1841 a 1842—1843	1,315,559 »
» » » de 1847—1848 a 1849—1850	2,333,865 »
Augmento no 2º triennio. . . . .	<u>1,018,306 »</u>

Segundo o mappa de exportação que vem junto ao relatório da presidencia da Bahia do anno de 1857, a exportação

do assucar por esta provincia nos exercicios de 1854—1855 a 1856—1857 foi a que passo a demonstrar.

**EXPORTAÇÃO DO ASSUCAR PELA PROVINCIA DA BAHIA NOS EXERCICIOS DE 1854 A 1857.**

Exercicios.	Quantidades.	Preço médio da @.	Valor exportado.	Produção das Alag. e Sergip.
1854—1855. . .	3,668,189	18890	6,934,426§	732,437 @
1855—1856. . .	3,685,382	2§510	6,741,702§	712,401 >
1856—1857. . .	2,675,905	3§481	9,314,189§	541,485 >
	<u>10,029,476</u>	<u>2§438</u>	<u>22,990,317§</u>	<u>1,986,323 &gt;</u>

O termo médio do assucar exportado neste triennio foi de 3,545,158 arrobas, das quaes deduzindo-se o assucar procedente das Alagoas e Sergipe, na razão média de 662,107 arrobas, pertence a produção da provincia da Bahia á exportação média de 2,681,051 arrobas.

Para demonstrar finalmente o constante progresso da cultura da canna e fabricação do assucar na provincia da Bahia, resumirei o que sobre este artigo fica exposto, concluindo com a comparação entre si das exportações relativas ás épocas já descriptas.

**COMPARAÇÃO DA PRODUÇÃO E EXPORTAÇÃO DO ASSUCAR DA PROVINCIA DA BAHIA DESDE 1807 ATÉ 1850, POR SUAS QUANTIDADES EM ARROBAS, E PELOS TERMOS MÉDIOS DECENNAES E TRIENNAES; A SABER:**

Decennios.	Exportação média.	Augmento.	Por %
1807 a 1816. . . . .	725,125 @		
1817 a 1826. . . . .	1,321,318 »	596,193 @	82,2
1827 a 1836. . . . .	1,277,452 »	552,327 »	76,1
1837 a 1846. . . . .	1,563,559 »	838,434 »	115,6
Triennios.			
1840—1841 a 1842—1843. .	1,315,559 »	Augmento	Por %
1847—1848 a 1849—1850. .	2,333,865 »	1,018,306 »	77,4
1854—1855 a 1856—1857. .	2,481,051 »	1,165,492 »	88,6

*Observações.* — Resulta que nestes quatro decennios a produção do assucar teve um progresso constante na razão de 2,96 % ao anno.

No espaço de quinze annos foi o progresso médio annual na razão de 6,3 %.



Supponho que tenho demonstrado até á evidencia que a cultura da canna e fabricação do assucar na provincia da Bahia tem, desde 1807 até 1857, seguido em um constante progresso ; porquanto dos dados estatisticos que acabo de apresentar se reconhece que a provincia da Bahia, quasi que quadruplicou a sua produçção no espaço de 50 annos decorridos de 1807 a 1857, visto que o termo médio do primeiro decennio foi de 725,125 arrobas, e o do ultimo triennio se elevou a 2,481,051 arrobas ; se porém fosse comparado o anno de 1807 com o de 1857 se verificaria que a produçção do assucar se elevou além do quadruplo da produçção daquelle primeiro anno ; termino portanto este artigo para me ir occupar de outra especie de produçção desta provincia.

Depois de ter demonstrado que a produçção do assucar tem seguido n'um constante progresso ; passo a apresentar dados estatisticos sobre a exportação da aguardente de canna, por ser tambem um importante producto da canna do assucar, para que melhor se reconheça que a cultura da canna progride na provincia da Bahia.

AGUARDENTE OU CACHAÇA.

Segundo o quadro estatistico financeiro da provincia da Bahia, a exportação da aguardente de canna nos exercicios de 1852—1855 a 1846—1847, foi a que se passa a demonstrar por quinquennios.

<i>Exercicios.</i>	<i>Medidas.</i>	<i>Exercicios.</i>	<i>Medidas.</i>	<i>Exercicios.</i>	<i>Medidas.</i>
1832—1833. . .	649,560	1837—1838. . .	483,550	1842—1843. . .	665,630
1833—1834. . .	575,520	1838—1839. . .	772,790	1843—1844. . .	637,125
1834—1835. . .	535,430	1839—1840. . .	529,790	1844—1845. . .	805,865
1835—1836. . .	735,645	1840—1841. . .	769,510	1845—1846. . .	929,070
1836—1837. . .	542,420	1841—1842. . .	561,015	1846—1847. . .	863,095
Média. . .	677,715	Média. . .	623,331	Média. . .	780,157

Demonstra esta tabella que o termo médio da exportação da aguardente de canna no primeiro quinquennio foi de 607,715 medidas, que no segundo foi de 623,551 medidas, e no terceiro de 780,157 medidas : e comparando se entre si os termos médios destas exportações se reconhece o progresso que passo a demonstrar .

Augmento do 2º sobre o 1º quinquennio . . .	2,57 %
Idem do 3º sobre o 2º dito . . . . .	20,1 »
E consequentemente do 3º sobre o 1º dito . .	22,68 »

Conforme os dados estatisticos constantes do relatorio da presidencia da Bahia do anno de 1857, a exportação da aguardente de canna nos exercicios de 1854—1855 a 1856—1857 foi a que se segue :

1854—1855 . . . . .	3,843,795	medidas.
1855—1856 . . . . .	2,844,794	»
1856—1857 . . . . .	1,806,774	»
Média . . . . .	<u>2,831,754</u>	»

Comparando-se o termo médio da exportação deste triennio com o do ultimo quinquennio acima demonstrado, se verifica um augmento de producção annual de 2,051,597 medidas, o qual é igual a um progresso na razão de 265 %, ou de 26,5 % ao anno.

Se pois se sommar o progresso médio annual da exportação do assucar fabricado na Bahia com o da aguardente de canna, se reconhecerá que a cultura da canna do assucar tem tido um augmento de cultura na razão annual de 52,6 % com o que se prova evidentemente que esta industria marcha constantemente nas vias do progresso nesta provincia.

ALGODÃO.

A producção do algodão na provincia da Bahia tem tam-  
 bém acompanhado o progresso das outras especies de cul-  
 tura, comquanto em alguns annos tenha tido uma menor  
 producção, consequencia inevitavel dos máos tempos, e por  
 isso não se deve suppôr que esta producção decresce, e  
 muito principalmente quando nos ultimos annos se reco-  
 nhece um progresso constante, como passo a demonstrar:

Conforme o quadro da estatistica financeira da provincia  
 da Bahia, a producção do algodão nos exercicios de 1852—  
 1855 a 1846—1847 foi a que consta deste mappa dividido  
 em periodos quinquennaes.

<i>Exercicios.</i>	<i>Arrobas.</i>	<i>Exercicios.</i>	<i>Arrobas.</i>	<i>Exercicios.</i>	<i>Arrob.</i>
1832—1833 . .	24,090	1837—1838 . .	51,465	1842—1843 . .	44,560
1833—1834 . .	11,755	1838—1839 . .	68,825	1843—1844 . .	44,995
1834—1835 . .	53,110	1839—1840 . .	36,650	1844—1845 . .	11,830
1835—1836 . .	78,445	1840—1841 . .	37,725	1845—1846 . .	15,820
1836—1837 . .	68,995	1841—1842 . .	44,815	1846—1847 . .	22,830
Média . . .	<u>47,279</u>	Média . . .	<u>47,896</u>	Média . . .	<u>28,007</u>

Demonstra esta tabella que a exportação média do algo-  
 dão no primeiro quinquennio foi de 47,279 arrobas; no se-  
 gundo, de 47,896 arrobas; e no terceiro, de 28,007 arrobas;  
 tendo no segundo periodo augmentado de 617 arrobas, e  
 no terceiro diminuido de 19,889 arrobas. Estes numeros  
 por si só demonstrarião uma diminuição deste producto,  
 mas sendo comparados com os dados estatisticos que vêm  
 juntos ao relatorio da presidencia da Bahia de 1857, demons-  
 trão apenas uma intermitencia nesta especie da cultura da  
 provincia, como passo a demonstrar.

EXPORTAÇÃO DO ALGODÃO EM 1854 A 1857.

Exercícios.	Quantidade de @.
1854—1855 . . . . .	24,343
1855—1856 . . . . .	50,216
1856—1857 . . . . .	62,844
Média . . . . .	<u>45,801</u>

Se se comparar o termo médio da exportação deste triennio com o do ultimo quinquennio, se verificará um augmento de producção de 17,794 arrobas, o que prova que este producto vai tambem em progresso, e muito principalmente observando-se que a exportação de um para outro anno é sempre constante, porquanto em 1854—1855 sendo de 24,545 arrobas, em 1855—1856 se elevou acima de 50,000, bem como no seguinte exercicio acima de 62,000 arrobas; com o que se prova um progresso constante neste ramo da industria agricola da provincia da Bahia. As quantidades aqui apresentadas só comprehendem a producção propria desta provincia, e muito maiores serião se envolvessem de outras procedencias.

FUMO OU TABACO.

A cultura do fumo sempre foi um dos principaes ramos da industria agricola da provincia da Bahia; porém, se se observarem os dados que vou produzir, se reconhecerá que até ao fim do exercicio de 1846 a 1847 este producto ia diminuindo na sua exportação, e por conseguinte na sua cultura; mas daquella época em diante tem ido em um constante progresso esta especie de cultura, como demonstro com os dados estatisticos que se seguem.

Conforme o quadro estatístico financeiro da provincia da Bahia, a exportação do fumo em folha e em corda desde 1807 a 1847 foi o que vou demonstrar pòr periodos decennaes.

Annos.	Arrobas.	Annos.	Arrobas.
1807. . . . .	252,039	1817. . . . .	450,316
1808. . . . .	492,188	1818. . . . .	322,917
1809. . . . .	765,906	1819. . . . .	244,848
1810. . . . .	827,739	1820. . . . .	788,829
1811. . . . .	591,264	1821. . . . .	420,067
1812. . . . .	508,965	1822. . . . .	343,839
1813. . . . .	682,935	1823. . . . .	410,342
1814. . . . .	759,921	1824. . . . .	401,931
1815. . . . .	854,787	1825. . . . .	570,015
1816. . . . .	469,199	1826. . . . .	370,611
Média. . . . .	620,494	Média. . . . .	473,629

Exercicios.	Arrobas.	Exercicios.	Arrobas.
1827—1828 . . . . .	412,578	1837—1838 . . . . .	91,162
1828—1829 . . . . .	434,966	1838—1839 . . . . .	198,840
1829—1830 . . . . .	275,277	1839—1840 . . . . .	182,932
1830—1831 . . . . .	210,955	1840—1841 . . . . .	117,936
1831—1832 . . . . .	137,400	1841—1842 . . . . .	174,623
1832—1833 . . . . .	175,605	1842—1843 . . . . .	191,105
1833—1834 . . . . .	104,012	1843—1844 . . . . .	165,462
1834—1835 . . . . .	239,787	1844—1845 . . . . .	292,019
1835—1836 . . . . .	302,940	1845—1846 . . . . .	354,318
1836—1837 . . . . .	291,678	1846—1847 . . . . .	449,756
Média. . . . .	258,519	Média. . . . .	180,560

Segundo Antonil, a cultura do fumo no Brazil teve começo em o anno de 1600, e já em 1711 a sua exportação annual para Lisboa se computava em 200 mil arrobas representando um valor de 505:100\$; além de que para a costa da Mina se remettião annualmente para cima de 15,000 arrobas. Se pois nos remontarmos á época de que falla Antonil, se reconhecerá que em o exercicio de 1846—1847 muito decahido se achava este producto; e mesmo comparados os

termos médios dos quatro decennios acima apontados, se verificará um constante decrescimento, sendo este na razão que passo a demonstrar :

*Comparação decennial.*

Do 1º com o 2º menos . . . . .	146,865	@
Do 2º com o 3º idem . . . . .	215,110	»
Do 3º com o 4º idem . . . . .	77,959	»
Do 1º com o 4º idem . . . . .	439,934	»

Do que resulta que a média exportação do fumo no quarto decennio se achava reduzida a menos da que se effectuou no decennio de 1807 a 1816, com o que se prova a decadencia desta especie de cultura em 1847 ; porém, observando-se agora o quadro das ultimas exportações que vou produzir, se reconhecerá que daquelle anno em diante tornou a reaparecer o progresso da cultura do fumo na provincia, a qual actualmente representa o segundo producto da sua industria agricola.

Conforme os mappas estatisticos do thesouro nacional, e os que acompanhão o relatorio da presidencia da Bahia do anno de 1857 , a producção do tabaco tem tido um consi-ravel augmento na sua exportação nos ultimos annos, como passo a demonstrar.

**EXPORTAÇÃO DO TABACO PELA PROVINCIA DA BAHIA NOS EXERCICIOS DE 1849—1850 A 1853—1854, E NOS ANNOS DE 1855—1856, CONFORME OS DADOS ESTATISTICOS OFFICIAES.**

<i>Exercicios.</i>	<i>Quantidade em @.</i>	<i>Annos.</i>	<i>Quantidade em @.</i>	<i>Razão por cento.</i>
1849—1850 . .	280,946	1855 . .	802,896	No 1º periodo . . 117,65
1853—1854 . .	611,145	1856 . .	1,536,507	No 2º dito . . . . 91,38
Augmento.	<u>330,199</u>	Augmento.	<u>733,611</u>	

Comparando-se a exportação do exercício de 1846—1847 com a do exercício de 1853—1854, e a dos annos de 1855 e 1856, se reconhece o progresso que passo a demonstrar.

	<i>Exercícios.</i>	<i>Augmento.</i>
Exportação de 1846—1847 comparada com a de . . .	1853—1854 . . .	35,95 %
>                   >                   >                   com a de . . .	1855 . . . . .	78,65 >
>                   >                   >                   com a de . . .	1856 . . . . .	242,3 >

Desta demonstração resulta que no decurso de sete annos a exportação do tabaco por esta provincia se elevou acima do duplo, e conseguintemente que prospera a cultura desta especie, tendo um progresso médio annual na razão de 40,5 por cento.

Por documentos officiaes sei que a diminuição da exportação do tabaco pela provincia da Bahia não procedia de menor produção, porém tão sómente do descredito em que ia cahindo este importante producto, pela fraude que commettião os exportadores, falsificando a mercadoria em que negociavão, do que resultou por mais de uma vez reclamações dos nossos consules residentes na Europa; em vista do que diversas medidas têm sido tomadas pelo governo imperial, afim de ser reprimido esse escandaloso abuso, e já algum beneficio se tem obtido. Muitos productos brazileiros têm-se desacreditado nos mercados estrangeiros pela avidez dos negociantes exportadores, e talvez dos productores e fabricantes, que adulterão suas industrias fitando sómente o lucro do presente, sem calcularem com o depreciamento de que no futuro tem de resentir-se o ramo de negocio que fôr falsificado. Dest'arte cortão a arvore para colher o fructo!

Terminarei este artigo apresentando o valor em réis da exportação do tabaco em diversas épocas, afim de bem se

poder avaliar a importancia deste ramo do commercio da Bahia.

<i>Épocas decennoes.</i>	<i>Valor médio.</i>	<i>Preço médio da @.</i>	<i>Épocas.</i>	<i>Valor médio.</i>	<i>Preço médio da @.</i>
De 1807 a 1816. . .	830:874§	1§340	1849—1850. . .	617:063§	2§196
De 1817 a 1826. . .	680:864§	1§445	1853—1854. . .	1,757:065§	2§877
De 1828 a 1837. . .	565:147§	2§190	1855 . . . . .	1,862:000§	2§325
De 1838 a 1847. . .	569:272§	3§160	1856 . . . . .	3,282:000§	2§185

CAFÉ.

O café na provincia da Bahia vai tambem marchando nas vias do progresso, como vou demonstrar com dados estatisticos officiaes, sobre os quaes estabelecerei as indispensaveis comparações.

Segundo o—Correio Braziliense— periodico escripto em Londres por uma associação de litteratos brazileiros, em 1810 a provincia da Bahia apenas exportava para Portugal annualmente 5,895 arrobas de café ; tem-se porém nestes ultimos annos propagado a cultura do café por fórma tal que já muito avulta este producto na sua exportação, como demonstra o quadro que vou produzir , extrahido da estatistica fiscal da Bahia , e dos mappas da exportação do thesouro nacional.

O augmento que se observa na cultura do café, não só nesta provincia como na de Minas e S. Paulo, serve para firmar a minha proposição por mais de uma vez enunciada no decurso deste opusculo, de que a cultura do café tem absorvido quasi que todos os braços que se empregavão na agricultura de outras especies: observe-se porém o mappa que se segue, o qual prova esta verdade.



**MAPPA DO CAFÉ EXPORTADO PELA PROVINCIA DA BAHIA NOS EXERCÍCIOS DE 1830—1831 A 1849—1850, POR QUANTIDADES E VALORES OFFICIAES.**

Exercicios.	Arroba.	Preço médio.	Valor exportado.
1830—1831 . . . . .	45,882	2\$100	96:247\$000
1831—1832 . . . . .	53,208	2\$560	136:242\$000
1832—1833 . . . . .	40,252	3\$800	152:957\$000
1833—1834 . . . . .	47,360	5\$500	260:480\$000
1834—1835 . . . . .	50,964	4\$700	239:530\$000
1835—1836 . . . . .	48,898	3\$900	190:702\$000
1836—1837 . . . . .	51,560	4\$300	221:708\$000
1837—1838 . . . . .	70,176	3\$600	252:633\$000
1838—1839 . . . . .	79,496	3\$300	262:336\$000
1839—1840 . . . . .	74,172	3\$000	252:184\$000
1840—1841 . . . . .	52,865	3\$519	179:702\$000
1841—1842 . . . . .	57,658	3\$267	190:303\$000
1842—1843 . . . . .	46,854	2\$902	142:142\$000
1843—1844 . . . . .	73,095	2\$878	177:002\$000
1844—1845 . . . . .	62,572	2\$811	138:621\$000
1845—1846 . . . . .	91,692	3\$023	274:532\$000
1846—1847 . . . . .	103,014	2\$761	289:323\$000
1847—1848 . . . . .	103,709	2\$632	287:381\$000
1848—1849 . . . . .	87,139	2\$502	210:6 2\$000
1849—1850 . . . . .	85,876	3\$145	269:856\$000
Média . . . . .	66,679	3\$331	211:580\$000

Além do café exportado da Bahia para paizes estrangeiros, como fica demonstrado, não pequena quantidade se exporta para outras provincias, e só para a do Rio de Janeiro no decennio de 1849 a 1858, conforme o relatorio da presidencia desta provincia, se exportou o seguinte :

Annos.	Arrobas.	Annos.	Arrobas.
1849 . . . . .	25,920	1851 . . . . .	16,214
1850 . . . . .	22,074	1855 . . . . .	28,247
1851 . . . . .	18,829	1856 . . . . .	50,680
1852 . . . . .	20,285	1857 . . . . .	19,114
1853 . . . . .	17,524	1858 . . . . .	30,036
Média . . . . .	20,926	Média . . . . .	28,858

Conforme o relatório da presidência da Bahia do anno de 1857, a safra ou colheita do café desta provincia nos annos de 1854 a 1856 foi a seguinte :

Annos.	Arrobas.
1854 . . . . .	147,577
1855 . . . . .	226,631
1856 . . . . .	255,458
Média. . . . .	<u>209,888</u>

Entrando-se na apreciação dos dados estatísticos que ficam expostos se reconhece que a cultura do café vai em grande progresso na provincia da Bahia, porquanto comparando-se entre si os termos médios decennaes se reconhece o augmento que passo a demonstrar.

	<i>Média.</i>
Exportação do decennio de 1830—1831 a 1839—1840	56,968 @.
>                   >                   de 1840—1841 a 1848—1850	<u>75,390 &gt;</u>
>                   >                   de 1849—1850	<u>19,422 @, ou 34,13 %.</u>

Sommando-se a exportação estrangeira com a média exportação para as outras provincias, se obterá como termo médio da produção annual do café da Bahia no decennio de 1840—1841 a 1849—1850 o total de 97,516 arrobas, as quaes comparadas com a média exportação, e produção dos annos de 1854 a 1856, se reconhecerá um augmento de colheita de 112,572 arrobas, ou um progresso na razão de 116 % ; e porque medeia um espaço de seis annos entre as duas épocas, foi o progresso da produção realizado na razão de 19,5 % ao anno.

CACÁO.

A cultura do cacáo na provincia da Bahia começou a ser

ensaiada nas comarcas de Valença, Camamú e Ilhéos em o anno de 1780, sendo transplantado o cacoeiro da provincia do Pará, onde é agreste ; tão bem se dava naquellas comarcas esta cultura, que já em 1789 o conselheiro Ferreira da Camara aconselhava aos agricultores da Bahia que fizessem plantações em grande escala dos cacoeiros, e em uma memoria que apresentou a Academia Real das Sciencias em Lisboa, dizia que a cultura desta planta devia ser preferida a da canna do assucar, não só porque era menos trabalhosa, como porque a despeza da cultura do cacão estava para a da canna do assucar na proporção de 1 · 20.

Conforme a estatistica financeira da provincia da Bahia, e os mapps estatisticos do thesouro nacional, a exportação do cacão nos annos de 1830—1831 a 1849—1850 foi a que passo a demonstrar, por suas quantidades e valores officiaes, a saber :

Exercicios.	Arrobas.	Preço médio.	Valor exportado.
1830—1831 . . . . .	1,788	2\$600	4:618\$000
1831—1832 . . . . .	1,568	2\$600	4:076\$000
1832—1833 . . . . .	2,268	2\$500	5:670\$000
1833—1834 . . . . .	1,564	2\$600	4:066\$000
1834—1835 . . . . .	1,924	2\$400	4:617\$000
1835—1836 . . . . .	2,528	2\$500	6:320\$000
1836—1837 . . . . .	1,738	2\$800	5:006\$000
1837—1838 . . . . .	1,508	3\$000	4:524\$000
1838—1839 . . . . .	4,616	2\$800	12:924\$000
1839—1840 . . . . .	7,372	2\$500	18:480\$000
1840—1841 . . . . .	7,274	2\$900	21:810\$000
1841—1842 . . . . .	5,238	3\$070	16:118\$000
1842—1843 . . . . .	6,396	2\$820	18:060\$000
1843—1844 . . . . .	8,259	2\$420	21:195\$000
1844—1845 . . . . .	12,028	2\$700	32:570\$000
1845—1846 . . . . .	19,312	3\$180	43:578\$000
1846—1847 . . . . .	13,659	2\$800	38:278\$000
1847—1848 . . . . .	16,328	2\$760	45:024\$000
1848—1849 . . . . .	20,115	2\$640	51:065\$000
1849—1850 . . . . .	20,261	2\$260	45:653\$000
Média . . . . .	7,515	2\$660	20:130\$000

O relatório da presidência da província da Bahia apresenta os seguintes dados estatísticos sobre a produção do cacão nos exercicios de 1854—1855 a 1856—1857 : a saber :

Exercicios.	Arrobas.	Preço médio.	Valor exportado.
1854—1855. . . . .	27,373	2\$155	59:000\$000
1855—1856. . . . .	34,764	3\$285	114:000\$000
1856—1857. . . . .	31,582	4\$8 0	153:000\$000
Média. . . . .	<u>31,241</u>	<u>3\$470</u>	<u>108:666\$000</u>

Da comparação da exportação do cacão, nas diversas épocas que ficam descriptas, se reconhece ter havido um progressivo augmento de cultura deste genero na provincia da Bahia, bem como que este producto vai-se tornando um dos seus principaes ramos de commercio de exportação ; e para melhor se avaliar o progresso da cultura do cacão vou comparar entre si as exportações-médias deste producto.

Exportação média do decennio de 1830-31 a 1839-40	2,637 @.
>                   >                   >                   do 1840-41 a 1849-50	12,343 >
Augmento de produção . . . . .	9,656 @, ou 359,36 %
Exportação média do decennio de 1840-41 a 1849-50	12,343 @.
>                   >                   do triennio de 1854-54 a 1856-57	31,241 >
Augmento de produção . . . . .	18,898 @, ou 153,64 %

Resulta desta comparação que, no espaço de 26 annos, o cacão elevou a sua produção na provincia da Bahia na razão de 4 : 5; porquanto augmentou a exportação na de 515 %, o que é igual a um progresso annual de 19,7 %.

Com os dados estatísticos que acabei de produzir sobre os seis principaes productos da provincia da Bahia, e que servem de fonte do seu commercio de exportação, se prova que a industria agricola desta provincia marcha nas vias

do progresso ; porquanto demonstrão taes dados o seguinte e final resultado , a saber :

*Augmento de produção annual.*

Do assucar . . . . .	6,3 %
Da aguardente . . . . .	26,3 »
Do algodão . . . . .	6,3 »
Do cacão . . . . .	19,7 »
Do café . . . . .	19,3 »
Do fumo . . . . .	40,3 »

Augmento total . . . 118,2 %, sendo porém dividido este augmento de produção pelos seis productos em que se realizou, teremos um progresso médio annual para taes productos na razão de 10,7 %, com o qual se prova evidentemente que a produção não decresce na provincia da Bahia.

Depois das demonstrações que acabei de fazer sobre os mais importantes productos da provincia da Bahia, com as quaes ficou provado o seu desenvolvimento e progresso industrial, só me resta observar que os outros variados ramos de sua produção também acompanhão a marcha desse progresso, e para isto conseguir sem me tornar fastidioso, especificando cada producto de per si, compararei tão sómente os valores officiaes das exportações das duas épocas, que me servem de base para a sustentação das minhas theses, que são os exercicios de 1849—1850 e 1855—1854, o primeiro anterior, e o segundo posterior á cessação do trafico dos Africanos; e comparando entre si esses valores concluirei demonstrando o progresso geral em todas as produções e industrias da Bahia.

Valor da exportação do exercicio de 1849—1850 . . . . .	9.083.000\$000
» » » de 1855—1854 . . . . .	10.421.000\$000
Augmento de valor . . . . .	1.338.000\$000

Resulta ainda desta ultima comparação que o valor da exportação dos productos agricolas e industriaes da provincia da Bahia tiverão um augmento no ultimo exercicio comparado na razão de 15,47 %, e isto em uma época em que as rendas geraes do Imperio muito diminuirão: ora, um augmento de 15,47 % no total exportado para paizes estrangeiros, de certo que não indica decadencia, e antes prova um progresso animador para o paiz.

Se fosse verdadeira a diminuição de producção depois da extincção do trafico dos Africanos, por falta de braços que se possam empregar na agricultura, a producção dos generos mais procurados para o commercio de exportação não apresentarião um tão grande augmento como o que fica demonstrado, na razão média annual de 19,7 %; e sendo, como são, os meus calculos fundados na estatistica official, não podem em boa razão ser averbados de falsos; e nem mesmo contestados, senão com dados estatisticos que provém o contrario do que tenho demonstrado.

O augmento, ou decadencia da producção de um paiz não póde ser apreciado senão comparando-se o resultado de diversas épocas entre si; porquanto a colheita de um para outro anno não póde determinar um juizo exacto, porque póde esta provir de causas accidentaes e transitorias.

Continuarei pois a sustentar que a producção do paiz não decresce, e que a carestia dos generos alimenticios não procede de falta de braços que se possam occupar da cultura dos generos necessarios á nossa alimentação; porque, em grande parte provém da absorpção que fez a grande lavoura dos braços que se occupavão daquella producção.

Término portanto este capitulo com referencia á provincia da Bahia, para me ir occupar da de Pernambuco no que se segue.

## XXII

### PROVINCIA DE PERNAMBUCO.

E' esta provincia a mais oriental do Imperio, e como que symbolisa o coração do gigante dos tropicos: ella domina o norte e o sul do Brazil pela sua posição geographica, tendo por capital a cidade do Recife, que está situada na lat. S. de 8° 2' e L. de 54° 51' do meridiano de Greenwich; tornando-se, por sua bem escolhida posição, o centro da navegação da nossa grande cabotagem nacional; assim como de ponto de partida e de chegada da navegação de longo curso da Europa e da America do norte, que demanda a America do sul e o Pacifico.

A provincia de Pernambuco, se não é a primeira, tambem não é a segunda das do Imperio; ella disputa a primazia ao Rio de Janeiro e á Bahia; infelizmente só lhes cede neste empenho a inferioridade de seu porto. A cobiçosa Hollanda tão bem soube apreciar a importancia geographica desta pro-

vincia, que á força de armas della se apossou em 1629, de cujo dominio foi libertada pelo corajoso esforço de um A. Vidal de Negreiros, de um Camarão e de um Henriques Dias, ao mando do celebre João Fernandes Vieira, para tornar ao poder da corôa portugueza esta formosa perola brasileira, em 1654, tendo supportado por espaço de 25 annos o jugo do altivo Balavo.

Se esta provincia tivesse um tão franco porto como as do Rio de Janeiro e Bahia, seria sem duvida a mais frequentada do Brazil; mas o grande arrecife que circumda toda a sua costa não permite franco ingresso aos navios de grande calado no seu principal ancoradouro; comtudo a industria humana alguma cousa vai fazendo afim de melhorar o porto da capital, e as grossas sommas que se ha despendido pelo governo imperial não têm sido infructuosas, visto actualmente já alli ancorarem navios que demandão 17 pés de calado.

O aspecto desta provincia é montanhoso para o centro, porém nas proximidades das suas costas o terreno é geralmente baixo, e como que fórma uma facha entre as serras e o mar, da largura de 10 a 15 leguas, sendo estas terras cobertas de matas nas quaes abundão as palmeiras de diversas especies.

Os seus rios não podem ser classificados entre os de primeira ordem, exceptuando-se o S. Francisco, que lhe serve de divisã pelo sul com a provincia da Bahia, e parte da das Alagoas, do qual já tratei no capitulo antecedente; os outros mais consideraveissão o Formoso, o Beberibe, o Capiberibe, e o Serinhaem, e alguns outros de menor importancia.

Além do porto da capital contão-se outros nas costas da provincia, mas só habilitados para a navegação costeira, que se alli faze por pequenos vapores e barcos de vela, bem como por jangalhas e canoas.



Existem nas costas de Pernambuco diversas ilhas, sendo a maior a de Fernando de Noronha, que é um presidio do Estado, acha-se situada esta ilha na lat. S. de 5° 51', e long. O. de Gw. de 52° 25': as outras são a de Itamaracá, onde se colhem as melhores mangas de Pernambuco; a de Nogueira, Santo Aleixo, e o grupo das pequenas ilhas da barra de S. Francisco.

A fonte principal da riqueza desta provincia funda-se na agricultura da canna e fabricação do assucar; bem como na plantação dos algodoeiros, e já em outras épocas era o algodão de Pernambuco considerado o melhor nos mercados europeus, porém hoje não é tido nessa conta.

Tem a provincia diversas estradas, e já possui uma via-ferrea, a qual dá transitio até á villa do Cabo, e concluida que seja será de grande vantagem para a agricultura e commercio: tem muitas cidades e villas importantes, das quaes darei uma abreviada descripção das mais consideraveis.

Não posso ser tão minucioso nestas descripção como desejava, não só porque isso alongaria de mais este meu escripto, como porque ainda não possuímos verdadeiros mappas topographicos do nosso paiz; força é pois que me reduza neste ponto a servir-me das poucas informações que posso colher de mappas cheios de milhares de erros e imperfeições; mas ainda assim penso que alguma coisa adiantarei ao que até agora se acha escripto sobre a materia de que me estou occupando neste enfadonho trabalho.

Isto posto, vou apresentar em resumido quadro a descripção das principaes cidades e villas da provincia. (24)

**DEMONSTRAÇÃO DAS PRINCIPAES CIDADES E VILLAS DA PROVINCIA DE PERNAMBUCO.**

<i>Categorias e denominações.</i>	<i>Situações.</i>
Cidade do Recife . . . . .	Na costa do mar entre o Beberibe e Capiberibe.
Dita de Olinda . . . . .	N'um alto uma legua ao nordeste da capital.
Villa de Iguarussú . . . . .	Na margem do rio do mesmo nome.
Cidade de Goianna . . . . .	Na planicie entre os ribeiros Tracunhaem e Capiberibe.
Villa do Páo d'Alho . . . . .	A 10 leguas a oessudueste de Olinda, na margem do Capiberibe.
Cidade de Nazareth . . . . .	A 14 leguas ao noroeste da capital, sobre o Tracunhaem.
Villa do Limoeiro . . . . .	A 20 leguas ao oeste da capital, na margem do Capiberibe.
Dita do Cabo . . . . .	Ao norte da capital sobre o cabo de Santo Agostinho.
Dita de Ipujuca . . . . .	A' margem do rio de seu nome, e a duas leguas da costa.
Dita de Serinhaem . . . . .	Ao sul da villa do Cabo, e na margem do Serinhaem.
Cidade do Rio-Formoso . . . . .	Proximo á foz do rio de seu nome, na costa do mar.
Villa de Barreiros . . . . .	Junto á foz do rio de seu nome, ao sul do Formoso.
Cidade da Victoria . . . . .	Ao occidente da capital, dentro da mata.
Villa da Escada . . . . .	Ao sul do Cabo, e pouco distante da costa.
Cidade do Bonito . . . . .	A 30 leguas ao sudoeste da capital.
Villa de Caruarú . . . . .	Ao occidente da capital, dentro da mata.
Dita de Garanhuns . . . . .	Ao sudoeste da capital, 70 leguas, e no centro da mata.
Dita do Buiqui . . . . .	A 8 leguas ao noroeste de Garanhuns.
Dita do Brejo . . . . .	Ao oeste da capital, 55 leguas, dentro do sertão.
Dita de Cimbres . . . . .	Ao occidente do Brejo, e a 60 leguas da capital.
Dita Bella . . . . .	No centro do sertão, e ao poente de Garanhuns.
Dita do Ingazeiro . . . . .	Nas proximidades da divisa com a Parahyba.
Dita de Tacaratú . . . . .	No centro da mata e proximo do rio S. Francisco.
Cidade da Boa-Vista . . . . .	No centro da provincia.
Villa de Cabrobó . . . . .	Na extrema da provincia e na margem do S. Francisco.
Dita de Ouricury . . . . .	No centro da provincia sobre o rio novo.

Além destas existem muitas outras povoações importantes, como a da Agua Preta por onde se dirige a via ferrea desta provincia, e que por maior brevidade deixo de descreve-la.

Calcula-se a população da provincia de Pernambuco em 1,200,000 almas; e se bem que o clima de suas diversas localidades seja submettido a uma temperatura muito elevada, é o calor em grande parte modificado por essas frondosas matas e rios que a regão, tornando salubre e amena a sua atmospherá.

Descrever com severa imparcialidade o caracter especial de um povo é trabalho quasi sobrehumano, pelo que só ligeiramente esboçarei os principaes traços dos Pernambucanos.

Os naturaes da Bella Veneza do Brazil possuem uma civilisação em nada inferior á dos Fluminenses e Bahianos; tem junto de si um curso juridico acreditado, além de varias associações litteratas; e sendo a cidade do Recife um dos pontos percorridos pelas linhas de vapores transatlanticos, gozão os seus habitantes do fino trato dos estrangeiros, e se poem occurrentes dos progressos e melhoramentos Moraes e materiaes da civilisação européa. Se em geral o Pernambucano não tem a docilidade do Bahiano, tem como este um genio subtil e emprehendedor, acompanhado de perseverança; é franco, leal e generoso, e amante da liberdade até á idolatria, jámais soffrendo impassivel uma offensa á sua dignidade de homem.

São muito variados os productos da provincia de Pernambuco, pelo que darei delles sómente um resumo, enumerando aquelles que mais concorrem para o seu commercio geral, porque seria, além de longa, fastidiosa a sua nomenclatura,

DEMONSTRAÇÃO DOS PRODUCTOS NATURAES, AGRICOLAS E INDUSTRIAES DA PROVINCIA DE PERNAMBUCO QUE ALIMENTÃO O SEU COMMERCIO DE EXPORTAÇÃO.

Aguardente e alcool.	Melago.
Algodão em rama.	Milho.
Arroz.	Mobílias.
Asúcar.	Palhas diversas.
Azeites diversos.	Parno de algodão.
Banha e unto de porco.	Piassava.
Castaña.	Pimenta.
Carnauba.	Rapé.
Charutos.	Redes.
Côcos.	Silão.
Couros preparad. s.	Sal.
Doces diversos.	Sôla.
Espanadores e esteiras.	Taboado.
Estopa.	Tamarindos.
Feijão.	Tapioca.
Flôres artificiaes.	Tatagiba.
Frutas.	Unhas de boi e ossos.
Fumo em fôlo e em folha.	Urucú.
Gengibre.	Vassouras.
Gomma de pólvillo.	Vaquetas.
Ipecacuaba.	Velas do carnauba.
Jacarandá.	
Licores.	Diversos outros objectos de
Louça de barro.	industria e productos naturaes
Madenas diversas.	não especificados.

O valor da exportação desta provincia em 1853—1854 somou em 8,606:00000.

Conforme a estatística official, o porto da cidade do Recife é annualmente frequentado por mais de 700 navios nacionaes e estrangeiros que alli se dirigem com o fim de commercio; e no exercicio de 1857—1858, ultimo de que tenho os dados estatísticos, foi o movimento da navegação desta provincia o que consta da tabella que se segue:

TABELLA DA NAVEGAÇÃO DE LONGO CURSO E GRANDE CABOTAGEM  
DA PROVINCIA DE PERNAMBUCO NO EXERCICIO DE 1857—1858.

	Navios.	Toneladas.	Homens de equipagem.
De longo curso . . . . .	453	105,111	5,245.
De grande cabotagem . . .	320	39,292	2,890
	<hr/>	<hr/>	<hr/>
Somma . . . . .	773	144,403	8,125
	<hr/>	<hr/>	<hr/>

Um porto que é annualmente demandado por 773 navios nacionaes e estrangeiros deve ser contado no numero dos de primeira ordem. Nos 453 navios de longo curso se comprehendem todas as nacionalidades do globo com que o Brazil tem contratos de interesse commercial, e nos 320 de grande cabotagem se incluem os navios nacionaes de todas as provincias que estão em activo commercio com a de Pernambuco.

Esta provincia alimenta um vasto commercio com diversas praças da Europa e da America, bem como com quasi todas as suas irmãs do norte e sul do Imperio, pelo que produz uma renda para o cofre geral maior de 5,000:000\$, e consequentemente concorre para o total da renda publica na razão de 12,96 %; sendo a terceira provincia, quando considerada em relação a sua renda, se bem que nos ultimos exercicios parece que tende a elevar a sua arrecadação acima da effectuada pela Bahia.

Os principaes productos da provincia de Pernambuco são o assucar, a aguardente de canna e o algodão, com os quaes alimenta o seu grande commercio de exportação; tratarei portanto sómente destes tres artigos, deixando de mencionar muitas outras especies de productos naturaes e industriaes por não alongar de mais este trabalho; porquanto meu principal fim é provar que não ha até o presente di-

minuição de producção, e isto consigo sem usar de superfluidades escusadas e fastidiosas.

Antonil, na sua — *Cultura e Opulencia do Brazil* — diz que em 1711 a provincia de Pernambuco sòmente contava 246 engenhos de fabricar o assucar, dos quaes annualmente se exportavão para Lisboa 12,300 caixas com o peso de 450,500 arrobas, que erão estimadas no valor de 854:140\$.

Segundo os dados estatísticos do Sr. desembargador Figueira de Mello, a exportação do assucar effectuada pela provincia de Pernambuco nos annos de 1801 a 1830 se elevou ás quantidades constantes da tabella que passo a transcrever; cumpre porém observar que nestas quantidades se envolve a producção do assucar de outras provincias, que por esta fazião o seu commercio externo, cujas quantidades não posso discriminar por falta de dados.

DEMONSTRAÇÃO DO ASSUCAR EXPORTADO PELA PROVINCIA DE PERNAMBUCO NOS ANNOS DE 1801 A 1830, POR SUA QUANTIDADE EM ARROBAS.

Annos.	Arrobas.	Annos.	Arrobas.	Annos.	Arrobas.
1801. . . .	756,304	1811. . . .	304,812	1821. . . .	747,535
1802. . . .	500,856	1812. . . .	298,427	1822. . . .	780,702
1803. . . .	343,487	1813. . . .	379,712	1823. . . .	1,139,301
1804. . . .	504,022	1814. . . .	477,880	1824. . . .	956,915
1805. . . .	682,892	1815. . . .	581,311	1825. . . .	483,234
1806. . . .	873,000	1816. . . .	605,103	1826. . . .	401,860
1807. . . .	503,012	1817. . . .	501,647	1827. . . .	1,074,188
1808. . . .	148,544	1818. . . .	624,803	1828. . . .	1,439,122
1809. . . .	562,666	1819. . . .	671,780	1829. . . .	1,171,5 5
1810. . . .	334,936	1820. . . .	662,426	1830. . . .	1,391,129
Média . . .	<u>520,972</u>	Média . . .	<u>510,193</u>	Média . . .	<u>958,548</u>

*Observações.* — A maior exportação do 1º decennio foi a do anno de 1806.

A maior exportação do 2º decennio foi a do anno de 1819.

A maior exportação do 3º decennio foi a do anno de 1828.

Conforme a estatística official do thesouro nacional, a exportação do assucar effectuada pela provincia de Pernambuco nos exercicios de 1840—1841 até 1849—1850, foi muito superior á que consta da tabella que acabei de transcrever, e para se poder estabelecer a necessaria comparação produzirei os dados estatísticos das exportações daquelles exercicios por suas quantidades e valores officiaes.

**DEMONSTRAÇÃO DO ASSUCAR EXPORTADO PELA PROVINCIA DE PERNAMBUCO NO DECENNIO DE 1840—1841 A 1849—1850, POR SUAS QUANTIDADES E VALORES OFFICIAES.**

Exercicios.	Arrobas.	Preço médio.	Valor exportado.
1840—1841 . . . .	2,250,166	1\$901	4,277,535\$000
1841—1842 . . . .	1,896,649	1\$634	3,109,226\$000
1842—1843 . . . .	2,164,594	1\$943	4,199,461\$000
1843—1844 . . . .	2,092,182	1\$875	3,919,449\$000
1844—1845 . . . .	2,435,994	2\$102	5,045,304\$000
1845—1846 . . . .	2,496,085	2\$190	5,476,543\$000
1846—1847 . . . .	2,897,634	2\$059	5,767,681\$000
1847—1848 . . . .	3,302,544	1\$771	5,844,546\$000
1848—1849 . . . .	4,171,908	1\$883	7,852,287\$000
1849—1850 . . . .	2,942,338	1\$757	5,907,517\$000
Média . . . .	<u>2,665,009</u>	<u>1\$976</u>	<u>5,139,955\$000</u>

*Observações.* — Os exercicios de maior exportação forão os de 1843—1844 e 1844—1845, e o de menor foi o de 1841—1842.

O de maior preço do assucar foi o de 1845—1846, bem como o de menor foi o de 1841—1842.

Se porém dividirmos este espaço decennal em dous períodos quinquennaes, teremos os dous termos médios seguintes:

Exportação média do quadriennio de 1840—1841 a 1844—1845. . . 2,167,917 @  
 > > > de 1845—1846 a 1849—1850. . . 3,162,101 >

Augmento de exportação. . . . . 994,184 >

127

Dos mappaes que acompanhão o relatório da presidencia de Pernambuco, do anno de 1857, se reconhece que a cultura da canna e fabricação do assucar nesta provincia ainda continúa a marchar nas vias do progresso; porquanto, do triennio que comprehende os exercicios de 1855—1854 a 1855—1856, se observa um grande augmento de exportação deste artigo, por isso que passo a transcrever estes dados estatisticos para depois sobre elles, e os já descriptos, proceder ás indispensaveis comparações afim de poder bem apreciar-se o progresso da fabricação do assucar em Pernambuco.

DEMONSTRAÇÃO DO ASSUCAR PRODUZIDO EM PERNAMBUCO NOS EXERCICIOS ABAIXO DECLARADOS, E EXPORTADO PARA PAIZES ESTRANGEIROS E OUTRAS PROVINCIAS; A SABER:

Exercicios.	Arrobas	Preço médio.	Valor exportado.
185 <sup>o</sup> —1854 . . . .	3,688,264	2\$141.	7,879,000\$000
185 <sup>o</sup> —1855 . . . .	4,001,523	2\$201.	8,840,000\$000
1855—1856 . . . .	4,181,198	2,699	11,284,000\$000
Média . . . .	3,956,995	2\$370	9,322,333\$000

*Observação.* O exercicio de maior produção e maior preço foi o de 1855—1856.

Depois de ter apresentado os dados estatisticos que ficão descriptos, só me resta estabelecer as necessarias comparações entre os termos médios das exportações do assucar nas diversas épocas, afim de provar até á evidencia que a cultura da canna e fabricação do assucar na provincia de Pernambuco até o presente tem sempre marchado em um constante, e não interrompido progresso; o que claramente demonstra a tabella que se segue:



TABELLA COMPARATIVA DO ASSUCAR EXPORTADO PELA PROVINCIA DE PERNAMBUCO NOS TRES DECENNIOS DE 1801 A 1810, 1811 A 1820, E 1821 A 1830 COM O DECENNIO DE 1840—1841 A 1849—1850; E DESTE DIVIDIDO EM DOUS QUINQUENNIOS DE 1840—1841 A 1844—1845 E 1845—1846 A 1849—1850, COM O TRIENNIO DE 1853—1854 A 1855—1856, E EM TODAS ESTAS ÉPOCAS PELOS SEUS RESPECTIVOS TERMOS MÉDIOS; A SABER:

	Épocas.	Arrobas.
Termo médio do 1º decennio	1801 a 1810 . . . . .	520,972
» » do 2º »	1811 a 1820 . . . . .	510,196
» » do 3º »	1821 a 1830 . . . . .	958,548

	Comparações.	Arrobas.
O 1º mais que o 2º	. . . . .	10,776
O 3º mais que o 1º	. . . . .	437,576
O 3º mais que o 2º	. . . . .	448,352

Consequentemente a produção do 3º decennio sobre o 1º augmentou na razão de 84 %, e sobre o 2º, na de 81,94 %.

	Épocas.	Arrobas.
Termo médio do decennio de	1821 a 1830 . . . . .	958,548
» » » de	1841 a 1850 . . . . .	2,665,009

Augmento . . . . . 1,706,461 arrobas, as quaes são iguaes a um crescimento de produção na razão de 178,08 %.

	Épocas.	Arrobas.
Termo medio do quinquennio de	1841 a 1845 . . . . .	2,167,917
» » » de	1846 a 1850 . . . . .	3,162,101

Augmento . . . . . 994,184 arrobas, que equivalem a um progresso de produção na razão de 45,88 %.

	Épocas.	Arrobas.
Termo médio do quinquennio de	1846 a 1850 . . . . .	3,162,101
» » do triennio de	1854 a 1856 . . . . .	3,956,995

Augmento . . . . . 794,894 arrobas, que demonstra um progresso de produção na razão de 25,15 %.

Sommando-se todas as diversas razões acima demonstradas, teremos um augmento de producção na fabricaçãõ do assucar na razão de 555,44 % desde 1801 a 1856, e consequentemente um crescimento annual e não interrompido na razão 6,6 %. Mostrão pois evidentemente os numeros que até ao presente não ha diminuição de producção.

Ainda que tenho consciencia de haver provado concludentemente o augmento da fabricaçãõ do assucar na provincia de Pernambuco, comtudo, para tornar mais saliente tal verdade vou demonstrar o grande desenvolvimento que tem tido esta industria, pelo augmento dos engenhos de sua manipulaçãõ, assim tornando mais completo este meu trabalho, que, ainda que fastidioso, não deixa comtudo de conter verdades importantes e apreciaveis para o economista.

Segundo uma memoria escripta pelo Sr. major Gama sobre productos de Pernambuco, se deprehende que em 1840 haviãõ nesta provincia 512 engenhos grandes de fabricar assucar, e 200, pouco mais ou menos, de fabricar rapaduras; e este numero concorda com o que sobre o mesmo assumpto diz o Sr. desembargador Figueira de Mello, que no anno de 1844 assevera ter Pernambuco 700 engenhos grandes e pequenos de fabricar assucar e rapaduras: ambos estes escriptores merecem plena fé porque bem conhecem as localidades que descreverãõ.

Conforme o almanak da provincia de Pernambuco do anno de 1859, no qual vem descriptos por seus respectivos nomes todos os engenhos, se reconhece que actualmente alli existem 1,272; os quaes se achãõ distribuidos pelas diversas freguezias na seguinte ordem :

MAPPA DOS ENGENHOS DE FABRICAR ASSUCAR, RAPADURAS E CAÇAÇA NA PROVINCIA DE PERNAMBUCO, NO ANNO DE 1859, PELAS RESPECTIVAS FREGUEZIAS.

Freguezias.	Eng.	Freguezias.	Eng.
Afogados . . . . .	7	Escada . . . . .	186
Muribeca . . . . .	18	Ipojuca . . . . .	54
Varzea . . . . .	11	Serinhaem . . . . .	88
Poço de Panellas . . . . .	1	Rio-Formoso . . . . .	42
Jaboatão . . . . .	46	Una . . . . .	30
S. Lourenço da Matta . . . . .	34	Barreiros . . . . .	46
Iguarassu . . . . .	19	Agua-Preta . . . . .	69
Maranguape . . . . .	6	Bonito . . . . .	25
Itamaracá . . . . .	5	Bezerras . . . . .	8
Goianna . . . . .	84	Guipapá . . . . .	24
Desterro de Itambé . . . . .	18	Ilha das Flores . . . . .	6
Tracunhaem . . . . .	78	Papa-Caça . . . . .	22
Nazareth . . . . .	107	Panellas . . . . .	12
Limoeiro . . . . .	9	Altinho . . . . .	13
Bom Jardim . . . . .	36	Cimbres . . . . .	13
Pão d'Alho . . . . .	33	Brejo . . . . .	3
Goitá . . . . .	15		
Luz . . . . .	27	Somma . . . . .	1,272
Santo Antônio . . . . .	72		---

Comparando-se a somma dos engenhos de fabricar assucar nas tres épocas descriptas, se reconhece que elles têm augmentado de numero em todas ellas, e como é bem claro que os engenhos não se augmentarião sem que se augmentasse a cultura da canna do assucar, segue-se que ainda serve esta demonstração para provar o progresso que tem tido esta especie de cultura na provincia de Pernambuco : resumirei pois a somma dos engenhos nas tres épocas de que estou tratando para bem se apreciar o seu augmento.

Em 1711, segundo Antonil, havião . . . . .	246	engenhos.
Em 1844, conforme o desembargador F. de Mello.	712	»
Em 1859, segundo o almanak . . . . .	1,272	»

Resulta desta demonstração que o numero dos engenhos de fabricar assucar n'um espaço de 155 annos quasi que

triplicou; bem como que nos ultimos 15 annos quasi duplicou; e isto é uma prova de progresso, que não pôde razoavelmente ser contestada, porque é evidente que se não augmentarião os engenhos de fabricar assucar se houvesse diminuido a cultura e producção da canna que lhes serve de alimento industrial.

Passarei agora a tratar de outro producto, da canna de assucar que tambem figura em grande escala no commercio de exportação da provincia de Pernambuco, refiro-me á aguardente ou cachaça; e para que bem se possa apreciar o desenvolvimento que tem tido a fabricação desta bebida alcoolica, ainda me remontarei a épocas anteriores, porque entendo que quanto maior espaço de tempo abrangerem os dados estatisticos, tanto mais meios fornecem para os calculos economicos.

#### AGUARDENTE DE CANNA.

A fabricação da aguardente ou cachaça na provincia de Pernambuco é um dos mais importantes ramos de sua industria, e porque na sua preparação depende de menor numero de braços que a manipulação do assucar, grande parte dos agricultores de canna preferem o fabrico da cachaça ao daquelle; além de que, a aguardente tem mais prompta venda e com maiores lucros para o fabricante. A exportação deste producto para paizes estrangeiros, e mesmo para o consumo de outras provincias, tem tido um progressivo augmento, sem que, como já demonstrei, tenha diminuido a producção do assucar; comtudo nestes ultimos annos a exportação da cachaça para paizes estrangeiros tem augmentado consideravelmente, como se verá dos dados estatisticos que vou apresentar.

Conforme a estatistica do Sr. desembargador Figueira de

Mello, o fabrico da aguardente de canna em Pernambuco, e a sua exportação nos annos de 1801 a 1830, se realizou nas seguintes porções :

DEMONSTRAÇÃO DA AGUARDENTE DE CANNA EXPORTADA NOS ANNOS DE 1801 A 1830.

Annos.	Pipas de 180 canadas.	Annos.	Pipas de 180 canadas.	Annos.	Pipas de 180 canadas.
1801. . . .	117	1811. . . .	2,579	1821 . . . .	753
1802. . . .	53	1812. . . .	2,269	1822 . . . .	2,269
1803. . . .	49	1813. . . .	2,079	1823 . . . .	1,512
1804. . . .	204	1814. . . .	1,908	1824 . . . .	694
1805. . . .	411	1815. . . .	791	1825 . . . .	336
1806. . . .	240	1816. . . .	795	1826 . . . .	1,195
1807. . . .	336	1817. . . .	913	1827 . . . .	1,861
1808. . . .	375	1818. . . .	1,635	1828 . . . .	2,018
1809. . . .	418	1819. . . .	875	1829 . . . .	2,073
1810. . . .	1,318	1820. . . .	1,199	1830 . . . .	1,532
Média . . .	345	Média . . .	1,504	Média . . .	1,424

*Observações.*—A maior exportação do 1º decennio foi a do anno de 1810. A do 2º decennio foi a do anno de 1811. A do 3º decennio foi a do anno de 1822. As alterações são casuaes e não provão diminuição.

Por brevidade deixo de incluir neste mappa a exportação do melão, o qual tambem é um producto da canna que muito avulta no commercio desta provincia.

Dos mappas estatísticos organisados no thesouro nacional, relativos aos exercicios de 1840 — 1841 a 1849 — 1850, se colhem sobre a exportação da aguardente de canna effectuada pela provincia de Pernambuco, as quantidades que passou a demonstrar por seus valores officiaes ; e porque nestes mappas a unidade de medida seja a — canada — eu a reduzi a — pipas — para poder estabelecer as indispensaveis comparações, afim de reconhecer-se á simples vista o progresso ou decrescimento deste producto. A tabella que se segue isso demonstra :

**DEMONSTRAÇÃO DA AGUARDENTE DE CANNA EXPORTADA PELA PROVÍNCIA DE PERNAMBUCO NOS EXERCÍCIOS DE 1840—1841 A 1849—1850, POR SUAS QUANTIDADES E VALORES OFFICIAES; A SABER:**

Exercícios.	Medidas.	Preço médio	Valor exportado.	Pipas.
1840—1841 . . . .	288,676	\$295	85:218\$000	1,603
1841—1842 . . . .	2 1,541	\$300	64:362\$000	1,191
1842—1843 . . . .	129,382	\$300	38:814\$000	719
1843—1844 . . . .	272,878	\$397	108:252\$000	1,516
1844—1845 . . . .	283,546	\$240	68:051\$000	1,575
1845—1846 . . . .	249,858	\$297	74:045\$000	1,388
1846—1847 . . . .	101,866	\$266	27:033\$000	566
1847—1848 . . . .	131,149	\$299	39:115\$000	729
1848—1849 . . . .	579,073	\$332	192:663\$000	3,217
1849—1850 . . . .	345,381	\$283	90:927\$000	1,919
Média. . . .	259,635	\$303	75:848\$000	1,442

*Observações.*—A maior exportação foi em 1848—1849, e a menor em o exercício de 1846—1847.

A exportação média foi de 1,442 pipas de 180 canadas.

O relatório da presidência da provincia de Pernambuco, relativo ao anno de 1857, nos quadros da exportação dos principaes productos desta provincia, apresenta a quantidade da aguardente de canna que se exportou para paizes estrangeiros, e para outros portos do Imperio nos exercicios de 1853 — 1854 a 1855 — 1856, que é a que passo a demonstrar na tabella que se segue :

**DEMONSTRAÇÃO DA AGUARDENTE DE CANNA EXPORTADA NOS EXERCÍCIOS DE 1853—1854, 1851—1855 E 1855—1856, POR QUANTIDADES E VALORES OFFICIAES; A SABER:**

Exercícios.	Medidas.	Preço médio.	Valor export.	Pipas.
1853—1854. . . .	1,145,580	\$332	382:000\$000	6,364
1854—1855. . . .	1,179,674	\$433	511:000\$000	6,554
1855—1856. . . .	1,256,277	\$448	563:000\$000	6,979
Media. . . .	1,193,817	\$404	485:333\$000	6,632

*Observação.*—O termo médio foi de 6,632 pipas por anno.

Depois de ter descripto estes dados estatisticos vou proceder ás necessarias e indispensaveis comparações, afim de poder demonstrar até á evidencia que este producto da canna do assucar tem, até ao presente, seguido em um constante progresso nesta provincia; e para que melhor elle se possa avaliar compararei os periodos decennaes entre si, e depois o termo médio do ultimo decennio com o termo médio do ultimo triennio.

TABELLA COMPARATIVA DA AGUARDENTE DE CANNA EXPORTADA PELA PROVINCIA DE PERNAMBUCO NOS TRES DECENNIOS DE 1801 A 1810, DE 1811 A 1820, E DE 1821 A 1830 COM O DECENNIO DE 1840—1841 A 1849—1850, E DESTES COM O TRIENNIO DE 1853—1854 A 1855—1856, PELOS TERMOS MÉDIOS ANNUAES DE CADA UMA DESTAS ÉPOCAS; A SABER:

Épocas.	Quantidades.
Termo médio do 1º decennio (1801 a 1810). . . . .	315 pipas.
» » do 2º » (1811 a 1820). . . . .	1,504 »
» » do 3º » (1821 a 1830). . . . .	1,424 »

*Comparações.*

O 2º mais que o 1º. . . . .	1,159 pipas.
O 2º mais que o 3º. . . . .	80 »
O 3º mais que o 1º. . . . .	1,079 »

Consequentemente a producção do 2º decennio sobre o 1º augmentou na razão de 455,9 %, isto é, quasi quintuplicou; bem como a producção do 3º decennio foi menor que a do 2º, na razão de 5,5 %; e por consequencia maior que a do 1º decennio na razão de 450,6 %.

Épocas.	Quantidades.
Termo médio do decennio de 1821 a 1830. . . . .	1,424 pipas.
» » do » de 1841 a 1850. . . . .	1,442 »

*Comparação.*

O 2º mais que o 1º. . . . .	18 pipas.
-----------------------------	-----------

Consequentemente o augmento da produçãõ na ultima época foi na razão de 1,28 %.

Epocas.	Quantidades.
Termo médio do decennio de 1841 a 1850. . . .	1,442 pipas.
” ” do triennio de 1854 a 1856. . . .	6,632 ”

*Comparação.*

O 2º mais que o 1º. . . . . 5,190 pipas.

Consequentemente o augmento da produçãõ na ultima época foi na razão de 560 %, proximamente, isto é, quasi quadruplicou a produçãõ em um espaço de tempo de seis annos.

Parece-me que estas demonstrações estatisticas provão evidentemente que a cultura da canna de assucar e fabricaçãõ da cachaça não tem até ao presente diminuido na provincia de Pernambuco, porém que segue desde 1801 em um continuado e não interrompido progresso, e muito principalmente depois de 1850, época em que foi extincto o trafico dos Africanos; porquanto nos exercicios de 1854 a 1856 a exportaçãõ da aguardente de canna foi, termo médio, de 6,652 pipas, quando anteriormente a 1850 nunca excedeu a 5,200 pipas, e isto só no anno de 1848 - 1849, porque em todos os mais não passou de 2,000 pipas. Termino pois este artigo para ir tratar do algodão, ramo tambem muito importante da agricultura desta provincia.

ALGODÃO.

Por muitos annos a provincia de Pernambuco se occupou exclusivamente da cultura da canna e fabricaçãõ do as-



sucar como genero de commercio , e sómente pela primeira vez em 1778 exportou algodão, porém em mui diminuta quantidade ; começou de então a avultar mais a cultura do algodão, de 1781 em diante , tornando-se afinal um dos principaes ramos de sua exportação.

Anteriormente ao anno de 1800 era o algodão de Pernambuco o mais estimado nas fabricas de Inglaterra , não só pela sua bella côr e finura dos fios , como pela consistencia e brilho delles ; mas depois foi-se o algodão desta provincia desacreditando nos mercados europeus pelo máo preparo que lhe davão os productores e exportadores, que misturavão as diversas qualidades, até mesmo envolvendo o algodão damnificado com o superior, querendo dest'arte realizar avultados lucros de momento, sem calcularem com o depreciamento futuro em que cahiria este importante producto do seu commercio de exportação.

O *Correio Braziliense* , periodico escripto em Londres sob a direcção de um distincto Rio-Grandense, bem lucidamente explana o que aqui tão succintamente refiro , bem como aconsella os meios que se devião empregar para limpar e preparar o algodão , afim de o tornar a rehabilitar na estima de que gozava antes de ter sido escandalosamente falsificado pelos exportadores. Infelizmente era uma voz que clamava no deserto a daquelle patriotico escriptor ; nenhum dos meios indicados foi accito , e o algodão de Pernambuco não pôde mais adquirir a preferencia que teve no seu começo. Como esta muitas industrias têm sido desacreditadas pela avareza do commercio pouco illustrado que predomina no nosso paiz (*aliquanta exceptione concessa*).

Segundo os dados estatisticos do Sr. desembargador Figueira de Mello, a exportação do algodão pela provincia de

Pernambuco nos annos de 1801 a 1850 é a que consta da tabella que passo a transcrever. Devo porém advertir que nas quantidades, que nella se contém, se envolvem as produções da Parahyba e Alagôas, que nesses tempos em maior parte fazião as suas exportações por intermedio de Pernambuco, e infelizmente não tenho os necessarios dados para poder discriminar as procedencias.

Annos.	Arrobas.	Annos.	Arrobas.	Annos.	Arrobas.
1801. . .	104,635	1811. . .	99,077	1821. . .	273,242
1802. . .	234,535	1812. . .	188,322	1822. . .	268,686
1803. . .	177,565	1813. . .	262,265	1823. . .	205,594
1804. . .	193,255	1814. . .	239,499	1824. . .	133,065
1805. . .	282,730	1815. . .	186,067	1825. . .	224,184
1806. . .	235,415	1816. . .	287,695	1826. . .	60,675
1807. . .	324,765	1817. . .	242,804	1827. . .	139,308
1808. . .	88,715	1818. . .	250,027	1828. . .	141,388
1809. . .	299,085	1819. . .	252,728	1829. . .	217,120
1810. . .	225,036	1820. . .	295,770	1830. . .	244,604
Média. . .	<u>216,573</u>		<u>230,425</u>		<u>190,786</u>

*Observações.*—O anno de maior exportação no 1º decennio foi o de 1809. No 2º decennio foi o de 1820. No 3º decennio foi o de 1821.

Parece á primeira vista que a cultura do algodão tem diminuido na provincia de Pernambuco, porque os dados estatisticos demonstrão uma diminuição de exportação no 5º decennio comparado com o 1º e 2º, porém reflectindo-se sobre o que acima fica dito desaparece essa diminuição apparente; porquanto, nestas épocas as provincias da Parahyba e Alagôas remettião grande porção de algodão para Pernambuco, que por alli era exportado.

Conforme os mappas estatisticos do thesouro nacional dos exercicios de 1840 — 1841 a 1849 — 1850, a exportação do algodão effectuada pela provincia de Pernambuco foi a que passo a demonstrar na tabella que se segue:

EXPORTAÇÃO DO ALGODÃO DE PERNAMBUCO NOS EXERCÍCIOS DE  
1840—1841 A 1849—1850; A SABER :

Exercícios.	Arrobas.
1840—1841. . . . .	168,200
1841—1842. . . . .	119,281
1842—1843. . . . .	160,139
1843—1844. . . . .	221,175
1844—1845. . . . .	187,769
1845—1846. . . . .	94,233
1846—1847. . . . .	103,493
1847—1848. . . . .	141,885
1848—1849. . . . .	227,932
1849—1850. . . . .	203,178
Média. . . . .	<u>162,728</u>

*Observações.* — O anno de maior exportação neste decennio fôï o de 1848—1849.

O anno de menor exportação foi o de 1845—1846, porém deste anno em diante tende a augmentar.

Do relatório da presidencia de Pernambuco do anno de 1857 consta que a exportação do algodão por esta provincia, nos exercicios de 1852 — 1853 a 1855 — 1856, foi a que se segue :

Exercícios.	Arrobas.
1852—1853. . . . .	213,220
1853—1854. . . . .	123,915
1854—1855. . . . .	137,272
1855—1856. . . . .	111,606
Média. . . . .	<u>146,503</u>

*Observação.* — O anno de maior exportação foi o primeiro, e o de menor o ultimo.

Ainda esta demonstração apresentaria um decrescimento da producção constante, se se não refletisse que o espaço

de quatro annos é insufficiente para se tirar uma exacta conclusão, e muito mais quando se observa deste mesmo relatório da presidencia que a exportação do 1º semestre do exercicio de 1856 — 1857 já sommava em 80,868 arrobas, indicando assim uma exportação maior de 160,000 arrobas neste exercicio, a qual seria maior de 50 % que a do anterior.

Postas estas quantidades vou estabelecer a tabella comparativa entre as diversas épocas descriptas, afim de melhor se poder apreciar o crescimento ou decrescimento desta industria agricola da provincia de Pernambuco, se bem que pelas razões já dadas se não possa bem fundamentar um juizo seguro a respeito, porquanto não tenho dados por onde possa discriminar as quantidades pertencentes as provincias da Parahyba e Alagôas, se bem que actualmente são de pouca importancia nesta provincia.

TABELLA COMPÁRATIVA DO ALGODÃO EXPORTADO PELA PROVINCIA DE PERNAMBUCO NOS TRES DECENNIOS DE 1801 A 1810, DE 1811 A 1820, COM O DECENNIO DE 1840—1841 A 1849—1850, E ESTE COM O QUATRIENNO DE 1852—1853 A 1855—1856, PELOS TERMOS MÉDIOS ANNUAES DE CADA UMA DESTAS ÉPOCAS; A SABER:

	Epocas.	Arrobas.
Termo médio do decennio	de 1801 a 1810. . . .	216,573
» » »	de 1811 a 1820. . . .	230,425
» » »	de 1821 a 1830. . . .	190,786

*Comparações.*

O 2º mais que o 1º . . . . .	13,852 @.
O 1º mais que o 3º . . . . .	25,787 »
O 3º menos que o 2º . . . . .	39,639 »

Do que resulta que houve uma diminuição de exportação na razão de 17,2 %, a qual deve ser attribuida não a menor

produção, porém sim a ter sido feita maior exportação, nos ultimos tempos pelas provincias de Alagóas e Parahyba, e por isso deixarão de remetter seus algodões para Pernambuco.

	Epocas.	Arrobas.
Termo médio do decennio de 1821 a 1830 . . .		190,786
»       »       »       de 1841 a 1850 . . .		162,728

*Comparações.*

O 2º menos que o 1º . . . . . 28,058 @; esta diminuição, na razão de 14,7 %, ainda deve ser attribuida á causa apontada.

	Epocas.	Arrobas.
Termo médio do decennio de 1841 a 1850 . . .		162,728
»       »       do quadriennio de 1853 a 1856 . .		146,503

*Comparações.*

O 2º menos que o 1º . . . . . 16,225 @, ou na razão de 10 %; esta diminuição porém não deve existir no fim de exercicio de 1856—1857, porque, segundo a exportação do 1º semestre deste exercicio, a exportação deve-se elevar sobre a do exercicio anterior em mais de 50 %.

Para terminar este artigo sobre a produção dos principaes productos da provincia de Pernambuco farei uma abreviada recapitulação do que tenho dito afim de provar que esta provincia tambem marcha nas vias do progresso, feito o que, terminarei fazendo a comparação de toda exportação total por seus valores officiaes.

O progresso da produção apresentado sobre a fabricação e exportação do assucar, e da aguardente de cana, bem como da cultura e exportação do algodão, dá o se-

guinte resultado médio annual, partindo de 1801 e terminando em 1856, a saber :

*Progresso annual.*

No assucar . . . . .	6,6 %
Na aguardente . . . . .	14,3 »
	<hr/>
Diminuição no algodão exportado. . .	20,9 »
	6,4 »
	<hr/>
Progresso annual . . . . .	14,5 »
	<hr/>

Ora, um augmento constante em 55 annos na razão de 14,5 % ao anno, de certo que é bem animador e satisfatorio, e de nenhuma fórma pôde indicar decadencia. Quando se observão estes factos é que se podem bem precisar as questões economicas, e não aventurando juizos sem baze alguma provavel, como em geral se tem feito.

Desejando ser coherente no desenvolvimento deste meu modesto trabalho, vou finalmente proceder á comparação dos valores totaes das exportações da provincia de Pernambuco relativas aos exercicios de 1849—1850 e 1855—1856; escolhendo estas duas épocas tenho por fim principal demonstrar o progresso da producção em geral nesta provincia, bem como mais firmar a minha these, de que — ainda se não sente falta de braços que se possam occupar da agricultura do paiz — porquanto, sendo o 1º destes dous exercicios um anno anterior á completa cessação do trafico dos Africanos, o 2º exercicio é posterior seis annos áquella época, mas comtudo demonstrão os numeros por fórma inconstestavel um brilhante progresso na exportação de Pernambuco, como passo a provar com os valores da estatistica official.

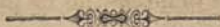
*Exportação total por valores.*

Do exercicio de 1849—1850. . . . .	8,606:000\$000
Do exercicio de 1855—1856. . . . .	11,504:000\$000
	<hr/>
Augmento de valores. . . . .	2,898:000\$000
	<hr/>

Foi pois o augmento da producção desta provincia na razão de 55,7 %, em um espaço de seis annos. Muito maior seria a razão do progresso demonstrado se tempo me restasse para poder compulsar os documentos que se referem á exportação feita pela cabotagem para as outras provincias do Imperio da de Pernambuco ; comtudo um augmento de valores na razão média annual de 6,7 % é sem duvida animador.

Não desconheço que este meu trabalho se resente de muitas faltas, mas ainda assim não se me poderá negar a quantidade de materiaes que elle fornece a quem se quizer entregar ao estudo de uma questão tão arida , qual o da economia administrativa.

Tem-se dito, e se continúa a dizer que a agricultura de finha e morre no Brazil pela cessação do trafico, e os dados estatisticos demonstrão que o paiz progride em sua industria agricola mesmo depois de ter terminado aquelle nefando commercio : quem deve merecer mais credito, os dados estatisticos officiaes , ou aquelles que sem estudarem as causas avanção taes proposições? Decidão os homens da sciencia.



## XXIII

### COMMERCIO, SUA LIBERDADE E LIMITES.

Pela melhor fórma que era possível demonstrei que a producção dos generos alimenticios não se acha decadente em todo o Imperio, porque a diminuição que della se observa em algumas provincias se compensa em outras pela superabundancia de suas colheitas.

A diminuição da producção dos generos alimenticios, como ficou demonstrado, procede da absorpção que em algumas provincias, como, por exemplo, na do Rio de Janeiro, fez a lavoura do café dos braços empregados nas outras especies de cultura; bem como provei, com os dados extrahidos da estatistica official, que naquellas provincias em que se não tinha operado essa inversão de cultura a lavoura da mandioca, feijão, milho e outras especies tinham continuado na sua marcha de progresso.

Produzi as provas destas minhas asserções demonstrando



o grande augmento que tem tido nos ultimos annos a producção agricola das provincias do Rio-Grande do Sul, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, e conclui dizendo que a carestia dos generos alimenticios não procedia portanto de falta de semelhantes productos, mas de outras causas latentes, entre as quaes se ia mostrando á plena luz o monopolio, que está, com especialidade no mercado desta côrte, exercendo uma malefica pressão sobre os preços dos comestiveis.

Agora vou occupar-me de uma questão que tem tanto de difficil quanto de melindrosa, porque envolve muitos interesses individuaes; mas nem por isso deixarei de continuar no meu proposito, que é principalmente advogar a causa do todo contra o predomonio de uma de suas partes.

Antes de entrar no desenvolvimento deste complicado ponto de meu trabalho, declaro que não tenho em vista censurar individualidades, e tão sómente combater em these o grande numero de abusos enraizados no paiz, e tolerados em pura perda do progresso nacional, e do bem-estar de nossos conterraneos.

Assim me expressando não pretendo render culto aos potentados, nem tão pouco depreciar a este ou áquelle individuo, porque tenho por principal movel de minhas acções repeitar a todos os membros da sociedade. Isto posto, produzirei as razões em que me fundo para julgar que existe o monopolio dos generos alimenticios no paiz, e muito principalmente no mercado desta côrte.

A liberdade de commerciar não é tão illimitada como se pretende, porque o governo tem o incontestavel direito de prohibir o commercio dos objectos que entender prejudicaes e ruinosos á saude ou segurança publica; logo, e pela mesma razão, ao governo compete o direito de velar sobre o bem-estar dos nossos conterraneos, e mesmo de taxar, quando seia

necessario, o preço por que devem ser vendidos os generos comestiveis em épocas anormaes como a em que nos achamos, quando reconhecer que existe monopolio entre os vendedores dos objectos indispensaveis á vida.

Postos estes principios, que aceito como incontroversos, apresentarei as razões em que me fundo para assim opinar, as quaes existem em nossas leis escriptas, e nas do uso consuetudinario.

O nosso codigo commercial define com a precisa clareza quem são as pessoas habeis para commerciar, fixando as regras dentro das quaes é permittido o commercio legal, bem como marca as penas em que incorrem aquelles que as ultrapassarem.

As leis civis, e mesmo as fiscaes, prohibem o commercio de certos e determinados objectos, como prejudiciaes á saúde e segurança publica.

Destes principios de nossa lei escripta se deduz que a liberdade de commerciar tem limites marcados, e esses limites estão circumscripitos na orbita dos beneficios resultantes para o publico e para o Estado.

Em todas as nações cultas, quer sejam regidas por governos absolutos ou liberaes, o commercio dos generos alimentares de primeira necessidade é subordinado a certas e determinadas regras especiaes. O governo do Estado sempre se reserva o direito que lhe compete como primeiro zelador dos interesses geraes da sociedade, e em vista desse direito póde vedar a salida dos cereaes e de outros generos alimenticios nos annos em que as colheitas não forem abundantes, e isto para que o publico não soffra faltas na sua alimentação; bem como, usando do mesmo direito, póde impôr e taxar o preço dos comestiveis em circumstancias anormaes do paiz; e exercendo taes prerogativa ninguem sensatamente poderá

dizer que tolhe o direito de propriedade, porque só restringe o uso desse direito em beneficio do maior numero dos associados, isto é, do povo.

Nenhuma nação existe onde o direito de propriedade seja mais respeitado que na Prussia, e ali está para o provar a historia do Rei e do Moleiro; mas, memo naquelle Estado, bem como em toda a Allemanha, na Inglaterra, França e Portugal, se tem por mais de uma vez prohibido a exportação dos generos alimentares para fóra do paiz, quando o bem do povo assim o exige, ou mesmo quando a irregularidade das estações em algum anno presagião grande deficit na sua regular colheita.

As leis portuguezas, que formão a base do nosso direito, creárão uma classe de juizes especiaes para velarem sobre a distribuição e commercio dos generos da alimentação publica, a cujos juizes denominavão—almotacés—e erão incumbidos de verificar o estado de sanidade das especies alimentares expostas á venda, bem como de examinar a exactidão dos pesos e medidas por que se effectuavão as permutas, e em casos anormaes tinhão o direito de taxar o preço dos generos de que havia grande falta no mercado, e assim tambem a quantidade que a cada individuo podia ser vendida; e isto para que todos pudessem ter parte na distribuição do genero exposto á venda.

A ordenação e alvarás que regulavão taes actos não forão derogados quanto aos seus fins e effeitos, e tão sómente alterados em referencia ás penas e ás autoridades que as devem applicar; por outros termos, mudárão-se só as formulas, porquanto taes attribuições, depois que nos constituimos em nação, passárão para as camaras municipaes, que convertêrão taes disposições para posturas; e em vista dellas, e no uso de seu direito, mandão fazer correições

nos estabelecimentos que expoem á venda generos alimenticios, e impoem aos donos dessas casas de negocio as penas em que incorrem pelas transgressões das leis que regulão a materia.

Não raras vezes, nas provincias do Imperio, em circumstancias anormaes, occasionadas por falta de colheitas, ou por outros motivos, têm as camaras municipaes ou as autoridades policiaes representado ás presidencias das provincias pedindo a prohibição da sahida dos generos alimenticios, afir de que a escassez delles não vá em maior augmento, assim occasionando os flagellos e penuria da fome; e sempre que isso ha acontecido, as presidencias têm decretado a medida deprecada, e mesmo até ordenado que as camaras municipaes taxem o preço por que devem ser vendidos os generos alimenticios ao povo.

Citarei, entre muitos exemplos, os que observei na cidade de Porto-Alegre, capital da provincia do Rio-Grande do Sul, nos annos de 1858 e 1840, sendo presidentes os Exms. general Miranda Brifó e conselheiro Saturnino de Souza e Oliveira, ambos pessoas de não vulgar illustração, sendo o ultimo um dos mais habéis legistas do nosso paiz, e devotado propugnador das liberdades publicas.

Achava-se a cidade de Porto-Alegre em estado de sitio, que pela parte de terra lhe punhão os dissidentes, vedando a entrada de gados para o talho, bem como a da farinha, milho, feijão e outros generos comestiveis; pelo que o sustento publico tinha encarecido demasiadamente, por ser todo conduzido por mar da cidade do Rio-Grande: diversos especuladores formárão um monopolio desse commercio, com o qual intentárão realizar lucros fabulosos. A camara municipal representou contra semelhante abuso, e a presidencia da provincia ordenou que se taxasse o preço

da carne verde , farinha e mais objectos de que havia falta, marcando-se um lucro razoavel aos introductores desses generos , que os compensasse de seus trabalhos e despesas : esta justa determinação da presidencia foi executada sem o menor clamor , porque não ha quem ignore que o interesse geral está muito acima do individual.

Levantado que foi o sitio de Porto-Alegre, começou a entrar para dentro da cidade grande porção de farinha , feijão , milho , etc., e seus preços baixarão consideravelmente em relação aos que tinham não só na capital , como mesmo ao sul da provincia ; novos monopolistas se colligarão para comprar todos os generos e navega-los para a cidade do Rio-Grande. Sabedora desse illicito commercio, a presidencia prohibio tal embarque, porque infallivelmente, a ser effectuado , traria de novo a penuria para o povo da capital : tambem não houve uma só voz que reclamasse contra tão judiciosa deliberação , e muito menos quem allegasse offensa do direito da liberdade de commerciar.

O direito de propriedade, garantido pela constituição brasileira, não pôde, em absoluto, ser applicado ás transacções commerciaes, porque elle trata da propriedade adquirida e de que está de posse o proprietario ; e em commercio, comquanto exista propriedade do negociante nas suas mercadorias, esta não é perduravel, mas transitoria, porém ainda mesmo na observancia do direito de propriedade ha excepções ; porquanto permite-se a desapropriação do particular, quando disso pôde resultar um bem publico ; e nem seria justa a lei que elevasse o direito de propriedade individual ao ponto de ferir e conculcar o interesse geral do todo, visto que os homens reunidos em sociedade formão um corpo complexo , com a indeclinavel obrigação de se auxiliarem mutuamente em suas relações de commodos e

gozos, prestando-se cada qual com o contingente de sua intelligencia, serviços pessoaes e pecuniarios.

De tudo quanto fica exposto concluo que, reconhecida a existencia do monopolio dos generos alimenticios, o governo imperial tem o incontestavel direito de derroca-lo pelas suas bases, bem como de punir os monopolistas como mãos membros da sociedade; porque taes individuos são verdadeiros cancos que corroem os frutos do frabalho do povo.

O monopolista é um verdadeiro usurario e egoista que só vive para si, folgando e rindo no centro da miseria que promove, sem attender ás lagrimas do misero operario que desfallece com o peso do trabalho, do qual não recolle os indispensaveis meios com que compre os alimentos para si e sua miserrima familia.

Finalmente, o monopolista é um membro corrompido da sociedade, pelo que deve ser della eliminado, para com sua impuridade e corrupção não inficionar o corpo social; é um apostata da lei de Jesus-Christo.

A longa digressão que me vi forçado a fazer para demonstrar que temos leis que vedão o monopolio e punem o monopolista, bem como que a liberdade commercial tem limites, afóra dos quaes cessa o commercio licito, me veda de no presente capitulo produzir as provas da existencia do monopolio; portanto, só resumidamente direi que, observando-se os mappas estatisticos da exportação nacional que terminão no exercicio de 1849 — 1850, se reconhece que até áquella época o paiz exportava muitos generos alimenticios que hoje tem importado, se bem que até ao presente em mui diminuta quantidade; provando-se ainda assim que não ha falta de taes generos no mercado, e antes existem em quantidade nos armazens e depositos, sem que comtudo baixem os seus excessivos preços.

Compulsando-se os mappas estatísticos das exportações de 1835 — 1840 a 1849 — 1850, se obtem a média exportação dos generos alimenticios naquelle longo periodo ; e esta se realizou na razão média annual que passo a demonstrar.

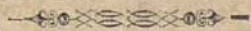
Arroz . . . . .	225,000	alqueires.
Farinha de mandioca . . . . .	89,671	»
Feijão, etc. . . . .	9,010	»
Tapioca . . . . .	21,707	»
Milho . . . . .	19,271	»
Toucinho . . . . .	5,902	arrobas.
Queijos do paiz . . . . .	1,756	

Dos mappas estatísticos do exercicio de 1855 a 1854 em diante se reconhece ter sido quasi nulla a exportação dos generos acima demonstrados , exceptuando-se a farinha de mandioca , que ainda continúa a ser exportada na mesma quantidade , e em maxima parte sahida dos portos da provincia de Santa-Catharina ; e o arroz, que actualmente regula a sua exportação annual por 50,000 alqueires , sendo quasi que em sua totalidade exportado pelas provincias do Maranhão e Pará.

Esta contracção de exportação dos generos alimenticios, sem intervenção de lei alguma , serve para provar o que avancei em relação ao abandono da lavoura destas especies em algumas provincias , para só e exclusivamente se occuparem os braços productores na agricultura do café e outros generos, que formão as principaes bases do commercio de exportação ; e tambem serve para demonstrar a existencia do monopolio ; porquanto , tendo a producção refluído para os centros mais populosos do Brazil , nem mesmo assim baixão de preço os generos alimenticios.

Tratando da producção da provincia do Rio-Grande do Sul, provei que grande quantidade de generos alimenticios exporta actualmente ella para o mercado da còrte, bem

como a de Santa-Catharina ; mas até na época das colheitas, e quando se vêm chegar carregamentos sobre carregamentos de farinha, feijão e milho daquellas provincias, quasi que nenhuma diminuição se observa nos preços de taes objectos !... Os depositos sempre se conservão cheios de mantimentos, porém grande parte da população soffre os effeitos da penuria, porque a carestia dos generos alimenticios é excessiva: O que revela isto? o monopolio em toda a sua intensidade: cumpre, pois, verificar os factos, e fazer applicação dos meios legais, em ordem a destruir semelhante immoralidade, punindo aos que em menospreço da lei zombão e riem da miseria que occasionão,





## XXIV

### DO MONOPOLIO.

Calma e placidamente devem ser tratadas todas as questões que envolverem o choque de interesses, e dellas cumpre desviar qualquer allusão individual, porque só assim procedendo, bem se poderão apreciar os factos, e as razões produzidas contra os abusos que se pretende combater; a analyse de qualquer occurrencia deve ser feita sem o menor vislumbre de sarcasmo, visto que o ridiculo, quando applicado ás questões sérias, lhes tira toda a gravidade, e como que as faz desmerecer de sua importancia no conceito publico, suspendendo a ordem dos raciocinios que se ligão a taes questões.

Observador severo dos principios de imparcialidade, eu farei o mais possivel por demonstrar a existencia do—monopolio dos generos alimenticios no mercado desta còrte—, sem apartar-me um só apice das regras acima estabelecidas.

Tratarei dos factos existentes, e, analysando-os, não terei em vista nenhuma individualidade, e profligando os abusos commettidos, não estigmatizarei a ninguem, porque escrevo em these geral, e só com o fito de advogar a causa do todo contra o vexame que soffre uma de suas partes. Sustentarei o direito do povo contra os — monopolistas.

Desde 1851, época em que cessou o nefando commercio da escravidão importada da costa d'África, ficarão inactivos e sem emprego grande somma de capitaes, que até áquelle anno exclusivamente se empregavão nesse inhumano trafico.

Por menos instruido que se seja nos principios economicos, sabe-se que os capitaes inactivos, além de não produzirem lucros, occasionão prejuizos; visto que é um real prejuizo deixar de fruir alguma renda dos capitaes que se possuem. Esta verdade, que a mesma pratica ensina e demonstra, não podia ser desconhecida na praça desta capital, onde existem muitos negociantes intelligentes, e emprehedores activos: força era dar uma applicação lucrativa ás sommas retiradas do trafico da carne humana, as quaes estavam accumuladas improductivamente nos cofres de seus possuidores; disso, pois, cuidarão os capitalistas.

O Brazil, paiz novo, e onde o commercio tinha sido practicado sempre individualmente, ou em pequenas associações, porque o systema de grandes empresas effectuado pelas companhias não tinha sido posto ainda em acção, devia passar, como passou, por um periodo de aprendizagem, no qual quasi sempre os inexperientes contribuem com a sua quota para o prejuizo total das massas, e ganho real do esportos: isto aconteceu na praça do Rio de Janeiro.

Em começo do anno de 1852 principiou a sentir-se uma agitação até então desconhecida nos nossos commerciantes: o espirito das empresas, como que de chofre foi lançado na

capital do Imperio. Na praça do commercio, assim como em todas as reuniões dos capitalistas e negociantes, só se fallava em associações anonymas para isto e para aquillo; fez-se propagar a idéa de que só por meio das grandes empresas devia vir o progresso do paiz, que, segundo se dizia, ia retrogradando.

Nessa época algumas associações se organisarão, porém, carecendo de solidas bases, baquearão; comtudo essa especie de effervescencia emprehendedora não se acalmou, e antes em novas sociedades se cogitava nas reuniões commerciaes. Os homens reflectidos do paiz temêrão, e com razão, da má direcção que ia tomando tal monomania; e houve quem tomasse a si o insano trabalho de conduzir os espiritos transviados para o caminho da razão; e como essa medida reclamava urgencia, tratou desde logo de realizar suas previsões applicando a cura ao mal.

Parecendo lisongeiro o porvir do paiz, e desejanda o governo imperial dotar a nação com uma instituição de credito importante e solida, cogitou em refundir os dous bancos commerciaes, que então existião, em um só, o qual mais garantias offerecesse nas suas transacções; e desta idéa resultou a lei de 5 de Julho de 1853, que creou o actual banco do Brazil com a fusão dos capitaes dos dous bancos existentes, começando a funcionar o novo estabelecimento em 10 de Abril de 1854.

Não me occuparei por ora da organização do banco do Brazil, e tão sómente recordarei que os muitos privilegios que se lhe conferio, devendo contribuir para a sua solidez, tambem concorrêrão na mesma razão para o monopolio do credito, e indirectamente para o jogo da agiotagem que se observou nesta capital.

Ninguém ignora a avidéz com que se pedião as acções do

banco do Brazil : vimos reproduzir-se no Rio de Janeiro as scenas de Pariz no tempo de Law, resultando do jogo que se travou na compra e venda das acções graves perdas para os ingenuos inexperientes, e lucros avultados para os espertos, que bem souberão descartar-se das tiras de papel chamadas—acções.—Essa immoralidade, que pela primeira vez teve ingresso no nosso paiz, infelizmente foi iniciada irreflectidamente pelo ministro da fazenda de então, que com as melhores intenções exigio que as 50,000 acções que tinham de ser distribuidas, só o fossem mediante o *agio voluntario* de 10 % sobre o seu valor nominal, para ser essa renda applicada ao calçamento das ruas desta capital. O fim, quanto fosse muito louvavel, não pôde de fórma alguma justificar o meio empregado ; mas esta irreflexão serve para confirmar o proverbio — *Dos grandes homens grandes erros.*

Autorisado o agio, ficou sancionado o jogo das acções, não só das do banco do Brazil, como de todos os outros que em seguida áquelle se tentarão organizar ; a audacia estava a par do ganho ! todos querião formar o seu banco, e, mal formulavão os estatutos, mesmo antes de approvados pelo poder competente, erão transferiveis as cautelas de suas acções. Foi uma época calamitosa a que então atravessámos, ou, para melhor me exprimir, parodiarei a bem expressiva phrase de um dos nossos homens de estado — *Houve um carnaval bancario.*

Os lucros adquiridos sem grande trabalho naquella época despertarão a cobiça dos homens ambiciosos que tinham jogado nas acções dos bancos com grande proveito ; e vendo essa mina esgotada, cogitirão nos meios de formar um novo *El Dorado*, visto que a todo transe querião enriquecer em pouco tempo, pelo que julgarão licito todos os meios dos quaes lhe pudesse resultar ganho immediatos. Eis a ori-

gem do monopólio, que ainda é mais immoral e reprovado que o jogo dos agiolas; porquanto este só prejudica a quem nelle voluntariamente se envolve, e aquelle vai ferir de morte a toda a sociedade, sacrificando o pobre trabalhador e sua miserrima familia.

Não se infira do que acabei de expender que seja secretario da restricção do credito, não; eu desejo ver no meu paiz a liberdade do credito, bem constituida, porque entendendo ser a maior e mais poderosa alavanca do progresso; mas todas as associações anonymas, quer industriaes, quer bancarias, devem ser fundadas sobre solidas bases, que offereção segurança e garantia nos seus contratos, e não improvisadas, só com o fim de crear-se a agiotagem, porque taes empresas não são de credito, porém sim de *descredito e immoralidade*.

Explorada a mina da agiotagem, dirigirão-se as vistas para outras empresas que não dependessem da approvação do governo, e dessa nova cruzada nascêrão as associações do bacalhão, das farinhas de trigo, e carnes verdes; bem como a da compra dos carregamentos dos generos alimenticios, para armazena-los, e serem vendidos com subidos lucros; assim fazendo-se encarecer os comestiveis, sem que delles haja falta no mercado. Que não ha falta de generos comestiveis se pôde verificar percorrendo-se os depositos e armazens dessas especies, que se os encontrará repletos de taes mercadorias, sem jámais baixarem seus preços, mesmo nas épocas das colheitas.

Os preços dos generos alimenticios desde o anno de 1852 que sempre tendem a elevar-se, sem que exista uma causa que possa justificar tal alça; porquanto, como tenho demonstrado com a estatistica official, a producção da lavoura segue a marcha de seu progresso; e se em algumas provin-

cias tem decrescido, em outras tem muito augmentado; e comparando-se o decrescimento daquellas com o progresso destas, verifica-se augmento de producção; do que devo concluir, que não pôde ser justificavel a constante alça de preço dos generos alimentares.

Vou produzir os preços médios officiaes dos generos alimenticios, segundo as pautas semanaes da mesa do consulado desta côrte, e por elles se verá que em todos os exercicios, a partir do de 1852 a 1855 em diante, ha uma alça constante nestas especies. E não será isso uma evidente prova da existencia do monopolio ?

DEMONSTRAÇÃO DOS PREÇOS MÉDIOS OFFICIAES DOS GENEROS COMESTIVEIS CONFORME AS PAUTAS SEMANAES DA MESA DO CONSULADO DESTA CÔRTE NOS EXERCICIOS DE 1850—1851 A 1858—1859.

EXERCICIOS.	ESPECIES DOS GENEROS.						
	Arroz Arroba.	Assucar Arroba.	Carne secca Arroba.	Farinha Alqueire.	Feijão Alqueire.	Milho Alqueire.	Toucinho Arroba.
1850—1851	1\$520	1\$770	2\$720	\$970	2\$300	1\$150	3\$540
1851—1852	1\$000	1\$800	2\$840	\$900	2\$050	1\$320	3\$840
1852—1853	1\$620	1\$700	3\$300	1\$150	4\$300	1\$500	4\$740
1853—1854	1\$900	1\$980	2\$740	1\$680	4\$460	2\$480	8\$050
1854—1855	1\$410	2\$050	2\$830	1\$650	3\$980	1\$530	7\$980
1855—1856	2\$390	2\$690	4\$000	1\$450	4\$930	1\$480	8\$180
1856—1857	3\$200	3\$650	5\$200	2\$380	5\$480	1\$790	7\$030
1857—1858	2\$070	3\$380	5\$00\$	2\$500	5\$500	2\$000	8\$000
1858—1859	3\$300	3\$750	5\$500	2\$800	4\$980	3\$750	8\$500

Lançando-se um rapido olhar para esta demonstração se reconhece que os sete principaes generos da alimentação publica duplicarão de preço, e mesmo forão além do duplo,

nos oito annos decorridos de 1850—1851 a 1858—1859, e porque a população não duplicou neste espaço de tempo, nem a produção diminuiu, e antes tem augmentado, é evidente que só o monopólio pôde concorrer para essa duplicação de preço em tão curto espaço de tempo.

A carne verde tambem tem subido excessivamente no seu preço, e sem uma razão justificavel, visto que a criação do gado vaccum e suino nas provincias de Minas e S. Paulo não tem diminuido, e antes ao contrario hoje ha maior numero de criadores, porque os preços mais vantajosos dos gados animão e encorajão a sua criação.

Em 1850, em que havia menor abundancia de gados, a libra da carne verde no mercado desta côrte vendia-se pela metade do seu custo actual; regulava a de vacca entre 100 e 160 rs., e a de porco entre 160 e 200 rs. cada libra.

As carnes verdes de vacca e de porco desde 1854 para cá têm tido uma constante variação nos seus preços; a de vacca tem-se vendido a libra por um minimo de 150 rs., e pelo maximo de 400 rs.; e a de porco entre o minimo de 240, e o maximo de 640 rs. a libra.

Difficil portanto me foi organizar os preços médios da carne verde de porco e de vacca que vou produzir, os quaes, se não forem os exactos, são comtudo os mais approximados que é possivel da verdade.

TABELLA DOS PREÇOS MÉDIOS DA CARNE VERDE DE VACCA E DE PORCO NO MERCADO DO RIO DE JANEIRO, RELATIVOS AOS ANNOS DE 1851 ATÉ 1860.

	1851	1852	1853	1854	1855
De vacca, libra . . . . .	120	120	140	180	200 rs.
De porco, dita. . . . .	160	160	200	240	260 rs.
	1856	1857	1858	1859	1860
De vacca, libra . . . . .	220	240	250	280	280 rs.
De porco, dita. . . . .	280	320	320	360	400 rs.

Desta tabella se deduz uma prova plena em favor de minhas opiniões, e nenhuma duvida pôde restar de que este artigo principal da alimentação do povo está sob a pressão do monopolio; e que essas medidas até agora postas em execução por ordem do governo imperial e da camara municipal têm sido infructuosas, ou illudidas as vistas com que forão projectadas.

Ainda que tenho convicção de ter provado a existencia do monopolio dos generos alimenticios no mercado desta côrte, vou contudo produzir uma nova prova, da qual pretendo tirar as necessariâs conclusões no capitulo seguinte, bem como demonstrar o movimento do mercado com relação ao bacalhão e ás farinhas de trigo.

RESUMO DA ESTATISTICA DAS CASAS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO EM QUE SE VENDEM GENEROS ALIMENTICIOS, CONFORME OS LANÇAMENTOS DA RECEBEDORIA DO MUNICIPIO E O ALMANAK DE 1853.

DENOMINAÇÕES.	ALMANAK	LANÇAMENTO DA RECEBEDORIA.		
	1853	1857—58	1858—59	1859—60
Açougues de carne verde. . . . .	31	197	209	193
Armazens de carne secca. . . . .	63	32	34	31
Ditos de toucinho e queijos. . . . .	14	9	9	7
Ditos de mantimentos . . . . .	330	177	182	185
Bancas de peixe . . . . .	30	28	30	32
Casas de quitanda . . . . .	185	812	359	375
Padarias . . . . .	70	152	154	157
Armazens de bacalhão . . . . .	—	1	1	1
Ditos de farinha de trigo. . . . .	6	2	2	2
Ditos de assucar . . . . .	22	6	2	4
Refinações . . . . .	20	6	6	8
Botequins. . . . .	22	59	55	56
Hoteis e casas de pasto. . . . .	106	134	147	151

Deste resumo se observa que em 1853 sómente havião 51 açougues, e hoje 105; porém naquella época existião 63 ar-



mazens de carne secca, e actualmente só se contão 51. Esta expansão de açougues de carne verde, e aquella concentração dos armazens de carne secca, provão por meios diversos a existencia do monopolio dos generos alimenticios; porquanto o maior numero de açougues indica que a associação das carnes verdes espalhou a sua grande rede para obstar a concorrência, e tornar-se, como se tornou, a unica fornecedora deste principal genero da alimentação; e o menor numero de armazens de comestiveis prova que os generos alimenticios são importados das outras provincias por conta dos donos dos depositos de taes especies nesta côrte, os quaes tendem cada vez mais a concentrar em poucas mãos este negocio.

Eis aqui dous factos existentes provando as minhas proposições por fórmulas diversas; isto é, a expansão de uns e a concentração de outros, tendendo para o monopolio: no capitulo seguinte provarei isto por fórmula a não deixar a menor duvida.

145



## XXV

### MONOPOLIO DA CARNE SECCA, FARINHA E BACALHÃO.

Sendo, como bem disse J. B. Say, a estatística para o corpo social o mesmo que a physiologia para o corpo humano, por ella se devem descobrir as causas maleficas que em épocas indeterminadas affligem os povos e as nações. O estudo das questões economicas, sempre que fôr bem dirigido, tendo por base a estatística do paiz, trará muita luz para a resolução dos problemas administrativos.

Acceitando por verdadeiros os principios que acabei de enunciar, e fundando-me na estatística de nossa producção agricola, pretendo demonstrar, por fórma a não restar a menor duvida, que a carestia dos generos alimenticios no mercado desta capital é toda nascida do artificio; ou, por outros termos, é a consequencia do monopolio que existe, em offensa das leis, da moral e da religião.

E' principio recebido por todos os economistas que os

direitos excessivos gravando o commercio, diminuem o consumo; pelo que aconselham que os tributos devem ser lançados e cobrados dentro de certos e determinados limites, além dos quaes são vexatorios e ruinosos.

Lançando-se uma vista de olhos para o systema brasileiro de tributar, se reconhecerá que nem um só imposto existio e existe, desde que nos constituimos em nação, que possa denominar-se ruinoso. Não direi que os direitos, impostos e taxas que se arrecadão para o fisco, sejam os mais convenientes, porque seria mentir á minha consciencia, visto carecer de muitas reformas o nosso systema fiscal e de tributos, mas não por excessivos e ruinosos, o mal não está nisso, porém antes na fórma complicada e diffusa de sua distribuição e arrecadação.

Estas considerações não são desconexas da questão de que me occupo, e antes têm muito intima relação com o objecto de que vou tratar, e por essa razão estabeleço estes principios para applica-los convenientemente.

Em 4 de Setembro de 1857 assignou o Imperio um tratado com a Republica Oriental do Uruguay, o qual começou a vigorar em 25 de Dezembro de 1858. Pelos arts. 1º e 2º deste tratado se estipulou que o gado vaccum em pé passado daquelle Estado para a provincia do Rio-Grande do Sul nada pagaria a titulo de direitos na republica; bem como pelo art. 5º se fez extensiva esta disposição a todos os productos fabricados do mesmo gado. Pelo art. 5º foi convencionado, como compensação, que os productos do gado vaccum de origem daquelle republica seriam recebidos nos portos do Imperio livres de direitos de importação, sendo igualados aos generos nacionaes similares.

Pelo decreto n. 2,248 de 15 de Setembro de 1858 foram reduzidas algumas das taxas da tarifa de 28 de Março de

1857, entre as quaes a do bacalhão, que pagava 1\$500 em quintal, e ficou sujeito sómente á de 500 rs.; e da farinha de trigo, que sendo de 400 rs. em arroba, passou a pagar sómente 150 rs.

Cumpre observar que até 30 de Junho de 1857, em que vigorou a tarifa de 1844, pagava a carne secca do Rio da Prata, o bacalhão e a farinha de trigo, as taxas que passo a declarar, calculadas na razão de 25 %.

Bacalhão. . . . .	2\$500 quintal.
Carne secca . . . . .	8500 arroba.
Farinha de trigo. . . . .	3\$000 barrica.

Estas taxas da tarifa de 1844 forão reduzidas pela tarifa de 1857 em 10 %, visto que as suas taxas se calculárão na razão de 15 %, quando erão antes da reforma calculadas na de 25 %; mas ainda pelo decreto de 1858 tornárão a ser reduzidas, calculando-se as novas taxas destes e outros artigos na razão de 5 %.

Parece-me que nem mesmo os direitos da tarifa de 1844 se podião qualificar de gravosos, porquanto taes generos bem supportavão o direito de 25 % de importação, sem gravar o commercio e diminuir o seu consumo.

Entendeu porém o governo imperial em sua sabedoria que, reduzindo os direitos destes generos alimentares, faria baixar os seus preços no mercado, e que assim o consumidor brasileiro seria quem gozasse dos beneficios da lei. Infelizmente as vistas do governo forão illudidas, como passo a demonstrar, começando pelos preços da carne secca, conforme as pautas semanaes da mesa do consulado desta còrte,

PREÇO MÉDIO DA CARNE SECCA NOS EXERCÍCIOS DE 1850 A 1859.

<i>Exercícios.</i>	<i>Preço méd. de @.</i>	<i>Exercícios.</i>	<i>Preço méd. de @.</i>	<i>Exercícios.</i>	<i>Preço méd. de @.</i>
1850—1851. . .	2\$720	1853—1854. . .	2\$740	1856—1857. . .	5\$200
1851—1852. . .	2\$840	1854—1855. . .	2\$830	1857—1858. . .	5\$000
1852—1853. . .	3\$300	1855—1856. . .	4\$000	1858—1859. . .	5\$500

Tendo a carne secca deixado de pagar 400 rs. em arroba de direito de importação desde 25 de Dezembro de 1858 em diante, era de esperar que durante o exercício de 1858 a 1859 e o actual ella baixasse de preço em relação á extincção de sua taxa; isto é, que o seu preço médio regulasse por 4\$600; porém ao contrario aconteceu, porquanto teve uma alça sobre o preço do exercício anterior na razão de 500 rs. em arroba!...

A alça do preço da carne secca, ainda mesmo depois da redução de 25 a 5 %, na procedente de Buenos-Ayres, e extincção total da taxa na de origem de Montevideo, poderia ser justificavel se se pudesse provar a diminuição da produção dos gados motivada por alguma peste, ou outro qualquer motivo; mas isso se não dá, e, pelo contrario, é facto notorio que tanto nos Estados do Prata como na provincia do Rio-Grande do Sul, a produção dos gados segue o seu constante progresso: logo, como explicar-se essa alça de seu preço, quando se diminuirão os direitos que pagava a carne secca, e na sua maxima parte forão extinctos, porque a de Montevideo nada paga?

Existe, portanto, uma causa latente, e esta não é outra senão o monopolio; ou então falhou o principio economico, de que a diminuição dos direitos de importação traz o augmento do commercio, bem como maior consumo para o paiz, visto que diminuiu a importação da carne se-

ca de Montevideo e Buenos-Ayres no ultimo exercicio, como passo a demonstrar.

Importação do xarque de 1858. . . . .	1,493,500 @
» de 1859. . . . .	973,500 »

Menor importação 520,000 arrobas, o que equivale a uma diminuição do commercio deste genero na razão de 54,89 por cento.

Esta diminuição do xarque importado de Buenos-Ayres, depois da extincção dos direitos do procedente de Montevideo, não revela senão que a carne secca navegada de Buenos-Ayres é nacionalisada em Montevideo para evitar o pagamento do modico direito a que é sujeita, assim desfraudando-se as rendas nacionaes; e comtudo não tem diminuido o seu preço no nosso mercado! A avidez do ganho fascina o immoral monopolista.

Para provar que a producção do gado do Rio-Grande do Sul marcha em progresso, vou reproduzir os dados da estatistica official extrahidos dos relatorios da presidencia daquella provincia, e delles se deduz a verdade desta minha proposição, visto que o fabrico do xarque sem duvida teria diminuido se o gado decrescesse; porém o fabrico da carne secca augmentou, logo o gado tambem augmentou a sua producção.

EXPORTAÇÃO DO XARQUE DO RIO-GRANDE DO SUL NOS ANOS DE 1853 A 1858.

1853 . . . . .	1,754,027 @
1854 . . . . .	1,403,539 »
1855 . . . . .	1,170,983 »
1856 . . . . .	1,229,069 »
1857 . . . . .	1,462,023 »
1858 . . . . .	1,473,357 »
	<hr/>
Média . . . . .	1,415,499 »

E' portanto evidente que a alça do preço da carne secca não é occasionada por diminuição de producção, como se pretende fazer acreditar. Existe neste ramo de commercio uma causa occulta que promove a sua alça, e não de agora, assim penso, mas desde 1854, em que dirigi sobre este assumpto uma informação extra-official ao Exm. Sr. conselheiro Salles Torres-Homem, por occasião de tentar o fallecido marquez de Paraná propôr a redução de direito sobre a carne secca procedente das republicas do Prata. Reproduzirei alguns topicos dessa minha informação, a qual tem data de 15 de Dezembro de 1854.

« Até ao anno de 1850 (dizia eu) o gado de criar no Rio-Grande do Sul se vendia por 4\$, e um boi de córte para a xarqueada por 10\$; tendo porém apparecido a peste nos gados em 1855, o de criar chegou-se a vender a 10\$, e o de córte até 16\$; e actualmenté (1854) regula o gado de criar de 12\$ a 15\$, e o de córte de 18\$ a 24\$000.

« O principal regulador do preço do gado no Rio-Grande é o valor dos couros no mercado, e por isso a alça ou baixa destes, faz baixar ou subir o preço do gado; porquanto, os negociantes daquella provincia, no geral não comprão a carne secca para negocio, mas sim como meio de retorno dos valores que importarão; por consequencia a baixa do direito da carne secca do Rio da Prata nada influirá sobre o seu preço no mercado desta córte, e nos do norte do Imperio, ao mesmo passo que affectará em muito a principal industria rio-grandense.

« Antes da revolução de 1855, e mesmo depois della terminada até 1848, a carne secca conservou o seu preço regular entre 2\$ e 2\$500 no Rio-Grande; e no mercado desta córte muita se vendeu a 1\$200 a arroba, perdendo-se grandes porções por falta de compradores.

« Por conclusão direi que o excessivo preço do gado no Rio-Grande do Sul procede, principalmente, da grande alça que tem tido os couros naquelle mercado; porquanto, conforme os ultimos preços correntes de Novembro deste anno (1854), valia uma libra de couro secco em cabello 352 rs.; porém ainda assim uma arroba de carne pôde ser vendida nesta còrte por muito menos do que se está vendendo, como passo a demonstrar no seguinte calculo, que afaço a sua exactidão.

PRODUCTO DE UM BOI DE CÔRTE, CUSTANDO 24\$, E CALCULADOS PELOS ULTIMOS PREÇOS CORRENTES OS GENEROS QUE DELLE SE MANUFACTUREM.

Couro. . . . .	28 libras., 352. . . . .	9\$856
Sebo . . . . .	12 » 375. . . . .	4\$500
Graxa. . . . .	10 » 312. . . . .	3\$120
Chifres. . . . .	160. . . . .	320
Lingua. . . . .	. . . . .	180
		17\$976
4 ½ arrobas de carne secco. . . . .		6\$024
	Somma. . . . .	24\$000
Despeza de custeio, sal e frete até ao Rio de Janeiro. . . . .		2\$650
4 ½ arrobas de xarque. . . . .		6\$024
	Valor de 4 ½ arrobas de xarque . . . . .	8\$674

posto aqui no mercado do Rio de Janeiro, e conseguintemente uma arroba de xarque (custando um boi 24\$) fica valendo 4\$927. Suppondo-se que o primeiro vendedor obtenha um lucro de 50 %, poderá vender a arroba de carne secco por 2\$500; e o que a comprar para vender em pequenas porções ao povo, ganhando 20 %, pôde exigir 5\$ pela arroba, assim realizando dentro do curto prazo de tres mezes, ao mais tardar, um lucro de 6 ⅔ % ao mez, sujeito a despezas de aluguel de armazem, salario de caixeiros, etc. »

Se, pois, em 1854 já eu suppunha a existencia de uma causa occulta que actuava para a alça dos preços da carne



secca, hoje devo suppôr que existe monopolio neste genero de tão grande consumo de nossa população, visto que naquella época um boi de còrte custava 24\$, e a carne secca do Rio da Prata pagava 500 rs. de direito por arroba; e actualmente este imposto foi extincto em sua maxima parte, e uma rez de còrte custa no Rio-Grande do Sul de 16\$ a 18\$, o que tudo concorre para que na presente época baixasse o preço deste genero alimenticio. (\*)

Assim demonstradas as razões em que me fundo para julgar não justificavel o preço actual da carne secca no mercado desta còrte, passarei a tratar da farinha de trigo.

A farinha de trigo, como já demonstrei, experimentou importantes reduções nas suas taxas pela tarifa de 1857 e decreto de 1858; porquanto, pagando até 30 de Junho de 1857 a taxa de 5\$ em barrica, pelo decreto de 1858 ficou esta reduzida á modica quantia de 150 rs. em arroba, ou 900 rs. por barrica.

Conforme os principios economicos, a redução da taxa da farinha de trigo de 5\$ a 900 rs. devia fazer com que esta mercadoria diminuísse nessa mesma razão no seu preço; porém os factos demonstrão o contrario, como se observa dos seus preços correntes no mercado desta còrte dos annos de 1850 a 1859.

Quando collegi os dados estatisticos que vou reproduzir, tentei calcular os preços médios da farinha de trigo em cada anno; mas sendo diversas as qualidades, isso muito longa faria a minha demonstração, pelo que sómente adoptei a divisão por tres qualidades, reunindo as diversas quantidades, e dando o preço maximo e minino de cada qualidade.

(\*) Pelo decreto n. 2,684, de 3 de Novembro de 1860, se mandou restabelecer a taxa do xarque de Montevideo; em meu entender foi esta uma disposição bem pensada, e que merecerá a approvação dos homens pensadores.

**DEMONSTRAÇÃO DA QUANTIDADE E PREÇOS DAS FARINHAS DE TRIGO IMPORTADAS NO MERCADO DESTA CÔRTE, CONFORME AS COTAÇÕES PUBLICADAS NO JORNAL DO COMMERCIO.**

ANNOS.	Quantidade de barricas.	1ª QUALIDADE.		2ª QUALIDADE.		3ª QUALIDADE.	
		Preço.		Preço.		Preço.	
		Maximo.	Minimo.	Maximo.	Minimo.	Maximo.	Minimo.
1850	208,578	20\$000	15\$000	18\$500	12\$500	17\$500	12\$000
1851	273,350	19\$500	14\$000	16\$500	12\$000	14\$000	10\$000
1852	238,500	21\$000	14\$500	18\$800	13\$700	14\$500	12\$800
1853	296,000	24\$000	18\$000	22\$000	14\$500	20\$500	12\$500
1854	210,100	27\$000	20\$000	25\$500	19\$000	24\$500	18\$500
1855	291,900	26\$000	24\$000	23\$000	20\$000	22\$000	18\$000
1856	317,434	33\$000	21\$000	26\$000	21\$000	23\$500	12\$500
1857	305,200	28\$000	19\$000	24\$000	18\$000	22\$500	13\$000
1858	402,341	26\$000	17\$500	22\$000	16\$000	21\$000	14\$000
1859	373,887	25\$000	18\$000	21\$500	15\$500	20\$000	12\$500

Desta demonstração se conclue que a importação das farinhas de trigo tem augmentado no espaço decorrido de 1850 a 1859, assim como que o seu maior preço foi nos annos de 1854 a 1856, época em que se formou nesta côrte um novo commercio intermediario do importador e do padeiro; isto é, desde que se principiou a comprar aos importadores os carregamentos da farinha de trigo para depois revendê-la aos padeiros, o seu preço subio no mercado.

E' de primeira intuição reconhecer se que esse negocio intermediario das farinhas de trigo symbolisa monopolio; além de que observa-se uma descommunal usura no pão, quer custe a farinha mais ou menos, tem sempre o mesmo peso.

Sou informado por pessoa competente, que quando a farinha de trigo custa 52\$ a barrica, o ganho liquido do padeiro que a fabrica em pão é de 7\$500: logo, custando actualmente a farinha 18\$, deve ganhar o padeiro em cada uma

150

barrica 21\$500, o que equivale a um lucro liquido de 119,4 %.

Nenhum negocio existe tão lucrativo, nem mesmo me parece que semelhante usura se possa consentir como negocio licito, visto que as leis prohibem, e a moral reprova todo o contrato ou negocio usurario.

O negocio do bacalháo está no mesmo caso que o das farinhas de trigo, visto que pagando até 50 Junho de 1857 a taxa de 2\$500 em quintal, paga actualmente, segundo o decreto de 1858, a diminuta taxa de 500 rs.; mas nem mesmo com tão ampla redução tem este peixe baixado o seu preço no mercado desta cõrte, e desde 1855 para cá que é o mais variavel nas suas cotações da praça.

A demonstração que vou produzir prova a verdade desta minha proposição — que o preço do bacalháo desde 1853 em diante tem sido muito variavel, — elevando-se ás vezes a altos preços, sem justas causas que justifiquem tal oscillação.

**DEMONSTRAÇÃO DA IMPORTAÇÃO DO BACALHÁO E SEUS PREÇOS MAXIMO E MINIMO NOS ANOS DE 1850 A 1859, CONFORME AS COTAÇÕES DA PRAÇA PUBLICADAS NO JORNAL DO COMMECIO.**

ANNOS.	QUINTAES.	PREÇOS.	
		Maximo.	Minimo.
1850. . . . .	28,154	10\$500	7\$000
1851. . . . .	57,700	12\$500	7\$500
1852. . . . .	20,120	14\$000	7\$600
1853. . . . .	21,840	21\$000	10\$000
1854. . . . .	32,582	11\$000	11\$000
1855. . . . .	63,303	21\$000	10\$000
1856. . . . .	69,992	21\$000	10\$000
1857. . . . .	66,500	20\$500	12\$000
1858. . . . .	67,697	20\$000	16\$000
1859. . . . .	58,990	22\$000	11\$000

*Observações.* — Os preços maximos são os mais predominantes, indo gradualmente baixando até o minimo, do qual rapidamente se torna a elevar,

Não farei nenhuma observação sobre este genero comestivel, porque, como disse no começo destas minhas publicações, desejo sómente combater os abusos, sem que vá ferir individualidades.....

Por esta fórma julgo ter demonstrado com os dados estatisticos , e provado a segunda parte da minha these , — que a carestia dos generos alimenticios não procede de falta de braços no paiz, que se possão empregar na agricultura , — porém das causas já apontadas nos capitulos anteriores , e principalmente do escandaloso monopolio que existe nesta còrte e nas principaes cidades do Imperio.

Nos capitulos seguintes farei algumas breves considerções tratando dos meios que no meu entender podião acabar com esse immoral e reprovado systema de se enriquecer al-guem fazendo a miseria publica.



## XXVI

### BANCOS.

Eis-me chegado ao ponto mais difficil e complicado deste meu insano trabalho , para o desempenho do qual mister me fôra poder dispôr de maior espaço de tempo que empregasse no estudo de tão complicada questão, qual a de indicar os meios que reclama o paiz alim de continuar a marcha prospera que tem tido a nossa producção agricola , fonte unica da alimentação do commercio e riqueza nacional ; não me restando o tempo indispensavel para um tão sério estudo, sómente de léve tocarei nas questões principaes ; feito o que, porei termo a este enfadonho trabalho indicando os meios que julgo capazes de fazer desaparecer o escandaloso monôpolio dos generos alimenticios, que está exercendo tão malefica e destruidora pressão sobre os nossos conterraneos : vou entrar na questão de boa fé e só desejando acertar.

152

As principaes alavancas de progresso para o Brazil são incontestavelmente o desenvolvimento do credito, faceis vias de communicacão entre os centros productores e os mercados, e colonos moralisados e trabalhadores, principalmente agricolas. Tratarei de cada uma destas especies em separado, não com o desenvolvimento que ellas comportão, porém em resumida synthese. Neste capitulo me occuparei do desenvolvimento do credito.

O credito, essa magica invenção dos tempos modernos, assim como pôde produzir prosperos resultados, sendo bem dirigido, pôde tambem causar enormes prejuizos quando se abusar dos seus recursos. Por estes principios, que tenho por exactos, se vê que nem sou seguidor da escola restrictiva, nem tão pouco cego sectario da illimitada liberdade do credito; adopto o meio termo entre ambas, porque entendo que qualquer dos dous extremos é exagerado e vicioso.

Não tratarei dos diversos meios por que se pôde pôr em acção o credito, e tão sómente me occuparei do credito bancario, para o que passarei a analysar o nosso actual systema de bancos de desconto e emissão; porquanto não temos, senão em nome, bancos agricolas e hypothecarios, visto que os estabelecimentos que existem com estas denominações só emprestão a curtos prazos.

O primeiro banco do Brazil, que foi extincto em 1829, legou não pequenos males ao paiz; porém ainda assim prestou grandes serviços ao Estado, como lucida e magistralmente o demonstrou um abalisado economista financeiro o Exm. Sr. conselheiro Souza Franco, no seu opusculo impresso em 1848 com o titulo — Os bancos do Brazil —, ao qual se pôde recorrer para verificar a verdade desta minha proposição.

Da má direcção daquelle estabelecimento, e da indebita intervenção do governo daquelle época em suas operações, resultou a crise por que passou, e finalmente a sua suspensão e liquidação em 1829, que trouxe em resultado uma divida para o thesouro nacional de 18,501:097\$, consequencia não só das más operações do banco, como principalmente dos emprestimos forçados exigidos pelo governo.

Depois desta catastrophe, em que ficarão compromettidas algumas fortunas, um panico se espalhou nos animos dos capitalistas e commerciantes do Imperio, e principalmente nos da praça do Rio de Janeiro, que não querião mais envolver-se em associações bancarias, até que em Dezembro de 1858 alguns intelligentes capitalistas desta corte crearão um novo banco com o titulo de Banco Commercial do Rio de Janeiro. Doze annos depois installou-se outro banco commercial nesta praça, sob a denominação de Banco do Brazil.

Estes modestos estabelecimentos erão verdadeiras associações commerciaes, que grandes serviços prestarão aos negociantes desta capital, sem que durante o tempo de sua gestão soffressem o menor abalo em suas transacções, que erão medidas e calculadas com a mais esculpulosa circunspecção e criterio. Não erão bancos de aparato, mas verdadeiros estabelecimentos de credito commercial.

Correrão os tempos, e o Brazil apresentava um lisongeiro progresso na sua producção; as rendas publicas deixavão grandes saldos sobre as despezas realizadas, pelo que o credito nacional dentro e fóra do paiz era illimitado. A cessação do trafico dos Africanos tinha posto inactivos muitos capitaes que só esperavão meios de emprego. Algumas empresas forão realizadas, mas ou por mal dirigidas, ou

por outra qualquer causa marchavão vacillantes, e isso como que desanimava a organização de outras. O paiz carecia de um homem intelligente, e de fundada reputação que se puzesse á testa do progresso, servindo como de centro á reunião de todas as forças.

Dirigia então a pasta dos negocios da fazenda o homem de que se precisava, porque o Exm. Sr. visconde de Itaborahy, não só gozava dos bem merecidos fóros de um character integro, como dispunha de variados recursos intellectuaes, para dar o necessario impulso e fazer marchar certa a machina do progresso. O espirito publico com referencia ás dissidencias politicas estava como que cansado da longa luta em que se tinha empenhado. Era o tempo proprio de se fazerem grandes reformas : corria o anno de 1855.

O Exm. Sr. visconde de Itaborahy, fundado em todas estas probabilidades favoraveis, tentou realizar a grandiosa idéa de regularisar o credito publico brazileiro, e iniciou a lei, que foi sancionada com data de 5 de Julho de 1855, creando o actual banco do Brazil, que seis mezes depois começou a funcionar com os capitaes realizados pela fuzão dos dous bancos commerciaes que existião nesta côrte. Era nesta época ministro da fazenda o fallecido marquez de Paraná, o qual nomeou para presidente do banco o conselheiro João Duarte Lisboa Serra.

Comquanto reconheça no autor do projecto da fusão dos dous bancos commerciaes no actual banco do Brazil, uma superior intelligencia, se me permittirá que faça a analyse da lei de 5 de Julho de 1855, porque nella desde logo reconbeci dous grandes defeitos capitaes, dos quaes previ as consequencias que no correr dos tempos devião apparecer; não estou improvisando, o que agora digo se acha escripto



desde 1855; e ha mais de uma pessoa a quem li esse trabalho, o qual, por circumstancias independentes de minha vontade, não corre impresso até agora.

Os dous grandes defeitos da lei organica do actual banco do Brazil são: 1º, ser o incumbido de regularisar o meio circulante do Imperio; 2º, permittir-se que seus bilhetes fossem trocados *em moeda légal* METAL OU PAPEL: palavras da lei. (\*)

Não é possível, no estado actual do Brazil, que um banco, seja elle constituido como fôr, possa bem regularisar o systema circulante do Imperio; porquanto ainda sendo um banco unico, e estabelecendo caixas filiaes nas provincias, não poderá elle e as suas filiaes bem cumprir esse ponderoso encargo, porque difficilmente se podem communicar as caixas filiaes com a caixa matriz estabelecida na côrte. Na França os bancos filiaes do grande banco de Pariz, dentro de dez minutos, os mais distantes, podem receber as communicações da caixa matriz para restringirem ou ampliarem as suas transacções; porém no Brazil, no espaço de tres mezes, não se pôde executar taes communicações com algumas provincias centraes. Não é portanto, por ora, admissivel no Brazil o systema do banco de França, porque ainda são muito difficéis as communicações da côrte com as provincias do Imperio.

Deixar ao livre arbitrio do banco do Brazil o trocar os seus bilhetes em ouro ou papel, é o mesmo que dizer que só no caso de não ter papel-moeda o banco desse ouro em troca de seus bilhetes; e consequentemente essa disposição importava a determinação de se trocar papel por papel.

Bem sei que o illustrado autor do projecto teve em

(\*) A reforma bancaria obriga os bancos a trocarem em ouro ou prata os seus bilhetes, mas quando isto escrevi ainda não existia o decreto de 22 de Agosto de 1860.

vista não depreciar o papel-moeda que naquella época existia na circulação no valor de 46,684:000\$, o qual era inconvertivel; e se os bilhetes do banco fossem pagaveis em ouro, ficaria depreciado o papel-moeda do Estado. Esta consideração é bem ponderosa, mas havia um meio de equilibrar o papel-moeda com o papel bancario, o qual era não admittir-se este nas repartições publicas; porque assim seria sempre preferido o papel-moeda para as transacções nas grandes praças commerciaes. Não tendo sido adoptado este arbitrio, o banco na primeira occasião que se lhe apresentou abusou do indulto da lei, negando-se a dar ouro em troco de 400:000\$ de seus bilhetes levados ao troco, e isto quando não existia crise, e estando seus cofres repletos de moedas de ouro.

Destes dous grandes defeitos da lei organica do banco do Brazil têm resultado todos os entraves por que tem passado este estabelecimento, em pura perda dos seus interesses e dos negocios da praça.

Os grandes privilegios concedidos ao banco do Brazil tendendo a monopolisar o credito, mesmo assim não compensarão os ponderosos encargos de que foi incumbido: eu me explico.

Para o fim de regularisar o systema circulante do Imperio se obrigou o banco a retirar annualmente da circulação 2,000:000\$ do papel-moeda, e pelas retiradas que realizasse até 10,000:000\$ nenhum premio receber emquanto durar seu privilegio; obrigando-se o governo a lhe abrir um credito em qualquer paiz, quando o banco delle precisasse para cumprir os seus encargos. Até aqui não vejo grandes difficuldades para o banco, porém sim para o governo. Mas, como conservar o banco o meio circulante metallico no paiz, sendo a exportação deste muito

inferior á sua importação? Que necessidade mesmo haveria de converter o meio circulante de papel em moeda metálica? Estaria por ventura desconhecido o papel-moeda? Não, tres vezes não; porque naquella época o papel-moeda estava acima do valor par, visto achar-se o cambio a 28  $\frac{1}{2}$  dinheiros por 1\$, quando o typo do valor do papel é ao cambio de 27 ds.

No meu entender penso que o papel-moeda não devia ser retirado da circulação; porquanto, por uma coincidência admiravel, achava-se o seu valor igualado á somma das rendas publicas do Imperio, no anno em que foi organizado o banco do Brazil, e isso é quem em maior parte concorria para o seu credito; além de que, sendo uma moeda fiduciaria inconvertivel, nenhum encargo fazia ás finanças do Estado, bem como nenhum prejuizo causava aos particulares, porque elle estava com um premio em relação ao ouro, visto o cambio colar-se acima do par.

O papel-moeda em 1855, que se achava em circulação, sommava em 46,684:000\$, e as rendas geraes e provinciaes nesse anno orçavão por 47,000:000\$; e isto sem que nenhuma intervenção tivesse havido além das forças productivas deste fertil solo: o nosso meio circulante achava-se no melhor pé possível, pois estava justamente no caso de perfectibilidade desejado por Law, que dizia:

« Lorsqu'une nation établit une monnaie si cette monnaie a une valeur égale à ce qu'elle remplace come monnaie, et réunit les autres qualités nécessaires à monnaie, la nation ne doit avoir aucune égard à la valeur qu'elle aura dans les autres pays. Tout au contraire, come chaque pays s'efforce de conserver sa monnaie, si cet Etat peut en imaginer une qui n'aura pas de valeurs, au dehors, il fera ce que les autres pays se sont en vain efforcés de faire par de règlements. »

Suppondo-se mesmo que o banco do Brazil se conservasse como unico no paiz, e sendo protegido por todos os favores possiveis, e mesmo sempre dirigido por estadistas eminentes como tem sido até o presente, como lhe seria possivel regularisar o meio circulante tendo de lutar com as difficéis communicações entre as provincias e a côrte, e muito principalmente com o deficit que contra o Brazil apresentão as exportações dos nossos productos, quando comparados com os productos estrangeiros que importamos, cujo excedente necessariamente deve ser reenviado em metaes? Seria o banco condemnado a um novo trabalho de Szypho importando ouro que devia constantemente escoarse de seus cofres.

Tudo quanto a respeito se tem dito nas camaras e fóra dellas sobre o meio-circulante metallico são bellas theorias, que falhão completamente na pratica; porquanto, nenhum Estado poderá conservar os metaes amoedados de ouro e prata na sua circulação, senão quando o valor da produção e exportação fôr superior á importação e consumo: este é o principio economico invariavel, e o que fóra disto se tem observado é uma excepção da regra geral.

Emquanto o Brazil não exportar um valor superior ao da sua importação, não poderá ter nenhum meio circulante estavel de ouro e prata, como fóra desejavel, e o unico mais vantajoso será o que tinhamos com muito poucas modificações.

Para provar esta minha proposição vou produzir uma demonstração das importações e exportações do imperio nos exercios de 1853—1854 a 1858—1859, distinguindo as mercadorias dos metaes amoedados, e bem assim os cambios medios dessas épocas.

EXERCÍCIOS.	MERCADORIAS.	
	<i>Importação.</i>	<i>Exportação.</i>
1853—1854 . . . . .	78,961:000\$000	76,554:000\$000
1854—1855 . . . . .	80,891:200\$000	90,440:300\$000
1855—1856 . . . . .	85,013:900\$000	94,379:200\$000
1856—1857 . . . . .	122,542:600\$000	114,511:306\$000
1857—1858 . . . . .	123,527:100\$000	89,872:400\$000
1858—1859 . . . . .	122,304:600\$000	102,213:200\$000
Somma . . . . .	603,240:400\$000	567,970:400\$000

EXERCÍCIOS.	MOEDAS DE OURO E PRATA.		CAMBIOS.
	<i>Importação.</i>	<i>Exportação.</i>	<i>Ds. por</i> 1\$000.
1853—1854 . . . . .	6,877:700\$000	288:500\$000	28 1/8
1854—1855 . . . . .	4,279:000\$000	258:300\$000	27 1/2
1855—1856 . . . . .	7,764:600\$000	53:300\$000	27 2/5
1856—1857 . . . . .	12,683:600\$000	35:700\$000	27 1/2
1857—1858 . . . . .	6,680:500\$000	6,327:300\$000	27 5/8
1858—1859 . . . . .	4,963:600\$600	4,569:000\$000	25 4/5
Somma . . . . .	43,249:000\$000	11,532:100\$000	—

Por esta demonstração se prova que o balanço contra as exportações dos productos nacionaes foi neste sexennio de 55,270:000\$, ou de 5,878:500\$ por anno; bem com que neste mesmo espaço de seis annos importámos em moeda de ouro e prata o valor de 43,249.000\$, e que dellas exportámos 11,532.100\$; cumpre, porém, observar que a importação e exportação dos metaes amoe dados, nos dois

ultimos exercicios de 1857 a 1859 quasi que se balancearão; porquanto, sendo a importação de 11,644:100\$, a exportação foi de 10,896:500\$, havendo uma menor exportação de 747:800\$; com o que fica provado o meu principio de que o ouro ha de necessariamente sahir do paiz sempre que a importação não fôr balanceada pela exportação.

Assim fica demonstrada numericamente a impossibilidade de regularisar-se o meio circulante metallico no Brazil, enquanto os seus productos se não equilibrarem com os productos importados do estrangeiro: neste caso a moeda-papel é o meio circulante mais conveniente, porque difficultando ella o retorno dos saldos das importações, faz com que estas se retraião, e mesmo indirectamente concorre para a maior economia dos consumidores, porque restringe em muito as vendas a credito.

E demais, sendo difficeis os retornos dos saldos, estes, pelo menos temporariamente, ficão no paiz, e assim são novos capitaes que vêm engrossar a massa dos capitaes nacionaes.

Se, pois, eu tenho demonstrado a inexequibilidade do banco do Brazil poder cumprir os seus encargos, ainda considerando-o —banco unico—, como os poderá elle desempenhar havendo actualmente tantos outros bancos de emissão no Imperio?!...

Não se pense, porém, que eu censure a criação desses estabelecimentos; ao contrario, eu as acho vantajosas para o paiz, tendo porém as emissões um lastro de ouro, prata ou pedras preciosas nos cofres, e nunca podendo exceder ao duplo do fundo disponivel do banco.

De tudo quanto fica exposto concluo que a lei organica do banco do Brazil deve ser reformada, supprimindo-se-lhe a incumbencia de retirar da circulação o papel-moeda, e

obrigando-se a converter os seus bilhetes em moeda metallica dentro do prazo de 10 annos, e na razão de 10 % ao anno, bem como cassando-se o indulto de serem os seus bilhetes recebidos nas estações publicas, e só permittindo-lhe emittir bilhetes até o valor de 50\$; e nesta conformidade se devem reformar os mais bancos creados no Imperio, reduzindo-se todos ao mesmo pé de igualdade. (\*).

Reformados os bancos no sentido que proponho, cumpre ao governo regular o credito publico, partindo do credito individual: explicarei esta idéa, na qual se cifra o grande desideratum da perfectibilidade do credito.

O governo nomeará um fiscal em cada lugar em que houver bancos, o qual terá, além de outras attribuições, a de semestralmente exigir dos presidentes dos bancos os cadastros de seus creditos; e combinando todos os cadastros entre si distribuirá a cada banco, na razão do seu fundo realizado, o credito que deve caber a cada individuo comprehendido nos mesmos cadastros.

Des'arte os bancos trabalharão em commum pela segurança de todos, e não se dará o caso de um individuo que possuir como 1 dispôr de um credito como 5, em tres bancos diversos. Por esta fórma principio da parte para o todo, e regulariso o credito publico geral.

Não tratarei dos bancos auxiliares da lavoura, porque no estado actual de nossas leis hypothecarias não é possivel crearem se bancos desta especie, e tão sómente bancos de desconto, que, ainda que em menor escala, tambem servem de auxiliares á agricultura.

(\*) Quando escrevi este capitulo ainda não tinha sido apresentado ao corpo legislativo o projecto que foi convertido em lei com data de 22 de Agosto de 1860, o qual, na minha hum lde opinião, não produzirá os beneficos effeitos que teve em vista o seu muito illustrado autor: Deus permitta que eu me engane, porque não desejo outra cousa mais que a prosperidade do meu paiz. 137

## XXVII

### VIAS DE COMMUNICAÇÃO.

Sem faceis vias de communição não podem prosperar a agricultura e o commercio de qualquer paiz, por mais fertil que elle seja, senão com muita lentidão, visto que as permutações se difficultão, e os preços dos objectos produzidos ou importados em muito se elevão pelos pesados fretes dos transportes ; sendo isto uma verdade que está ao alcance de todos, não se me poderá contestar que para o rapido desenvolvimento da nossa industria agricola do que mais precisa o Brazil é de estabelecer faceis vias de communição fluvias e terrestres.

Nenhuma nação existe sobre a superficie do globo que possua tantos rios caudaes como o Imperio brasileiro, bem como não me consta existir entre as nações civilisadas um só Estado onde por tanto tempo se tivessem esquecido dessas grandes arterias da vida e progresso industrial da sociedade ! Por bem longos annos forão desprezadas entre



nós as vantagens que nos poderiam porvir da navegação dos rios que em todas as direcções se ramificão pelos sertões do Imperio ! O estrangeiro que percorre o centro do Brazil fica estasiado quando depara em sua frente com esses rios gigantes, e lamenta a falta de animação que vê na sua navegação ; porque este anti-economico deleixo não póde de fórma alguma ser explicado satisfactoriamente....

De dez annos a esta parte o espirito de emprezas tem tomado uma nova direcção no paiz, e como que forceja por expellir a inercia que se achava dominando na época anterior. A laboriosa intelligencia guiada pela sciencia economica vai lançando por terra a sedição e intorpecedora rotina.

Em diversas provincias do Imperio o barco de vapor e o wagnon vão communicando novos impulsos de vida ás industrias e ao commercio. O vapor sulcando os rios, e a locomotiva rodando sobre os ferreos trilhos nos revelão um porvir de prosperidade e grandeza. Já que encelámos os primeiros passos nas vias do progresso convem proseguir : perseverantes mostremos ao mundo que as raças não têm primazias umas sobresa outras, porque todo o homem representa a imagem do Creador.

A heroica Italia, cansada de soffrer o terrivel despotismo, soltou o brado de sua emancipação , e diante delle fugirão as legiões da raça que se diz privilegiada. O povo latino ha de readquirir os seus antigos fóros de povo civilizador.

Quando o altivo Leopardo circumscrevia as suas navegações ás costas da Europa, Vasco da Gama com seus denodados companheiros transpunha o Cabo Tormentorio, e ensinava ao mundo o caminho da India e do Japão. Logo depois Cabral tomava posse desta terra de Santa Cruz em nome de D. Manoel de Portugal. Nós somos descendentes

desse bravo povo que outr'ora formava uma cohorte de heróes, o qual não pelo numero mas pelo valor, dominava na Africa, Asia e America, tendo a sua cabeça sobre a peninsula iberica olhando para o oceano que avassallava.

Só as leis e os costumes elevão ou abatem os Estados, seião elles procedentes do Caucaso ou do Delta; todas as raças são fracas e fortes, porque tudo tem seu tempo de prosperidade e de penuria, segundo as leis immutaveis de Deos.

Deixarei, porém, aos philosophos discutir sobre a primazia das raças, bem como sobre a rigidez e flaccibilidade das fibras dos Groelandezes e dos Cafres, sem jámais chegarem a uma solução provavel, porque a verdade é ser o homem cosmopolita; passarei, pois, a tratar de meu assumpto, do qual insensivelmente me tinha apartado.

A provincia do Imperio que primeiramente fez navegar em seus rios barcos movidos a vapor foi a do Rio-Grande do Sul, e isto em começo do anno de 1854. Diversos ricos habitantes da cidade de Pelotas formárão em 1855 uma sociedade para a construcção de uma barca a vapor, que navegasse entre aquella cidade e a do Rio-Grande de S. Pedro, e desde logo foi posta no estaleiro do rio de Santa Barbara a sua quilha, e se fez encommenda para a Inglaterra do competente machinismo. Em principio de 1854 cahio ao mar o vapor, ao qual se deu o nome de *Liberal*, e airoso sulcou as aguas de S. Gonçalo.

Em 1855 estabelecêrão-se nesta cõrte as barcas da carreira de Nitherohy, e depois muitos outros vapores se forão mandando construir para a navegação costeira da provincia do Rio de Janeiro, bem como para os transportes da bella bahia do Guanabara; assim forão desapparecendo as distancias, facilitando-se as transacções commerciaes. 153

Pelos annos de 1840 ou 1841 a provincia da Bahia creou uma companhia de vapores para a navegação de seus rios , a qual, depois de funcionar por algum tempo, parou para recommençar novamente em 1850 , sendo nos ultimos annos melhorada por novos vapores, e estendendo-se á navegação costeira. A exemplo da Bahia, Pernambuco tambem organisou a sua companhia de vapores , que a põe em relação mais rapida com as provincias com quem está em maior actividade commercial.

O rio Parnahyba começou ha pouco a ser navegado por vapor, do que tem infallivelmente de porvir grandes vantagens á provincia do Piahy, que até ao presente se occupava quasi que exclusivamente da criação de gados, quando a uberdade de seu terreno reclama a cultura, que bem deve pagar os trabalhos do lavrador.

A provincia do Maranhão vio pela primeira vez cortadas as aguas do caudal Itapicurú pela quilha de um vapor em 1852. Este importante melhoramento pelo qual bradava o commercio de Caxias, foi intentado e levado a effeito por um laborioso filho daquella provincia, que conseguiu vencer milhares de difficuldades para realizar a viagem de S. Luiz até Caxias, que se dizia quasi impossivel pelas muitas corredeiras do Itapicurú.

Não pôde, porém, sustentar-se por muito tempo esta importante empreza, pela mesquinhez da subvenção que lhe decretára a assembléa provincial; e teve o seu empresario de vê-la baquear, e com ella toda a fortuna que tinha adquirido na sua longa vida commercial.

O activo emprehendedor brasileiro era digno de melhor sorte, não só porque o bem publico lucrava com a sua arrojada empreza, como porque, depois de vencidas todas as difficuldades, não se devêra abandonar uma tão grande

conveniencia da provincia. O nome distincto do Sr. commendador Domingos da Silva Porto não póde ser mais esquecido nos annaes do Maranhão, e a posteridade lhe fará justiça.

Ultimamente nova empreza foi organisada no Maranhão para serem navegados por barcos a vapor os rios Itapicurú, Mearim, Pindaaré e Tury, bem como a sua costa até ao Pará; e já deu começo ás suas viagens, promettendo uma nova éra de progresso para esta importante provincia. A assemblea provincial decretou uma subvenção que parece sufficiente para animar esta nova empreza.\*

As provincias do Pará e Amazonas, desde 1853 que gozão das vantagens resultantes da navegação a vapor dos seus grandes rios, verdadeiros mares d'agua doce. A companhia de navegação a vapor do Amazonas divide-se em tres linhas: a 1<sup>a</sup>, da cidade do Pará a Manáos, tocando em diversos pontos intermedios da linha; a 2<sup>a</sup>, da navegação do Tocantins, da capital até á villa de Baião; e a 3<sup>a</sup>, da Manáos a Nauta.

As tres linhas de vapores sommadas perfazem um espaço a percorrer maior de 4,500 leguas, e tal impulso tem tido o desenvolvimento industrial e commercial do Pará, depois do estabelecimento da navegação a vapor, que no decurso de tres annos as rendas daquella provincia quasi que duplicarão, como passo a demonstrar:

<i>Rendas antes dos vapores.</i>		<i>Rendas depois dos vapores.</i>	
Exercicios.	Renda geral.	Exercicios.	Renda geral.
1849—1850 . . .	575:950\$000	1853—1854 . . .	1,515:200\$000
1850—1851 . . .	655:630\$000	1854—1855 . . .	1,434:140\$000
1851—1852 . . .	889:960\$000	1855—1856 . . .	1,133:710\$000
Média . . . . .	<u>707:180\$000</u>	Média . . . . .	<u>1,360:956\$000</u>

Ora, sendo estabelecida a companhia em principio do anno de 1853, vê-se que no triennio de 1853—1854 a

1855—1856 a renda geral arrecadada foi na razão média de 1,560:956\$, quando a média arrecadação do triennio anterior, de 1849—1850 a 1851—1852, foi de 707:180\$; e consequentemente quasi que duplicou a renda geral da provincia do Pará no decurso de tres annos.

Ao prestante Sr barão de Mauá deve o Brazil este importante melhoramento, do qual tem resultado tão grande desenvolvimento ás rendas publicas. Os cidadãos distinctos como os Mauá pertencem ao dominio da historia, e a prosperidade agradecida pronunciará com respeito seus nomes. Ao Sr. barão de Mauá se devem muitos melhoramentos importantes, como entre outros citarei o estabelecimento de fundição da Ponta d'Arèa, a primeira estrada de ferro do Brazil, da qual têm o titulo, e a illuminação a gaz na còrte do Imperio. Com razão, pois, se ufana a provincia do Rio-Grande do Sul de contar no numero de seus filhos o distincto emprehendedor—Barão de Mauá.—Ao governo imperial tambem cabe a gloria de haver prestado seu auxilio a essas collocaes emprezas.

Depois da provincia do Rio de Janeiro é a do Rio-Grande do Sul a que tem maior numero de vapores, que emprega no seu trafico e commercio interno; e ultimamente ainda se augmentou mais essa navegação pelo estabelecimento de vapores no Rio Uruguay, de cuja companhia fluvial tem de resultar grandes vantagens para aquella provincia, e principalmente para a comarca de Missões.

A provincia de Mato-Grosso tambem começou no principio do corrente anno a ter sua companhia commercial de navegação á vapor, pois que até então só por vapores de guerra erão sulcadas aquellas aguas, ou por navios de vela; o que tornava muito lentas as suas communicações commerciaes. Esta importante provincia, que por tantos annos viveu

como que segregada do Imperio, vai finalmente entrar nas vias do Progresso.

A colonia militar de Itapura, se fôr cuidada como é de esperar pelo governo imperial, e se estabelecer-se a navegação por pequenos barcos de vapor, em alguns dos rios Tybagy, Ivahy, Iguassú ou Paranapanema, não só fará rapidamente prosperar as provincias do Paraná e S. Paulo, como a de Mato-Grosso, porque dest'arte as porá em cõmmunicação facil e veloz com a capital do Imperio.

Todos estes melhoramentos que possuímos e acabei de relatar, são sem duvida um grande passo dado nas vias do progresso e engrandecimento nacional: porém não são ainda senão um s̃intile dos trabalhos indispensaveis de que tanto carece o paiz, em relação ás vias de communicação.

A provincia de Goyaz ainda até hoje vê desaproveitados os seus magestosos rios Araguaya e Tocantins, sendo este sómente navegado na parte que pertence ao Pará; estes dous mares de agua doce até agora sómente são sulcados pelas primitivas *Igaritês*, de que se servião os aborigenes. Quando o Araguaya sentir deslizar-se sobre suas aguas barcas de vapor apropriadas, a provincia de Goyaz verá crescer rapidamente o seu commercio e industria, porque os seus productos buscarão os mercados do Pará, que será o seu melhor freguez.

Lançando-se os olhos sobre o mappa geral do Brazil o coração se contrista, sentindo que ainda estejam por utilisar-se as aguas do magestoso rio de S. Francisco, que nascendo na serra das Canastras em Minas-Geraes, vai engrossando suas aguas com as de muitos importantes afluentes, entre os quaes mais avultão o rio das Velhas, o Verde e o grande de Pajehú, e depois de percorrer as provincia de Minas, Bahia, Sergipe e Alagoas, vai lançar-se no oceano fazendo barra na de Pernambuco.

No mesmo caso está o caudal rio Doce, que tendo sua origem na comarca de Barbaena da provincia de Minas, depois de a percorrer por dezenas de leguas, e de ter recebido diversos tributarios, vai fazer barra por duas bocas perto da cidade de S. Matheus, na provincia do Espirito-Santo, a qual toda atrevesa.

Estes dous grandes rios são as principaes arterias que se dirigem ao coração do gigante Imperio americano, sendo os mais apropriados para em suas margens se fundarem importantes estabelecimentos agricolas.

O engenheiro Alfhelde, que examinou estes rios, diz em seus relatorios digidos á presidencia de Minas-Geraes que os rios S. Francisco e Doce, bem como os seus principaes confluentes, são susceptiveis de serem navegados por vapores; porque por muitas dezenas de leguas tem fundo sufficiente, e nenhuns escolhos podem entorpecer a navegação. Porque, pois, já se não tentão esses grandiosos melhoramentos?! Para estas e outras emprezas gigantes é que se precisa da facilidade do credito.

Não ignoro que qualquer dos rios de que estou tratando tem muitas cachoeiras, e algumas das quaes, como a de Paulo Affonso no de S. Francisco, não podem ser destruidas; mas entendo que esses obstaculos devem ser vencidos, fazendo-se nos espaços da intercepção vias terrestres, que servirão para conduzir as cargas de uns para outros vapores das diversas linhas de navegação.

Tendo assim brevemente esboçado os melhoramentos que tem recebido o paiz nestes ultimos annos da navegação a vapor nos seus rios internos, bem como apontado outros porque instantemente reclama em referencia a muitos rios caudales até hoje abandonados, passarei a dizer alguma cousa sobre as vias terrestres.

A provincia do Rio-Grande do Sul é a que mais se presta á communicacão por vias terrestres, porque o seu território é o menos accidentado do Brazil; póde-se dizer que esta provincia possui estradas naturaes em todas as direcções. A assembléa provincial do Rio-Grande não se tem descuidado de decretar as sommas precisas para a construcção de pontes que offereção franca passagem aos viandantes nas estações invernosas, visto ser esta provincia toda cortada de rios, ribeiros e regatos, e actualmente tem ella excellentes pontes de pedra e cal, e mesmo algumas de elegantes architectura.

Depois da provincia do Rio-Grande do Sul, a que tem melhores estradas é a do Rio de Janeiro, se nesse numero contar-se a da companhia União e Industria, que pertence em maior parte á provincia de Minas, que, segundo consta, está sendo construida conforme todos os preceitos da sciencia, e em ordem a offerecer a possivel commodidade e segurança aos viandantes.

Ao distincto Sr. commendador Ferreira Lages deve a provincia de Minas a acquisição dessa importante estrada de rodagem, que talvez muito breve seja convertida em via ferrea. O nome do Sr. commendador Ferreira Lages inscripto nesta colloçal empreza, com ella passará á posteridade.

Tambem tratando das vias de communicacão não devo esquecer as estradas que forão abertas, e as que se achão em construcção no Mucury sob a direcção do Sr. Theophilo Ottoni, que incansavel em trabalhar para o pogresso daquella importante companhia, de que é fundador e presidente, tem feito grandes serviços ao paiz, e com especialidade á sua provincia natal; porquanto hoje em dia todo o norte de Minas recebe as fazendas que compra no Rio de Janeiro por intermedio do Mucury, na terça parte do tempo que as recebia pelas antigas estradas.



Os Brasileiros distinctos quaes os Theophilo Ottoni, merecem o honroso titulo de promotores do progresso do Brazil e as benções de seus concidadãos, bem como um distincto lugar em todos os escriptos que tratarem imparcialmente da historia contemporanea, pois que taes Brasileiros bem merecem da patria.

Nada mais direi em relação ás vias terrestres, porque o bem elaborado escripto do Sr. conselheiro Christiano Ottoni, que tem por titulo — O futuro das estradas de ferro do Brazil—, nada deixa a desejar; e em minha humilde opinião as idéas deste distincto cidadão são dignas de ser estudadas, em relação ao estabelecimento da futura rede de vias ferreas que tem de cruzar o Imperiô do Brazil.

Deve-se fazer o mais possivel para que as vias ferreas de D. Pedro II, Joazeiro, e Agua Preta tendão a se dirigirem aos vales dos rios Doce e S. Francisco; porque estabelecendo-se nestes rios a navegação a vapor, desaparecerão todas as difficuldades que actualmente existem para a conducção dos productos industriaes para os mercados do litoral do grande Imperio americano.

A' via ferrea de S. Paulo, porém, devêra dar-se uma direcção tal que fosse encontrar alguns dos principaes affluentes do Paranapanema, afim de por este rio estabelecer-se a communicação por vapores com a provincia de Mato-Grosso.

Penso, pois, que enquanto não se realizarem estas grandes idéas de que tenho tratado, nenhuma garantias se devem conceder a novas vias ferreas; porque, sem as vantagens que promettem as que se achão em andamento, virião sobrecarregar os cofres do Estado com os juros estipulados.

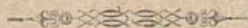
Não terminarei o presente capitulo sem dizer duas palavras sobre a via ferrea de Cantagallo, que se acaba de abrir ao transito publico.

Entendo que a estação terminal desta via ferrea não deve ficar no lugar em que se acha, porque seria um verdadeiro anachronismo, visto não offerecer nenhuma das conveniências indispensaveis a uma via ferrea para o seu engrandecimento e progresso.

Esta via ferrea deve ter a sua estação terminal na cidade de Nitherohy, passando por Itaborahy, porque assim se aproveitarão os reconhecimentos e planos levantados para a estrada de Nitherohy a Campos; e este segmento da via ferrea de Cantagallo pouco dispendioso será, porque as plantas demonstrão quasi nivelado o terreno; além de que grandes vantagens resultarião para os productos que de Cantagallo descessem, visto que poder-se-hia estabelecer uma ponte de embarque de cafés em Nitherohy. Mesmo supponho que facil seria uma convenção entre os emperezarios e concessionarios destas duas emprezas.

A via ferrea de Cantagallo vindo até Nitherohy, não seriam mais baratos os fretes, como se evitava a tardia e arriscada navegação das faluas do Porto das Caixas até a Côte. Não só por estas causas, como por muitas outras, que por brevidade deixo de mencionar, sou de opinião que a estação terminal da via ferrea de Cantagallo deve ser na cidade de Nitherohy.

Cumpre, pois, quanto antes dar começo ao segmento da estrada de Cantagallo no sentido que indico, aproveitando-se os planos e plantas levantadas pelo Dr. Capanema, que, na opinião das pessoas competentes, nada deixão a desejar.



## XXVIII

### COLONISAÇÃO ESTRANGEIRA.

A uberdade do solo brasileiro, e o seu ameno e salubre clima convida á transmigração do homem intelligente e industrioso, porque a prodiga natureza offerece sem grande esforço milhares de recursos a quem se quer dedicar ao trabalho, que paga superabundantemente os serviços empregados.

Porque razão, pois, não se dirige para o Imperio Americano essa corrente de emigração que todos os annos se embarca nos principaes portos de Europa com destino aos Estados-Unidos da America?! Parece de difficil resposta esta pergunta, porém não é tanto quanto á primeira vista se figura; e para ser respondida satisfactoriamente basta olhar-se para os recursos de que dispoem os Estados-Unidos para os transportes dos colonos, e ver que a nós isso mesmo nos falta, e só com o tempo poderemos obter esse meio. Vou analysar esta questão com a mais severa imparcialidade.

Não precisa ser-se muito lido para saber que os Estados-Unidos da America possuem uma das maiores marinhas mercantes do mundo, a qual os poem em continuas relações commerciaes com todos os portos navegaveis do orbe civilisado, e principalmente com os da Europa, com a qual sustenta um não interrompido commercio desde longa data. Destas constantes relações commerciaes resulta que a União-Americana é quasi tão conhecida na Europa como qualquer dos Estados em que ella se acha dividida; além de que os Europeus que percorrem os Estados-Unidos tem delles feito pomposas descripções, não só com relação aos seus progressos industriaes, como em referencia á fertilidade do seu solo.

A imprensa norte-americana tem indubitavelmente feito grandes e importantes serviços ao seu paiz publicando os mais minuciosos dados estatisticos sobre a produção, commercio, vias de communicação, clima e salubridade, ainda das suas menos importantes localidades; de sorte que qualquer homem do povo na Europa, quando vê que lhe vão faltando os meios necessarios para poder sustentar a si e sua familia, lança immediatamente as suas vistas sobre os Estados-Unidos, para onde facil se lhe torna effectuar o seu transporte, visto a constante navegação que sempre ha para a União-Americana. Eis a principal razão que influe na grande emigração que se faz todos os annos para a America do Norte.

Não possuindo o Brazil até o presente uma marinha nacional de longo curso, porque muito poucos são os navios nacionaes que se empregão no nosso commercio de importação e exportação, e além disso não se occupando a nossa imprensa periodica, salvo uma ou outra rara excepção, em fazer publicações estatisticas de nossa produção,

commercio e industria, poucos são os habitantes da Europa que conheção o nosso paiz senão pelos mappas geographicos. Quando assim me exprimo não quero dizer que o Brazil seja um paiz desconhecido no mundo, porém pretendo demonstrar que não se faz uma exacta idéa do que somos na realidade ; e eis porque , além dos Portuguezes , pouco são os estrangeiros que preferem emigrar para o Brazil, deixando de ir para os Estados-Unidos da America ; e aquelles que o fazem é porque têm tido a fortuna de serem bem informados a respeito do nosso paiz, e não se arrependem da preferencia que lhe derão.

Ora, não tendo o Brazil uma marinha mereante de longo curso, faz todo o seu commercio externo em barcos estrangeiros, em maior parte americanos e inglezes ; e já se vê que estes não hão de, tratando da America em geral, deixar de collocar em primeiro lugar os Estados-Unidos. Acresce a tudo isto que alguns estrangeiros que têm viajado o Brazil têm-nos pintado, quando muito favoravelmente, como um povo — semi-barbaro —.

Eu poderia citar o nome de alguns desses escriptores que nos têm apresentado pela fórma que acabo de dizer ; mas para que perder o tempo com cousas tão sabidas por todos ?

A falsa idéa que na Europa se faz do Brazil (refiro-me á gente das classes médias) afugenta , por assim dizer, a colonisação espontanea que nos poderia vir da Allemanha e outros lugares do norte : cumpre pois destruir esses erros.

Logo que o Brazil fôr conhecido pela população européa como são os Estados-Unidos , certo estou que grande parte dos emigrantes que se dirigem para a União-Americana buscarão as terras do nosso paiz de preferencia ; e então as vias de transporte se crearão de momento, porque o com-

mercio não ha de desprezar esse importante ramo, que póde por si só tornar-se em uma fonte de grande riqueza.

A emigração espontanea para os Estados-Unidos, procedente da Europa, tem-se elevado a uma cifra extraordinaria, se bem que nestes ultimos annos se tenha reduzido a menos de metade. Até 1854, anno houve em que o numero dos emigrantes se computou em 500,000 individuos; porém desta época em diante foi decrescendo por fórma tal a emigração, que no anno de 1858 foi menor que um terço daquella somma.

Segundo os dados estatisticos que tenho presentes, a emigração effectuada pelos portos da Europa nos annos de 1857 e 1858 foi a seguinte :

Em 1857. . . . .	283,486 individuos.
Em 1858. . . . .	135,865 »

Não forão porém todos estes emigrantes para os Estados-Unidos, porquanto parte delles se dirigirão para a Australia, e outros para os diversos Estados da America meridional; tocando ao Brazil no 1º anno 5,525, e no 2º 6,089, sem contar-se neste numero os Portuguezes, que até o presente são os unicos emigrantes espontaneos que vêm para o Brazil, se bem que muito poucos com destino a empregar-se nos trabalhos da agricultura.

Antes da extincção do trafico dos Africanos em 1851 era quasi nulla a colonisação para o Brazil, se exceptuar-se alguns poucos colonos que se dirigião para S. Leopoldo, na provincia do Rio-Grande do Sul, e para a colonia Vergueiro, em S. Paulo. Os unicos emigrantes que vinhão para o Brazil erão Portuguezes, e esses com destino ao commercio, e muito poucos para se occuparem de officios mechanicos.

Depois de extinto o trafico é que se começou a fallar sobre colonisação com mais algum interesse, e de 1852 em diante principiou a affluir a emigração portugueza das ilhas dos Açores, que hoje em dia é bem importante; sendo porém para lamentar que della se não tenha tirado todo o proveito que era desejavel. Além dos colonos portuguezes outros têm vindo de diversas nacionalidades, em maior parte dos Estados da Confederação Germanica; e parece que, a despeito de todas as artimanhas que se têm contra o Brazil desenvolvido na Allemanha, esta corrente de emigrantes tende a augmentar.

Conforme o relatorio do ministerio do imperio, apresentado ao corpo legislativo no anno passado, o numero dos colonos entrados nos portos do Brazil em 1857 e 1858, sem levar em linha de conta os que aportarão ás provincias do Rio-Grande do Sul, S. Paulo e Espirito-Santo, foi o que passo a demonstrar.

Em 1857 . . . . .	14,650 individuos.
Em 1858 . . . . .	18,999 »

Estes colonos, em relação á nacionalidade, são na sua maxima parte portuguezes, porquanto os procedentes dos diversos Estados da Conderação Germanica são nas quantidades que passo a demonstrar, relativamente aos annos de 1854 a 1858.

Em 1854 . . . . .	1,063 individuos.
Em 1855 . . . . .	1,053 »
Em 1856 . . . . .	1,837 »
Em 1857 . . . . .	2,214 »
Em 1858 . . . . .	3,553 »

Comparando-se a colonisação do anno de 1854 com a realizada no anno de 1858, se observa que no espaço de quatro annos ella se elevou acima do duplo, com o que se prova

que a colonisação tende a encaminhar-se para o fertil solo do Brazil.

Cumpra observar que a colonisação realizada no anno de 1858, foi muito superior a 18,999 individuos, numero que dá o relatorio do ministerio do imperio, a quem faltarão dados sobre a colonisação effectuada por algumas provincias; porquanto só a do Rio-Grande do Sul naquelle anno importou 1,928 colonos europêos, o que dá para a colonisação de 1858 a somma de 20,927 individuos, sem contar com os importados nas provincias de S. Paulo e Espirito-Santo.

Em relação aos colonos importados no anno de 1858, segundo o relatorio do ministerio do imperio, se deduzem os importantes dados estatisticos que passo a transcrever, porquanto dão a conhecer as procedencias e destinos dos 18,999 colonos, bem como as profissões a que se pretendião dedicar no Brazil.

DEMONSTRAÇÃO DAS PROCEDENCIAS E DESTINOS DOS COLONOS IMPORTADOS NO BRAZIL NO ANNO DE 1858, SEM INCLUIR OS QUE SE DIRIGIRÃO PARA A PROVINCIA DO RIO-GRANDE DO SUL.

PROVINCIAS.	Total.	NACIONALIDADES.			OCCUPAÇÕES		
		Portuguezes.	Allemaes.	Diversos.	Lavoura.	Commercio.	Diversas.
Côrte . . . . .	15,484	8,087	1,745	5,652	3,626	6,697	5,161
Pernambuco. . .	760	438	75	247	91	182	487
Pará. . . . .	382	353	.. .	29	93	140	149
Parahyba . . . .	25	25	.. .	.. .	1	24	.. .
Bahia . . . . .	476	258	10	208	47	201	228
Paraná . . . . .	534	165	313	56	94	135	305
Santa Catharina.	1,337	.. .	85	1,252	603	8	726
Alogóas . . . . .	1	1	.. .	.. .	1	.. .	.. .
	18,999	9,327	2,228	7,444	4,556	7,387	7,056



Fazendo-se uma rapida comparação entre as diversas profissões destes colonos acima descriptos, se observa que os que vêm com destino á lavoura estão na razão de 24 %, e os que se destinão ao commercio na de 59 %, sendo os destinados a outros misteres na razão de 57 %; e consequentemente o maior numero é para o commercio.

Os colonos importados na provincia do Rio-Grande do Sul, de 1824 até 1859, se elevão á somma de 15,153, sendo a colonisação muito lenta até o anno de 1850; porém desta época em diante ella tem tomado uma grande animação, como vou demonstrar :

Annos.	Numero de colonos.	Annos.	Numero de colonos.
1850 . . . . .	128	1855 . . . . .	439
1851 . . . . .	289	1856 . . . . .	429
1852 . . . . .	597	1857 . . . . .	1,523
1853 . . . . .	332	1858 . . . . .	1,928
1854 . . . . .	332	1859 . . . . .	1,633

Cumpre observar que no geral os colonos importadões na provincia do Rio-Grande do Sul são todos para se empregarem na agricultura, e é assaz lisongeiro o ver-se o augmento que tem tido a colonisação nestes ultimos annos naquella provincia.

Dos diversos documentos estatisticos que tenho presentes observo que depois da extincção do trafico dos Africanos, e principalmente nestes seis ultimos annos, a colonisação tem tomado muito maior animação que nos primeiros vinte dous annos de nossa independencia politica, e por isso penso que o futuro do Brazil não é tão aterrador como pretendem os sectarios da importação da escravatura africana. Nem mesmo julgo bem cabidas as arguições que se tem feito ao governo imperial de não cuidar da colonisação, porque

muitas destas empresas são subvencionadas pelos cofres geraes e provinciaes do Estado.

Eu entendo que a colonisação deve ser attrahida ao paiz não pelo aliciente das subvenções garantidas pelos cofres publicos, mas sim e tão sómente pelo confieimento exacto que tenhão os emigrantes da fertilidade e salubridade do Brazil; e isto só se conseguirá escrevendo-se a verdade, e publicando-se não só dentro como fóra do Imperio tudo quanto tender a semelhantes fins.

Os colonos moralisados e trabalhadores de que carecemos certamente que não se dirigirão para o Brazil fiados nas subvenções, porque bem sabem que essa não lhes póde trazer a fortuna, atrás da qual abandonão o seu paiz natal; e consequentemente aquelles que se resolverem a emigrar com o fito em mesquinha retribuição não podem ser senão debochados e immoraes.

A traducção em diversas linguas das obras estatisticas sobre o Brazil deve ser autorisada por conta da verba de colonisação, e até mesmo conviria que se estabelecessem premios para as melhores obras que neste genero se apresentassem, que sem duvida muitos escriptos importantes apparecerião. Estarei em erro, porém assim penso a respeito da colonisação.

Para que fique bem demonstrado o augmento que tem tido nestes ultimos annos a colonisação no Imperio, vou apresentar um quadro das diversas colonias existentes, pelas suas denominações e provincias, bem como com designação dos colonos existentes em cada uma dellas, muitas das quaes são subvencionadas pelo governo imperial.

PROVINCIAS.	DENOMINAÇÃO.	NUMERO DE COLONOS.	NACIONALIDADE.
Rio-Grande do Sul . . .	S. Leopoldo . . . . .	15,295	Allemaes, Suissos e Brasileiros.
	Nova Petropolis . . . . .	512	Idem e Hollandezes.
	Santa Cruz . . . . .	2,723	Idem, Flamengos, Portuguezes e Brasileiros.
	Santo Angelo . . . . .	394	Brazileiros e da Confederação Germanica.
	S. Pedro de Alcantara . . . . .	444	Idem descendentes de Allemaes.
	S. Pedro das Torres . . . . .	461	Idem, idem.
	Santa Maria da Boca do Monte.	142	Idem e Allemaes.
	Mundo Novo . . . . .	1,005	Allemaes e Brasileiros.
	Santa Maria da Soledade . . . . .	1,504	Brazileiros, Allemaes e Hollandezes.
	Estrella . . . . .	192	Brazileiros e de diversas nações.
	Conventos . . . . .	188	Idem e da Confederação Germanica.
	Mariante . . . . .	57	Allemaes e Brasileiros.
	S. Lourenço . . . . .	206	Idem, idem.
	D. Pedro II. . . . .	137	Idem, idem.
Santa Catharina . . . . .	D. Francisca . . . . .	2,800	Da Confederação Germanica.
	Santa Isabel . . . . .	300	Allemaes.
	Blumenau . . . . .	679	Idem.
Paraná . . . . .	Theresa . . . . .	257	Francezes, Brasileiros e outros.
	Superagui . . . . .	496	Brazileiros e estrangeiros diversos.
	Rio-Novo . . . . .	532	Da Confederação Germanica.
Espirito Santo . . . . .	Santa Isabel . . . . .	373	Sardos, Allemaes, etc.
	Santa Leopoldina . . . . .	459	Allemaes, Suissos, Belgas, etc.
	Guandú . . . . .	150	Idem.
	Francilvania . . . . .	61	Diversas nacionalidades.
Minas-Geraes . . . . .	Mucury . . . . .	1,540	Allemaes, Portuguezes e Suissos.
Bahia . . . . .	Engenho-Novo . . . . .	70	Ignoro.
Maranhão . . . . .	Santa Isabel . . . . .	140	Portuguezes dos Açores.
	Independencia . . . . .	318	Confederação Germanica.
	Valão dos Veados . . . . .	540	Brazileiros e diversas nações.
	D. Pedro II. . . . .	1,157	Confederação Germanica.
	Somma . . . . .	33,133	

Além destas colonias muitas outras existem de que não tenho dado algum estatistico, e por essa razão deixo de as mencionar; bem como não comprehendo as diversas colonias militares estabelecidas por ordem do governo imperial, as quaes são outros tantos nucleos de população que servem como de arrimo aos que se quizerem nellas alistar, e muito principalmente para chamarem ao estado de civilisação os Aborigenes.

Em geral os colonos vivem na abastança, e mesmo alguns já gozão da opulencia, porque os trabalhos da lavoura no Brazil pagão superabundantemente os serviços do agricultor; não é raro o semear-se um para recolher cem, e ainda muito mais, porque a fertilidade do solo é espantosa.

Como a colonia de S. Leopoldo é a mais importante do Brazil, além do que sobre ella disse no capitulo 18º, adicionarei agora uma demonstração do valor de suas exportações desde 1853 até 1857, e por esta fórma ficará provado que é prospera a marcha das colonias no Brazil.

Em 1853. . . . .	690:000\$000
Em 1857. . . . .	822:830\$000

Assim demonstrado o progresso em que vão marchando as colonias estabelecidas no Imperio, devo dizer mais algumas palavras sobre este mesmo assumpto, antes de terminar o presente capitulo.

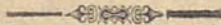
Comquanto pense que todos os colonos moralizados e trabalhadores são de summa utilidade para o paiz, comtudo entendo que os mais convenientes são aquelles de que menos cuidamos, e estes são os Portuguezes insulares dos Açores e Madeira, não só porque fallão a nossa mesma lingua, como porque seus habitos e costumes são os mesmos que temos.

Os Ilhéos Açorianos forão os primeiros povoadores do

Rio-Grande do Sul e de Santa-Catharina, e aquellas provin<sup>ci</sup>as ainda mesmo agora são as que mais se occupão da agricultura dos generos alimenticios. O trigo no tempo dos primeiros colonos do Rio-Grande era abundante, e assim continuou emquanto vivèrão os filhos dos primeiros povoadores.

A colonisação allemã é muito apreciavel, não só pela sua industria e intelligencia, como mesmo pela sua moralidade; mas cumpre observar que não convem fazer grandes nucleos sómente de colonos allemães; penso que as colonias allemãs devem ser estabelecidas nas proximidades das cidades, e nunca com maior numero de cem familias, para que elles aprendão nossos usos, e bem assim a fallar o idioma, do qual disse Camões :

« E na lingua, na qual quando imagina,  
« Com pouca corrupção crê que é latina. »



## XXIX

### **SOBRE A DIVISÃO DO TRABALHO.**

A distribuição do trabalho é um dos pontos de que mais tem-se occupado os economistas europeos, principalmente na Inglaterra, França, Belgica e Allemanha, com o fim de combater a onda do pauperismo, que por mais de uma vez tem ameaçado subverter a ordem publica na Europa; e como quanto homens eminentes nas sciencias economicas e administrativas tenham-se entregado a serios estudos, encarando esta questão sobre diversos pontos de vista, pouco ou antes quasi nada têm conseguido em ordem a melhorar a sorte dos proletarios, que vão sempre augmentando em numero.

Quem percorre a Europa, e com vistas indagadoras observa alguns daquelles Estados, vê que em par com a opulencia jaz a miseria; porquanto, entre os confortaveis gozos que se desfructão nas sumptosas captaes e habitações cam-

pestres, se descobre a mais hedionda penuria ; logo a poucos passos do palacio do senhor feudal, ou do rico potentado, avista-se o misero lugurio daquelles que só de homens tem a alma, pois as suas descarnadas figuras mais os assemelha a esqueletos sepulcraes que a humanos viventes : são porém estas as consequencias resultantes da sociedade dos poderosos no seculo actual, ao qual os homens vaidosos appellidão das luzes, quando com maior razão se poderia chamar o seculo da miseria.

A Europa comprehende uma area de 517,275 leguas quadradas, na qual se contém 298,217,000 habitantes, segundo as mais modernas estatisticas ; e consequentemente vem a caber a cada legua quadrada 940 pessoas.

No velho continente só se acha desoccupada e sem cultura aquella porção de terreno que as forças do homem, auxiliadas pela sciencia, não tem podido tornar productiva ; pôde-se pois considerar a Europa como um jardim todo aproveitado e plantado, com mais ou menos methodo e proveito, segundo o maior ou menor progresso industrial de cada Estado.

A falta de terras devolutas onde a superabundancia da população se pudesse applicar ao trabalho explica em maxima parte a grande corrente de emigração européa, que nestes 20 annos ultimos tem-se dirigido para os Estados-Unidos da America do Norte, e para a Australia ; assim como tambem justifica as difficuldades com que tem de lutar os economistas para debelarem o pauperismo ; que em tão elevada escala flagella o velho mundo.

Se não fôra a providencia divina nos fins do seculo XV ter mostrado aos européos os vastos territorios da America e da Australia, o que seria hoje dessa quantidade de população que da Europa tem emigrado para os novos mundos

descobertos? A miseria acompanhada de todas as desolações que lhe servem de cortejo teria exterminado do seu sólo o excedente da população que pudesse comportar, e quem sabe mesmo qual seria hoje em dia a existencia politica daquellas populosas associações, que formão outros tantos estados europeós?... Deos omnisciente, porém, para todos os casos da vida humana previo *ab eterno* o indispensavel correctivo; para cada mal apontou um remedio: o homem não foi lançado no mundo ao acaso.

Penso que com estas brevissimas considerações tenho demonstrado as difficuldades em que laborão os economistas europeós para resolverem o poblema da extineção do pauperismo, que sem duvida é o cancro que lentamente vai corroendo a sua apparatusa prosperidade industrial, e talvez mesmo affectando em não pequena escala a moral e bons costumes dos tempos primitivos.

No nosso paiz, porém, não existe nenhuma das causas que actuão latentemente na velha Europa para que haja o pauperismo, e por isso admira que já em tão grande escala elle vá apparecendo nas nossas cidades e povoados, e até mesmo junto dos mais importantes estabelecimentos ruraes; mal que nestes ultimos tempos tem tomado proporções atterradoras aqui na côrte, e nas outras capitaes de primeira ordem do Imperio; cumpre pois, quanto antes, combater esse flagello em sua origem, afim de alliviar os cidadãos laboriosos do pesado encargo com que carregão, contribuindo para a sustentação dos proletarios; e muito principalmente porque instantemente assim o exige a honra de nossa nacionalidade, e o respeito que devemos á religião catholica que professamos.

O Imperio brasileiro possuindo, como possui, um vastissimo territorio, cuja area quadrada mede 256,886 leguas, e



tendo uma população que não é superior a 10,000,000 de almas, vem a caber a cada légua quadrada 58 habitantes; comparando-se, pois, o nosso territorio e população com a extensão da Europa e seus habitantes, reconhece-se que o Brazil ainda não tem senão a 25ª parte da população que pôde comportar, o que induz a concluir que o pauperismo entre nós é uma aberração da ordem natural das sociedades, com o que se revela grande defeito organico na divisão do trabalho; porquanto, as difficuldades que se oppoem na Europa á extincção do pauperismo não existem ainda na nossa moderna sociedade; isto é, alli as terras faltão e a população superabunda; e aqui as terras existem em grande quantidade, e faltão-nos homens para aproveitá-las. A divisão do trabalho e arroteamento das terras pôde ser feito no Brazil sem grave esforço e abalo social; e principalmente quando o trabalho não falta e é bem retribuido: o pauperismo entre nós é por consequencia originado pelo defeito organico do nosso regimem interno, o qual instantemente reclama ser revisto e melhorado.

Não ignoro que o vicio de que se recente a nossa divisão territorial data da época da descoberta do vasto Imperio Americano, em que para conseguir povoá-lo adoptou a metropole fazer doações de extensas capitánias aos seus primeiros povoadores, que estes subdividião em grandes sesmarias aos que os acompanhavão; do que resultou acharem-se actualmente possuidas quasi todas as nossas terras, porém sem cultura alguma na sua maxima parte; mas isto mesmo serve para mais firmar a minha proposição de que — existe um grave vicio no nosso regimem e distribuição interna — o qual affecta por fórma muito prejudicial ao trabalho livre e industrial.

Sei que os descobridores do continente que habitamos só

por meio dessas grandes doações sob o titulo de cãpitãrias poderão conseguir colonisar a terra de Santa-Cruz, visto que os fidalgos que se distinguão nas guerras da Africa e conquistadas da Asia erã remunerados com semelhantes donativos na America, aonde a maior parte delles consumirão com a sua vida avultados cabedaes infructuosamente para si, e só em proveito da monarchia portugueza, que assim ia firmando o seu poder nesta sua nova conquista; comtudo entendo que hoje não estamos naquelles tempos primitivos, e que quem fôr possuidor de vastas extensões de terras incultas em lugares proximos dos centros populosos e commerciaes, deve ser obrigado a aproveita-las, ou vendendo-as em pequenos lotes, ou aforando-as a longos prazos a quem as cultive, visto que assim o exige o bem publico, o qual sem duvida deve prevalecer sobre o interesse e commodos individuaes.

O governo imperial, sempre solícito em promover os melhoramentos do paiz, fez passar a lei das terras, que foi sancionada com data de 18 de Setembro de 1850, e mais tarde expedio o regulamento de 30 de Janeiro de 1854, ao qual se seguirão varias outras disposições e ordens sobre o mesmo assumpto das terras devolutas; mas permitta-se-me dizer que estas disposições, se bem que se dirigão a um fim justo, qual o de firmar melhormente o direito da propriedade publica e individual, comtudo muito gravosas penas forão determinadas no regulamento citado, as quaes em vez de aplanarem esta questão, mais a difficultão pelas exigencias fiscaes.

A companhia de colonisação estrangeira é tambem uma exuberante prova dos bons desejos de que se achava possuido o governo que a decretou; porém della até ao presente nenhum vantajoso resultado tem provindo para o paiz,

não que isso proceda da má direcção dos cidadãos que se achão á testa dessa importante empreza , mas porque sendo uma instituição nova entre nós, tem de passar pelo periodo da aprendizagem , do qual nenhuma obra ou invenção do homem póde eximir-se.

A lei das terras e a companhia de colonisação são pois dous monumentos que existem sómente para attestar os bons desejos dos seus promotores , e penso que terão ainda de decorrer muitos annos antes que as terras publicas possam fornecer uma fonte de renda para o Estado , e a companhia de colonisação um meio de attrahir agricultores laboriosos e moralisados para o Brazil ; sendo porém certo que desde já formão uma pesada verba nos orçamentos do Imperio.

Para que as terras publicas pudessem desde já produzir alguma renda para o cofre geral, fóra indispensavel que essas terras devolutas se achassem nas proximidades dos centros populosos, ou nas margens dos rios navegaveis, ou as bordas das estradas melhor construidas e mais transitadas ; mas, como disse, o Brazil tem o seu vasto territorio quasi todo possuido e inculto, pelo que só existem terras devolutas nos longinquos sertões, os quaes ainda se achão como que segregados da communicação dos centros povoados, e já se vê que ninguem se proporá a comprar terras para, morando nellas, se isolar do resto da sociedade.

A companhia de colonisação só poderá começar a prestar importantes serviços ao paiz depois que, por meio de verdadeiros e imparciaes escriptos, os habitantes do velho continente europeu forem conhecendo o Brazil tal qual elle é fertilissimo e salubre ; porque os conhecimentos que actualmente possuem das diversas localidades dos Estados-Unidos e da Australia é que fazem com que para alli se di-

rijão annualmente essas correntes de emigrantes industriosos e moralizados. Taes escriptos, porém, não devem ser modelados pelos vôos poeticos de imaginações romanticas, e simplesmente esboçados em phrase singela e verdadeira, e só tratando do nosso clima, producção, commercio e industrias do paiz, sendo seguidos de dados estatisticos, e acompanhados de descrições topographicas, hydrographicas e geologicas, para que aquelles individuos que tencionarem emigrar possam formar uma verdadeira idéa do nosso paiz.

Como se poderão resolver a preferir o Brazil para emigrar os europêos que só nos conhecem por essas falsas descrições, que de nós e do nosso paiz têm feito com tanta maldade quanta ingratição alguns burlescos novelistas, que como aves de arribação têm aportado ás nossas cidades maritimas, onde sempre são bem recebidos, e sem que dellas se tenham alongado, voltando para os seus paizes, nos descrevem como um povo semi-barbaro; além de milhares de fabulas que inventão tão ridiculas e inverosimeis, que nem mesmo merecem as honras de uma refutação séria, porque no conceito dos homens illustrados por si mesmo se desacreditão; mas que se espalhão entre a população para quem calculadamente escrevem!....

Quando assim me exprimo em referencia a taes noveleiros não tenho a menor intenção de confundi-los com os estrangeiros respeitaveis que, tendo viajado o nosso paiz, nos têm apreciado na phrase pura da verdade; e ainda ha bem pouco tempo tivemos de lamentar o passamento de um destes distinctos hospedes, o muito habil escriptor M. de Ribeyroles, que grandes serviços nos fez com as suas importantes publicações sobre o Brazil; mas infelizmente os escriptos dos homens distinctos são quasi sempre pouco lidos

pela população, porque esta em toda a parte do mundo propende sempre mais para o ridiculo.

Tenho seriamente pensado sobre a melhor fórma de fazer attrahir para o Brazil a colonisação européa laboriosa e moralizada, e não encontro outro meio melhor que o de fazer conhecido o paiz; porquanto essa diminuta população que tem emigrado e continúa a emigrar da Europa para o nosso paiz, só tem avultado no Rio-Grande do Sul, em Santa-Catharina, e até certo tempo no Mucury; e nos outros pontos do Imperio é quasi nulla, se se excluir desse numero a de origem portugueza.

As colonias do Rio-Grande do Sul têm a seu favor o exemplo da prosperidade da colonia de S. Leopoldo, fundada em 1824, a qual hoje constitue um importante municipio da comarca de Porto-Alegre; as de Santa-Catharina se achão escudadas pelo nome prestigioso do augusto esposo da serenissima princeza a Sra. D. Francisca, em cujas terras se achão os principaes estabelecimentos; e as do Mucury tinhão como principal columna o genio perseverante e infatigavel do distincto mineiro o Sr. Teophilo Benedicto Ottoni, o qual superava todas as difficuldades que se lhe antolhavam, em quanto a hydra da discordia não visitou aquellas localidades; e como por um prodigio descortinavão-se as matas seculares para em seus lugares apparecerem vegetando as lavouras, e surgirem no meio dellas os povoados; mas infelizmente para o paiz as vistas do benemerito Sr. Ottoni não forão bem comprehendidas, ou antes a egoistica inveja rugio do prestigio do nome do distincto mineiro, e fez com que um visitante assalariado fosse percorrer e explorar as suas colonias, o qual alli produzio o mesmo effeito que o anjo revel de que tratão as sagradas letras. Deixo porém de tratar destas infelizes occurrencias, por-

que comquanto sinta o estacionamento em que foi lançada aquella importante empreza, desejo que repousem as paixões que nesta época se debatem em pura perda do paiz.

Ninguem mais do que eu deseja que venhão para o Brazil estrangeiros moralizados e laboriosos, mas julgo que nestas circumstancias poucos poderemos obter por meio de engajamentos para colonos; visto que nenhum homem com aquellas apreciaveis qualidades deixará de ir para os Estados-Unidos e Australia, de que possuem amplas informações, para vir para o Brazil, o qual até mesmo em alguns periodicos portuguezes, e em actos officiaes daquelle governo, foi ultimamente descripto como um paiz tão pestilente como os mais insalubres da costa d'Africa!...

Não me doem as fabulas que contra o meu paiz escrevem os outros estrangeiros, mas as forjadas pelos Portuguezes sobremaneira me magoão, porque revelão a mais requintada ingratidão para um paiz de irmãos, e onde como taes sempre são bem vindos. Sem intenção de ferir os brios nacionaes, direi que ainda mesmo agora o Brazil é um dos mais fortes sustentaculos de Portugal; porquanto com os capitaes idos daqui para aquelle reino se têm realizado lá muitos melhoramentos materiaes, como, por exemplo, as vias ferreas, que em maior parte se têm levado a effeito com capitaes adquiridos do Brazil. Consolo-me porém em ver que os proprios bons portuguezes que entre nós residem são os primeiros a se indignarem contra a velleidade de semelhantes escriptores, que malignamente ou por mal informados faltão á verdade.

Que o Brazil não é um paiz insalubre e pestifero, como o apresentou o governo portuguez aos seus conterraneos, se póde provar até á evidencia; bem como que a terra de Santa-Cruz offerece uma longevidade muito superior á

dos habitantes dos Estados mais salubres de Europa ; pois que é muito commum no Brazil existirem pessoas maiores de 100 annos , bem como mesmo nesta cidade é muito trivial verem-se pessoas muito robustas e vigorosas que contão de 80 annos para cima : e em quantas cidades da Europa isto se observa na quantidade que entre nós estamos vendo ?

Segundo as taboas de Euler e de Duvillard , e os coefficients de Sir Williams Petty, e os de Maltus, a mortalidade nos Estados mais favorecidos da Europa varia entre 3,5 e 4,25 % ; isto é , 35 até 42 pessoas em cada 1,000 habitantes ; sendo que estes calculos se referem aos tempos normaes , porque nos de pestes tem-se elevado a mortalidade entre 8 e 15, e mesmo mais por cento , se bem que em curtos periodos, como succedeu em Londres e Pariz, na Hespanha e Portugal , pelo apparecimento do cholera-morbus.

Se pois eu provar, como já fiz em relação á provincia do Rio-Grande do Sul , que a população da cidade do Rio de Janeiro , que é a mais populosa do Imperio , nem mesmo no tempo do cholera a mortalidade dos seus habitantes attingio ao minimo dos calculos de Euler, Duvillard, W. Petty e Maltus , terei demonstrado que o Brazil apresenta uma mortalidade muito menor que qualquer dos paizes mais salubres da Europa, e mesmo do mundo.

Pará esse fim calcularei a população do Rio de Janeiro pelo médio de 550,000 habitantes , quando actualmente deve conter de 400,000 almas para cima, pois conta, conforme a estatistica de 1859, 17,478 casas, todas habítadas por grande numero de individuos ; e comparando aquella população estimada com os enterramentos effectuados nos annos de 1855 a 1859, demonstrarei o meu calculo.

Annos.	População.	Mortalidade.	Quantos em 1,000 indivíduos.	Quantos por cento.
1855. . . . .	350,000	10,975	31	3,1
1856. . . . .	350,000	8,085	23	2,3
1857. . . . .	350,000	8,972	25	2,5
1858. . . . .	350,000	9,721	27	2,7
1859. . . . .	350,000	9,832	28	2,8

Nem mesmo no anno de 1855, em que houve o cholera, a mortalidade igualou a menor dos Estados mais favorecidos da Europa: e observando-se o termo médio deste periodo quinquennal, vê-se ser na razão de 2,6 %, o qual é menos 0,9 % que a menor mortalidade das cidades europeas: logo, a estatistica desmente o que na Europa se faz propalar a respeito da salubridade do Brazil.

Não sendo pois possivel desde já encaminhar-se para o Brazil uma corrente de emigração espontanea da Europa, força é que se ensaie a colonisação nacional, creando-se pequenos nucleos agricolas nas proximidades dos centros populosos e commerciaes, com o fim não só de distribuir o trabalho, como de extinguir o pauperismo que começa a affligir a nossa moderna sociedade; portanto vou aventurar algumas breves considerações a este respeito.

A colonisação nacional deve ser ensaiada com os aggregados que existem nas grandes propriedades ruraes, por não terem terras proprias, e a estes se devem reunir as pessoas desoccupadas que superabundão nas cidades populosas, sem se entregarem a especie alguma de trabalho, promovendo-se os casamentos dos que forem colonisados, e distribuindo-se-lhes terras, instrumentos agrarios, e as sementes precisas para fazerem as primeiras plantações, bem como o indispensavel sustento enquanto não recolherem os productos de suas lavouras.

As colonias de que trato devem ser dirigidas por um agri-



cultor pratico, que lhes servirá de inspector na fórma do regulamento que se deve organizar, no qual cumpre consignar como principaes idéas que as terras para serem distribuidas pelos colonos nacionaes devem ser compradas pelo governo imperial aos fazendeiros que as possuem incultas nas proximidades das cidades populosas e commerciaes; e que a sua distribuição se fará em pequenas porções, e segundo as forças de cada colono.

Compradas que forem as terras para o estabelecimento dos colonos nacionaes, o governo deve mandar proceder à medição e demarcação das sortes de terra, e em cada sorte se edificará uma pequena casa para conter uma só familia, podendo neste mister serem desde logo empregados os colonos. No centro porém de cada colonia se deve levantar uma capella, e uma casa para a morada do cura, o qual terá a incumbencia de todos os domingos e dias santificados ensinar a moral religiosa aos colonos, e prégar-lhes praticas christãs, nas quaes lhes demonstre a necessidade e conveniencia dos trabalhos agricolas.

O inspector da colonia será sempre escolhido d'entre os lavradores mais respeitaveis do districto, e se lhe recomendará a maior dedicação e actividade na direcção da colonia, e que sempre que tiver de inflingir qualquer castigo aos colonos o faça com toda a sisuduz e discrição.

Nos primeiros tres annos da fundação de uma colonia só se permittirá aos colonos o plantarem os generos farinaceos e leguminosos, bem como terem suas hortaliças mais usuaes, e crearem as aves e animaes domesticos de que se faz maior uso na alimentação do paiz; e só depois de haver a abundancia destas especies se lhes permittirá o ensaiarem outras culturas, sem que abandonem em tempo algum a dos generos alimenticios.

Quando as colonias tiverem quantidade de productos sufficientes para seu consumo e para exportarem, se estabeleceráõ, em épocas apropriadas, feiras nas proximidades das cidades de que dependerem, para alli serem vendidos os productos de sua lavoura e industrias.

Não se pense que seja uma utopia estas colonias que indico, por aconselhar que sejam formadas com os aggregados dos grandes estabelecimentos ruraes, e com os vadios e proletarios das cidades populosas, porque eu tenho certeza de que este systema de distribuição de trabalho é de facil execucao, e deve trazer muitos felizes resultados para o paiz, fazendo desde logo apparacer a abundancia dos generos alimenticios, de que tanta carencia e carestia existe na época que atravessamos; além de que não sei que haja um outro meio de melhorar a descidia, que seja o trabalho bem dirigido; porquanto tenho para mim que o mesmo trabalho é um habito que como outro qualquer se adquire; e demais, a terra uma vez regada pelo suor do trabalhador, este a principia a amar como o seu melhor recurso, e não a abandona sem sentir nisso desgosto.

As colonias da provincia do Rio-Grande do Sul têm prosperado, não só as que têm sido estabelecidas com colonos europeos, como tambem as organisadas com os naturaes do paiz, e isto já demonstrei tratando da colonisação daquella provincia; igualmente na da Bahia o mesmo se observa na colonia alli estabelecida sómente com Brazileiros em 1857 pelo distincto e habil estadista o Sr. conselheiro Cansansão de Sinimbú; e, finalmente, no Mucury o Sr. Teophilo Ottoni ia povoando a maior parte daquellas matas com mineiros; porquanto sendo a população das colonias do Mucury superior a 5,000 almas, sómente contavão-se 1,540 estrangeiros; conseguintemente os nacionaes erão mais de

dous terços da população total ; e observando-se os trabalhos de uns e de outros , as roças dos Brasileiros não erão em cousa alguma inferiores á dos europèos.

Sinto que a empreza do Mucury tenha encontrado tropeços na sua marcha , porque sem duvida della proviria uma fonte de riqueza para o paiz , além de que era a mais palpavel prova de que os Brasileiros podem fazer os mesmos progressos que têm feito os Nortés-Americanos, quando têm homens bem intencionados que os dirijão pela estrada do progresso industrial. E' convicção minha que Deos creando o homem não deu primazia a esta ou áquella raça, e conseguintemente penso que a unica differença que existe entre as nações procede não da superioridade da raça dos seus nacionaes , mas tão sómente da melhor fórma do seu regimen interno e economico.

O systema que nos rege é o melhor possivel em these , e mesmo na pratica ; mas é necessario cercear alguns abusos que nelle se tem introduzido, afim de que possamos marchar desembaraçados para o apogèo da prosperidade a que tem necessariamente de attingir o gigante Imperio Americano.

E' preciso que se convenção os Brasileiros de que entre nós só um **HOMEM** é necessario, e esse **HOMEM** o temos **SABIO** e **VIRTUOSO**, para nos imprimir a força symbolisando a unidade ; todos os mais podem ser substituidos, sem que se sinta a menor falta, e nem mesmo disso se apereba o paiz.

A intelligencia não é o apanagio de um só grupo de bem-queridos e privilegiados da fortuna, é um dos attributos da nossa alma immortal e indivisivel. Isto é uma verdade eterna, ante a qual se curvão os soberbos empavonados de si.

Não desconheço contudo que em começo será mesmo preciso muita dedicacão da parte do inspector da colonia

para inculcar nos colonos o habito do trabalho, mas isso vencerá sendo preceverante e dando o bom exemplo, além de que os casamentos despertarão os brios dos menos laboriosos, visto que a familia reforma o homem, ainda mesmo o mais dissoluto; e os filhos, quando nascerem, como que imprimirão uma nova coragem nos seus proge-nitores: façamos pois por despertar na nossa população o gosto e amor pelo trabalho, que só por esse meio seremos grande nação no futuro não mui remoto.

Resta sómente saber se ha direito para compellir os nacionaes contra a sua vontade a se empregarem como colonos agricultores, e sobre isto nenhuma duvida tenho, porque é principio corrente e sabido — que nenhum Estado bem organizado pôde consentir que hajão cidadãos inapplicados —, visto que cada qual deve concorrer com a sua quota parte para o bem estar da sociedade de que é membro, e por isso se edificação casas correccionaes; e estas colonias que proponho são verdadeiras casas de correccão onde se aprenderá o trabalho agricola.

Terminando o presente capitulo, direi que tambem os estrangeiros vadios devem ser compellidos a irem servir nas colonias agricolas, e no caso de invocarem os seus privilegios de estrangeiros devem ser obrigados a deixar o paiz; porque só de gente honesta e moralisada precisa o Brazil; pois que de saltimbancos por demais os temos nas planas mais elevadas de nossa associação.

## XXX

### CONCLUSÃO.

Persuadido de que o melhor meio de convencer os incredulos é apresentar os factos existentes em opposição ás idéas falsas em que laborão, emprehendi a ardua tarefa de provar com dados extrahidos das estatisticas officiaes que a producção agricola marcha nas vias do progresso; que não existe até ao presente falta de braços que se possam empregar nos trabalhos da lavoura; e que a carestia dos generos alimenticios não tem por principal causa a cessação do trafico dos Africanos, e estou convencido de ter satisfactoriamente demonstrado e provado todos os pontos desta these, e por fórma irrespondivel.

Não nutro a menor pretensão de ter produzido idéas novas, nem tão pouco serei eu quem negue a aridez deste meu trabalho, no qual tenho consumido muitas noites compulsando documentos officiaes para delles extrahir os dados

estatísticos, bem como tenho gasto longas e enfadonhas horas calculando quantidades numericas, afim de poder provar as minhas proposições. Tudo isto requer muita attenção e perseverança.

Tenho consciencia de que qualquer que a isso se propuzesse melhor desempenharia esta tarefa ; mas como ninguem se apresentou na imprensa a sustentar a verdade contra a prejudicial propaganda do erro, eu tomei esse laborioso encargo, e oxalá que este meu exiguo escripto sirva ao menos para chamar a attenção dos homens considerados do paiz sobre as nossas mais palpitantes necessidades, entre as quaes mais avulta a da alimentação do povo, pois com isso por muito bem pago me darei das minhas locubrações ; é uma gota d'agua lançada no oceano da sciencia.

De todos os lados ouço bradar :—Devemos fazer com que se encaminhe uma corrente de emigração espontanea para o paiz.—Não vejo, porém, uma só voz levantar-se para dizer : — Façamos conhecido o Brazil.

Como se pretende fazer encaminhar uma corrente de emigração para o paiz sem primeiramente mostrar ao emigrante as vantagens que deve recolher do seu trabalho ? Não ha quem ignore o milhão de fabulas que têm sido escriptas na Europa sobre o Brazil. Pois bem : cumpre destruir essas fabulas publicando a verdade, e assim destruindo as artimanhas dos novelleiros.

Ninguem principia a construir um edificio pelo seu tecto, porém sim cavando as bases e sondando o solo. Queremos colonisação ? começemos a nossa missão fazendo publicar as mais municiosas estatisticas de nossa producção, commercio e industrias ; bem como esforcemo-nos por fazer conhecido na Europa o clima e salubridade de cada provincia, sendo tudo isto acompanhado de minuciosas descripções geogra-

phicas, e das relações commerciaes em que ellas se achão com as mais importantes praças maritimas. Logo que todas estas circumstancias forem bem conhecidas, não faltarão homens moralisados e industriosos que queirão vir partilhar connosco dos beneficios que nos liberalisa a prodiga natureza neste vasto e rico Imperio do Brazil, onde leis brandas e humanas fazem amar o solo e respeitar o sabio e justo monarcha que preside aos destinos da nação.

Penso que o conhecimento do paiz e seus recursos são quem determinão a escolha do emigrante; bem como estou convencido que não é por intermedio de agentes coloniaes que havemos de obter os braços laboriosos de que carece o paiz para desenvolver todos os recursos naturaes em que superabunda. Os factos fallão mais alto que as minhas toscas palavras; até réos de policia têm vindo como colonos para o Brazil, remettidos com certificados desses agentes!...

Deixo, porém, a pennas s habeis que a minha o tratar da demonstração das poucas proposições que acabei de enunciar, visto que vou occupar-me da conclusão desta minha these, recapitulando os factos e as provas já produzidas nos capitulos anteriores.

Achão-se provados todos os pontos da these que me propuz demonstrar; porquanto, fundado em documentos officiaes, demonstrei que da comparação da producção agricola de duas épocas distinctas, uma anterior e outra posterior á cessação do trafico dos Africanos, se reconhecia um linsongeiro augmento de productos na ultima época.

Desejando bem precisar esta demonstração, reproduzirei o calculo do progresso médio annual que se observa na colheita dos principaes generos do paiz depois de extinto o trafico, não só em referencia ás suas quantidades, como aos seus valores, e tambem com relação ás diversas especies.

RAZÕES EM QUE SE REALIZOU O AUMENTO.

Especies:	Razão das quantidades.	Razão dos valores.
Café. . . . .	4,45 %	8,2 %
Assucar. . . . .	2,27 »	5,7 »
Algodão. . . . .	2,1 »	3,02 »
Fumo. . . . .	5,26 »	11,0 »
Gomma-elastica . . .	22,85 »	62,85 »
Herva-mate. . . . .	4,57 »	21,7 »
Aguardente, . . . . .	0,4 »	5,53 »
Cacáo. . . . .	0,6 »	3,8 »
	<hr/>	<hr/>
	42,50 »	121,80 »
	<hr/>	<hr/>

Além do progresso dos generos acima demonstrados, tambem provei que nas outras diversas especies de productos se tinha realizado um augmento na razão média annual de 2,57 %.

De todas estas demonstrações conclui, e penso que mui judiciosamente, que a producção agricola do paiz marchava, e marcha ainda nas vias do progresso; conseguintemente tenho demonstrado e provado o primeiro ponto da minha these.

Fundado nos dados que me forneceu uma estatistica publicada em Liverpool, demonstrei que a média introdução annual dos escravos Africanos no Brazil, no espaço decorrido de 1840 a 1850, se computava em 55,482 individuos, dos quaes deduzindo-se um terço para a sua mortalidade, antes de poderem prestar algum serviço, reduzia aquella quantidade a 22,160 escravos; e destes, ainda computando-se em um terço os que ficavão nos povoados empregados nos serviços domesticos, restavão para os trabalhos agricolas 14,774 escravos em cada anno, os quaes só depois de tres annos estarião no caso de prestarem serviços, visto ser



este o tempo indispensavel para industria-los na vida da lavoura.

Em seguida demonstrei que o vacuo que ião deixando os escravos na lavoura pela falta de sua importação d'Africa era preenchido com os que superabundavão então nas cidades populosas do Imperio, e com uma estatistica official demonstrei que só das provincias do norte tinhão vindo para o Rio de Janeiro, de 1852 para cá, 5,195 escravos por anno; quasi todos com destino á lavoura, e que além destes muitos outros tinhão sido vendidos nesta còrte para as roças, de sorte que a agricultura adquiria os braços de que precisava, sem importa-los d'Africa.

Demonstrei mais que, á proporção que os escravos das cidades ião convergindo para a agricultura, os braços livres os substituião nos serviços dos povoados; e isto é incontestavel, vendo-se, por exemplo, nesta còrte a differença que ha actualmente nos serviços de sua labutação, e mesmo observando-se os trabalhadores dos arsenaes de marinha e guerrá, da alfandega e mesa de consulado, e outras repartições que quasi na sua totalidade são homens livres.

E para destruir qualquer objecção que me pudesse ser feita, prevalecendo-me dos documentos officiaes, demonstrei que a colonisação nos annos de 1857 e 1858 se tinha elevado acima de 55,577 individuos, e consequentemente na razão média de 17,788 por anno; bem como que destes colonos 24 % crão destinados aos trabalhos da lavoura.

Consequentemente tenho tambem provado o segundo ponto da minha these, que até o presente a lavoura não se resente de falta de braços que possam empregar-se nos seus serviços.

Provados assim os dous principaes pontos de minha these, conclui que a carestia dos generos alimenticios não tinha por principal causa a cessação do trafico dos Africanos, porém

outras que demonstrei, entre as quaes mais avultava o monopolio dos especuladores; visto que os dados da estatistica official demonstravão que nas provincias do Rio-Grande do Sul e de Santa-Catharina a producção dos generos alimenticios tinha augmentado consideravelmente nos ultimos annos, e que sendo estas provincias as que abastecião as cidades do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, nem mesmo nas épocas das colheitas esses generos baixavão de preço nos seus mercados, ao mesmo passo que se observava os depositos repletos de farinha, feijão e milho.

Ainda mais provei que, sendo extinto o direito de consumo da carne secca importada de Montevideo, e reduzido de 25 a 5 % a procedete de Bueno-Ayres, este artigo tinha subido de preço, quando, segundo os principios economicos, devia ter tido uma baixa na razão da differença dos direitos diminuidos, visto não haver uma causa que tivesse feito decrescer a producção dos gados.

Da carne secca passei a tratar da farinha de trigo e do bacalhão, e tambem provei que estes dous artigos tendo tido uma redução de direitos de consumo na razão de 25 para 5 %, nenhuma differença se observava no pão; e em referencia ao bacalhão tinha subido de preço, e isto quando a importação de um e de outro genero tinhão augmentado.

Ora, de todos estes factos em diametral opposição com os principios exactos da sciencia economica, conclui a existencia de uma causa latente, a qual, bem averiguada, punha a descoberto o mais revoltante e immoral monopolio que existia flagellando o misero povo brasileiro.

Desta sorte tambem fica demonstrado o terceiro ponto da minha these, e consequentemente provada ella em todas as suas partes.

Não devo porém terminar este meu trabalho sem fazer

mais algumas breves considerações connexas com a questão de que me tenho occupado na sustentação destas verdades, e que de alguma fórma julgo que devem merecer a attenção de quem compete velar pela prosperidade do paiz.

Desde que comecei a escrever sobre a producção agricola do Brazil, sempre tenho sustentado que até ao presente não se sente falta de braços que se possam empregar nos serviços da lavoura. Ora, esta minha insistencia, e a fórma por que me tenho expressado, têm por principal fim demonstrar que existe grande numero de braços inactivos e desaproveitados no paiz, e que devem ser compellidos ao trabalho. Sem que seja preciso ir a outros lugares, peço que se lance uma vista de olhos para esta populosa capital, onde o luxo contrasta com a hedionda miseria, não por falta de trabalho, mas em sua maxima parte procedente da preguiça.

Nas sociedades bem organisadas não se consentem individuos sem uma util occupação, a menos que não disponhão de rendas conhecidas, das quaes lhes provenha o necessario para seus gastos; porque em boa razão ninguem se póde eximir de contribuir com a sua quota parte para os interesses geraes da sociedade de que é membro. Mas terá por ventura alguma applicação no nosso liberrimo paiz este principio moral e economico ? !....

Quem ha que ignore que aqui se tem entendido que cada qual póde viver como bem lhe aprouver, sem que nenhuma conta dê dos seus renditos ou meios de vida ? Penso que a liberdade do cidadão, garantida pelo nosso pacto fundamental, não se estende a tanto.

Assim que começarão a affluir aos nossos lares os emigrantes, principalmente os colonos procedentes das provincias insulares de Portugal, principiárão-se a povoar essas insalubres e immundas habitações denominadas *cortiços*,

os quaes sem duvida que se não regem pelas leis das republicas das industriosas abelhas, se bem que haja nelles uma especie de communismo ; e sendo facto averiguado pelos estudiosos naturalistas que as abelhas trabalhadeiras lanção fóra de suas colmêas os zangões , nos *cortiços* da cidade do Rio de Janeiro o numero dos entes inuteis é sem duvida em muito maior quantidade que o dos industriosos.

E porque nós devemos ser consequentes, se lamentamos a falta de braços para a cultura das terras , como consentimos que se conservem tantos focos de immoralidade e preguiça no centro da capital do Imperio ?! Ora, sendo os Brasileiros que têm alguma honesta occupação obrigados ao serviço da guarda nacional , e os que nenhuma profissão têm recrutados para o exercito , porque não se fará arrolar para as colonias do Estado os estrangeiros que vivem sem uma util occupação nessas immundas pocilgas ?

Eu entendo que , compellindo ao trabalho os estrangeiros madraços, não se offenderia de fórma alguma o direito das gentes, e muito menos as leis da hospitalidade ; porquanto as colonias do Estado fornecerião terras para cultivar a esses individuos, assim tornando-os, de proletarios que são, industriosos proprietarios ; e quando a isso se não quizessem sujeitar allegando seus direitos de estrangeiros, então cumpria mandá-los deixar o paiz, visto que do que se cárece é de homens industriosos , e não de entes inuteis para si e para a sociedade, a qual corrompem com seus máos habitos e exemplos. Julgo que é tambem este um bem aproveitavel meio de augmentar a lavoura do paiz.

Ainda não ha muito tempo que foi destruida nesta còrte, se bem que não totalmente , uma industria bem gravosa e immoral, e não houve uma só queixa, porque o governo está sempre no seu pleno direito quando decreta leis moralisa-

doras e de segurança para o paiz : refiro-me a essa chusma de moços robustos , e meninos imberbes que acommettião a todos quantos passavão pelas ruas para que lhes comprassem vigesimos das loterias. Era esta uma verdadeira classe de madraços e de cavalheiros de industria passados por India e Mina.

Falta ainda á policia lançar suas vistas para uma industria sabem bastante duvidosa , qual a dos taes vendedores de phosphoros e musicos ambulantes, que a cada canto se encontram nas ruas desta capital : tudo isto será muito commum na Europa, onde superabunda a população ; mas entre nós ainda se não precisa dessas industrias dubias, e só daquellas que fazem a prosperidade das sociedades.

No capitulo antecedente disse que não se tirava todo o proveito que se podia tirar da colonisação espontanea que nos vem dos Açores ; ainda insistirei neste proposito , lembrando a conveniencia de formular-se um regulamento para a distribuição desses colonos , que em maior parte devem ser encaminhados para a lavoura, porque assim se evitaria a perda de tanta gente que, podendo fazer a sua felicidade, marcha para o caminho da perdição sem disso se aperceberem. E' de conveniencia do paiz que sejam reguladas as distribuições dos colonos açorianos.

Nutro a plena convicção de que, se forem adoptadas as medidas que acabei de lembrar , a maior parte desses individuos que hoje são sómente consumidores inuteis se tornarão dentro de pouco tempo membros aproveitaveis da nossa sociedade, na qualidade de laboriosos agricultores ; assim se conseguindo, por meio de leis e regulamentos adequados, fazer desaparecer a carestia dos generos alimenticios que soffredores supportão os nossos conterraneos.

E se a nossa legislação é improficua contra os monopolistas, o que não concedo em these absoluta, porque não se mandão estabelecer celeiros publicos nos quaes sejam obrigados os importadores dos generos comestiveis do paiz a depositá-los, expondo-os á venda por tempo determinado em pequenas parcelas, e só depois de expirado esse prazo se lhes facultasse a permissão de os poder vender em grandes porções ? E' esta uma medida que está na attribuição do governo o decretá-la.

Tenho sido por demais prolixo nestas minhas considerações ; mas espero ser desculpado , em vista das intenções que as dictarão.

Termino , pois , a insana tarefa que tomei sobre minhas debeis forças desempenhar , e no desenvolvimento da qual tratei de indagar a verdade para com ella combater o erro sustentado pela propaganda do livre trafico da escravatura africana ; e se bem não desempenhei esta missão, fiz quanto pude para proceder com a mais severa imparcialidade, e penso ter conseguido ao menos este fim ; porque

« Dest'arte se esclarece o entendimento,  
« Que experiencias fazem repousando. »

❧ F I M ❧

# INDICE.

---

	<i>Pag.</i>	
Ao LEITOR . . . . .	6	
CAP. 1.º In'rodução . . . . .	11	
CAP. 2.º Do Café . . . . .	17	
CAP. 3.º Continuação . . . . .	23	
CAP. 4.º Do Assucar . . . . .	33	
CAP. 5.º Continuação . . . . .	39	
CAP. 6.º Do Algodão . . . . .	47	
CAP. 7.º Continuação . . . . .	55	
CAP. 8.º Do Fumo . . . . .	63	
CAP. 9.º Continuação . . . . .	69	
CAP. 10.º Da Gomma-elastica . . . . .	77	
CAP. 11.º Continuação . . . . .	85	
CAP. 12.º Da Herva-mate . . . . .	93	
CAP. 13.º Da Aguardente . . . . .	101	
CAP. 14.º Do Cacáo . . . . .	111	
CAP. 15.º Resumo do progresso dos oito productos comparados . . . . .	121	
CAP. 16.º Carestia dos generos alimenticios . . . . .	128	
CAP. 17.º Breve descripção da provincia do Rio-Grande do Sul . . . . .	131	
CAP. 18.º Continuação . . . . .	161	
CAP. 19.º Conclusão . . . . .	173	
CAP. 20.º Provincia do Rio de Janeiro . . . . .	193	
CAP. 21.º Provincia da Bahia . . . . .	221	
CAP. 22.º Provincia de Pernambuco . . . . .	247	
CAP. 23.º Commercio, sua liberdade e limites . . . . .	273	
CAP. 24.º Do Monopolio . . . . .	283	
CAP. 25.º Monopolio da carne secca, farinha e bacalháo . . . . .	293	
CAP. 26.º Bancos . . . . .	305	
CAP. 27.º Vias de communicacão . . . . .	317	
CAP. 28.º Colonisacão estrangeira . . . . .	329	
CAP. 29.º Sobre a divisão do trabalho . . . . .	344	
CAP. 30.º Conclusão . . . . .	357	

## ERRATAS.

---

PAGINA.	LINHAS.	ERROS.	EMENDAS.
9	9	mas neste isto	mas nem isto
33	1	Nos artigos	Nos capitulos
36	18	e previsto	e proveito
42	4	dara	para
57	28	de suas	de duas
70	4	augmentoa presentaria	augmento apresentaria
81	22	Corographia	chorographia
95	18	por quando	por quanto
141	6	Greanwch	Greenwich
151	17	na margem esquerda	na margem direita
151	24	villa de S. Borja	cidade de S. Borja
151	30	de que é	que é
152	16	Mirimna lat.	Mirim na lat.
153	12	era capital	foi a capital
153	26	elegantes e espaços	elegantes e espaçosos
154	26	da presidenciae da	da presidencia e da
170	28	Escravos I em 33	Escravos I em 53
174	8	em esmo	e mesmo
178	12	pelos avradores	pelos lavradores
240	21	estatistica final	estatistica fiscal
247	5	lat. de	long. O de
287	6	que as seja	que eu seja.
338	16	desde 1843 até 1857	de 1853 e 1857,
339	4	a assim	e assim
360	16	demoustração	demonstrações
360	ultima	prestarem	prestar
362	13	procedete	procedente
365	8	tabem	tambem